

F I C Ç Ã O - U N I V E R S A L

Marguerite
Yourcenar

*

A OBRA
AO NEGRO

P U B L I C A Ç Õ E S - D O M - Q U I X O T E



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

A OBRA AO NEGRO

MARGUERITE YOURCENAR

Título original: L'Oeuvre ao Noir

Tradução: Antonio Ramos Rosa, Luísa Neto Jorge e Manuel
João Gomes

Publicações Dom Quixote Ltda.
2002

ISBN 84-96075-43-5

DIGITALIZAÇÃO E ARRANJO: ÂNGELO MIGUEL
ABRANTES

Nec cerram sedem, nec propriam faciem, nec in Litu ullum peculiare tibi dedimus, o Adam, ut quae sedem, quam faciem quae munera tute optaveris, ea, pro voto, pro tua sententia, habeas et possideas. Definira ceteris natura intra praescriptas a nobis leges coercetur. Tu, nullis angustiis coercitus, pro tuo arbitrio, in cuius inatu te posui, tibi illam praefinies. Medium te mundi posui, ut circumspiceres inde commodius quidquid est in mundo. Nec te caelestem neque terrenum, neque mortalem neque immortalem fecimus, ut tui ipsitis quasi arbitrarius honorariusque plastes et fictor, in quam malueris tute formam effingas...

PICO DE MIRÂNDOLA, Oratio de Hominis Dignitate.

Não te dei, o assento, nem rosto, nem um lugar que te seja próprio, nem qualquer dom particular, para que teu rosto, teu lugar e teus dons os desejes, os conquistes e sejas tu mesmo a possuí-los. Encerra a natureza outras espécies, em leis por mim estabelecidas. Mas tu, que não conheces qualquer limite, só mercê do teu arbítrio, em cujas mãos te coloquei, te defines a ti próprio. Coloquei-te no centro do mundo, para que melhor pudesses contemplar o que o mundo contém. Não te fiz nem celeste nem terrestre, nem Mortal nem imortal, para que tu, livremente, tal como um bom pintor ou um hábil escultor, dês acabamento à forma que te é própria

PRIMEIRA PARTE

A vida errante o longo caminho

Henrique Maximiliano Ligre prosseguia, em pequenas etapas, o seu caminho em direcção a Paris.

Tudo ignorava sobre as querelas que opunham o rei ao imperador. Sabia apenas que a paz reinante havia alguns meses se ia esfiapando como uma veste já muito usada. Não era segredo para ninguém que Francisco de Valois continuava à espreita do Milanês como um amante infortunado espia a sua bela; sabia-se, de fonte segura, que se ocupava, à socapa, em equipar e concentrar junto às fronteiras do duque de Sabóia um exército totalmente novo, encarregado de ir buscar a Pavia as suas perdidas esporas. Misturando com frases soltas de Virgílio as secas narrativas de viagem do banqueiro seu pai, Henrique Maximiliano imaginava, para lá das montanhas couraçadas de neve, filas e filas de cavaleiros a descerem para os grandes plainos férteis e belos como um sonho: planícies ruivas, nascentes borbotejantes onde brancos rebanhos vêm beber, cidades cinzeladas como cofres regurgitantes de oiro, especiarias e coiro trabalhado, ricas como feitorias, solenes como igrejas; jardins cheios de estátuas, salas cheias de manuscritos raros; mulheres vestidas de seda afáveis para o grande capitão; toda a espécie de requintes de mesa e de deboche e, sobre as mesas de prata maciça, em ânforas de vidro de Veneza, o brilho macio do malvasia.

Deixara sem pesar, alguns dias antes, a sua casa natal de Bruges e o seu futuro como filho de comerciante. Um sargento coxo, que se vangloriava de ter estado em Itália no tempo de Carlos VIII, mimara-lhe, certa noite, os seus altos feitos e descrevera-lhe todas aquelas raparigas e todas aquelas sacas de oiro sobre as quais calhara fazer mão baixa aquando da pilhagem das cidades. Henrique

Maximiliano pagara-lhe a tagarelice com uma caneca de vinho na taberna. Uma vez em casa, disse para consigo que já era tempo de ir, por sua vez, avaliar da redondez do mundo. o futuro condestável hesitou entre alistar-se nas tropas do imperador ou nas do rei da França; acabou por jogar a decisão a cara ou coroa; perdeu o imperador. Uma criada divulgou-lhe os preparativos da partida. Henrique justo começou por pregar uns sopapos no filho pródigo, mas depois, mais calmo, ao ver o filho mais novo de saias compridas passeado à trela sobre a carpete do parlatório, desejou, jocosamente, ao mais velho que um bom vento o levasse atrás desses desaustinados dos Franceses. Movido, de certo modo, pelas suas entranhas paternas, mas também muito por bravata, para provar a si próprio que tinha o braço comprido, prometeu intimamente escrever, a seu devido tempo, ao seu agente lionês, mestre Muzot, que lhe recomendasse esse filho ingovernável ao almirante Chabot de Brion, que muito endividado estava para com o banco Ligre.

Por muito que Henrique Maximiliano tentasse sacudir dos pés a poeira do escritório familiar, nem por isso se livrava de ser o filho de um homem que elevava ou baixava o custo das mercadorias e fazia empréstimos aos príncipes.

A mãe do herói inciplente encheu-lhe os bolsos de vitualhas e entregou-lhe, às escondidas, o dinheiro para a viagem.

Ao passar por Dranoutre, onde seu pai possuía uma casa de campo, persuadiu o feitor a deixÁ-lo trocar o cavalo que levava; e que já coxeava, contra o mais belo animal que havia na cavalaria do banqueiro.

Vendeu-o mais tarde em Saint-Quentin, em parte porque essa magnífica montada aumentava como que por magia as conTas somadas na ardósia dos taberneiros, em parte porque equipagem tão rica o impedia de saborear a seu bel-prazer as alegrias do caminho. Para fazer render o seu pecúlio, que se lhe escapava por entre os dedos mais depressa do que imaginara, comia juntamente com os

carreiros o toucinho rançoso e o grão dos albergues mais miseráveis e dormia à noite sobre a palha, perdendo, contudo, de bom grado, em rodadas e ao jogo, o dinheiro assim economizado com melhores pousadas. De vez em quando, nalguma quinta isolada, uma viúva caridosa oferecia-lhe do seu pão e do seu leite. Não esquecera os belos escritos: trazia os bolsos cheios de pequenos volumes forrados de pele de cabrito, sacados de antemão, à conta da futura herança, da biblioteca de seu tio, o cónego Bartolomeu Campanus, que colecionava livros. Ao meio-dia, estendido na relva, ria às gargalhadas com alguma facécia latina de Marcial, ou então, mais sonhador, cuspiendo melancolicamente para uma poça estagnada, imaginava alguma discreta e recatada dama, a quem dedicar em sonetos, à maneira de Petrarca, toda a sua alma e a sua vida. Tinha um sono agitado; os sapatos apontavam para o céu como torres de igreja; os altos caules de aveia eram uma companhia de soldados de infantaria vestidos com cotas verdes; e uma papoila, uma linda rapariga de saiote arregaçado. Outras alturas haviam em que o jovem gigante desposava a terra. Acordava-o alguma mosca, ou o repique de um campanário de aldeia; boné descaído sobre a orelha, o loiro cabelo semeado de fetos, um rosto esguio cortado em cunha, todo feito de nariz e vermelhusco do sol e da água fria, assim avançava jovialmente Henrique Maximiliano ao encontro da glória.

Trocava gracejos com aqueles com quem cruzava e ia-se informando do que se passava de novo. A partir da etapa de Lá Fère, precedia-o, no mesmo caminho, um peregrino, à distância de umas cem toesas. Caminhava depressa. Aborrecido por não ter com quem falar, Henrique Maximiliano estugou o passo.

— Rezai por mim em Compostela— pediu, jovial, o flamengo.

— Acertais— disse o outro.— Para lá me encaminho. Virou a cabeça debaixo do capuz de burel, e Henrique Maximiliano reconheceu Zenão.

Este rapaz magro, de pescoço alto, dava a impressão de ter crescido uma polegada desde a sua última escapadela à feira de Outono. O seu belo rosto, pálido como sempre, parecia corroído, e nos seus passos havia algo de uma fera precipitação.

— Salve, ó primo!—saudou, cheio de alegria, Henrique Maximiliano.—O cónego Campanus passou o Inverno todo em Bruges, à vossa espera; em Lovaina, o magnífico reitor arranca os pêlos da barba com a vossa ausência; e eis-vos agora aqui, numa curva do caminho, como sei lá quem.

— O abade mirrado de Saint-Bavon, de Gand, arranhou-me um emprego - explicou-lhe, prudente, Zenão.—Não será ele, porventura, um digno protector?

Mas dissei-me vós agora porque correis como um mendigo as estradas da França?

— Tendes, de certo modo, a ver com isso—respondeu o mais novo dos dois viandantes.—Votei ao desprezo o comércio de meu pai, tal como vós a Escola de Teologia. Mas agora que passaste do magnífico reitor para as mãos do abade mirrado...

— Zombais de mim—redarguiu o clérigo.—Começa-se sempre por ser ofamulus de alguém.

— Mais vale arvorar o arcabuz—observou Henrique Maximiliano. Zenão lançou-lhe um olhar de desprezo.

— Vosso pai é suficientemente rico para vos comprar a melhor companhia de artilheiros do César Carlos—replicou ele—, no caso de achardes, ambos, que a vida das armas é conveniente ocupação para um homem.

— Os artilheiros que meu pai me possa comprar seduzem-me tanto quanto a vós as prebendas dos vossos padres—retrucou Henrique Maximiliano.—Além disso, não há como a França para bem se servir as damas.

O gracejo não obteve eco. O futuro capitão deteve-se para comprar a um camponês um punhado de cerejas. Sentaram-se à

beira de um talude para comer.

— Estais mascarado de tolo—notou Henrique Maximiliano, observando com curiosidade o hábito do peregrino.

— Pois estou—admitiu Zenão.—Mas já andava cansado de todo aquele restolho dos livros. Prefiro soletrar um texto com vida: mil e um algarismos romanos e árabes; caracteres que tanto correm da esquerda para a direita, como os dos nossos escribas, como da direita para a esquerda, como os dos manuscritos do Oriente. Emendas, que são a peste ou a guerra. Rubricas traçadas a sangue vermelho. Signos por toda a parte e, aqui e além, manchas ainda mais estranhas que signos... Que traje há mais cómodo para se passar despercebido?... Os meus pés deambulam pelo mundo como insectos na penumbra de um saltério.

— Muito bem—assentiu, distraído, Henrique Maximiliano.—Mas porquê ir a Compostela? Não vos estou a ver sentado entre monges obesos a cantar com voz fanhosa.

— Uh!—volveu o peregrino.—Que tenho eu a ver com esses madraços, com esses vitelos? Mas o prior dos jacobitas de Leão é amante de alquimia. Trocou correspondência com o cónego Bartolomeu Campanus, nosso bom tio, esse pobre idiota que às vezes se aventura, inadvertidamente, até aos limites interditos.

Por sua vez, o abade de Saint-Bavon convenceu-o, por carta, a participar-me tudo quanto sabe. E eu tenho que me apressar, pois ele está velho. Temo que não tarde a desaparecer o seu saber e a finar-se.

— Há-de alimentar-vos com cebolas cruas e obrigar-vos a engolir uma sopa de cobre temperada com enxofre. Não, obrigado! Penso conquistar, por menos custo, melhor pitança.

Levantou-se Zenão sem responder. E Henrique Maximiliano, então, cuspiendo para a estrada os últimos caroços, disse:—A paz está pela hora da morte, irmão Zenão. Os príncipes disputam-se as terras como os bêbados nas tabernas disputam a comida. Aqui, na

Provença, este bolo de mel; acolá, o Milanês, uma empada de enguias. De tudo isto hão-de tombar umas migalhas na minha boca.

— Ineptissima vanitas—tornou secamente o jovem clérigo.— Ainda ligais assim tanta importância ao bafo saído da boca dos outros?

— Tenho dezasseis anos—escusou-se Henrique Maximiliano.— Dentro de quinze, já se poderá ver se por acaso serei igual a Alexandre. Dentro de trinta, saber-se-á se valho ou não o defunto César. Pois irei eu passar uma vida inteira a medir pano numa loja da Rua das Lãs? Trata-se de ser ou não ser um homem.

— Tenho vinte anos—calculou Zenão.—Se tudo correr pelo melhor, tenho à minha frente cinquenta anos de estudo, antes que este meu crânio se transforme em caveira. Ide procurar heróis e devaneios em Plutarco, irmão Henrique. A questão, para mim, é ser mais do que um homem.

— Vou para as bandas dos Alpes—declarou Henrique Maximiliano.—E eu—disse Zenão—para o lado dos Pirenéus.

Calaram-se. A estrada plana, ladeada de choupos, apresentava, à sua frente, um fragmento do livre universo. O aventureiro do poder e o aventureiro do saber caminhavam lado a lado.

— Vede—prosseguiu Zenão.—Para lá desta aldeia, há outras aldeias, para lá desta abadia, outras abadias, para lá desta fortaleza, outras fortalezas.

E no interior de cada castelo de ideias, de cada pardieiro de opiniões sobrepostas aos pardieiros de madeira e aos castelos de pedra, a vida empareda os loucos e abre uma fresta aos sábios. Para além dos Alpes, há a Itália. Para além dos Pirenéus, a Espanha. De um lado, a terra de Mirândola, do outro, a de Avicena. E, mais além ainda, o mar, e, para lá do mar, na outra borda da imensidão, a Arábia, a Morcia, a fridia, as duas Américas. E, por toda a parte, vales onde se recolhem os simples, rochas onde se escondem os metais, cada um dos quais simboliza um momento da Grande Obra,

engrimanços colocados entre os dentes dos mortos, deuses cada qual com a sua promessa pessoal, multidões em que cada homem se apresenta como centro do universo. Quem pode haver tão insensato que se deixe morrer sem ter dado, pelo menos, uma volta à sua prisão? Como vedes, irmão Henrique, sou na verdade um peregrino. Longo é o caminho, mas eu sou jovem.

— O mundo é grande—disse Henrique Maximiliano.

— O mundo é grande—repetiu Zenão com ar grave.—Praza Àquele que é talvez dilatar o coração humano à medida de uma vida inteira. E de novo se calaram.

Daí a nada, já Henrique Maximiliano, batendo na cabeça, desatava a rir-se:—Zenão—disse ele—, lembrais-vos do vosso camarada Colas Gheel, aquele homem das canecas de cerveja, vosso irmão segundo São João? Deixou a oficina de meu pai, onde aliás se morre de fome, e voltou para Bruges; passeia-se pelas ruas, de rosário em punho, mastigando padre-nossos por alma do seu Tomás, a quem as vossas maquinas deram volta à cabeça, e trata-vos de endemoninhado, de Judas e de Anticristo. Quanto ao seu Perrotin, ninguém sabe onde está; deve-o ter levado Satanás.

Feia careta deformou o rosto do jovem clérigo, envelhecendo-o:—Tudo isso são balelas—redarguiu ele.—Deixemos essa gente ignara. São o que são e nada mais: a carne bruta que o vosso pai transforma no oiro que um dia ireis herdar. Não me venhais falar em máquinas nem em cérebros transtornados, que eu não vos lembrarei as éguas estafadas a crédito ao alquilador de Dranoutre, nem as moças maltratadas ou os barris de vinho que despejaste no Verão passado.

Henrique Maximiliano, sem dar resposta, assobiava vagamente uma canção de aventureiro. A partir daí, apenas conversaram sobre o estado das estradas e o preço dos albergues.

Separaram-se na encruzilhada mais próxima. Henrique Maximiliano escolheu a estrada principal. Zenão seguiu por um atalho. De repente, o mais novo dos dois voltou atrás, até junto do

camarada; e, pondo a mão no ombro do peregrino, disse:— Lembrais-vos, irmão, de WiwIne, aquela menina pálida que outrora defendíeis sempre que nós, crianças maldosas, lhe beliscávamos as nádegas, à saída da escola? Pois ela ama-vos; pretende-se ligada a vós por um voto; ainda há bem pouco recusou as ofertas de um almotacé.

A tia esbofeteou-a e pô-la a pão e água, mas ela persistiu na sua. Diz que espera por vós até ao fim do mundo, se for preciso.

Zenão estacou. Perpassou-lhe no olhar de indeciso, que logo se desvaneceu, como uma nuvem de vapor ao contacto com as brasas.

— Paciência—disse ele.—Que há de comum entre mim e essa tal rapariguinha das bofetadas? Há alguém à minha espera. Vou até lá.

E fez-se de novo ao caminho.

— Quem é?—perguntou Henrique Maximiliano, estupefacto.—O prior de Leão, esse desdentado?

Zenão virou-se:—Hie Zenão—disse.—Eu mesmo.

Os tempos de infância

Zenão viera ao mundo vinte anos atrás, em Bruges, na casa de Henrique Justo.

Chamava-se sua mãe Hilzonda e seu pai, Alberico de'Numi, era um jovem prelado descendente de uma antiga linhagem florentina.

Com seus longos cabelos, Messer Alberico de'Numi brilhara, no ardor da primeira adolescência, na corte dos Borgia. Entre duas corridas de toiros, na Praça de São Pedro, comprazera-se em falar de cavalos e máquinas de guerra com Leonardo da Vinci, então engenheiro de César Borgia; mais tarde, no sombrio esplendor dos seus vinte e dois anos, contava-se entre o restrito número de jovens gentis-homens que a apaixonada amizade de Miguel Ângelo

honrava como um título. Teve aventuras que terminaram com punhal; principiou uma colecção de antiguidades; uma discreta ligação com Júlia Farnésio não prejudicou a sua fortuna. Em Sinigaglia, mercê de astúcias que contribuíram para atrair a uma emboscada, onde pereceram, os adversários da Santa Sé, conquistou os favores do papa e de seu filho; por pouco não lhe foi prometido o bispado de Nerpi, mas a morte inopinada do santo padre retardou a sua promoção. O desapontamento, ou possivelmente algum amor contrariado cujo segredo jamais se desvendou, mergulhou-o durante algum tempo no estudo e na mortificação.

Falou-se, primeiro, em que isso seria uma ambiciosa artimanha sua. Mas a verdade é que aquele homem imoderado fora assaltado por uma furiosa onda de ascetismo. Dizia-se que se estabelecera em Grotta-Ferrata, na abadia dos monges gregos de São Nilo, no meio de um dos mais agrestes ermos do Lácio, e que aí preparava, imerso em súplica e meditação, uma tradução latina da Vida dos Padres do Deserto; só uma ordem expressa de Júlio 11, que lhe apreciava a concisa inteligência, o decidiu a seguir, na qualidade de secretário apostólico, os trabalhos da Liga de Cambraia. Ganhou, logo de início, em todas as discussões, uma autoridade superior à do próprio legado do papa. Os interesses de Santa Sé no desmembramento de Veneza, interesses em que talvez não houvesse pensado mais de dez vezes em toda a vida, ocupavam-no agora inteiramente. Nos festins oferecidos por ocasião dos trabalhos da Liga, Messer Alberico dc'Numi, coberto de púrpura como um cardeal, impôs aquela inigualável presença que lhe valera ser alcunhado de único pelas cortesãs romanas. Foi ele quem, no decorrer de uma encarniçada controvérsia, pondo a sua palavra cicerónica ao serviço de um espantoso poder de convicção, conseguiu obter a adesão dos embaixadores de Maximiliano. Depois, como uma carta de sua mãe, florentina, ávida de dinheiro, lhe lembrasse certas dívidas a cobrar

ao Adorno de Bruges, decidiu logo recuperar essas quantias tão necessárias à sua carreira de príncipe da Igreja.

Instalou-se em Bruges em casa do seu agente flamengo Justo Ligre, que lhe ofereceu hospitalidade. Era este rotundo indivíduo um italianista ferrenho, a ponto de imaginar que uma sua antepassada, durante um desses períodos de viuvez temporária, de que padecem habitualmente as mulheres dos mercadores, devia ter prestado ouvidos às palavras de algum traficante genovês. Messer Alberico de'Numi consolou-se de ser pago apenas mediante novos tratados com os Herwart de Ausburgo, lançando sobre o seu anfitrião a despesa dos seus cães, falcões e pajens. A Casa Ligre, sustentada pelos armazéns que possuía, vivia numa opulência principesca; comia-se bem; bebia-se melhor ainda; e, conquanto Henrique Justo apenas lesse os livros de contas do seu comércio de panos, fazia gala em possuir obras de outra natureza na sua biblioteca.

Viandando, na maior parte do tempo, por montes e vales, ora em Toumal, ora em Malines, onde adiantava fundos à regente, ora em Antuérpia, onde acabava de se meter num negócio, a meias com o aventureiro Lambrecht Von Rechterghem, negócio relativo ao comércio da pimenta e de outros produtos ultramarinos, ora em Lião, onde geralmente gostava de ser ele próprio a levar a cabo as suas transacções bancárias na feira de Todos os Santos, costumava confiar o governo da casa a sua jovem irmã Hilzonda.

Messer Alberico de'Numi não tardou a deixar-se prender por essa menina de seio pequenino e rosto afilado, vestida de rígidos veludos lavrados que pareciam mantê-la de pé, e enfeitada, nos dias de festa, com jóias que fariam inveja a uma imperatriz. Nas pálpebras nacaradas, quase róseas, engastavam-se uns pálidos olhos cinzentos; a boca, um pouco tímida, parecia prestes a exalar a toda a hora um suspiro ou a primeira palavra de um canto ou de uma oração, E talvez não se desejasse desnudá-la por ser difícil imaginá-la nua.

Numa noite de neve, que mais fazia sonhar com leitos aquecidos em quartos bem fechados, uma criada subornada introduziu Messer Alberico na estufa onde Hilzonda esfregava com centeio a longa e crespa cabeleira, que a cobria toda como se fora um manto. Escondeu o rosto a menina, mas entregou sem luta aos olhos, aos lábios, às mãos do amante, o corpo alvo e limpo como uma amêndoa descascada. O jovem florentino bebeu, nessa noite, na fonte selada, aprisionou os dois cabritinhos gémeos, ensinou àquela boca os jogos e as doçuras do amor.

Ao romper da alva, uma Hilzonda enfim conquistada entregou-se inteiramente, e, de manhã, raspando com a ponta da unha o vidro que o gelo embranquecera, nele gravou, com um anel de diamantes, as suas iniciais entrelaçadas com as do amante, deixando assim impressa a sua felicidade nessa substância delgada e transparente, decerto frágil, mas não muito mais do que a carne e o coração.

Acresceram os seus deleites todos os prazeres daquele tempo e daquele lugar: sábias músicas que Hilzonda executava no pequeno órgão hidráulico que seu irmão lhe havia oferecido, vinhos fortemente acidulados, quartos aquecidos, passeios de barco pelos canais ainda azulados pelo degelo, ou cavalgadas de Maio através dos campos em flor. Messer Alberico passou muito boas horas, horas possivelmente mais suaves do que as que Hilzonda lhe proporcionava, à procura, pelos pacatos mosteiros holandeses, de antigos manuscritos caídos no esquecimento; os eruditos italianos a quem ia comunicando os seus achados criam ver nele reflorescer o génio do grande Marcílio. À noite, sentados diante da lareira, os amantes examinavam, ambos, uma grande ametista trazida de Itália, onde se viam Sátiros cobrirem de beijos as Ninfas, e o florentino ensinava a Hilzonda as palavras que na sua terra designavam as coisas do amor. Compôs em honra dela uma balada em língua toscana, os versos que dedicou àquela descendente de mercadores teriam convido à Sulamítis do Cântico.

Passou a Primavera; veio o Verão. Um belo dia, uma carta de seu primo João de Médicis, em parte cifrada, em parte redigida naquele tom faceto com que João condimentava o que quer que fosse, política, erudição ou amor, trouxe em pormenor até Messer Alberico as intrigas curiais e romanas que rodeavam a sua estada na Flandres. Júlio 11 não era imortal. Apesar dos parvos e dos estipendiados que o rico e néscio Riário conseguira atrair, o subtil Médicis vinha preparando, já de longa data, a sua eleição para o próximo conclave.

Não ignorava Messer Alberico que as suas esporádicas conversações com os homens de negócios do imperador não eram o bastante para desculpar, aos olhos do actual pontífice, o indevido prolongamento da sua ausência; a sua carreira encontrava-se doravante dependente daquele primo que tão papista era. Haviam folgado juntos nos terraços de Careggi; mais tarde, João introduzira-o no seu requintado círculo de letrados um tanto burlescos e não raro proxenetas; Messer Alberico vangloriava-se do ascendente que tinha sobre aquele indivíduo, arguto, sim, mas dotado de uma moleza toda feminina; iria, pois, ajudá-lo a ascender à cátedra de São Pedro; passaria a ser, na sombra, enquanto melhores dias não viessem, o mandatário do seu reino.

Uma hora lhe bastou para decidir da partida.

Talvez fosse destituído de alma. Talvez não passassem os seus súbitos ardores do transbordar de uma incrível força corporal; talvez que, magnífico actor, andasse incessantemente em busca de uma nova maneira de sentir; ou talvez fosse, antes, uma sucessão de atitudes violentas e soberbas, porém arbitrarias, como as que assumem as figuras de Buortarotti nas abóbadas da Sistina. Luca, Urbino, Ferrara, peões no xadrez da sua família, obliteraram de súbito, a seus olhos, as calmas paisagens de verdura e de água onde por momentos consentira em viver.

Empilhou em cofres os fragmentos de manuscritos antigos e os rascunhos dos seus poemas de amor. De botas e esporas, luvas de

coiro e chapéu de feltro, mais do que nunca cavaleiro, menos do que nunca homem de igreja, foi até casa de Hilzonda dizer-lhe que partia.

Hilzonda estava grávida. Tinha a certeza disso. Mas não lho disse. Terna de mais para levantar um obstáculo aos ambiciosos projectos dele, era também demasiado orgulhosa para se valer de uma confissão que a sua cintura estreita e o seu peito liso ainda não podiam confirmar. Ter-lhe-ia desagradado ver-se acusada de mentirosa, quase tanto como tornar-se importuna. Mas quando, daí a meses, deitou ao mundo uma criança do sexo masculino, não se achou no direito de esconder a Messer Alberico de'Numi o nascimento de seu filho. Mal sabia escrever; levou horas para alinhar uma carta, apagando com o dedo as palavras inúteis; e quando, finalmente, deu por terminada a missiva, confiou-a a um mercador genovês em quem tinha confiança, o qual partia para Roma. Messer Alberico nunca chegou a responder. Embora o genovês lhe tivesse mais tarde assegurado que entregara por mão própria a mensagem, Hilzonda preferiu acreditar que o homem a quem amara nunca a teria recebido.

Tão breves amores, seguidos de tão brusco abandono, deixaram a jovem saciada de delícias e desgostos; farta da sua carne e do fruto do seu ventre, parecia estender ao filho a entediada reprovação que a sua própria pessoa lhe merecia.

Estendida no leito do parto, foi com indiferença que viu as criadas enfaixarem à luz das brasas da lareira aquele montinho de carne adusto. Sendo a bastardia um acidente bastante vulgar, Henrique justo facilmente teria podido negociar para sua irmã um rendoso casamento; porém, a lembrança do homem que já não amava bastava para desviar Hilzonda do peso burguês que o sacramento lhe poria sob o edredão e sobre a almofada. Arrastava, desgostosa, os esplêndidos trajos que o irmão lhe mandava talhar nos mais valiosos tecidos, mas, por rancor para consigo própria,

mais do que por remorso, privava-se de vinho, de finas iguarias, de um belo lume e não raro de roupa branca. Assistia pontualmente aos ofícios da Igreja; mas se, à noite, após a refeição, algum conviva de Henrique Justo denunciava os deboches e exacções romanas, suspendia, para melhor prestar atenção, a renda que estava a fazer, quebrando por vezes um fio, maquinalmente, para logo, em silêncio, o reatar. Deploravam, depois, os homens, o assoreamento do porto, que esvaziava Bruges em prol doutros pontos mais acessíveis aos barcos; troçavam do engenheiro Lancelot Blondel que, mercê de caleiras e de fossos, pretendia encontrar remédio para as areias.

Ou circulavam então pesados gracejos; alguém se punha a contar a história, mais de vinte vezes ouvida, da ávida amante, do marido escarnecido, do sedutor escondido numa cuba, ou de dois mercadores retorcidos tentando enganar-se mutuamente. Hilzonda ia até à cozinha dar destino às sobras da refeição; o filho, que mamava com gula ao colo de uma ama, apenas lhe merecia um fugidio olhar.

Uma bela manhã, de regresso de uma das suas viagens, apresentou-lhe Henrique Justo um novo hóspede. Era um homem de barba grisalha, tão simples e grave que, ao vê-lo, logo se pensava num vento salubre varrendo a superfície de um mar sem sol. Simão Adriansen era temente a Deus. A velhice que se aproximava e uma riqueza que se dizia ter sido honestamente adquirida conferiam a esse mercador da Zelândia a dignidade de um patriarca. Enviuvara por duas vezes: duas fecundas mulheres haviam sucessivamente ocupado o seu leito e a sua casa, antes de irem repousar lado a lado no jazigo familiar, aberto na parede de uma igreja de Middlebourg; os filhos também tinham, por seu lado, feito fortuna.

Simão era daqueles a quem o desejo confere, em relação às mulheres, uma paternal solicitude. Achando que Hilzonda andava triste, ganhou o costume de ir sentar-se à sua beira.

Henrique Justo dedicava-lhe um sólido reconhecimento. A fortuna daquele homem sustentara-o nos mais difíceis transes da sua vida; era tanto o respeito que nutria por Simão, que chegava a coibir-se de beber demasiado quando este se encontrava presente. Mas grande era a tentação do vinho. E o vinho tornava-o loquaz. Não manteve por muito tempo em segredo ao seu hóspede os infortúnios de Hilzonda.

Numa manhã de Inverno, em que ela trabalhava na sala, junto à janela, aproximou-se Simão Adriansen e disselhe com ar solene:— Um dia virá em que Deus apagará do coração dos homens todas as leis que não forem de amor.

Não o compreendeu ela. Ao que ele tornou:—Um dia virá em que Deus não aceitará outro baptismo que não seja o do espírito, nem outro sacramento do casamento a não ser o que ternamente consomem os corpos.

Hilzonda, então, começou a tremer. Porém, aquele homem severo e doce principiou a falar-lhe do sopro de uma sinceridade nova que naquele momento perpassava sobre o mundo, da mentira que se escondia em toda a lei que viesse complicar a obra de Deus, de um tempo próximo em que a simplicidade do amor se assemelharia à simplicidade do crer. Na sua linguagem imagética como os versículos de uma Bíblia, as parábolas confundiam-se com a invocação dos santos que, segundo ele, haviam derrotado a tirania romana; sensivelmente no mesmo tom de voz, mas não sem ter lançado uma olhadela às portas, para se assegurar de que estariam fechadas, confessou ainda hesitar em fazer publicamente acto de fé anabaptista, se bem que já em segredo tivesse repudiado as pompas ultrapassadas, os ritos vãos e os sacramentos enganadores. A acreditá-lo, os justos, vítimas e seres privilegiados, constituíam, através dos tempos, um pequeno grupo dos crimes e loucuras do mundo; o pecado só residia no erro; para os corações castos, a carne era pura.

Falou-lhe, depois, do filho. Concebido à margem das leis da Igreja, e contra elas, achava ele que o filho de Hilzonda estaria mais do que nenhum outro indicado para receber e transmitir um dia a boa nova dos simples e dos santos.

O amor da virgem, tão depressa seduzida pelo belo demónio italiano de rosto angélico, tornava-se, para Simão, uma misteriosa alegoria: Roma era a prostituta de Babilónia a quem a inocente fora vilmente sacrificada. Às vezes, perpassava, naquele amplo e firme rosto, um crédulo sorriso de visionário, e na sua voz calma o tom, de certo modo peremptório, de todo aquele que persiste em convencer-se de algo e frequentemente em enganar-se a si próprio. Hilzonda, porém, só era sensível à tranquila bondade do estrangeiro. Enquanto todos aqueles que rodeavam a jovem apenas haviam dado mostras, até ali de irrisão, de piedade ou de uma comezinha e grosseira indulgência. Simão, referindo-se àquele que a abandonara, dizia:—O vosso esposo. E lembrava, com ar grave, que toda a união é indissolúvel aos olhos de Deus. Hilzonda, a estas palavras, ganhou serenidade. A tristeza que sempre a perseguia tornou-se orgulho. A casa dos Ligre, que a jactância do comércio marítimo brasonara com um navio, era tão familiar a Simão como a sua própria casa. O amigo de Hilzonda todos os anos estava de regresso; ela esperava-o e, de mão dada, ambos falavam daquela igreja espiritual que ainda viria a tomar o lugar da Igreja.

Numa noite de Outono, souberam novas, por mercadores italianos acabados de chegar: Messer Alberico de'Numi, nomeado cardeal aos trinta anos, fora morto em Roma, durante uma orgia numa vinha dos Farnésios. Os pasquins em voga acusavam do crime o cardeal Júlio de Médicis, descontente com a influência exercida pelo seu parente sobre o espírito do santo padre.

Simão ouviu com desdém todos esses vagos rumores vindos da sentiria romana.

Uma semana mais tarde, porém, um relatório recebido por Henrique Justo veio confirmar esses ditos. A aparente calma de Hilzonda não permitia conjecturar se ela secretamente se regozijava ou se sofria.

— Eis-vos viúva—apressou-se a dizer Simão Adriansen naquele tom terno e solene que sempre usava para com ela.

Contrariamente aos prognósticos de Henrique Justo, Simão partiu no dia seguinte.

Seis meses mais tarde, na data costumada, voltou, e pediu-a a seu irmão.

Henrique justo mandou-o entrar para a sala onde Hilzonda trabalhava. Simão sentou-se ao pé dela. E disselhe:—Deus não nos deu o direito de fazer sofrer as suas criaturas. Hilzonda suspendeu o bordado. Deixou as mãos poisadas sobre a trama, e os seus longos dedos, frementes sobre os ornatos inacabados, lembravam as entrelaçadas linhas do futuro. Simão prosseguiu:—Como é que Deus nos daria agora o direito de fazermo-nos sofrer mutuamente?

A bela ergueu para ele o seu rosto de criança doente. E Simão prosseguiu:—Não viveis feliz nesta casa cheia de risos. Na minha casa reina um grande silêncio. Vinde.

Ela aceitou. Henrique justo esfregava as mãos de contente. Jacqueline, a sua querida mulher, desposada algum tempo após os dissabores de Hilzonda, queixava-se ruidosamente de pertencer a uma família onde havia uma puta e um bastardo de padre, e o sogro, o rico negociante de Toumai, Jean Beil, valia-se de tais brados para retardar o pagamento do dote. De facto, por muito que Hilzonda negligenciasse o filho, o mais pequeno mimo prodigalizado à criança engendrada entre legítimos lençóis provocava uma disputa entre as duas mulheres, Doravante, já a loira Jacqueline poderia arruinar-se à vontade em toucas e babetes bordados, e deixar, em dias de festa, o seu gordo Henrique Maximiliano trepar para cima da mesa e meter os pés nas travessas.

Apesar da sua aversão às cerimónias da Igreja, aceitou Simão em que a boda fosse celebrada com uma certa pompa, pois tal era o inesperado desejo de Hilzonda.

Mas à noite, secretamente, quando os esposos se retiraram para o quarto nupcial, ele readministrava, a seu modo, o sacramento, partindo o pão e bebendo o vinho, juntamente com aquela a quem escolhera. Hilzonda revivia, ao contacto com aquele homem, como uma barca naufragada que a maré cheia de novo arrasta para o largo. Saboreava à vontade o mistério daqueles lícitos prazeres, e a maneira como o ancião, curvando-se sobre o seu ombro, lhe acariciava os seios, como se fazer amor fosse uma outra forma de bênção.

Simão Adriansen tomava Zenão a seu cargo. Porém, a criança, impelida por Hilzonda para aquele rosto barbudo e enrugado, com uma verruga a tremer sobre o lábio, berrou, debateu-se, soltou-se ferozmente da mão materna e dos anéis que lhe arranhavam os dedos. Fugiu dali. Foram dar com ele, à noite, escondido na casa do forno, nas traseiras do jardim, pronto para morder o criado que o tirou, a rir, de detrás de um montão de achas. Sem esperanças de poder aprisionar o lobozinho, Simão decidiu-se a deixá-lo na Flandres. Era evidente, aliás, que a presença da criança agravava a tristeza de Hilzonda.

Zenão cresceu para a Igreja. O clericalismo era o meio mais seguro de um bastardo poder viver com desafogo e ascender às honrarias. Além disso, aquela ânsia de saber, que desde muito cedo se apoderara de Zenão, toda aquela despesa de tinta e de velas acesas até de madrugada, só as poderia tolerar o tio num aprendiz de padre. Henrique Justo confiou o estudante a seu cunhado, Bartolomeu Campanus, cônego de São Donaciano, em Bruges. Esse sábio, gasto pela oração e pelo estudo das belas-artes, mais parecia um velho, tal era a sua mansidão.

Ensinou ele ao seu aluno o latim, o pouco que sabia de grego e de alquimia, e entreteve-lhe a curiosidade acerca das ciências com a ajuda da História Natural de Plínio. O frio gabinete do cónego era para o rapaz um refúgio, no qual conseguia ver-se livre das vozes dos mercadores a discutirem os panos de Inglaterra, da monótona sensatez de Henrique Justo, das carícias das camareiras apreciadoras de fruta verde. Ali se via ele livre da servidão e da pobreza da infância; os seus livros e o seu mestre tratavam-no como um homem.

Amava aquela sala coberta de volumes, aquela pena de pato, aquele tinteiro de chifre, objectos de um conhecimento novo, e a riqueza que é saber-se que o rubi vem da Índia, que o enxofre se une ao mercúrio, e a flor, conhecida em latim por *lifium*, se chama em grego *krínon* e em hebraico *susannah*. Verificou, depois, que os livros mentem e divagam, tal como os homens, e que as prolixas explicações do cónego se referiam frequentemente a factos que, não existindo, não necessitavam de uma explicação.

Todos se inquietavam com a gente que ele frequentava: os seus companheiros favoritos eram, então, o barbeiro João Myers, homem cheio de habilidade, ímpar nas sangrias e no talhe da pedra, mas suspeito de dissecar os mortos, e um certo tecelão chamado Colas Gheel, homem devasso e falador, com quem passava horas, que mais bem empregadas seriam se dedicadas ao estudo e à oração, a combinar roldanas e manivelas. Esse alentado homem, cheio de vida e ao mesmo tempo pesado, que gastava a rodos o dinheiro que não possuía, fazia uma figura principesca perante aprendizes a quem, nos dias de feira, convidava. Aquela sólida massa de músculos, de crina ruiva e pêlo loiro, era habitada por um desses espíritos quiméricos e simultaneamente avisados, que passam a vida preocupados em afinar, reajustar, simplificar ou complicar sempre o que quer que seja. Havia todos os anos, na cidade, oficinas que fechavam as portas; e Henrique Justo, que se gabava de conservar abertas as suas por caridade cristã, aproveitava-se disso para

diminuir periodicamente os salários. Os amedrontados operários, felizes por ainda terem uma situação e um sino a chamá-los todos os dias para o trabalho, viviam, assim, numa ânsia constante pelos vagos rumores de encerramento definitivo, e lastimavam-se de em breve virem a engrossar os bandos de mendigos que, nesses tempos de carestia, aterrorizavam os burgueses e corriam as estradas do país. Colas sonhava em aliviar-los dos seus males e canseiras graças ao uso de teares mecânicos, como aqueles que já se utilizavam, em grande segredo, um pouco por toda parte, em Ypres, em Gand e em Lião, na França. Já lhe fora dado ver desenhos, que descreveu a Zenão; o estudante rectificou alguns números, encheu-se de entusiasmo com aqueles esboços, transformou o entusiasmo de Colas pelos novos engenhos numa mania partilhada a meias. Agachados, debruçados, lado a lado, sobre um montão de ferros, persistiam, ajudavam-se mutuamente a suspender contrapesos, a ajustar uma alavanca, a montar e a desmontar as rodas engrenadas; havia infinitas discussões por causa da colocação de um eixo ou do oleamento de uma corrediça. O engenho de Zenão ultrapassava, de longe, o cérebro lento de Colas Gheel, mas as mãos do artesão eram destros a ponto de maravilharem o aluno do cônego, que pela primeira vez contactava com algo que não fossem livros.

— *Prachtig werk, mijn zoon, prachtig werk*—dizia compassadamente o contramestre, passando o pesado braço pelo pescoço do estudante. À noite, depois do estudo, Zenão ia ter, às escondidas, com o compincha, atirando com uma mancheia de cascalho contra as vidraças da taberna onde o mestre de oficina se demorava geralmente mais do que convinha. Ou então, introduzia-se à socapa no recanto do armazém deserto onde Colas habitava, juntamente com as suas máquinas. Era um casarão sombrio; por receio do fogo, a candeia ardia no meio de uma bacia de água colocada em cima da mesa, como um pequeno farol no meio de um minúsculo mar.

O aprendiz Tomás de Dixmude, factótum do mestre de oficina, saltava por brincadeira, como um gato, por cima das traves oscilantes, e avançava na escuridão dos forros do telhado baloiçando uma lanterna ou uma caneca. Colas Gheel soltava então uma enorme gargalhada. Sentado numa tábua, escutava, rolando os olhos, as divagações de Zenão, que galopava dos átomos de Epicuro, à duplicação do cubo, da natureza do oiro ao disparate que eram, as provas da existência de Deus, e um leve assobio admirativo escapava-se-lhe dos lábios.

No meio daqueles homens metidos nas suas vestimentas de coiro, o estudante deparava com aquilo que os filhos dos senhores procuram encontrar junto dos palafreneiros e dos lacaios: um mundo mais rude e mais livre que o seu, por se mover a um nível inferior, longe de preceitos e de silogismos; a apaziguante alternância de trabalhos grosseiros e de ócios fáceis, o cheiro e o calor humanos, uma linguagem feita de pragas, de alusões e de provérbios, tão secreta como o calão das corporações de artífices, uma actividade que não consiste apenas em debruçar-se uma pessoa sobre um livro, de pena na mão.

Pretendia o estudante extrair da oficina e do atelier algo que viesse infirmar ou confirmar as asserções da escola: Platão por um lado, Aristóteles pelo outro, eram tratados como simples mercadores a quem se verifica os pesos. Tito Lívio não passava de um tagarela; César, por muito sublime que fosse, já morrera. Dos heróis de Plutarco, de cuja substância se alimentara o cónego Bartolomeu Campanus, à mistura com o leite dos Evangelhos, só retinha o mancebo uma única coisa, e era que a audácia do espírito e da carne os havia levado tão alto e tão longe quanto a continência e o jejum, os quais, segundo se diz, levam ao Céu os bons cristãos. Para o cónego, a sabedoria sagrada e a sua irmã profana escoravam-se mutuamente: no dia em que ouviu Zenão pôr a ridículo os piedosos

devaneios do Sonho de Cipião, compreendeu que o seu aluno tinha secretamente renunciado às consolações de Cristo.

Zenão, no entanto, inscreveu-se em Lovaina, na Escola de Teologia. A todos causou espanto o seu ardor; capaz de sustentar, à primeira vista, qualquer tese que se lhe apresentasse, adquiriu o recém-chegado, entre os condiscípulos, um prestígio extraordinário. Os bacharéis levavam uma vida à larga, sem preocupações; convidaram-no para festins onde ele apenas bebeu água pura; e, no bordel, as mulheres agradaram-lhe tanto quanto a alguém de gosto requintado um prato de carne estragada. Todos eram concordes em achá-lo belo, se bem que a sua voz cortante arrepiasse; o fulgor das suas sombrias pupilas conseguia fascinar e desagradar ao mesmo tempo. Correram extravagantes rumores sobre o seu nascimento, rumores esses que ele não refutou. Os adeptos de Nicolau Flamel não tardaram a detectar, naquele estudante friorento, que passava a vida a ler ao canto da chaminé, os indícios de uma preocupação alquímica: uma reduzida sociedade de espíritos mais esquadrinhadores e inquietos do que os demais acolheu-o nas suas fileiras. Antes de terminado o prazo, já ele olhava de alto os doutores vestidos de peles, curvados, no refeitório, sobre o prato cheio a abarrotar, aqueles doutores pesadamente satisfeitos com a sua espessa e compacta sabedoria; e os barulhentos e boçais estudantes, firmemente decididos a só se instruírem na medida em que isso lhes valesse uma sinecura, pobres heróis cuja fermentação de espírito mais não era do que um acesso sanguíneo que passaria com a juventude. A pouco e pouco, esse desdém foi-se estendendo aos seus próprios amigos cabalistas, espíritos ocos, cabeças de vento, cheias de palavras que eles não entendiam e regurgitantes de fórmulas. Constatava, com amargura, que nenhum daqueles com quem de início havia contado estava apto a ir, quer em espírito quer em acto, um pouco mais além ou sequer, mesmo, tão longe como ele.

Zenão morava no último andar de uma casa dirigida por um padre; um letreiro, pendurado na escada, ordenava aos pensionistas que se reunissem para o ofício das Completas, e proibia, sob punição, que introduzissem prostitutas ou se aliviassem fora das latrinas. Porém, nem os cheiros, nem a fuligem da chaminé, nem as paredes crivadas de facécias latinas e de esboços obscenos dos seus predecessores, nem as moscas pousadas nos pergaminhos, perturbavam, nos seus cálculos, aquele espírito para o qual cada objecto existente no mundo constituía um fenómeno ou um signo. Metido naquele esconso, sentiu o bacharel aquelas dúvidas, aquelas tentações, aqueles triunfos e derrotas, aquelas lágrimas de raiva e aquelas alegrias da juventude, que a idade madura ignora ou desdenha, e de que ele próprio só veio a conservar, posteriormente, uma lembrança maculada pelo esquecimento. Atraído de preferência pelas paixões dos sentidos que mais se afastam daquilo que a maior parte dos homens sente ou confessa sentir, paixões que obrigam ao sigilo, não raro à mentira, por vezes ao desafio, julgou esse David, em contenda com o Golias escolástico, ter encontrado o seu Jónatas num condiscípulo indolente e loiro, que não tardou a afastar-se, trocando o seu tirânico camarada por companheiros mais conhecedores de vinhos e de dados. Nada transpirava dessa subterrânea intimidade, toda feita de contacto e de presença, oculta como o sangue e as entranhas; este desfecho só teve como efeito mergulhar Zenão ainda mais no estudo. Loira era também a bordadora Jeannette Fauconnier, rapariga famasíosa, audaz como um pajem, habituada a arrastar atrás das saias toda uma escolta de estudantes, e a quem o eclesiástico fez, durante uma noite inteira, uma corte de zombarias e de insultos. Tendo-se Zenão vangloriado de obter, se bem lhe aprouvesse, os favores da rapariga em menos tempo do que o necessário para ir a galope dos Halles até à Igreja de São Pedro, seguiu-se uma rixa que descambou em combate cerrado, até que a própria Jeannette, insistindo em mostrar-se generosa,

concedeu ao seu detractor ferido um beijo da sua boca a que o calão da época chamava o portão da alma. Finalmente, por volta do Natal, numa altura em que Zenão apenas conservava como lembrança dessa odisseia um lanho em pleno rosto, a sedutora, numa noite de lua, entrou-lhe em casa, subiu sem fazer barulho a escada que rangia e enfiou-se-lhe na cama. Zenão ficou surpreendido com aquele corpo liso e serpentino, hábil em conduzir o jogo, com aquele colo de pomba que arrulhava em voz baixa, com aqueles risos abafados no devido momento, para não acordar a dona da casa que dormia num esconso ao lado. Sentiu aquele misto de alegria e de receio do nadador que mergulha em água fresca mas pouco segura. Viram-no, durante alguns dias, passear insolentemente ao lado dessa mulher perdida, arrostando com os fastidiosos sermões do reitor; parecia ter-lhe nascido apetite por aquela maliciosa e esquiva sereia. Todavia, passado menos de uma semana, já ele se encontrava de novo totalmente mergulhado nos seus livros.

Censuraram-no por ter tão de pronto abandonado a rapariga pela qual tão descuidadamente comprometera, para todo o sempre, as honras do cum laude. - e o seu relativo desdém pelas mulheres fê-lo suspeito de algum comércio com os espíritos súcubos.

Os ócios estivais

Naquele Verão, um pouco antes de Agosto, Zenão foi, como todos os anos, descansar algum tempo à casa de campo do banqueiro. Já não era, como antigamente, na terra que Henrique Justo sempre possuía em Kuypen, nos arredores de Bruges: o homem de negócios adquirira o domínio de Dranoutre, situado entre Audenarde e Toumai, assim como a sua antiga mansão senhorial, restaurada após a partida dos franceses. Renovou-se a habitação

segundo o estilo em moda, com plintos e cariátides de pedra. O rotundo Ligre estava cada vez mais empenhado na aquisição de propriedades imobiliárias que atestassem, quase arrogantemente, a fortuna de um indivíduo e o tornassem, em caso de perigo, o burguês de mais de uma cidade. Em Toumasis, arredondava ele, leira a leira, as terras de sua mulher Jacqueline; acabava de adquirir, perto de Antuérpia, o domínio de Gallifort, esplêndido anexo do seu armazém da Praça Saint-Jacques, onde doravante actuava na companhia de Lazarus Tucher. Tesoureiro-mor da Flandres, proprietário de uma refinaria de açúcar em Maestricht e de uma outra nas Canárias, arrematante dos impostos régios da alfândega da Zelândia, detentor do monopólio do alúmen nas regiões bálticas, fiador, de parceria com os Fugger, de um terço dos bens da Ordem de Calatrava, Henrique Justo cada vez mais se dava com os poderosos deste mundo: em Malines, a regente oferecia-lhe, de sua própria mão, o pão bento; o senhor de Croy, que lhe era devedor da quantia de treze mil florins, ainda há pouco consentira em servir de padrinho a um filho recém-nascido do mercador, e já se fixara, com sua excelência, a data do baptismo, que teria lugar no seu castelo de Rceulx. Aldegundes e Constância, as duas filhas ainda meninas do grande homem de negócios, haveriam um dia de ter os seus títulos, como já hoje tinham a sua saia de cauda.

Como o negócio de panos, em Bruges, não passasse já, para Henrique Justo, de um negócio ultrapassado, sujeito à concorrência das suas próprias importações de brocados de Lião e de veludos da Alemanha, acabara de criar, nos arredores de Dranoutre, em pleno campo, oficinas rurais onde as contribuições municipais de Bruges o não viriam atribular. Mandara montar cerca de vinte teares mecânicos fabricados no Verão anterior por Colas Gheel, segundo os desenhos de Zenão. Teve o mercador a fantasia de experimentar esses operários de madeira e metal que não bebiam nem zaragateavam, que, a dez, faziam o trabalho de quarenta, e não se

aproveitavam da carestia da vida para pedirem um aumento de ordenado.

Num dia fresco já a cheirar a Outono, Zenão meteu pés ao caminho, em direcção a essa tal sirgaria de Gudenove. Desempregados em busca de trabalho era o que mais se via por essas terras fora; apenas dez léguas separavam Oudenove dos pomposos esplendores de Dranoutre, mas essa distância podia-se comparar à que medeia entre o Céu e o Inferno. Henrique Justo alojara um pequeno grupo de artesãos e de mestres de oficina, naturais de Bruges, num velho edifício mais ou menos restaurado, situado à entrada da aldeia: tal dormitório mais parecia uma enxovia. Zenão conseguiu entrever Colas Gheel, já bêbado, logo pela manhã, a quem um pálido e abatido aprendiz francês chamado Perrotin lavava as escudelas e atiçava o lume. Tomás, que casara havia pouco com uma moça da terra, pavoneava-se pelo largo, metido num jaquetão de seda vermelha estreado no dia da boda. Um homenzinho seco e vivo, um tal Thierry Loon, dobador promovido de um momento para o outro a mestre de oficina, mostrou a Zenão as máquinas que haviam acabado de montar, com as quais não tardaram os operários a embirrar, depois de verem frustradas as suas esperanças de ganharem mais e trabalharem menos. Mas já outros problemas preocupavam agora o clérigo; aquelas tramas e contrapesos haviam deixado de o interessar. Thierry Loon referia-se a Henrique Justo com obsequiosa reverência, se bem que fosse deitando a Zenão uns olhares de soslaio, ao deplorar os víveres insuficientes, os casebres de madeira e caliça construídos à pressa pelos administradores dos bens do mercador e as horas mais compridas do que em Bruges, agora que o sino municipal deixara de os governar. Lamentava o homenzinho o tempo em que os artesãos, solidamente assentes nos seus privilégios, torciam o pescoço aos operários livres e faziam frente aos príncipes. Não é que as coisas novas lhe metessem medo; apreciava o engenho que havia nessa espécie de gaiolas, onde um só

operário governava simultaneamente, com os pés e com as mãos, duas alavancas e dois pedais: só que essa cadência, de tão rápida que era, esgotava os homens, e tão complicados comandos pediam mais cuidados e atenções do que aqueles que os dedos e a cachimónia dos artesãos podiam dar. Zenão sugeriu uma série de modificações, mas o novo contramestre não pareceu ligar muito a isso. Este Thierry só pensava, decerto, em ver-se livre de Colas Gheel: encolhia os ombros sempre que se referia àquele papa-açorda, àquele borra-botas cujas elucubrações mecânicas só haviam tido como resultado extorquir dos homens ainda mais trabalho e aumentar o desemprego, àquele madraço a quem a devoção viera corroer, como uma sarna, a partir do momento em que deixara de ter à sua disposição os ócios e prazeres que Bruges proporcionava, àquele bêbado, que depois de ter bebido adquiria o tom contrito de um pregador de praça pública. Toda esta gente quezília e ignara desagradou ao clérigo; comparados com eles, os doutores envoltos em arminho e reluzentes de lógica readquiriam o seu peso.

Os talentos mecânicos de Zenão gozavam de pouca consideração por parte da família, que o desprezava pela sua indigência de bastardo e ao mesmo tempo lhe tinha um vago respeito, devido ao seu futuro estado de sacerdote. No salão, à hora do jantar, ouvia o clérigo Henrique Justo eructar pomposos ditados sobre a conduta da vida: tratava-se, sempre, de evitar as virgens com receio da gravidez, as mulheres casadas com receio do punhal, as viúvas, que devoram um homem, ou de cultivar os rendimentos e invocar Deus. O cónego Bartolomeu Campanus, habituado a só pedir às almas o pouco que elas consentem em dar, não desaprovava esta rude sabedoria. Tinham encontrado os ceifeiros, nesse dia, uma feiticeira maliciosamente entretida a mijar no meio de um campo, a fim de conjurar a chuva a cair no trigo, já meio podre devido a insólitas bâtegas de água; por único julgamento, haviam-na lançado ao fogo e agora gozavam com aquela sibila que julgava comandar a água, mas

que não sabia livrar-se das brasas. Explicava o cónego que, ao infligir aos maus o suplício das chamas, que dura apenas uns instantes, o homem mais não faz que regular-se por Deus, que os condena ao mesmo suplício, mas a um suplício eterno. Estas conversas não conseguiam interromper a copiosa colação da noite; esquentada pelo Verão, Jacqueline gratificava Zenão com as suas fosquinhas de mulher honesta. Reembelezada com os recentes partos, vaidosa da sua tez e das suas alvas mãos, a alentada flamenga apresentava a exuberância de uma peónia. Fingia o sacerdote não reparar no corpete entreaberto, nas loiras madeixas que roçavam pela nuca do jovem clérigo debruçado sobre uma página antes de trazerem os candeeiros, ou no sobressalto de cólera do estudante depreciador das mulheres.

Todas as fêmeas eram, para Bartolomeu Campanus, Maria e Eva, simultaneamente, uma, que pela salvação do mundo derrama o seu leite e as suas lágrimas, a outra, que se abandona à serpente. Sem emitir um juízo, limitava-se a baixar os olhos.

Zenão saía, caminhava no seu passo largo. O campo raso, com as suas árvores ainda novas e as suas rebuscadas pompas, não tardava a dar lugar às pastagens e terras de cultura; por entre o encrespado das medas de palha, escondiam-se as aldeolas, com os seus telhados baixos. Mas já lá ia o tempo em que Zenão se podia estender, junto às fogueiras de São João, ao lado dos trabalhadores da quinta, como outrora o fazia, em Kuypen, naquelas claras noites do começo do Verão. Também pelas noites frias lhe não abririam um lugar no banco da forja, onde uns quantos pategos, sempre os mesmos, se chateiam diante do bom calor do lume, trocando uma ou outra novidade, tendo por fundo sonoro o zumbido das últimas moscas da estação. Tudo, agora, o separava deles: a sua vagarosa fala de aldeões, os seus não menos lentos raciocínios, e o temor que pode inspirar um mancebo que fala latim e lê nos astros.

Acontecia-lhe, às vezes, arrastar consigo o primo nas suas incursões nocturnas. Descia ao pátio, assobiando baixinho para acordar o camarada.

Henrique Maximiliano transpunha a varanda, ainda sob o peso do profundo sono da adolescência, cheirando a cavalo e a suor, depois das deambulações do dia anterior. Mas a esperança de poder derrubar na berma da estrada alguma galdéria, ou de emborcar um copo de clareie na estalagem, em companhia dos almocreves, não tardava a reanimá-lo. Metiam-se os dois companheiros pelas terras de cultura fora, ajudando-se mutuamente a saltar as fossas, em direcção à fogueira de algum acampamento de ciganos ou ao clarão vermelho de alguma taberna distante. De regresso, Henrique Maximiliano vangloriava-se dos seus feitos; Zenão calava os seus. A mais idiota dessas aventuras foi aquela em que o herdeiro dos Ligre se insinuou, durante a noite, no estábulo de um alquilador de Dranoutre e pintou de cor-de-rosa as duas éguas que o proprietário, de manhã, julgou enfeitiçadas. Um belo dia, veio a descobrir-se que Henrique Maximiliano, numa dessas sortidas, gastara uns quantos ducados roubados ao rotundo justo; meio a brincar, meio a sério, pai e filho vieram a vias de facto; separaram-nos como se separa um touro adulto de uma cria que se tivesse pegado nalguma cerca de quinta.

Mas, na maior parte das vezes, Zenão partia sozinho, de madrugada, com as suas tábuas na mão, e metia-se pelos campos dentro, em busca de não sei que ciência saída directamente das coisas. Não se cansava de sopesar e estudar, com toda a curiosidade, as pedras cujos contornos polidos ou rugosos, cujos tons de ferrugem ou de bolor contam uma história, testemunham dos metais que as formaram, dos fogos ou águas que outrora precipitaram a sua matéria ou coagularam a sua forma. Debaixo dessas pedras havia insectos, estranhos bichos de um animalesco inferno. Sentado num escabelo, vendo ondear sob o cinzento do céu as planícies

entumecidas, aqui e acolá, pelas extensas colinas de areia, sonhava com aqueles tempos revolutos em que o mar havia ocupado estes grandes espaços onde hoje só crescia o trigo, deixando-lhes, ao retirar-se, o traçado e a assinatura das ondas. Pois que tudo muda, não só a configuração do mundo, como os produtos de uma natureza buliçosa, cujos movimentos demoram séculos.

Ou, ainda, a sua atenção tornava-se de súbito fixa e furtiva como a de um caçador, e voltava-se para os animais que correm, voam ou rastejam nas profundezas das matas, interessava-se pelo trilho bem nítido que eles deixam atrás de si, pelo seu cio, o seu acasalamento, os seus alimentos, sinais e estratégias, e pelo modo como, feridos com uma paulada, morrem. Sentia uma atracção, uma simpatia por todos aqueles répteis que o medo ou a superstição humana caluniavam, por esses animais frios, prudentes, meio subterrânicos, que encerravam em cada rastejante anel uma espécie de mineral sabedoria.

Numa dessas noites, no período mais quente da canícula, Zenão, valendo-se das instruções de João Myers, encarregou-se de sangrar um quinteiro que tivera uma congestão, em vez de esperar pelo socorro duvidoso do barbeiro. O cónego Campanus deplorou tal indecência; Henrique Justo, fazendo eco com ele, lamentou-se em voz alta dos ducados gastos com os estudos do sobrinho, se este se resolvia agora a vir acabar entre uma lanceta e uma tina. Escutou o clérigo estes reparos, no meio de um silêncio carregado de ódio. A partir daí, prolongaram-se as suas ausências. jacqueline supunha que ele andaria de amores com alguma moça de quinta.

Certa vez, levando consigo pão para vários dias, aventurou-se até à floresta de Houthuist. Estes bosques era tudo quanto restava das enormes matas dos tempos pagãos: estranhos conselhos tombavam das suas folhas. De cabeça erguida, contemplando de cá de baixo aqueles amontoados de verdura e de espinhos, voltava Zenão às especulações químicas abordadas na escola ou fora dela; reconhecia,

em cada uma daquelas pirâmides vegetais, o hermético hieróglifo das forças ascendentes, o signo do ar, que banha e alimenta as belas entidades silvestres, e o do fogo, cuja virtualidade se esconde nelas, acabando talvez algum dia por destruí-las. Mas essa ascensão era equilibrada por uma descida: debaixo dos seus pés, o cego e ziguezagueante povo das raízes imitava, no escuro, a infinita divisão das vergôntes no céu, orientava-se, com todas as precauções, para qualquer desconhecido nadir. Aqui e acolá, uma folha prematuramente amarelecida traía, sob o verde, a presença dos metais de que era formada a sua substância e cuja transmutação ela operava. A força do vento dobrava os altos fustes, tal como um homem o seu destino. O clérigo sentia-se livre como um animal e como ele ameaçado, equilibrado como a árvore entre o mundo inferior e o mundo superior, dobrado, também, pelas pressões que sobre ele se exerciam, as quais só com a sua morte teriam fim. Mas a palavra morte, para esse mancebo de vinte anos, não passava ainda de uma palavra.

Ao crepúsculo, chamou-lhe a atenção o trilho aberto no musgo de um carro de árvores abatidas; um cheiro a fumo levou-o, através da noite já escura, a uma cabana de lenhadores. Três homens, um pai e seus dois filhos, carrascos das árvores, mestres e servidores do fogo, obrigavam-no a consumir lentamente as suas vítimas, transformando assim a húmida madeira que silva e estremece no carvão que para sempre conserva uma afinidade com o elemento ígneo. Os andrajos confundiam-se-lhes com os corpos quase etíopes caracterizados com cinzas e fuligem. Os pêlos brancos do pai, a loira crina dos filhos causavam espanto em torno daquelas faces negras e dos negros peitos nus. Tão sós como anacoretas, tinham aqueles três, por assim dizer, esquecido tudo quanto é pertença do século, ou talvez nunca de tal tivessem sabido. Pouco lhes importava quem reinava sobre as Flandres, ou se se vivia no ano de 1529 da encarnação de Cristo.

Resfolegando, mais do que falando, acolheram Zenão como os animais da floresta acolhem um semelhante; não ignorava o clérigo que eles o poderiam matar para lhe ficarem com a roupa, em lugar de aceitarem um naco do seu pão e com ele partilharem a sua sopa feita de ervas. Já noite alta, como sufocasse dentro da cabana cheia de fumo, levantou-se Zenão para a sua habitual observação dos astros, e veio para a eira calcinada que de noite parecia branca. A fogueira dos lenhadores ardia surdamente, geométrica construção tão perfeita quanto os fortins dos castores e as colmeias das abelhas. Sobre o fundo vermelho movia-se um vulto; o mais novo dos dois irmãos velava sobre a massa incandescente. Zenão ajudou-o a separar, com a ajuda de um croque, as achas que se inflamavam demasiado depressa. Vega e Deneb faiscavam por entre a copa das árvores; os troncos e ramos ocultavam as estrelas que se encontravam mais abaixo no céu. Pensou o clérigo em Pitágoras, em Nicolau de Cusa, num certo Copérnico cujas teorias recentemente expostas eram ardentemente acolhidas ou violentamente contraditas pela Escola, e um assomo de orgulho se apoderou dele à ideia de pertencer a essa industriosa e agitada raça dos homens que domam o fogo, transformam a substância das coisas e escrutam as sendas dos astros.

Separando-se dos seus anfitriões sem mais cerimónias, como se teria separado de quaisquer cabritos-monteses, voltou impaciente ao seu caminho, como se estivesse já próximo o fim que o seu espírito se propunha e ao mesmo tempo urgisse apressar-se para o atingir. Não ignorava que mastigava os derradeiros nacos de liberdade, e que daí a dias teria de voltar aos bancos de um colégio, para mais tarde poder contar com um lugar de secretário de algum bispo e ser encarregado de burilar suaves frases latinas, ou com alguma cátedra de Teologia de onde lhe não seria conveniente proferir, perante os auditores, alguma frase menos lícita ou conveniente. Devido à sua inocência, fruto da juventude, imaginava ele que ninguém guardara

até então, no seu foro íntimo, maior rancor do que o seu para com a condição de padre, nem levava mais longe a revolta ou a hipocrisia. Todavia, agora, o grito de alarme de um gaio ou a verruma de um picanço eram os seus únicos ofícios da manhã. Um excremento de animal fumegava delicadamente sobre o musgo, indício da passagem de um animal filho da noite.

Mal chegou à estrada, logo deparou com os ruídos e a gritaria do século. Um bando de rústicos excitados corria com baldes e forquilhas: era uma grande quinta isolada que ardia, incendiada por um desses anabaptistas que pululavam por aí e confundiam o ódio aos ricos e poderosos com uma forma muito especial de amar a Deus. Zenão sentia uma desdenhosa comiseração por esses visionários que saltavam de uma barca apodrecida para outra que mete água, e de uma aberração secular para uma nova mania; mas o nojo que a grosseira opulência que o rodeava lhe metia colocava-o, mau grado seu, do lado dos pobres. Um pouco mais adiante, sucedeu-lhe cruzar-se com um tecelão que, tendo sido despedido, tomara o alforge de mendigo para procurar subsistência algures, e sentiu inveja daquele pedante, por viver menos subjugado do que ele.

A festa em Dranoutre

Certa noite, ao regressar ao lar como um cão esgalgado, após vários dias de ausência, avistou, de longe, a casa de tal modo iluminada que julgou tratar-se de um novo incêndio. A estrada estava pejada de pesadas carruagens. Lembrou-se então de que Henrique Justo havia semanas esperava e negociava uma visita real.

Acabara de ser assinada a Paz de Cambraia. Chamavam-lhe a Paz das Damas, porque duas princesas, que o cónego Bartolomeu

Campanus comparava, nas prédicas, às santas mulheres das Escrituras, tinham, por assim dizer, assumido o encargo de sarar as feridas do século. A rainha-mãe de França, retida, a princípio, com receio das conjunções astrológicas nefastas, acabava de deixar Cambraia para voltar ao Louvre. A regente dos Países Baixos, a caminho de Malines, detinha-se por uma noite na casa de campo do tesoureiro-mor das Flandres, e então Henrique Justo convidara os notáveis da terra, aprovisionara-se, por toda a parte, de cera e de vitualhas raras, mandara vir de Toumal os músicos do bispo e preparara um folguedo à antiga, no decurso do qual faunos vestidos de brocado e ninfas em camisa de seda verde ofereciam a Dona Margarida uma colação de maçapão, licores e doçarias.

Zenão hesitou em penetrar no salão, receando que as suas roupas usadas e cobertas de pó e o cheiro do seu corpo por lavar lhe fizessem perder a oportunidade de se alçar até junto dos poderosos deste mundo; a lisonja e a intriga pareceram-lhe, pela primeira vez na vida, artes que lhe conviria cultivar, e o lugar de secretário privado ou de preceptor de príncipe preferível ao de um pedante colegial ou de um barbeiro de aldeia. Mas logo o tomou a arrogância dos vinte anos e a convicção de que a fortuna de um homem depende da sua natureza e da benquerença dos astros. Entrou, sentou-se na chaminé engalanada com verdura e contemplou, à sua volta, aquele Olimpo humano.

As ninfas e os faunos vestidos à moda antiga eram os rebentos de ricos rendeiros ou de uma nobreza rural que o tesoureiro-mor deixava negligentemente debicar nos seus cofres; sob as perucas e as Pinturas, Zenão reconhecia-lhes os cabelos loiros e os olhos azuis, e, debaixo dos folhos e das túnicas abertas ou arregaçadas, as pernas um tanto pesadas das raparigas, das quais algumas o haviam já suavemente excitado à sombra de alguma meda de palha. Henrique Justo, mais pomposo e congestionado do que de costume, fazia as honras do seu luxo de mercador. Vestida de preto, pequenina e

redonda, a regente ostentava a palidez triste das viúvas, e os lábios apertados da boa dona de casa que zela não só sobre a roupa branca e a comida mas também sobre o Estado. Os seus panegiristas gabavam-lhe a piedade, o saber, a castidade, que a haviam levado a preferir, às segundas núpcias, a melancólica austeridade da viuvez; os seus detractores acusavam-na, em voz velada, de gostar de mulheres, embora conviessem que se tratava de um gosto menos escandaloso numa nobre dama do que nos homens a tendência contrária, pois é mais belo, assim o declaravam, uma mulher assumir a condição viril do que um homem imitar uma mulher. Os trajos da regente eram sumptuosos, conquanto austeros, como convém a uma princesa que se preza de ostentar as marcas exteriores da sua situação real, mas que pouco se preocupa em deslumbrar ou agradar a alguém. Debicando guloseimas, ouvia, complacente, Henrique Justo entremear os seus cumprimentos cortesês com gracejos mais picantes, como mulher piedosa, porém não falsamente recatada, que sabe ouvir, sem se agastar, as falas livres dos homens.

Já se tinha bebido vinho do Reno, da Hungria e de França; Jacqueline desabotoou o corpete prateado e ordenou que lhe trouxessem o filho mais novo, para o amamentar, pois que também ele devia estar sequioso. Tanto Henrique Justo como sua mulher gostavam de exhibir este filho mais novo que os rejuvenescia.

O seio divisado entre as pregas de fina roupa encantou os convivas.

— Não se pode negar—disse Dona Margarida—que ele não tenha mamado o leite de boa mãe.

Perguntou como se chamava a criança.

- Ainda só recebeu o primeiro baptismo—disse a flamenga.

— Nesse caso—disse Dona Margarida—chamai-lhe Filiberto, como meu senhor que Deus tem.

Henrique Maximiliano, que bebia mais do que a conta, falava às damas de honor dos feitos de armas que haveria de levar a cabo

quando estivesse em idade disso.

— Nestes desgraçados tempos que correm, não lhe faltarão ocasiões para combater—disse Dona Margarida.

Perguntava ela a si mesma se o tesoureiro-mor concederia ao imperador o empréstimo a d'oze denários que os Fugger já lhe haviam recusado, empréstimo esse destinado a custear as despesas da última campanha, ou talvez da próxima, pois já se sabe o que valem os tratados de paz. Uma ínfima parcela desses noventa mil escudos chegaria para terminar a capela de Brou, em Bresse, onde um dia iria dormir junto do seu príncipe, até ao fim do mundo. Enquanto levava à boca uma colher de prata, Dona Margarida reviu em espírito o jovem nu, de cabelos colados à fronte pelo suor da febre, peito dilatado pelos humores da pleurisia, e todavia belo como um Apoio da fábula, que há mais de vinte anos acompanhara à sepultura.

Nada a poderia consolar, nem as gentilezas do Amante Verde, o seu periquito das fridias, nem os livros, nem o doce rosto da sua terna companheira, Dona Laodamie, nem os magros negócios do Estado, nem Deus que é o sustentáculo e o confidente dos príncipes. A imagem do morto regressou aos cofres da memória; o conteúdo da colher espalhou na língua da regente o seu gosto de leite-creme gelado; voltou a estar sentada naquele lugar, à mesa, que ainda não deixara, viu as mãos vermelhas de Henrique Justo, sobre a toalha carmesim, os berrantes atavios de Madame d'Hallouin, sua dama de honor, o recém-nascido exposto sobre o selo da flamenga, e, lá ao fundo, instalado na chaminé, um moço de rosto belo e arrogante, que comia sem prestar atenção aos convidados.

E aquele—disse ela—, aquele que faz companhia aos tições?

— Os meus filhos são estes—disse o banqueiro, descontente, designando Henrique Maximiliano e o pequerrucho envolto nos seus panos bordados.

Bartolomeu Campanus informou a meia voz a regente da aventura de Hilzonda, deplorando, ao mesmo tempo, os atalhos heréticos por onde se embrenhara a mãe de Zenão. Dona Margarida entabulou então com o cónego uma dessas discussões sobre a fé e as obras todos os dias empreendidas pela gente piedosa e culta daqueles tempos, sem que jamais algum desses ociosos debates tivesse conseguido resolver o problema ou provar a sua inanidade. Ouviu-se, nesse momento, uma barulheira à porta; timidamente, mas à uma, entraram umas quantas pessoas no salão.

Estes operários tecelões vindos de Dranoutre com um rico presente para a senhora faziam parte das diversões projectadas para a festa. Mas uma zaragata ocorrida numa oficina, dois dias antes, transformara esta entrada dos artesãos numa espécie de algazarra e de motim. Toda a camarata de Colas Gheel ali se encontrava representada, para pedir que se agraciasse Tomás de Dixmude, ameaçado de força por ter quebrado à martelada os teares mecânicos montados havia pouco tempo e postos a funcionar muito recentemente. O confuso bando, acrescido de outros operários despedidos e de vagabundos encontrados pelo caminho, levava dois dias a perfazer as poucas léguas que separavam a manufactura da casa de campo do mercador. Colas Gheel, ferido nas mãos ao defender as suas máquinas, achava-se, contudo, na primeira fila dos peticionários. Zenão mal reconhecia naquele rosto de lábios balbuciantes o sólido Colas dos seus dezasseis anos. Retendo pela manga um pajem que lhe oferecia rebuçados, soube o clérigo que Henrique Justo se recusara a ouvir as queixas dos descontentes, mas que lhes havia dado permissão para dormirem num prado, alimentados pelo que os cozinheiros lhes lançassem. Os domésticos tinham passado a noite de vela às despensas, às pratas, à adega e ao trigo.

Os infelizes pareciam, todavia, tão dóceis como carneiros a caminho da tonsura; tiraram os bonés; os mais humildes ajoelharam-

se.

— Graça para Tomás, o meu compadre! Graça para Tomás a quem as minhas máquinas perturbaram a razão—salmodiava Colas Gheel.—É novo de mais para morrer na forca!

— Pois quê?—disse Zenão.—Defendes esse miserável que deu cabo da nossa obra? O teu belo Tomás gostava de dançar; pois que dance agora no ar.

Esta altercação em flamengo fez rir a bandeiras despregadas a roda das damas de honor. Colas, desconcertado, passeou em volta de si as suas pálidas pupilas, e persignou-se ao reconhecer, sentado

42
na lareira, o jovem clérigo a quem outrora chamava seu irmão segundo São João.

— Deus tentou-me—choramingou o homem das mãos entapadas—a mim, que brinquei como uma criança com roldanas e manivelas. Um demónio ensinou-me as proporções e os algarismos e eu, de olhos fechados, construí um cadafalso de onde pende uma corda.

E recuou um passo, apoiado ao ombro do magro aprendiz Perrotin.

Um homenzinho vivo como um azougue, no qual Zenão reconheceu Thierry Loon, conseguiu abeirar-se da princesa, a quem estendeu uma petição, que esta logo passou, com aparente distração, a um gentil-homem do seu séquito. O tesoureiro-mor pedia-lhe obsequiosamente que passasse para a sala ao lado, onde os músicos haviam preparado, em honra das damas, um concerto de instrumentos e vozes.

— Todo aquele que é traidor à Igreja se tornará, mais cedo ou mais tarde, rebelde ao seu príncipe—concluiu Dona Margarida, pondo-se de pé, e encerrando a conversa tão laboriosamente encetada com o cónego com estas palavras condenatórias da Reforma. Alguns tecelões, impelidos pelo olhar de Henriquejusto,

ofertaram cerimoniosamente à augusta viúva o laço de pérolas bordado com a sua inicial. Ela, com a ponta dos dedos cobertos de anéis, agarrou graciosamente no presente dos artesãos.

— Vede, Senhora—disse, meio a brincar meio a sério, o mercador—, o que se ganha em manter abertas por mera caridade oficinas que não dão rendimento.

Estes campónios fazem chegar a vossos ouvidos disputas a que uma só palavra de qualquer juiz de aldeia bastaria para pôr cobro. Se não fosse prezar eu a honra dos nossos veludos e dos nossos tecidos brocados...

Curvando os ombros, como sempre fazia quando sobre si se abatia o peso dos negócios públicos, insistiu então a regente, com uma certa gravidade, na necessidade de travar a insubordinação popular, num mundo como aquele, já perturbado pelas querelas dos príncipes, o progresso do Turco, a heresia que destruía a Igreja. Zenão não ouviu o segredar do cónego convidando-o a aproximar-se da senhora. Um ruído de trinados e de arrastar de cadeiras veio confundir-se com as interjeições dos operários tecelões.

— Não—disse o mercador, fechando atrás de si a porta da galeria, e encarando os homens como um buldogue face a um rebanho de carneiros.—Nada de piedade para com Tomás, cujo pescoço será quebrado como ele me quebrou a mim os meus teares. Gostariam que lhes entrassem em casa e lhes desmantelassem a mobília?

Colas Gheel mugiu como um boi a ser sangrado.

— Cala a boca, amigo—disse o gordo mercador cheio de desprezo.—A tua cantilena perturba a música servida em honra das damas.

— Tu és sábio, Zenão! O teu latim e o teu francês agradam bem mais do que as nossas vozes flamengas—disse Thierry Loon, que encabeçava o resto dos descontentes, como um bom chantre conduz um coro.—Explica-lhes que o trabalho aumentou e o salário

diminuiu, e que a poeira levantada por aquelas maquinas nos faz escarrar sangue.

— Se aquelas máquinas se Instalam no campo, estamos tramados —disse um tecelão.

— Não fomos feitos para passar o dia no meio de duas rodas, como esquilos dentro de uma gaiola.

— Pois credes que eu deliro com a novidade, como qualquer francês?—disse o banqueiro, misturando à severidade a bonomia, como o açúcar ao agraço. - Não há roda nem charneira que valham os braços de um homem honrado. Serei eu porventura um ogre? Não quero ouvir mais ameaças nem mais murmúrios contra as multas a pagar pelas peças perdidas ou pelos nós do fio; nem estúpidos pedidos de aumento, como se o dinheiro custasse tanto como caganitas de cabra, e eu fosse agora transformar todas aquelas armações em molduras para telas de aranha! Para o ano que vem, tereis os contratos renovados ao mesmo preço do ano passado.

— Ao preço do ano passado—disse, emocionada, uma voz que já fraquejava.—Ao preço do ano passado, quando hoje um ovo custa mais caro do que uma galinha no último São Martinho! Mais vale agarrar num cajado e pormo-nos a correr as estradas.

— Que estoire o Tomás, mas que voltem a empregar-me berrou um velho forasteiro, cujo francês ciciante parecia ainda mais selvagem.—Os quinteiros soltam-me os cães e os burgueses das cidades recebem-nos à pedrada. Prefiro dormir numa enxerga do que no fundo de uma fossa.

— Esses teares que desprezais poderiam fazer de meu tio um rei, e a vós uns príncipes—disse, em voz amarga, o clérigo. Mas só aqui vejo um rico brutamontes e uns pobretanas estúpidos.

Um rumor subiu do pátio, onde o resto do grupo contemplava, de baixo, os archotes da festa e o tecto das salas mais altas. Uma pedra veio esburacar o azul de um vitral armoriado; furtou-se prestamente o mercador àquela saraivada de azul.

— Guardai as pedras para este visionário! O palerma conseguiu convencer-nos de que poderíeis preguiçar ao lado de uma bobina que por si só faria o trabalho de trinta mãos—disse o gordo Ligre em ar de desprezo, apontando para o sobrinho, metido a um canto da lareira.—Eu perco os tostões, e o Tomás o pescoço. Que lindo projecto o deste pacóvio, que só sabe aquilo que vem nos livros!

O companheiro do fogo cuspiu, sem dar resposta.

— Quando o Tomás viu o tear a trabalhar noite e dia, e a fazer, sozinho, o trabalho de quinze homens, não disse uma palavra tornou Colas Cheel—, mas tremia e suava como se estivesse cheio de medo. E foi dos primeiros a ser despedido, quando me reduziram os aprendizes. E as rodas sempre naquela chiadeira, e as varas de ferro continuando a tecer sozinhas o pano. E o Tomás sentado ao fundo da camarata, mais a mulher com quem casou no Outono passado, e eu a ouvi-los tiritar como se tivessem frio. Percebi, então, que aquelas máquinas eram um flagelo, tal como a guerra, a carestia da vida, os panos estrangeiros... E as minhas mãos mereceram bem os golpes que receberam... E eu digo que o homem deve trabalhar pura e simplesmente como antes de si já os seus pais trabalharam, contentando-se com os seus dois braços e os seus dez dedos.

— E que és tu mesmo—gritou Zenão, tomado de fúria que és tu senão uma máquina mal oleada que se usa, que depois se deita fora e que por desgraça engendra outras máquinas? Julgava-te um homem, Colas, e afinal só vejo uma toupeira cega! Brutamontes, que não teríeis lume, candeia ou concha de sopa se outrem o não tivesse pensado em vosso lugar, e a quem uma bobina faria tremer se pela primeira vez vo-la mostrassem! Voltai para as vossas camaratas, apodrecer a cinco ou a seis sob o mesmo cobertor, e estoirar em cima dos vossos galões e dos vossos veludos de lã, como aconteceu com vossos pais!

O aprendiz Perrotin armou-se com um hanapo abandonado em cima de uma mesa e correu direito a Zenão. Thierry Loon agarrou-

lhe no pulso; os ganidos do aprendiz, taramelando ameaças no seu dialecto picardo, serviam de acompanhamento às suas contorções de cobra. Nisto, a voz tonitruante de Henrique justo, que acabava de enviar ao pátio um dos seus mordomos, anunciou que lá em baixo se iriam abrir os tonéis para todos beberem à paz. Os homens, na retirada, arrastaram consigo Colas Gheel, que gesticulava com as duas mãos ligadas; Perrotin escapou-se das mãos de Thierry Loon. Apenas uns quantos testudos continuaram no seu posto, discutindo a maneira de alargar com, quanto mais não fosse, alguns parcos soldos, os salários do próximo contrato. Já ninguém se lembrava da agonia do Tomás. Também ninguém pensava em voltar a interceder junto da regente, tão bem instalada no salão contíguo. O homem de negócios era a única personagem reconhecida e temida pelos artesãos; só de longe conseguiam aperceber-se de Dona Margarida, como só muito confusamente e por alto se davam conta das baixelas de prata, das jóias e, a cobrirem as paredes ou o corpo dos presentes, de todas aquelas faixas e tecidos que tinham sido eles próprios a confeccionar.

Henrique justo riu baixinho do sucesso da sua arenga e das suas larguezas.

O barulho, afinal de contas, não durara mais do que o tempo de um motete. Aqueles teares mecânicos, a que nem sequer atribuía uma importância por aí além, acabavam de fechar um negócio, que a ele lhe saía bastante em conta; talvez, para o futuro, voltassem ainda a ser utilizados, mas isso só no caso de a mão-de-obra vir, por infelicidade, a encarecer demasiado ou a faltar. Zenão, cuja presença em Dranoutre inquietava o mercador, como a de um brandão no meio de uma granja, iria passear para longe as suas quimeras e os seus olhos de fogo que perturbavam as mulheres; e era assim que Henrique Justo se poderia daí a pouco vangloriar, perante as altezas, de saber, naqueles tão perturbados tempos, dirigir a plebe, e parecer ceder num ponto, sem na realidade jamais ceder.

Emoldurado por uma janela, Zenão observava, lá em baixo, os vultos esfarrapados confundirem-se com os lacaios e guardas da senhora. Tochas presas às paredes iluminavam a festança. Por entre a multidão, o clérigo reconheceu Colas Gheel, pelos seus fulvos cabelos e as suas vestes brancas. Acostado a um barril, tão pálido como as ligaduras, bebia sofregamente o conteúdo de uma enorme caneca.

Emborca cerveja, enquanto o seu Tomás sua de angústia na prisão—disse, com ar de desprezo, o clérigo.—E gostava eu deste homem... Raça de Simon-Pierre!

— Calma—disse Thierry Loon, que ficara junto dele.—Tu não sabes o que é ter medo e fome.

E dando-lhe uma pequena cotovelada:—Deixa lá o Colas e o Tomás, e trata mas é de pensar em nós. A nossa gente haveria de seguir-te como o fio segue a lançadeira—cochichou ele.—São pobres, ignorantes, estúpidos, mas são inúmeros, a fervilharem como vermes, cheios de avidez, como os ratos com o cheiro do queijo... Acabariam por gostar dos teus teares se sentissem acompanhados. Começa-se por lançar fogo a uma casa de campo, acaba-se por se ocupar cidades.

— Vai beber com os outros, bêbado!—retrucou Zenão. E, abandonando a sala, meteu-se por uma escada deserta. No patamar, esbarrou no escuro com Jacqueline, que vinha a subir, cambaleante, empunhando um molho de chaves.

— Fui fechar à chave a porta do celeiro—resfolegou ela. Nunca se sabe!

E, apoderando-se da mão de Zenão, para lhe provar que tinha o coração a bater depressa de mais, disse:—Não vos vades, Zenão! Tenho medo.

— Procurai segurança junto dos soldados da guarda—disse com dureza o jovem clérigo.

No dia seguinte, o cónego Campanus foi procurar o seu aluno para lhe participar que Dona Margarida, antes de subir para o coche, se informara dos conhecimentos de grego e hebreu do estudante, e manifestara o desejo de o admitir entre a criadagem do seu séquito. Estava, porém, vazio o quarto de Zenão. Segundo os lacaios, teria partido de madrugada. A chuva, que havia horas caía sem parar, retardou um pouco a partida da regente. Os operários tecelões haviam regressado a Oudenove, não de todo descontentes por terem finalmente obtido do tesoureiro-mor um aumento de meio soldo em cada libra. Colas Gheel cozia a bebedeira debaixo de um alpendre. Quanto a Perrotin, levava sumiço logo pela manhãzinha. Veio mais tarde a saber-se que se desentranhara, naquela noite, em ameaças contra Zenão. Assim como também se gabara de ser muito destro no manejo da faca.

A partida de Bruges

Wiwine Cauwersyn ocupava, em casa de seu tio, pároco da Igreja de Santa Cruz de Jerusalém, em Bruges, um quartito apanelado de carvalho polido. Ali se viam um estreito leito branco, um vaso de rosmaninho sobre o parapeito da janela e, numa prateleira, um missal: tudo tinha um ar aseado, claro, pacífico. Todos os dias, à hora prima, a pequena e benévola sacristã se adiantava às primeiras devotas e ao mendigo que vinha ocupar o melhor lugar à entrada da igreja; em chinelas de feltro, trotava sobre as lajes do coro, mudando a água às jarras, areando minuciosamente candelabros e cibórios de prata. O seu nariz em bico, a sua palidez, a sua inabilidade, a ninguém inspiravam aquelas arrebatadas palavras que brotam, espontâneas, à passagem de uma linda rapariga, mas sua tia Godeliève comparava-lhe, com ternura, os cabelos loiros, ao oiro dos

bolinhos bem tostados e do pão consagrado, e a sua aparência era, toda ela, religiosa e caseira. Os seus antepassados, estendidos, em cobre refulgente, ao longo das naves laterais, decerto se regozijavam de a ver tão sensata.

Porque ela era de boas famílias. Seu pai, Thibatu Cauwersynl antigo pajem de Dona Maria de Borgonha, transportara a padiola que, por entre choros e súplicas, trouxera para Bruges a jovem duquesa ferida de morte. Nunca mais conseguira libertar-se das imagens daquela fatídica caçada; toda a vida conservou, por aquela sua ama que tão cedo se finara, um enternecido respeito a que quase se poderia chamar amor. Viajou; serviu o imperador Maximiliano em Ratisbona; e regressou para vir morrer na Flandres. A lembrança com que Wiwine ficara dele era a de um homem corpulento que a sentava nos joelhos cobertos de coiro e lhe cantarolava, em voz ofegante, baladas alemãs. A órfã foi criada por sua tia Cleenwerck. Tratava-se de uma santa mulher a abarrotar de banhas, irmã e intendente do pároco de Santa Cruz de Jerusalém; fabricava reconfortantes xaropes e requintadas compotas. Era com prazer que o cónego Bartolomeu Campanus frequentava aquela casa, que cheirava a piedade cristã e a boa cozinha. Nela introduziu o seu pupilo. Tia e sobrinha enchiam o aluno de acepipes ainda quentes do forno, lavavam-lhe os joelhos e as mãos, esfolados nalguma queda ou nalguma zaragata, admiravam sinceramente os seus progressos em língua latina. Mais tarde, durante as raras visitas a Bruges do estudante de Lovaina, fechou-lhe o pároco as suas portas, farejando já, daquelas bandas, o ar fétido do ateísmo e da heresia. Wiwine, porém, soubera, nessa mesma manhã, por uma bisbilhoteira, que Zenão fora visto, debaixo de chuva, todo encharcado e salpicado de lama, a caminho da oficina de João Myers, e por isso esperava tranquilamente que ele a viesse ver à igreja.

Entrou ele de mansinho pela porta da sacristia. Wiwine logo correu ao seu encontro com a ingénua solicitude de uma criadita, as

mãos ainda ocupadas com as toalhas do altar.

— Vou-me embora, Wiwine—disse ele.—Fazei um maço com os cadernos que escondi no vosso armário; virei buscá-los já noite cerrada.

— Em que estado vos encontrais, meu amigo!—exclamou ela.

Devia ter patinhado, debaixo de tempestade, na lama que cobria os campos, pois apresentava os sapatos e a orla do fato cheios de crostas de terra. E tinha também todo o ar de haver sido lapidado, ou de ter dado uma queda, visto que o rosto era uma nódoa negra pegada, e o rebordo de uma das mangas estava estriado de sangue.

— Não foi nada—redarguiu ele.—Uma rixa. Não se pensa mais nisso.

No entanto, lá a deixou limpar, o melhor que podia, com um pano húmido, os salpicos de lama. Wiwine, perturbada, achava-o belo como um sombrio Cristo de calvário e afadigava-se à sua volta como uma pequena e inocente Madalena.

Ofereceu-se para o conduzir até à cozinha da tia Godeliève, onde lhe limparia convenientemente o fato e lhe serviria umas filhós ainda quentes.

- Vou-me embora, Wiwine—repetiu Zenão.—Sempre quero ver se a ignorância, o medo, a inépcia e a superstição verbal reinam alhures tanto como nestes sítios.

Tão veemente linguagem deixou-a aterrada: tudo quanto fosse inusitado a aterrava. Contudo, esta cólera de adulto confundia-a ela com as raivas do menino de escola, tal como a lama e o sangue coagulado lhe faziam lembrar aquele Zenão que regressava bastante amachucado dos seus combates de rua, o mesmo que, aos dez anos, fora para ela o seu doce irmão e o seu mais terno amigo.

Disselhe, pois, num tom de terna admoestação:—Como falais alto, aqui na igreja!

— Deus nada ouve—respondeu Zenão com amargura. Não explicou de onde vinha nem para onde ia, nem de que escaramuça

ou armadilha acabava de escapar, nem que desgosto o levava a afastar-se de uma vida doutoral forrada de arminho e de honrarias, nem que secretos desígnios o impeliam a ir, desequipado, por essas estradas fora, tão pouco seguras, percorridas por peões regressados da guerra e vagabundos sem eira nem beira, gente da qual o pequeno grupo, formado pelo pároco, pela tia Godeliève e por mais alguns criados, se afastava prudentemente, de regresso de uma visita aos campos.

— Vão tão maus os tempos...—lamentou ela, repetindo as habituais lamúrias da casa e do mercado.—E se de repente vos aparece pela frente um malfeitor...

— E quem vos diz que não seria eu a dar cabo dele—disse ele, acintosamente.

— Não é assim tão difícil mandar alguém desta para melhor..

— Cristiano Merghelyrick e o meu primo João de Béhaghel, que estudam em Lovaina, estão prestes a regressar à Escola insistiu ela.— Podíeis ir ter com eles à Estalagem do Cisne...

— Que Cristiano e João queimem as pestanas, se assim o querem, a estudar os atributos da pessoa divina—disse com desdém o jovem clérigo.—E se o pároco, vosso tio, que me suspeita de ateísmo, voltar a inquietar-se com as minhas opiniões, dir-lhe-eis que professo a minha fé num deus que nasceu de uma virgem, que não ressuscitará ao terceiro dia, e cujo reino é deste mundo. Estais a ouvir-me?

— Hei-de dizer-lho, conquanto o não entenda—disse ela em voz baixa, sem no entanto ter feito um esforço para fixar aquelas palavras demasiado abstrusas para o seu entendimento.—E como a minha tia Godeliève tranca a porta ao toque de recolher e esconde a chave debaixo do colchão, deixarei os cadernos debaixo do alpendre, juntamente com algumas vitualhas para o caminho.

— Não—volveu ele.—Entrei em tempo de vigília e de jejum.

— Porquê?—inquiriu ela, procurando em vão recordar-se qual o santo festejado pelo calendário.

— Prescrevi-mo a mim próprio—explicou ele, em ar de gracejo.
—Nunca viste os peregrinos preparando-se para a partida?

— Como vos aprouver—disse ela, enquanto as lágrimas lhe subiam à garganta, à ideia de tão estranha viagem.—Que eu, por mim, hei-de contar horas, dias e meses, como faço sempre que estais ausente.

— Que canção de embalar é essa?—zombou ele, com um ligeiro sorriso.—O caminho que vou seguir nunca mais voltará a passar por estes sítios. Não sou daqueles que arrepiam caminho para tornarem a ver uma mulher.

— Nesse caso disse ela, erguendo para ele a sua pequena e obstinada fronte nesse caso, serei eu que um dia irei ter convosco, em vez de serdes vós a procurar-me.

— Trabalho vão—disse ele, entrando, como que a brincar, nesta troca de palavras.—Hei-de esquecer-vos.

— Meu querido senhor—disse WiwIne—, aqui, sob estas lajes, repousam os da minha família, com a sua divisa bem patente sobre a almofada. Plus est en vous.

Mais está em mim do que pagar esquecimento com esquecimento.

Estava postada à sua frente, pequena nascente insípida e pura. E ele não a amava; essa criança um tanto simples de espírito era, sem dúvida, o elo mais frágil que o prendia ao seu curto passado. Mas sentiu-se tomado, a pouco e pouco, por uma certa fraqueza, uma certa piedade, e, ao mesmo tempo, por um certo orgulho de se ver chorado. Com o gesto repentino e impetuoso de um homem que na hora da partida oferece, abandona ou consagra algo, para tornar conciliatórios sabe-se lá que ignotos poderes, ou, pelo contrário, para se libertar deles, tirou o seu delgado anel de prata ganho ao jogo dos anéis com Jeannette Fauconnier, e depô-lo, à laia de um soldo, na mão que ela lhe estendia. Não contava, de modo nenhum, ali voltar. Apenas dava à rapariguinha a esmola fugaz de um sonho.

já noite cerrada, foi buscar, debaixo do alpendre, os cadernos que levou para casa de João Myers. Tratava-se, na maior parte, de extractos de filósofos pagãos copiados em grande segredo, no tempo em que se instruía, em Bruges, sob a vigilância do cónego, os quais encerravam um certo número de opiniões escandalosas sobre a natureza da alma e inexistência de Deus; ou então, citações dos padres atacando o culto dos ídolos, desviadas do seu primitivo sentido, a fim de demonstrarem a inanidade da devoção e das cerimónias cristãs. Zenão ainda era suficientemente novo para atribuir um certo valor a estas primeiras liberdades escolares. Discutiu com João Myers os seus projectos de futuro: opinava este por estudos na Faculdade de Medicina de Paris, que ele próprio frequentara, sem todavia ter chegado a defender tese e a ter direito ao barrete de clérigo. Zenão ansiava por mais longínquas viagens. O cirurgião-barbeiro foi colocar, com todo o cuidado, os cadernos do estudante no sítio onde costumava arrumar as garrafas velhas e a sua provisão de roupa branca. Não chegou a aperceber o clérigo que WiwIne escondera, entre as folhas, um pequeno botão de rosa.

A voz pública

Veio a saber-se, mais tarde, que tinha passado, primeiro, algum tempo em Gand, em casa do preboste mitrado de Saint-Bavon, que se entregava à alquimia.

Julgaram tê-lo visto depois em Paris, naquela tal Rua de a Bucherie, onde os estudantes dissecam em segredo os mortos e onde se respira o ar viciado do pirronismo e da heresia. Outros, assaz dignos de crédito, asseveravam que teria sido diplomado pela Universidade de Montpellier, ao que alguns replicavam que ele mais não fizera do que inscrever-se nessa célebre Faculdade, e que

renunciara aos títulos de pergaminho em prol somente de uma prática experimental, desdenhando não só Galeno como Celso. Julgaram reconhecê-lo na Provença, na pessoa de um mágico sedutor de mulheres, e, por volta da mesma época, na Catalunha, sob o traço de um peregrino vindo de Monserrate e procurado pelo assassinio de um rapazinho num albergue frequentado por gente duvidosa, marinheiros, alquiladores, usurários suspeitos de judaísmo e árabes mal convertidos. Sabia-se vagamente que tinha interesse pelas especulações sobre a fisiologia e a anatomia, e a história da criança assassinada, que para a gente boçal ou crédula não passava de uma instância de magia ou de negro deboche, tornava-se, na boca dos mais doutos, a história de uma operação destinada a transvasar sangue novo nas veias de um rico hebreu doente. Mais tarde ainda, gentes chegadas de longas viagens e de ainda mais longas falsidades pretenderam tê-lo visto na terra dos Agatirsos, entre os Berberescos, e até mesmo na corte do Grande Dair. Uma nova receita de fogo grego, utilizada em Argel pelo paxá 1(héreddin Barba Roxa, causou, por volta de 1541, graves danos numa frota espanhola; a ele se atribuiu essa funesta invenção, que, segundo se dizia, o teria enriquecido. Um monge franciscano, enviado em missão à Hungria, encontrara em Buda um médico flamengo que se recusara a dizer-lhe o seu nome: decerto era ele. Sabia-se também, de fonte segura, que teria sido chamado a Génova por Joseph Ha-Cohen, físico privado do doge, mas que se apressara a recusar, com uma certa insolência, a suceder ao posto desse judeu condenado a uma pena de exílio. Como as audácias da carne passam, às vezes a justo título, por acompanhar as da inteligência, atribuíram-lhe prazeres não menos audaciosos do que as suas ocupações, e assim se espalharam inúmeras histórias, as quais variavam, é bem de ver, segundo os gostos dos que difundiam ou inventavam tais aventuras. De todas estas audácias, porém, a mais chocante talvez fosse aquela que, diziam, o fazia aviltar a bela

profissão de médico e o levava a entregar-se, de preferência, à grosseira arte da cirurgia, e a conspurcar as mãos com o pus e o sangue. Nada ficaria de pé se um espírito inquieto desafiava desta maneira a boa ordem e os bons costumes.

Após um longo eclipse; julgaram tê-lo visto em Basileia, durante uma epidemia de peste negra: uma série de curas inesperadas criaram-lhe, por essa altura, uma reputação de taumaturgo. Depois, voltou a reinar o silêncio. Aquele homem parecia temer ter por timbaleiro a glória.

Por volta de 1539, chegou a Bruges um pequeno tratado escrito em francês, impresso na casa Dolet, de Lião, o qual ostentava o seu nome. Tratava-se de uma minuciosa descrição das fibras tendinosas e dos anéis valvulares do coração, seguida de um estudo sobre o papel desempenhado pelo ramo esquerdo do nervo vago no comportamento daquele órgão; aí afirmava Zenão que a pulsação correspondia ao momento da sístole, contrariamente à opinião dos catedráticos.

Dissertava também acerca do estreitamento e do engrossamento das artérias, em determinadas doenças provocadas pela usura da idade. O cônego, pouco versado nessa matéria, leu e releu o breve tratado, algo decepcionado por não encontrar nele nada que justificasse os rumores de impiedade que rodeavam o seu antigo aluno. A seu ver, qualquer praticante poderia ter escrito aquele livro, que nem sequer tinha a enfeitá-lo uma bela citação latina. Bartolomeu Campanus via com frequência, nas ruas da cidade, montado na sua bela mula, o cirurgião-barbeiro João Myers, cada vez mais cirurgião e cada vez menos barbeiro, desde que os anos lhe haviam trazido a consideração geral. Myers talvez fosse o único habitante de Bruges a poder ser logicamente suspeito de receber, de vez em quando, notícias do estudante que ora era mestre.

Sentia-se por vezes o cônego tentado a abordar homem tão insignificante, mas as conveniências pareciam opor-se a que os

primeiros passos fosse ele a dá-los, além de que o sujeito gozava da reputação de ser trocista e matreiro.

Sempre que, por um acaso, chegava até ele algum eco que dissesse respeito ao seu aluno de outrora, imediatamente se encaminhava o cónego para casa do pobre Cleenwerck, seu velho amigo. À noite, ambos discorriam sobre o assunto, no parlatório da paróquia, que por vezes a tia Codeliève ou sua sobrinha atravessavam, com um candeeiro ou uma travessa nas mãos; mas nem uma nem outra se dava ao trabalho de escutar, pois não estava nos seus hábitos apurarem o ouvido para o que diziam os dois homens de igreja.

Wiwine passara já a idade das paixonetas infantis; conservava ainda, numa caixa, aquele anel estreito enfeitado com um florão, à mistura com contas de vidro e agulhas, mas não ignorava que a tia acalentava projectos mais sérios sobre a sua pessoa. Enquanto as mulheres se ocupavam da comida, Bartolomeu Campanus, mais o velho pároco, davam voltas e reviravoltas àquelas esparsas informações que, em relação à vida inteira de Zenão, eram o que uma unha é em relação a todo o resto do corpo. O pároco abanava a cabeça, esperando o pior daquele espírito ensandecido de impaciência, de vão saber e de orgulho. O cónego defendia sem grande convicção o estudante para cuja formação contribuía. Pouco a pouco, contudo, foi Zenão deixando de ser, para eles, uma pessoa, um rosto, uma alma, um homem vivo, algures, num ponto da circunferência do mundo; ia-se tornando um nome, ou menos do que isso, uma etiqueta fanada sobre um bocal, onde lentamente apodreciam algumas memórias, incompletas e mortas, do seu próprio passado. Ainda falavam nele. Na verdade, olvidavam-no.

A morte em Münster

Simão Adriansen envelhecia. E menos fadiga sentia à medida que uma espécie de progressiva serenidade o ia tomando. Acontecia-lhe o mesmo que a um piloto que, de um momento para o outro, tivesse ensurdecido e que, embora só muito confusamente ouvisse o barulho da tempestade, ainda se mostrasse apto a avaliar, com a mesma facilidade de outrora, a força das correntes, das marés e dos ventos. Transitara, ao longo da vida, de uma riqueza mínima a uma avultada riqueza: o oiro afluía-lhe às mãos; trocara a mansão familiar de Middlebourg por uma casa edificada a expensas suas num dos cais recentemente construídos de Amsterdão, e isso quando acabava de obter a concessão do comércio de especiarias nesse porto. Os tesoiros do ultramar eram recebidos e empilhados, como num cofre forte, na sua habitação encostada à Schreijerstoren. Simão e sua mulher, porém, alheios a esse esplendor, viviam no último andar, num quarto despido e acanhado como a cabina de um navio, revertendo todo aquele luxo a favor dos pobres.

As portas, para estes, encontravam-se sempre abertas, o pão sempre cozido, os candeeiros sempre acesos. Aquela andrajosa gente não se resumia apenas a credores insolventes ou a doentes que os hospícios, cheios a transbordar, se recusavam a tratar, mas também a actores famélicos, a marujos perdidos por aguardente, a malfeitores escapados do pelourinho, com as costas ainda marcadas pelo chicote. Tal como Deus, que quer que todos caminhem sobre a Sua terra e gozem do Seu sol, também Simão Adriansen não escolhia entre uns e outros, ou melhor, enojado das leis humanas, escolhia precisamente os que fossem tidos por piores. Vestidos e agasalhados pelo próprio senhor em pessoa, todos aqueles pedintes compartilhavam, intimidadas, da sua mesa. Músicos dissimulados na galeria insinuavam-lhe nos ouvidos uma antevisão paradisíaca; para receber os seus hóspedes, Hilzonda envergava

magníficos trajos, que mais realçavam o valor das esmolas, e servia das travessas com uma concha de prata.

Tal como Abraão e Sara, como Jacob e Raquel, Simão vivera em paz com sua mulher durante dez anos. Não deixavam, contudo, de ter os seus desgostos. Por muito acarinhados e rodeados dos maiores desvelos que tivessem sido, vários filhos recém-nascidos lhes haviam morrido um após outro. De cada vez, Simão curvara a cabeça e dissera:—O Senhor é pai. Só Ele sabe o que convém a seus filhos. Como homem deveras piedoso que era, ensinava a Hilzonda a doçura da resignação. Mas havia sempre um fundo de tristeza. Até que, finalmente, lhes nasceu uma filha, que sobreviveu. A partir de então, Simão Adriansen coabitou com Hilzonda em espírito fraternal.

Os seus navios singravam de todas as margens do mundo em direcção ao porto de Amsterdão, enquanto Simão ia meditando naquela grande viagem que inevitavelmente terminará pelo naufrágio de todos, ricos ou pobres, em certa plaga desconhecida. Os navegadores e os geólogos, que com ele se debruçavam sobre os portulanos e estabeleciam cartas para seu serviço, eram-lhe menos caros do que esses outros aventureiros em rota para um outro mundo, pregadores cobertos de andrajos, profetas achincalhados e escarnecidos no meio da praça pública, como um tal Jan Matthyjsl padeiro alucinado, ou Hans Bockhold, saltimbanco ambulante, que Simão encontrara, certa noite, meio enregelado à porta de uma taberna, o qual punha ao serviço do Reino do Espírito todas as suas pantominices de feira. No meio destes, e mais humilde do que qualquer um, disfarçando o seu grande saber, voluntariamente embrutecido para que mais facilmente descesse até si a inspiração divina, via-se, metido no seu velho fato de pele, Bernardo Rottmann, que outrora fora o mais querido discípulo de Lutero, mas que agora já deitava pelos olhos o homem de Vitemberga, esse falso justo, esse

que, tibiamente sentado entre a verdade e o erro, com uma mão afagava a couve do rico e com a outra a cabra do pobre.

A arrogância dos santos, a forma impudente como eles, apenas em espírito, espoliavam os burgueses dos seus bens e os notáveis dos seus títulos, para tornarem a distribuí-los como bem lhes aprouvesse, atraía sobre eles a cólera pública; ameaçados de morte ou de expulsão imediata, os bons reuniam-se em conciliábulos em casa de Simão, como marinheiros que discutem num navio prestes a afundar-se. A esperança, porém, despontava como uma vela no horizonte: Münster, onde Jan Mathyjs acabara por conseguir assentar arraiais, após ter posto a mexer o bispo e os almotacés, tornara-se a Cidade de Deus, aquela em que pela primeira vez, neste mundo, os cordeiros poderiam encontrar asilo. As tropas imperiais em vão se propunham reduzir a pó essa Jerusalém dos deserdados; todos os pobres do mundo viriam congregar-se à volta dos seus irmãos; bandos deles iriam de cidade em cidade pilhando os vergonhosos tesoiros das igrejas, deitando abaixo os ídolos; o gordo Martinho haveria de sangrar, lá na sua pocilga da Turíngia, tal como o papa, lá em Roma. Simão escutava essas conversas cofiando a barba branca: o seu temperamento de homem feito ao perigo levava-o a aceitar, sem titubear, os enormes perigos de tão piedosa aventura; a tranquilidade de Rottinann, os gracejos de Hans, desvaneciam-lhe as últimas dúvidas; sossegavam-no tanto como o haviam sossegado, num dos seus navios que se fizera à vela na época das tempestades, o ar sério do capitão e o ar jovial do gajeiro. Foi com espírito confiante que uma noite viu partir, com o boné enterrado até aos olhos e o pescoço enrolado num cachecol de lã, os seus dois miseráveis hóspedes, dispostos a arrastarem-se, lado a lado, no meio da neve e da lama, até a essa Münster com que sonhavam.

Até que um dia, finalmente, ou melhor, uma noite, ou uma fria alvorada de Fevereiro, subiu até ao quarto onde Hilzonda

repousava, hirta e imóvel no seu leito, apenas alumiada pelo ténue clarão de uma lamparina.

Chamou-a em voz baixa, certificou-se de que não dormia, sentou-se com todo o seu peso aos pés da cama e, como um negociante que confere, em companhia da mulher, as contas do dia, pô-la ao corrente dos conciliábulos levados a efeito na salinha de baixo. Pois não estava também ela já cansada de viver numa cidade como aquela, em que o dinheiro, a carne e a vaidade se espanejavam grotescamente na praça pública, onde a dor dos homens parecia ter-se solidificado em pedra, em tijolo, em vãos e incómodos objectos sobre os quais não perpassava já o sopro do espírito? Ele, quanto a si, propunha-se abandonar, ou melhor, vender (pois porque se haveria de desperdiçar infrutiferamente um bem que só a Deus pertence?), a sua casa e as suas feitorias de Amsterdão, para ir, enquanto ainda era tempo, instalar-se na Arca de Münster, já cheia a abarrotar, que aí o seu amigo Rottinann lhes haveria de arranjar tecto e mantimentos.

Deu a Hilzonda quinze dias para reflectir nesse projecto, ao cabo do qual só teriam a esperar a miséria, o exílio, talvez a morte, mas também, igualmente, a sorte de se contarem entre os primeiros a saudarem o Reino do Céu.

— Quinze dias, mulher—repetiu ele.—Nem mais uma hora, pois o tempo urge.

Hilzonda ergueu-se, apoiada no cotovelo, e, fixando-o com uns olhos de súbito esbugalhados, disse: Quinze dias são passados, meu marido—e havia nas suas palavras uma espécie de tranquilo desdém por tudo quanto deixava atrás de si.

Simão teceu-lhe louvores por ela se lhe adiantar sempre no seu caminhar para Deus. A veneração que nutria pela companheira resistira à usura de uma vida quotidiana lado a lado. Voluntariamente, o ancião esquecia as imperfeições, as sombras, os defeitos visíveis, embora, à superfície da alma, para só reter, nos

seres eleitos, aquilo que estes talvez fossem, no mais íntimo do seu ser, ou aquilo que aspiravam vir a ser. Sob a grotesca aparência dos profetas que albergava, divisava ele a santidade. Impressionado, desde o primeiro encontro, pelo olhar límpido de Hilzonda, nem sequer reparava no trejeito quase matreiro dos seus lábios tristes. Essa mulher magra e decrépita continuava a ser, para ele, um anjo entre os anjos.

A venda da casa e dos móveis foi o último negócio bom de Simão. A sua indiferença em matéria de dinheiro veio, como sempre, favorecer-lhe a fortuna, evitando-lhe cometer os erros próprios de quem receia perder e aqueles de quem quer ganhar depressa e muito. Os exilados voluntários deixaram Amsterdão rodeados pelo respeito de que, apesar de tudo, sempre gozam os ricos, mesmo quando escandalosamente tomam o partido dos pobres. Foram, num carro de água, até Deventer, e daí para a frente em carroça, através das colinas já verdejantes do Gueldre. Paravam 62

nas estalagens da Vestefália para provarem presunto fumado; o caminho até Münster adquiria, para aquela gente da cidade, todo o ar de um passeio aos campos. Uma criada de nome Joana, a quem simão venerava por ela ter outrora suportado a tortura por voto & fé anabaptista, acompanhava Hilzonda e sua filha.

Bernardo Rottinann recebeu-os às portas de Münster, no meio de um atropelo de carroças, sacas e barris. Os preparativos para o cerco faziam lembrar o burburinho de certas vésperas de festa. Enquanto as duas mulheres apeavam do carro um berço e uns parques haveres, Simão ouvia as explicações do restituidor-mor: Rottmann mostrava-se calmo; e bem assim a multidão por ele doutrinada, a qual ia acarretando, rua fora, os legumes e a madeira dos campos circunvizinhos; todos eles contavam com a ajuda de Deus.

Münster, todavia, necessitava de dinheiro. Mas, mais do que isso, necessitava do apoio dos pequenos, dos descontentes, de todos os seres indignados espalhados por esse mundo fora, que só esperavam

por essa primeira vitória do novo Cristo para sacudirem o jugo da idolatria. Simão continuava a ser rico; tinha dinheiro a receber em Lubeque, em Elbing, e até mesmo na Jutlândia e na longínqua Noruega; precisava de recuperar essas quantias, que só ao Senhor pertenciam. Durante o percurso, saberia decerto transmitir aos corações piedosos a mensagem dos santos revoltados. A sua reputação de homem de senso e de fortuna, o seu vestuário feito de bom tecido e de coiro maleável, granjear-lhe-iam uma audiência que um pregador esfarrapado não poderia obter. Aquele ricoço converso era o melhor emissário do Conselho dos Pobres.

Simão partilhava deste ponto de vista. Era necessário agir com rapidez, para escapar às emboscadas dos príncipes e dos padres. Beijando à pressa a mulher e a filha, logo ali se meteu de novo a caminho, no dorso da mais folgada das mulas que acabavam de o trazer até às portas da Arca. Dali a poucos dias, já as pontas de ferro dos larisquenés surgiam no horizonte; as tropas do príncipe—bispo assentaram arraiais em volta da cidade, sem tentarem o assalto, mas prontas a ficarem ali o tempo necessário, para domarem pela fome aquele bando de maltrapilhos.

Bernardo Rottmann instalara Hilzonda e a filha em casa do burgomestre Knipperdolling, que era, em Münster, o mais antigo protector dos puros. Esse homem alentado, cordial e plácido, tratava-a como a uma irmã. Sob a influência de Jan Matthyjs, que amassava um novo mundo tal como outrora amassara o pão na sua cave de Harlém, os mínimos factos da vida se tornavam diferentes, fáceis, simplificados. Os frutos da terra eram pertença de todos, como o ar e a luz que Deus dava; os que possuíam alguma roupa branca, algumas loiças ou móveis, traziam-nos para a rua para que fossem partilhados. Todos eles, amando-se com rigoroso amor, se ajudavam mutuamente, se corrigiam e espiavam uns aos outros para se acautelarem dos seus pecados; foram abolidas as leis civis, abolidos foram os sacramentos; pela corda eram punidas as

blasfémias e as culpas da carne; mulheres veladas esgueiravam-se, aqui e acolá, como grandes anjos inquietos e ressoavam, no meio da praça, os soluços das confissões públicas.

Cercada pelas tropas católicas, a pequena cidadela dos bons ardia na febre de Deus. Prédicas ao ar livre, todas as noites reavivam a coragem; Bockhold, o santo preferido, agradava às gentes por entremear as sangrentas imagens do Apocalipse com facécias de actor. Estendidos debaixo das arcadas da praça, nessa quente noite estival, os doentes e os primeiros feridos do cerco misturavam os seus gemidos com o vozear agudo das mulheres que imploravam a ajuda do Pai. Hilzonda era uma das mais fervorosas. De pé, alta e afilada como uma chama, a mãe de Zenão ia denunciando as ignomínias romanas. Terríveis visões lhe marejavam os olhos de lágrimas; dobrando-se sobre si mesma, como um enorme círio delgado de mais, Hilzonda chorava de contrição, de ternura e de esperança de morrer.

O primeiro luto público foi pela morte de Jan Matthyjs, morto durante uma sortida tentada contra o exército do bispo, à cabeça de trinta homens e de uma hoste de anjos. Hans Bockhold, com a cabeça cingida por uma coroa real, e montado num cavalo encarapuçado com uma casula, foi logo proclamado profeta-rei, no adro da igreja; armaram um estrado e aí, nesse trono, todas as manhãs o novo David decidia, sem apelo, das coisas da Terra e do Céu. Algumas incursões mais felizes às cozinhas do bispo trouxeram, como despojo, uma série de leitões e de galinhas, facto que foi festejado em cima do estrado, ao som de pífaros; Hilzonda riu como as outras, quando os ajudantes de cozinheiro pertencentes ao inimigo, e agora feitos prisioneiros, foram forçados a preparar as iguarias, e mortos depois a murro e a pontapé pela multidão.

Uma mudança se foi operando, a pouco e pouco, no íntimo de cada um, semelhante à que, de noite, transforma insensivelmente um sonho num pesadelo. O êxtase dava aos santos um passo

titubeante de bêbedos. O novo Cristo-Rei ordenava jejum atrás de jejum, a fim de se pouparem os víveres empilhados por toda a parte, nas caves e celeiros da cidade; se, no entanto, uma barrica de arenques cheirava mal que tresandava, ou algum rotundo presunto aparecia coberto de manchas, toda a gente se refastelava. Extenuado, doente, sempre metido no quarto, Bern ardo Rottinann, endossava, sem dizer palavra, as decisões do novo rei, contentando-se em pregar ao povo apinhado debaixo das suas janelas o amor que consome todas as escórias da terra e a expectativa do Reino de Deus. Knipperdolling fora solenemente promovido, do seu abolido cargo de burgomestre, ao officio de carrasco; e esse homem gordo, de pescoço avermelhado, respirava bem-estar no exercício das suas novas funções, como se há muito tempo sonhasse, em segredo, com a profissão de açougueiro. Matava-se bastante; o rei fazia desaparecer os cobardes e os tíbios, antes que estes viessem a infectar os outros; por cada morto, aliás, era uma ração a mais que se economizava. Na casa que albergava Hilzonda, só se falava de suplícios, tal como outrora, em Bruges, se falava do preço dos lanifícios.

Hans Bockhold consentia, por humildade, em que, nas assembleias terrenas, o tratassem por João de Leyde, do nome da sua cidade natal, se bem que, perante os seus fiéis, tomasse um outro nome, nome inefável, que dizia da sua força e do seu ardor mais que humanos. Dezassete esposas testemunhavam do inesgotável vigor de Deus. O medo, ou a gloriola, fez que muitos burgueses entregassem ao Cristo vivo as suas mulheres, como já antes lhe tinham entregado as suas moedas de ouro; meretrizes saídas de bordéis de baixa extracção bateram-se pela honra de servirem aos prazeres conjugais do rei. Apareceu este em casa de Knipperdolling para falar com Hilzonda, que empalideceu ao contacto daquele homenzinho de olhar vivo, cujas mãos bisbilhoteiras lhe afastavam, como as de um alfaiate, as abas do corpete. Recordava-se, mau grado

seu, de que nos tempos de Amsterdão, quando ele, à sua mesa, não passava de um famélico pedinte, aproveitara para lhe roçar a coxa, num momento em que, com a travessa na mão, sobre ele se debruçara. Cedia enojada aos beijos daquela boca húmida, mas esse nojo não tardou a transformar-se em êxtase; os últimos pudores da vida tombavam por terra, como farrapos, ou como a pele morta que cobre a parede das estufas; banhada por aquele hálito insípido e quente, Hilzonda deixava de ser Hilzonda, com todos os seus temores, escrúpulos e ressaibos. Encostado a ela, o rei admirava-lhe o corpo frágil, cuja magreza, no dizer dele, mais parecia fazer ressaltar as abençoadas formas da mulher, com os seus longos seios descaídos e o seu ventre abaulado. Habitado a galdérias e a desgraçadas matronas, esse homem quedava-se maravilhado perante os requintes de Hilzonda: as suas mãos delicadas, poisadas sobre a suave penugem do seu monte-de-vénus, lembravam-lhe as de uma dama que distraída as tivesse apoiado no seu regalo ou no seu carlim frisado. Então começava a relatar: desde os dezasseis anos de idade que sabia que era Deus. Entrara em delírio na loja do alfaiate onde estava como aprendiz, e da qual acabou por ser despedido; no meio de gritos e de baba, entrara no Céu. Voltara a sentir o mesmo tremor de ser Deus nos bastidores do teatro ambulante onde representava o papel do palhaço que é batido; numa granja, onde conhecera a sua primeira mulher, percebera então que Deus era toda esta carne latejante, estes corpos nus para quem a pobreza é tão palpável como a riqueza, este grande fluxo de vida que também traz consigo a morte e corre como se fora sangue de anjo. Proferia estas palavras num pretensioso falar de actor esmaltado com os erros gramaticais de um filho de camponês.

Levou-a, durante várias noites a fio, a sentar-se entre as Mulheres de Cristo, à mesa do banquete. A multidão comprimia-se de encontro às mesas, a ponto de as partir; os esfomeados abocanhavam o pescoço ou as patas dos frangos que o rei se dignava lançar-lhes, e

imploravam-lhe que os abençoasse. O pulso dos jovens profetas, que serviam de guardas de corpo ao rei, mantinha em respeito toda aquela marralha. Divara, a rainha titular, saída de uma casa de má nota de Amsterdão, ia mastigando com todo o vagar, pondo à mostra, a cada garfada, os dentes e a língua; tinha o ar de uma vaca sadia e indolente. De repente, o rei erguia as mãos e orava, e uma palidez teatral embelezava-lhe o rosto, de bochechas pintadas. Ou então soprava para a cara de algum conviva, a fim de lhe insuflar o Espírito Santo. Certa noite, mandou entrar Hilzonda para a sala de trás e ergueu-lhe as saias para exhibir às jovens profetas a branca nudez da Igreja. Rebentou uma rixa entre a nova rainha e Divara que, confiante nos seus vinte anos, a tratou de velha. Rolaram as duas mulheres sobre o lajedo, arrancando-se punhados de cabelos; o rei pô-las de acordo, aquecendo-as nessa noite, a ambas, contra o seu peito.

Às vezes, um ímpeto de actividade sacudia essas almas embotadas e ensandecidas.

Hans decretou a imediata demolição das torres, campanários e empenas da cidade que altivas se sobrepussem às demais, insultando assim a igualdade que todos devem guardar perante Deus. Bandos de homens e de mulheres, seguidos de pipilantes bandos de crianças, precipitaram-se escada acima, até às torres; punhados de ardósias e revoadas de tijolos vieram estatelar-se no chão, dando cabo da cabeça de quem passava e dos telhados das casas mais baixas; foi por pouco que não se desprenderam da cúpula de São Maurício os seus santos de cobre, que ali continuaram suspensos de esquelha, entre a terra e o céu; arrancaram-se traves mestres das casas dos antigos ricos, abrindo assim buracos, por onde entravam a neve e a chuva. Uma velhota, que se lamentara de ficar gelada em vida no seu quarto aberto aos quatro ventos, foi expulsa da cidade; o bispo recusou-se a recebê-la no acampamento; ouviram-na gritar nos fossos durante várias noites a fio.

Ao entardecer, os trabalhadores descansavam, e então, de pernas a balouçarem no ar e o pescoço erguido, olhavam impacientes para o céu, procurando os sinais prenunciadores do fim dos tempos. Mas já a cor rubra empalidecia no horizonte; mais uma tarde que se tornava cinzenta, depois negra, até que os demolidores, fatigados, desciam, uma vez mais, aos seus tugúrios, a fim de se deitarem e dormirem.

Uma inquietação, que tomava foros de alegria, levava as gentes a deambularem pelas ruas em ruínas. Subindo às ameias, lançavam um olhar curioso pelos campos abertos a que não tinham acesso, como os tripulantes de um navio olham para o mar picado que os rodeia; a náusea da fome era igual à que uma pessoa sente quando se faz ao largo.

Hilzonda ia e vinha sem descanso pelas mesmas vielas, as mesmas passagens abobadadas e as mesmas escadarias de acesso às torres, umas vezes sozinha, outras com a filha pela mão. Os sinos da fome ressoavam-lhe dentro da cabeça vazia; sentia-se tão leve, tão viva como os pássaros que rodopiavam em volta das flechas da igreja, e prestes a desmaiar, mas mais como uma mulher à beira de fruir prazer. As vezes, quebrando um longo pedaço de gelo suspenso de alguma trave, abria a boca e chupava o seu frio. À sua volta, toda a gente parecia tomada da mesma perigosa euforia; apesar das querelas levantadas por causa de um naco de pão, ou de uma couve pobre, uma espécie de ternura se esvaía dos corações, afogando no seu selo toda aquela miserável e esfomeada gente.

Contudo, desde há algum tempo que os descontentes se atreviam a erguer a voz; já não se matavam os túbios: é que eles eram demasiados.

Joana vinha contar à ama os sinistros rumores que principiavam a circular sobre a proveniência da carne que se distribuía ao povo. Hilzonda ia comendo, sem dar ares de ter ouvido. Havia gente que se gabava de ter comido carne de ouriço, de rato, ou pior ainda, assim como havia burgueses com fama de austeros que, de um

momento para o outro, começavam a gabar-se de fornicarem à grande, coisa que não parecia muito provável naquela espécie de esqueletos e de fantasmas. Ninguém já se escondia para avaliar as necessidades do corpo doente; deixara-se, por cansaço, de enterrar os mortos, mas o gelo transformava os cadáveres empilhados nos pátios em coisas asseadas que nem sequer cheiravam mal. Ninguém falava dos casos de peste que haveriam de surgir assim que viessem as primeiras doçuras de Abril; não esperavam durar até lá. Também ninguém se referia às manobras de aproximação do inimigo, metodicamente ocupado em preencher os fossos, nem ao assalto que se cria iminente. O rosto dos fiéis adquirira a expressão matreira dos cães de corrida que fingem não ouvir, por detrás das orelhas, os estalos do chicote.

Até que um dia, finalmente, viu Hilzonda, de pé sobre as ameias, um homem a seu lado designar com o braço o que quer que fosse; pela sinuosa planície avançava uma extensa coluna; filas de cavalos pisavam a lamacenta terra do degelo. Soou um brado de alegria; ergueram-se fragmentos de hinos dos peitos enfraquecidos; pois não eram aquelas as hostes anabaptistas recrutadas na Holanda e no Gueldre, essas hostes cuja vinda Bernardo Rottmann e Hans Bockhold não se cansavam de anunciar, pois não eram aqueles os irmãos que ali vinham para salvar os seus irmãos? Não tardaram, porém, todos aqueles homens a confraternizar com as tropas episcopais que cercavam Münster; a brisa de Março agitava os estandartes, por entre os quais alguém reconheceu daí a pouco o guião do príncipe de Hesse; assim se unia esse luterano aos idólatras, a fim de aniquilar o povo dos santos. Conseguiram ainda alguns homens atirar, do cimo das muralhas, um pedregulho que veio esmagar uns quantos sapadores que trabalhavam no sopé de um bastião. O tiro de uma sentinela deitou por terra um estafeta de Hesse. Os assaltantes responderam com uma arcabuzada que causou vários mortos. Depois disto, não houve qualquer outra tentativa de

ambos os lados. O tão esperado assalto não se deu, porém, nem nessa noite, nem nas noites seguintes. Cinco semanas se passaram no meio da inércia e da letargia.

Bernardo Rottmann já há muito partilhara as suas últimas provisões comestíveis e o conteúdo dos seus frascos de remédios; o rei, como de costume, lançava pela janela punhados de grão ao povo, sem contudo distribuir o resto das reservas que tinha escondidas debaixo das tábuas do soalho. Dormia imenso.

Passou trinta e seis horas mergulhado num sono cataléptico antes de pregar, pela derradeira vez, no meio da praça quase deserta. Havia certo tempo que renunciara às suas visitas nocturnas à mansão onde Hilzonda vivia; as suas dezassete esposas, ignominiosamente despedidas, tinham cedido o lugar a uma rapariguinha quase impúbere, um pouco gaga e dotada de espírito de profecia, a quem ele chamava com ternura o seu passarinho branco e a pomba da sua arca.

Hilzonda não sentiu, com o abandono do rei, o mínimo desgosto, surpresa ou descontentamento; para ela, deixava de haver fronteiras entre o que acontecera ou não acontecera; dava a ideia de que já se não lembrava de ter sido tratada por Hans como amante. Mas tudo era ainda lícito: aconteceu-lhe esperar, a meio da noite, pelo regresso de Knipperdolling, curiosa de ver se conseguiria comover aquela montanha de carne; ele, tartamudeando, passou por ela sem a ver, preocupado com outra coisa, que não uma mulher.

Na noite em que as tropas do bispo penetraram na cidade, Hilzonda foi despertada, cerca da meia-noite, pelo grito de uma sentinela estrangulada.

Duzentos larísquenés, guiados por um traidor, tinham-se introduzido por uma das poternas. Bernardo Rottmann, um dos primeiros a ser alertado, saltou do seu leito de enfermo, com a fralda da camisa a bater-lhe grotescamente nas pernas escanzeladas; e foi misericordiosamente morto por um húngaro que não compreendera

as ordens do bispo, que eram as de lhe trazerem vivos os chefes da rebelião. O rei, surpreendido a meio do sono, combateu de quarto em quarto, de corredor em corredor, com a coragem e uma agilidade de gato acossado pelos dogues; Hilzonda vi-o passar na praça às primeiras horas da manhã, despojado dos seus ouropéis de teatro, nu até à cintura, dobrado em dois sob o chicote. Meteram-no a pontapé numa enorme jaula, onde ele antes costumava encerrar os descontentes, e onde os fracos esperavam por julgamento.

Knipperdolling, moído de pancada, foi abandonado como morto em cima de um banco. Todo o dia ressoou pela cidade o passo pesado dos soldados; e esse ruído cadenciado significava que na praça-forte dos loucos o bom senso voltava a imperar sobre aquele tipo de homens capazes de se venderem por uma paz bem concreta, homens que comem e bebem a uma hora certa, que rapinam e violam no momento propício, mas que possuem, algures, uma velha mãe, uma mulher poupada, uma pequena fazenda onde se refugiar, já velhos e trôpegos, homens que vão à missa se a isso os obrigam, mas que crêem moderadamente em Deus. Recomeçaram os suplícios, desta vez, porém, decretados pela autoridade competente, e aprovados não só pelo papa como por Lutero. Toda essa gente andrajosa, macilenta, de gengivas gangrenadas pela fome, não passava, aos olhos dos cavaleiros bem alimentados, de nojentos vermes, que se tornava fácil e justo esmagar.

Acalmada a desordem dos primeiros momentos, elegeu a vindicta pública o seu domicílio em plena praça da catedral, junto ao estrado onde o rei anteriormente instaurara o seu tribunal. Os moribundos percebiam vagamente que as promessas do profeta eram, para eles, enfim, uma realidade, mas de maneira diferente do que a que esperavam, como sempre sucede com as profecias: esta vida de atribulações chegava ao fim; iriam penetrar, sem transição, num enorme céu vermelho. Poucos eram os que amaldiçoavam o homem que os tinha feito entrar nesta sarabanda de redenção. Não

ignoravam alguns, porém, que, no fundo, já há muito ansiavam pela morte, como uma corda demasiado tensa que decerto acaba por quebrar-se.

Hilzonda esperou até à noite pela sua vez. Envergara o mais belo vestido que lhe restava; tinha as tranças cravejadas de ganchos de prata. Até que, finalmente, lhe apareceram quatro soldados; eram uns honrados brutamontes no desempenho da sua missão. Agarrou pela mão na pequena Marta, que desatou a gritar, e disselhe:— Anda, minha filha, vamos ter com Deus. Um dos homens arrancou-lhe a inocente e lançou-a a joana, que a recebeu de encontro ao negro corpete. Hilzonda seguiu-os, sem mais uma palavra. Caminhava tão depressa que os seus executores tiveram de estugar o passo. Apanhou com a mão, não fosse tropeçar, as longas abas do vestido verde de seda, que lhe davam o ar de caminhar sobre as ondas. Uma vez junto do estrado, reconheceu confusamente, por entre os mortos, alguma gente sua conhecida, uma das antigas rainhas. Deixou-se cair sobre o montão ainda quente, e estendeu o pescoço.

A viagem de Simão transformara-se no caminho da cruz. Os seus principais credores conseguiram ver-se livres dele sem lhe pagarem, receosos de irem encher a algibeira ou o alforge anabaptista; não faltavam admoestações, da parte dos tratantes e dos avaros. Seu cunhado Justo Ligre declarou-se incapaz de reunir, a curto prazo, as avultadas quantias colocadas por Simão na sua sucursal de Antuérpia; orgulhava-se, aliás, de administrar melhor os bens de Hilzonda e de seu filho do que aquele pateta que fazia causa comum com os inimigos do Estado. Simão atravessou cabisbaixo, como um pedinte a quem enxotaram, o portal esculpido e doirado como um relicário dessa casa de comércio para cuja fundação tanto contribuía. Falhou, igualmente, na sua missão de angariador de fundos: só alguns miseráveis é que acederam em despojar-se dos bens em prol dos seus irmãos. Importunado, por duas vezes, pelo poder eclesiástico, viu-se obrigado a pagar para se livrar da prisão.

Continuou a ser, até ao fim, o ricaço escudado pelos seus florins. Parte da parca quantia assim obtida foi-lhe roubada por um estalajadeiro de Lubeque, em cuja estalagem foi acometido de congestão.

Como o seu estado de saúde o forçasse a avançar por pequenas etapas, só chegou à vista de Münster na antevéspera do assalto. Mostrou-se vã a esperança que tinha de vir a entrar na cidade assediada. Mal recebido, mas não molestado, no acampamento do príncipe-bispo, a quem outrora prestara serviços, acabou por conseguir alojamento numa quinta muito próxima dos fossos e das muralhas cinzentas que lhe escondiam Hilzonda e a filha. Comia à mesa de madeira branca da quinteira, juntamente com um juiz convocado para o julgamento eclesiástico que não tardaria a realizar-se, um oficial do bispo e vários trânsfugas escapados de Münster, que esses então estavam sempre prontos a denunciar as loucuras dos fiéis e os crimes do rei. A Simão, porém, todas essas balelas de traidores a vilipendiarem mártires lhe entravam por um ouvido e saíam pelo outro. Só ao terceiro dia após a tomada da cidade é que obteve permissão para entrar em Münster.

Avançava a custo pelas ruas patrulhadas pelas tropas, lutando contra o sol e o vento seco daquela manhã de Junho, tentando confusamente orientar-se naquela cidade que só conhecia de ter ouvido falar. Sob uma das arcadas do Mercado Principal, reconheceu Joana sentada na soleira de uma porta com a menina nos joelhos. Quando aquele estranho se aproximou para a beijar, a criança desatou aos berros; Joana, sem dizer palavra, fez a sua reverência de serva. Simão empurrou a porta que tinha o fecho quebrado, percorreu todas as salas vazias do rés-do-chão, e a seguir as dos andares.

Tornou a sair para o largo, rumo ao terreiro das execuções. Um pano de brocado verde pendia sobre o estrado; esse pedaço de tecido permitiu-lhe reconhecer Hilzonda, que repousava sob um montão de

cadáveres. Sem se demorar, curioso, junto a esse corpo de onde se evolara a alma, foi ter com a criada e com a criança.

Na rua passou um vaqueiro com a sua vaca atrás, uma selha e o banco de ordenhar, a apregoar leite; na casa fronteira abria uma taberna. Joana empregou os poucos patacos que Simão lhe passara para as mãos a encher os pichéis de estanho.

O fogo crepitou na lareira; não tardou a ouvir-se o tilintar da colher nas mãos da pequenita.

Foi-se reatando, a pouco e pouco, a vida doméstica, preenchendo o vazio daquela casa devastada, do mesmo modo que a maré cheia vai cobrindo a praia onde antes só se viam destroços, naufragados tesoiros e caranguejos das profundidades.

Preparou a criada, para seu amo, o leito de Knipperdolling, a fim de lhe poupar a fadiga de ter que subir mais degraus. Respondeu, primeiro, com um silêncio azedo às perguntas do ancião, que ia bebendo aos tragos a sua cerveja quente.

E quando, por fim, se decidiu a falar, o que da sua boca saiu foi uma torrente de injúrias, a cheirarem a esgoto e a Bíblia. O rei, para a velha luissita, nunca passara de um maltrapilho a quem se deixa comer na cozinha, e que depois se atreve a dormir com a mulher do amo. Depois de ter posto tudo a limpo, desatou a esfregar o soalho com a ruidosa ajuda de escovas, selhas e esfregões torcidos e retorcidos.

Nessa noite dormiu pouco, mas, ao contrário do que a criada supunha, o sentimento que o pungia não era indignação ou sequer vergonha, mas esse mal mais suave, conhecido pelo nome de piedade. Sentindo-se abafar no meio da noite tépida, Simão pensava em Hilzonda como numa filha que acabasse de perder.

Malqueria-se por tê-la deixado dar, sozinha, aquele mau passo, mas logo pensava que cada um tem reservado o seu quinhão do pão da vida e da morte, e que era justo que Hilzonda tivesse provado desse pão à sua vontade, e na hora que lhe estava marcada. Ainda

desta vez ela lhe tomara a dianteira: sofrera, antes dele, as derradeiras agonias. Continuava a dar razão aos fiéis, contra a Igreja e o Estado que os havia esmagado; Hans e Knipperdolling tinham derramado o seu sangue; que outra coisa seria para esperar, neste mundo feito de sangue derramado? Há mais de quinze séculos que o Reino de Deus sobre a Terra, esse reino que João, Pedro e Tome deviam ter contemplado com os seus olhos de homens vivos, fora indolentemente relegado para a noite dos tempos pelos cobardes, os indiferentes e os astutos. Ora o profeta ousara proclamar, aqui mesmo na Terra, esse reino existente no Céu. Ainda que, porventura, tivesse tomado por um mau atalho, era ele que apontava o caminho. Hans, para Simão, continuava a ser um Cristo, no sentido em que todo o homem poderá sê-lo. As suas loucuras afiguravam-se-lhe menos ignóbeis do que os prudentes pecados dos fariseus e dos homens de bom senso. Não se indignava o viúvo de Hilzonda ter procurado, nos braços do rei, as alegrias que ele há muito deixara de poder prodigalizar-se: entregues a si mesmos, aqueles santos tinham saboreado até à exaustão a felicidade que nasce da união dos corpos, mas esses corpos, libertos das amarras da terra, mortos já para tudo, haviam decerto conhecido, nos seus amplexos, uma forma mais ardente da união das almas. Aliviando-o daquele peso que sentia no peito, a cerveja facilitava ao ancião uma certa brandura, toda feita de cansaço e de uma pungente e sensual bondade. Hilzonda, ao menos, achava-se em paz. Simão via deambularem por cima da cama, à luz da candeia acesa à sua cabeceira, as moscas que então abundavam em Münster: talvez elas tivessem pousado naquela pálida face; sentia-se, pois, de acordo com toda aquela podridão. Nisto, foi assaltado pela ideia de que a carne do Novo Cristo todas as manhãs se via à mercê das pinças e do ferro ao rubro da mais terrível das torturas, e com isso se lhe revolveram as entranhas; acorrentado àquele risível Homem Dolorido, tornava a mergulhar no mesmo inferno dos corpos votados a tantos males e a tão poucas alegrias; e

acompanhava Hans no sofrimento, como Hilzonda o acompanhara no prazer. Toda a noite lutou, entre os lençóis, naquele quarto onde reinava um irrisório conforto, com a imagem do rei enjaulado em vida à vista de todos, da mesma maneira que um indivíduo com um pé gangrenado está sempre a bater, sem querer, com o membro doente. já não distinguia, nas suas orações, entre a dor que aos poucos se lhe ia apossando do coração, arrepanhando-lhe os tendões do ombro e descendo-lhe até ao pulso esquerdo, e as tenazes fincadas na carne do braço e em volta dos mamilos de Hans.

Mal se sentiu com forças para poder dar alguns passos, arrastou-se até à jaula do rei. A gente de Münster já se cansara do espectáculo, mas a garotada, apinhada de encontro às grades, insistia em atirar lá para dentro alfinetes, pedaços de bosta, ossos acerados, sobre os quais o cativo era obrigado a andar descalço. Tal como outrora, no salão de festas, também agora os guardas empurravam brandamente toda aquela canalha: Monsenhor Von Waldeck estava empenhado em conservar o rei vivo até à sua execução, que estava prevista para meados do Verão.

O prisioneiro acabava de entrar na jaula, após uma sessão de tortura; amarfanhado a um canto, todo ele tremia ainda. Do fato e das chagas desprendia-se-lhe um cheiro fétido. O homenzinho, porém, conservava o mesmo olhar vivo e a mesma voz cativante de actor.

— Eu coso, eu corto, eu alinhavo—cantarolava o supliciado.— Não passo de um pobre aprendiz de alfaiate... Fatos todos de pele ... A bainha de um vestido sem costura... Não retalhem a obra de ...

Mas calou-se, lançando em redor de si o olhar sorrateiro de alguém que pretende salvaguardar um segredo e ao mesmo tempo divulgar parte dele. Simão Adriansen afastou os guardas e conseguiu passar o braço por entre as grades.

Deus te guarde, Hans — disse ele, estendendo-lhe a mão.

Simão voltou a casa tão moído como se tivesse feito uma longa viagem. Desde a última vez que saíra à rua, grandes modificações se tinham operado, conferindo aos poucos a Münster o triste aspecto que lhe era característico.

A catedral ressoava com os cantos de igreja. O bispo tornara a instalar, a dois passos do paço episcopal, a sua amante, a bela Júlia Alt, se bem que tão discreta personagem não chegasse a provocar escândalo. Simão encarava tudo aquilo com a indiferença de um homem prestes a abandonar uma cidade, e a quem tudo o que aí aconteça já não consegue afectar. Mas sua enorme bondade de outrora esgotara-se como a água de uma nascente. Mal entrou em casa, desatou aos berros contra Joana, que se esquecera de ir à procura de pena, de papel e de um frasco de tinta, como ele tanto lhe havia recomendado. Uma vez reunidos esses objectos, dispôs-se a escrever a sua irmã.

Não comunicava com ela há cerca de quinze anos. Casara-se a bondosa Salomé com o primogénito da poderosa casa dos banqueiros Fugger. Repudiado pelos seus, conseguira Martin, só por si, fazer fortuna; vivia em Colónia desde o princípio do século. Simão pediu-lhe que se ocupasse da criança.

Recebeu Salomé esta carta na sua casa de campo de Lulsdorf, onde vigiava, em pessoa, os trabalhos da barrela. Incumbindo às criadas do tratamento dos lençóis e de roupa fina, mandou vir a carruagem, sem sequer pedir o parecer do banqueiro, que em casa contava pouco, empilhou mantimentos e agasalhos e bateu para Münster, através de uma região assolada pelas guerras.

Veio encontrar Simão na cama, com a cabeça amparada por uma manta velha dobrada em quatro, que logo se apressou a substituir por uma almofada. Com essa obtusa boa vontade das mulheres que se esforçam por reduzir a doença e a morte a uma série anódina de míseros e insignificantes males, feitos para serem minguados por maternais cuidados, entabularam, as duas, a visitante e a criada,

uma conversa com respeito à dieta, à roupa da cama e à cadeira furada. O olhar frio do moribundo reconhecera a irmã, mas Simão aproveitava-se da sua condição de doente para retardar, uns instantes mais, o cansaço das habituais saudações. Lá se soergueu, por fim, trocando com Salomé o beijo da praxe. Mas recuperou, pouco depois, a sua lucidez de homem de negócios, para enumerar os fundos que cabiam a Marta, e os que urgia recuperar em seu proveito. Os papéis de crédito encontravam-se dobrados dentro de uma tela encerada, ao alcance da mão. Os seus filhos, todos eles estabelecidos, um em Lisboa, outro em Londres, um terceiro à cabeça de uma tipografia de Amsterdão, não tinham necessidade daqueles restos de bens terrenos, nem tão-pouco da sua bênção; Simão deixava tudo à filha de Hilzonda. O velho parecia ter esquecido as promessas feitas ao restituidor-mor, para voltar a conformar-se com os hábitos do mundo que estava prestes a abandonar, e que já desistira de reformar. Ou talvez, renunciando assim a princípios mais caros do que a própria vida, saboreasse ele, até ao fim, o amargo prazer de se desprender de tudo.

Salomé amimou a criança, enternecendo-se com as suas pernitas magras. Não era capaz de proferir três frases seguidas sem invocar a Virgem e todos os santos de Colónia: Marta viria a ser educada pelos idólatras. Era duro, na verdade, mas não mais duro do que a fúria de uns e a inércia dos outros, não mais duro do que a velhice, que impede o esposo de satisfazer a esposa, não mais duro do que vir a encontrar já mortos aqueles que com vida se deixou. Esforçou-se Simão por pensar no rei, metido na sua jaula de agonia; mas os tormentos de Hans não significavam hoje mais do que antes tinham significado; tornaram-se suportáveis, como no peito de Simão se tornara suportável aquela dor que com ele morreria. Orava, porém algo lhe dizia que o Eterno) à não lhe exigia mais orações. Fez um esforço para rever Hilzonda, mas o rosto da morta tornara-se-lhe indistinto. Teve que recuar ainda mais, ao tempo das místicas

núpcias de Bruges, do pão e do vinho partilhados em segredo, e do corpete recortado através do qual se adivinhava o longo e puro seio. Mas também isso se apagou; viu então a sua primeira mulher, aquela santa alma, com quem costumava gozar o fresco no seu jardim de Flassingi. Alarmadas com um profundo suspiro, Salomé e Joana correram. Foi enterrado na Igreja de São Lamprecht, após uma missa cantada.

Os Fugger de Colónia

Moravam os Fugger em Colónia no adro de São Gereão, numa casinha modesta, mas onde tudo se conjugava para proporcionar paz e conforto. No ar havia sempre um cheiro a bolos e ginjinha.

Salomé, após longas refeições preparadas com arte, gostava de demorar-se à mesa, limpando os lábios a um guardanapo adamascado; assim como gostava também de passar um cordão de oiro pela larga cintura e pelo anafado e róseo pescoço; e de usar bons tecidos de lã, lã cardada e tecida com os mais reverenciosos cuidados, lã que ainda conserva um pouco do suave calor das ovelhas vivas.

As suas golas discretamente subidas atestavam, sem grande rigor, a sua modéstia de mulher honrada. Tocava, com os seus sólidos dedos, no pequeno órgão portátil instalado no parlatório; na juventude, fizera ouvir a sua bela e flexível voz em madrigais e motetes de igreja; apreciava tanto esses ornatos sonoros como apreciava os seus bordados. Mas comer é que era ainda, para ela, a principal questão: observava piedosamente não só o ano litúrgico, mas também o ano culinário, a estação do pepino ou das compotas, do queijo amanteigado ou do arenque fresco.

Martin era um homenzinho magro a quem os cozinhados da mulher não conseguiam fazer engordar. Temível nos negócios, tornava-se esse dogue, no lar, um inofensivo cão fraldiqueiro. As suas maiores audácias resumiam-se em debitar, à mesa, uma série de histórias brejeiras em honra das criadas. Tinha o casal um filho, Sigismundo, que aos dezasseis anos embarcara, com Gonzalo Pizarro, rumo ao Peru, onde o banqueiro fizera avultado empate de capital. Não tinham esperanças de tornar a vê-lo, pois as coisas, em Lima, andavam, nos últimos tempos, bastante más. Uma filha ainda pequena amenizava-lhes essa perda; Salomé costumava contar, a rir, essa sua tardia gravidez, que um tanto se devia às novenas e outro tanto aos efeitos do molho de alcaparras. Marta e essa menina tinham pouco mais ou menos a mesma idade; as duas primas partilharam o mesmo leito, os mesmos brinquedos, os mesmos salutareis açoitados e, mais tarde, as mesmas lições de canto e os mesmos atavios.

Ora rivais, ora compinchas, o gordo Justo Ligre e o franzino Martin, o javali da Flandres e a doninha renana, há mais de trinta anos que se vigiavam à distância, e assim se aconselhavam, se sustentavam ou se prejudicavam mutuamente. Sabiam muito bem quanto valiam, coisa que não acontecia com os pategos atónitos com a sua fortuna, ou com os príncipes a quem serviam e de quem se serviam.

Martin sabia, até ao mínimo centavo, quanto representavam, em metal sonante, todas aquelas fabriquetas, oficinas, estaleiros e, por assim dizer, senhoriais propriedades nas quais Henrique Justo empatara o seu oiro; todo esse pesado luxo do flamengo lhe fornecia matéria para umas boas histórias, tal como as duas ou três artimanhas, sempre as mesmas, de que o velho Justo se servia ao querer ver-se livre de apuros. Por seu lado, Henrique Justo, o bom servidor que respeitadamente avançava, à regente dos Países Baixos, as quantias necessárias às suas aquisições de quadros italianos e às

suas piedosas funções, esfregava as mãos de contente ao saber que o eleitor palatino ou o duque de Baviera empenhavam as suas jóias a Martin e lhe esmolavam empréstimos a juros dignos de um judeu usurário; e, não sem uma ponta de troça e de piedade, tecia louvores a esse rato que discretamente ia tasquinhando na matéria do mundo, em vez de lhe enterrar a fundo os dentes, esse enfezado, desdenhoso das riquezas que se podem ver, tocar e confiscar, mas cuja assinatura, aposta numa folha, valia mais do que a assinatura de Carlos Quinto. Muito surpreendidos teriam ficado esses indivíduos tão respeitosos dos grandes desse tempo, se alguém se lembrasse declará-los mais perigosos para a ordem estabelecida do que o turco infiel ou o camponês revoltado; com aquele absorver-se no imediato e no pormenor que caracteriza a sua espécie, nem eles próprios adivinhavam o poder perturbador dos seus sacos de oiro e dos seus calepinos. E, no entanto, sentados nos seus escritórios, vendo desenhar-se, em contraluz, a hirta silhueta de um cavaleiro que, por detrás dos seus grandes ares, tenta disfarçar o receio de não ser atendido, ou então o manso perfil de algum bispo desejoso de terminar, sem grandes despesas, as torres da sua catedral, calhava às vezes sorrirem. Enquanto os outros tinham, por sua conta, o repique dos sinos e o barulho das bombardas, os garbosos cavalos, as mulheres nuas ou envoltas em brocados, eles eram senhores da vil e sublime matéria, repudiada em voz alta, adorada ou embalada à socapa, semelhante às partes secretas, em que raro se fala mas em que se está sempre a pensar; senhores da substância amarela sem a qual a mais alta dama do império não abriria as pernas no leito do príncipe, nem monsenhor poderia pagar as pedrarias que recamam a sua mirra; senhores do oiro, cuja falta ou abundância decide se a Cruz travará ou não combate com o Crescente. Esses dois provedores de fundos sentiam-se doutores em realidades.

Tal como Martin sofrera um desapontamento com Sígismundo, assim também o gordo Ligre ficara desapontado com o seu filho

mais velho. No espaço de dez anos, de Henrique Maximiliano só haviam chegado alguns pedidos de dinheiro e um volume de versos franceses, parido, decerto, em Itália, no intervalo de duas campanhas. Daquele lado, só podiam advir aborrecimentos. Resolveu o homem de negócios acompanhar de mais perto o primogénito, a fim de evitar novas desilusões. Mal Filiberto, o filho do seu coração, chegou à idade de saber contar convenientemente as bolas do seu ábaco, logo o pai o mandou aprender todos os quindins da banca com Martin, o infalível. Aos vinte anos, Filiberto já era gordo; debaixo das suas maneiras cuidadosamente estudadas, ocultava-se uma natural rusticidade; através das pálpebras semicerradas, os olhinhos cinzentos lançavam chispas. Este filho do superintendente das Finanças da corte de Malines podia perfeitamente passar por príncipe; mas não: preocupava-se antes em descobrir os erros que houvesse nas contas dos caixeiros; e assim passava noites e dias, metido numa sala quase às escuras, que dava cabo da vista aos escribas, a conferir os D, os M, os X e os C que, combinados com os L e os 1, formavam os algarismos, pois Martin desprezava a numeração árabe, sem, todavia, lhe negar a utilidade em adições mais longas. O banqueiro já se habituara ao taciturno mancebo. Quando a asma ou os tormentos da gota o obrigavam a pensar nos seus últimos dias, costumava ele dizer para a mulher: este pobre gorducho quem vai ficar no meu lugar.

Filiberto parecia absorto nos seus canhenhos e raspadeiras. Mas por entre as pálpebras perpassava-lhe um fulgor irónico; às vezes, ao passar em revista os negócios do patrão, pensava para consigo que, depois de Henrique Justo e de Martin, mais astuto do que este, mais feroz do que aquele, ainda algum dia surgiria Filiberto, o arguto. Não seria ele quem iria aceitar, em troca de um juro ínfimo de dezasseis denários por libra, pagáveis a prestações, em cada uma das quatro grandes feiras do ano, a comutação das dívidas de Portugal.

Comparecia, aos domingos, às reuniões, que de Verão decorriam sob o alpendre e de Inverno no parlatório. Um prelado fazia citações em latim; Salomé jogava ao gamam com uma vizinha, ilustrando cada jogada certa com um ditado renano; Martin, que mandara ensinar às duas jovens o falar de França, tão próprio das damas, também o utilizava, quando calhava ter de exprimir ideias mais livres ou mais sublimes que as das horas de trabalho. Falava-se da guerra da Saxónia e da sua influência no curso da moeda, dos progressos feitos pela heresia e, conforme a estação, das vindimas ou do Carnaval. O braço direito do banqueiro, um sentencioso genovês chamado Zebedeu Crêt, costumava estar na berlinda pelo seu horror ao tabaco e ao vinho. Este Zebedeu, que não negava, de todo em todo, haver saído de Génova por via de um negócio de gerência de casas de jogo e de fabrico ilegal de cartas de jogar, lançava as suas infracções à conta dos seus amigos libertinos, que já tinham sido muito justamente punidos, e não escondia o seu desejo de, mais dia menos dia, regressar ao bom caminho da Reforma. Protestava o prelado, agitando o dedo ornado de um anel violeta; alguém, por brincadeira, citava as libertinas facécias postas em verso por Teodoro de Bèze, esse belo mancebo tão benquistado do irrepreensível Calvino.

Entrava-se em discussão para decidir se o Consistório seria ou não desfavorável aos privilégios dos homens de negócios, mas ninguém, no fundo, se espantava que um burguês se acomodasse aos dogmas promulgados pelos magistrados da sua bela cidade. Findo o jantar, Martin chamava à parte um conselheiro áulico ou o emissário secreto do rei de França. O parisiense galante não tardava a propor o convívio com as damas.

Filiberto dedilhava um alaúde; Benedita e Marta erguiam-se ambas, de mão dada.

Os madrigais extraídos do Livro dos Amantes falavam de cordeiros, de flores e da senhora Vénus, mas essas árias da moda costumavam acompanhar a letra dos cânticos entoados pela escória

anabaptista ou luterana, contra a qual tronitruara, no seu púlpito, o homem de igreja ali presente. Benedita trocava, sem querer, o versículo de um salmo pela estrofe de alguma canção de amor. Marta, inquieta, fazia-lhe sinal para que se calasse; voltavam as donzelas a sentar-se ao lado uma da outra, e o único estribilho que a partir daí se ouvia era apenas o do sino de São Cereão a tocar ao anjo. Por vezes, o gordo Filiberto, que tinha uma certa queda para a dança, oferecia-se para ensinar a Benedita alguns novos passos; ela começava por recusar, mas acabava por aceitar o convite, dançando com a alegria de uma criança.

Amavam-se as duas primas com puro e angélico amor. Salomé não tivera coragem de apartar Marta da sua ama Joana, e fora assim que a velha hussita comunicara à filha de Simão os seus tremores e a sua austeridade. Joana conhecera o medo; o temor tornara-a, na aparência, uma velha igual a tantas outras que vão à igreja molhar os dedos na água benta e beijar o Agnus Dei. Mas, bem no íntimo, guardava ódio aos Satãs em dalmática de brocado, aos bezerros de oiro e aos ídolos de carne. Essa frágil velha, que o banqueiro não se dignara distinguir das desdentadas criaturas que, lá em baixo, lhe lavavam as escudelas, resmoneava, perante tudo, um eterno não. A dar-se-lhe ouvidos, naquela mansão de riqueza e de bem-estar ocultava-se o mal, como uma ninhada de ratos na penugem macia de um edredão. E tanto se ocultava na arca da sua ama Salomé como no cofre forte de Martin, nos tonéis da adega como no caldo que ficava no fundo das panelas, nas pastilhas do boticário como na relíquia de Santa Apolina, que cura as dores de dentes. Embora a velha não se atrevesse a entrar em guerra aberta com a mãe de Deus, metida no seu nicho, junto às escadas, não deixava de vociferar, para quem a quisesse ouvir, contra o azeite desperdiçado com tais bonecas de pedra.

Alarmava-se Salomé ao ver Marta, com dezasseis anos, tentar insinuar, em Benedita, o seu desdém pelas caixas de costura cheias

de dispendiosas bugigangas importadas de Paris ou de Florença, ou o seu desinteresse pelo Natal, por aquele burburinho de música, vestidos novos e peru recheado. Para aquela santa Mulher, nem o Céu nem a Terra apresentavam o mínimo problema. A missa era uma oportunidade de edificação, um espectáculo, um pretexto para pôr, de Inverno, a sua estola de peles e, de Verão, a sua jaqueta de seda. Maria e o Menino, Jesus crucificado, Deus Pai no meio das nuvens, imperavam no Paraíso e nas paredes das igrejas; e a experiência ensinava qual a Virgem que, num ou noutro caso, poderia satisfazer os seus pedidos. Nas crises domésticas, a priora das Ursulinas, pessoa de bom conselho, era sempre consultada, o que não impedia que Martin gracejasse sobre as freiras. Se, na verdade, a venda de indulgências tinha indevidamente contribuído para encher as arcas do santo padre, a operação que consiste em subtrair do crédito de Nossa Senhora e dos santos para cobrir os défices do pecador não deixava de ser tão lógica quanto as transacções do banqueiro. As bizarras de Marta eram lançadas à conta de uma compleição doentia; seria monstruoso supor que uma criatura criada com tantos requintes pudesse perverter a sua terna companheira, alinhar, juntamente com ela, ao lado dos malfeitores que costumavam ser mutilados e queimados, e renunciar, com o intuito de se imiscuir em querelas da Igreja, à modéstia e ao recato que tão bem ficam a uma donzela.

Outra coisa não podia fazer Joana senão denunciar às suas jovens amas, com aquela sua voz meio louca, os caminhos do erro; santa, mas ignara, incapaz de recorrer às Escrituras, das quais apenas sabia reproduzir, no seu dialecto neerlandês, alguns fragmentos que aprendera de cor, não lhe competia a ela apontar o bom caminho. Assim que a educação liberal que lhes fora ministrada por ordem de Martin lhes aguçou a inteligência, atirou-se Marta, às escondidas, a todo o livro que lhe falasse de Deus.

Perdida na floresta das seitas, assustada por não ter um guia, temia a filha de Simão renunciar aos velhos hábitos para vir a cair em novo erro. Não lhe ocultara Joana nem a infância de sua mãe, nem o lastimável fim de seu pai, traído e acossado. Também não ignorava a história que, ao virarem costas às aberrações romanas, mais não tinham feito seus pais do que trilharem um caminho que ao Céu decerto não iria dar. Essa virgem tão recatada, que jamais se aventurara a sair à rua sem uma criada a escoltá-la, estremecia à ideia de vir a engrossar o lamuriento bando de exilados e de extáticos maltrapilhos que deambulavam de cidade em cidade, repudiados pela gente de bem, acabando os seus dias sobre um monte de palha, quer na masmorra, quer na fogueira. Se a idolatria era **Carídis, Cila seria a revolta, a miséria, o perigo e a abjecção. O piedoso Zebedeu foi quem prudentemente a tirou desse impasse: um escrito de João Calvino, que o circunspecto suíço lhe emprestou, sob jura de segredo, e que foi lido, à noite, à luz da candeia, com os mesmos cuidados que as demais raparigas se rodeiam para decifrarem as missivas de amor, deu à filha de Simão a imagem de uma fé limpa de erros, isenta de fraquezas, estrita na sua própria liberdade, de uma rebelião que adquiria foros de lei. A acreditar nas afirmações do amanuense, a pureza evangélica emparceirava, em Génova, com a prudência e a sensatez burguesas: os dançarinos que davam à perna, como pagãos, por detrás das portas cerradas e os gaiatos gulosos que, em pleno sermão, chupavam à descarada os seus rebuçados e torrões de açúcar eram fustigados até espirrarem sangue; os dissidentes eram banidos; os jogadores e os debochados punidos de morte; os ateus condenados, com toda a justiça, à fogueira. Em vez de ceder aos impulsos lascivos do sangue, como o rotundo Lutero, ao sair em segundas núpcias do convento nos braços de uma freira, o laico Calvino soubera esperar o tempo que fora preciso, antes de contrair, com uma viúva, o mais casto dos casamentos; em vez de se encher de banhas à mesa dos príncipes,

mestre João surpreendia, pela frugalidade, os seus hóspedes da Rua dês Chanoines; costumava alimentar-se com o pão e os peixes do Evangelho, que, neste caso, eram as trutas e as bogas do lago, que aliás valiam bem o que pesavam.

Marta doutrinou a companheira, que em tudo a seguia no respeitante a coisas do espírito, pronta a excedê-la nas coisas da alma. Benedita toda ela era luz; um século atrás, teria saboreado, no claustro, a ventura de só a Deus pertencer; mas, como os tempos fossem outros, deparara esta ovelha, na fé evangélica, com a erva verde, o sal e a água pura. À noite, no seu quarto sem lareira, Marta e Benedita, desdenhando o convite do edredão e da almofada, sentadas lado a lado, reliam baixinho a Bíblia. As suas faces encostadas pressupunham, no íntimo, a comunhão das duas almas. Marta esperava por Benedita para virar a folha e se por acaso a garota pegava no sono a meio de tão santa leitura, ela puxava-lhe devagarinho pelos cabelos. A casa de Martin, entorpecida por tanto bem-estar, caíra num sono profundo. Só lá em cima, num quarto dos mais altos, como a lâmpada das Virgens virtuosas, velava ainda, no coração daquelas duas silenciosas jovens, o frio ardor da Reforma.

Marta, no entanto, ainda não se atrevia a abjurar publicamente das torpezas papais. Encontrava sempre algum pretexto para evitar ir à missa dominical, mas essa falta de coragem pesava-lhe como o pior dos pecados. Zebedeu aprovava a sua circunspecção: mestre João, ao pôr em guarda os seus discípulos contra todo e qualquer escândalo inútil, teria censurado a Joana o facto de extinguir a chama que ardia aos pés da Virgem da escada. Uma certa delicadeza de sentimentos impedia Benedita de molestar ou de inquietar os seus, mas Marta, essa, recusou-se, no dia de Todos os Santos, a rezar pela alma do pai, que onde quer que se encontrasse já não tinha necessidade das suas ave-marias. Tanta dureza consternou Salomé, que não podia admitir que se recusasse ao pobre morto o óbolo de uma oração.

Martin e a mulher já desde longa data acalentavam o propósito de unir a filha ao herdeiro dos Ligre. Tranquilamente metidos entre lençóis bordados com esmero, era na cama que costumavam discutir esse assunto. Salomé contava pelos dedos as várias peças do enxoval, as peles de marta e as colchas bordadas.

Ou, temendo que o pudor de Benedita a tornasse avessa às alegrias do casamento, procurava recordar-se da receita de um bálsamo afrodisíaco com que as famílias costumavam ungir, na noite de núpcias, as jovens esposas. Quanto a Marta, logo haveriam de lhe arranjar um negociante bem-visto no mercado de Colónia, ou até mesmo um cavaleiro crivado de dívidas, a que Martin, generoso, pagaria as hipotecas que lhe pesassem sobre as terras.

Filiberto endereçava à herdeira do banqueiro os cumprimentos da praxe. Mas como as primas usavam, ambas, as mesmas toucas e as mesmas vestes, enganava-se, e Benedita parecia divertir-se em provocar esses deliciosos enganos. Ele então praguejava em voz alta: é que a filha valia o seu peso em ouro, ao passo que a sobrinha valeria, quando muito, um punhado de florins.

Quando, por assim dizer, ficou feito o contrato, Martin chamou a filha ao seu gabinete, a fim de estipularem o dia do noivado. Furtando-se aos beijos e às ternas felicitações da mãe, Benedita, sem a mínima tristeza, ou sequer alegria, subiu até ao seu quarto, para ir fazer costura ao pé de Marta. Falava a órfã em fugirem; talvez um barqueiro consentisse em levá-las até Basileia, onde decerto haveria bons cristãos que as ajudassem a franquear a etapa seguinte. Entornando sobre a mesa a areia da escrivantina, Benedita, pensativa, ia desenhando com o dedo o sulco de um rio. já despontava a madrugada; passou devagar a mão sobre a mesa, para desfazer os traços; e só depois de alisada a areia sobre o tampo polido é que a prometida de Filiberto se ergueu e disse, com um suspiro:—Sou demasiado fraca. Marta, então, não reiterou as suas propostas de fuga, contentando-se em apontar-lhe, com o indicador,

o versículo onde se falava de abandonar os seus para seguir o Senhor.

O frio da madrugada obrigou-as a procurarem refúgio na cama. Deitadas, castamente, nos braços uma da outra, consolavam-se mutuamente, por entre lágrimas. Depois, venceu a juventude, e então fartaram-se de rir dos olhinhos pequenos e das bochechas gorduchas do noivo. Os pretendentes que se ofereciam a Marta também pouco mais valiam: Benedita fê-la rir com a sua descrição do mercador um tanto calvo, do fidalgo aperreado na sua ruidosa armadura, em dias de torneio, ou do filho do burgomestre, um néscio emboncado como os manequins que os alfaiates recebiam de França, com o seu boné de plumas e a sua braguilha às riscas. Marta sonhou, nessa noite, que Filiberto, esse saduceu, esse amalecita de coração incircunciso, fugia com Benedita dentro de um caixote que vogava sozinho ao sabor das águas do Reno.

O ano de 1549 principiou com uma série de chuvadas que deram cabo das sementeiras dos fazendeiros; uma cheia do Reno inundou as adegas, deixando maçãs e barris a bolarem nas águas cinzentas. Veio o mês de Maio, e os morangos ainda verdes apodreceram nos bosques e as cerejas nos pomares. Martin mandou distribuir sopa pelos pobres, sob o portal de São Gereão; a caridade cristã e o receio dos motins inspiravam ao burguês esta espécie de esmolas. Mas todos estes males eram apenas prenúncios de uma ainda mais terrível calamidade. Vinda do Oriente, a peste entrou na Alemanha pela Boémia. Caminhava sem grandes pressas, como uma imperatriz, acompanhada pelo repicar dos sinos.

Inclinada sobre o corpo do bebedor, soprando a candeia do sábio debruçado sobre os seus livros, acolitando a missa do sacerdote, escondendo-se, como uma pulga, nas dobras da camisa das mulheres da vida, a peste conferia, à vida de cada um, um insolente elemento de igualdade, um acre e perigoso fermento de aventura. O dobre de finados espalhava no ar um rumor insistente de festa

negra: amontoados junto dos campanários, não Deixavam os papalvos de observar, lá no alto, o vulto do sineiro, ora agachado, ora suspenso, com todo o peso do corpo, do seu enorme bordão. Se as igrejas não tinham um minuto de descanso, muito menos o tinham as tabernas.

Martin barricou-se no seu gabinete, como teria feito perante um ladrão. O melhor profilático, a seu ver, consistia em, beber com moderação um bomjohannísberg velho, em evitar as moças e os amigos da pinga, em não respirar o ar da rua e, sobretudo, em não se informar do número de mortos. Joana continuava a ir ao mercado ou a descer à rua, para despejar o lixo; o seu rosto repleto de cicatrizes, o seu sotaque estrangeiro, sempre haviam indisposto os vizinhos; mas a desconfiança, nesses nefastos dias, deu lugar ao ódio, e assim, à sua passagem, só se ouvia falar de semeadores de peste e de feiticeiras. Quer o confessasse ou não, o certo é que, no íntimo, não deixava a velha criada de se regozijar com a chegada do flagelo de Deus; era uma alegria terrível, a que se lhe lia no rosto; e por muita questão que ela fizesse em desempenhar-se, junto de Salomé, gravemente atingida, de perigosas tarefas a que as demais criadas se recusavam, a ama repelia-a com um gemido; era como se a criada, em vez de uma bilha, lhe viesse com uma foice e uma ampulheta.

Ao terceiro dia, não voltou Joana a aparecer à cabeceira da doente; Benedita encarregou-se de lhe ministrar os remédios e de lhe colocar entre os dedos o rosário que ela constantemente deixava cair. Benedita amava sua mãe, ou melhor, ignorava que podia perfeitamente não a amar. Mas a verdade é que sofrera com a sua piedade pacóvia e grosseira, com o seu cacarejar de mulher parideira, com os seus tagatés de ama que se apraz em invocar constantemente, aos filhos já crescidos, aquele tempo em que ainda mal falavam, o tempo das fraldas e do bacio. A vergonha que a Nua inconfessada impaciência lhe causava mais lhe aumentou o zelo de enfermeira.

Marta carregava com as bandejas e as pilhas de roupa, mas sempre se esquivava a entrar no quarto. Não tinham conseguido obter os préstimos de um médico.

Na noite que se seguiu à morte de Salomé, Benedita, deitada ao lado da prima, sentiu, por sua vez, os primeiros sintomas do mal. Queimava-a uma sede ardente, que ela soube distrair pensando no cervo bíblico que bebe na nascente de água viva. Arranhava-lhe a garganta uma tosse fraca mas convulsa; conteve-a o melhor que pôde, para deixar Marta dormir. Sentia-se já flutuar, de mãos postas, prestes a escapar-se daquele leito de grades, para ascender a um vasto e claro paraíso, lá onde estava Deus. Esquecera os cânticos evangélicos; o rosto amigo das santas voltava a aparecer-lhe por entre as cortinas; Maria, lá do alto, estendia-lhe os braços, envoltos em pregas de azul, e nesse seu gesto era secundada pelo belo e bochechudo Menino de róseos dedos. Benedita, em silêncio, deplorava os seus pecados: uma discussão com Joana por causa de uma coifa rasgada, meia dúzia de sorrisos em resposta às piscadelas de olho dos rapazes que passavam por debaixo das janelas, uma vontade de morrer onde havia muito de preguiça, de impaciente desejo de se ver já no Céu e de não ter que passar a vida a escolher entre Marta e os seus, entre duas maneiras de falar com Deus. Marta soltou um grito ao deparar, aos primeiros alvares da manhã, com o rosto desfigurado da prima.

Benedita, como era hábito, dormia nua. Suplicou que lhe trouxessem a sua camisa fina, recém-plissada, e debalde tentou compor os cabelos. Marta servia-a com um lenço no nariz, consternada pelo horror que sentia perante esse corpo doente. Uma importuna humidade infiltrara-se no quarto; como a menina sentisse frio, Marta acendeu a lareira mesmo fora da estação. Em voz rouca, tal como sua mãe, no dia anterior, reclamou a pequena um terço que Marta lhe estendeu na ponta dos dedos. Mas ao ver, de repente, com infantil malícia, o olhar aterrorizado da companheira, por sobre o

pano impregnado de vinagre, disselhe com toda a gentileza: — Não te assustes, prima. Vais ficar com o gordo galanteador, o que dança o rapapé.

E virou-se para a parede, como costumava fazer quando lhe vinha o sono.

O banqueiro continuava fechado no quarto; Filiberto regressara à Flandres, a passar o mês de Agosto com o pai; abandonada pelas criadas, que não se atreviam a subir ao andar de cima, Marta pediu-lhes, ao menos, que fossem chamar Zebedeu, o qual adiara por alguns dias a partida para a sua terra natal, a fim de fazer face aos problemas mais urgentes. Zebedeu consentiu em aventurar-se até ao patamar e mostrou-se decentemente solícito. Os médicos da terra ou estavam extremamente sobrecarregados, ou tinham sido também atingidos, ou então estavam firmemente decididos a não contaminarem os seus habituais doentes aproximando-se da cabeceira dos empestados; falava-se, todavia, de um homem do mesmo ofício que justamente acabava de chegar a Colónia para estudar in loco os efeitos do mal. Iria tentar tudo quanto lhe fosse possível para o persuadir a socorrer Benedita.

Foi um socorro tardio. A menina, entretanto, piorou. Marta, encostada à ombreira da porta, vigiava-a à distância. Aproximou-se, contudo, várias vezes, para lhe dar a beber com mão trémula. A doente só muito a custo conseguia engolir; o conteúdo do copo entornava-se pela cama. Ouvia-se, de tempos a tempos, a sua tosse seca e sacudida, semelhante ao latido de um cachorro; e de todas as vezes Marta, sem querer, baixava os olhos à procura do cão da casa, pois custava-lhe a acreditar que aquele grito animalesco pudesse escapar-se de tão doces lábios. Acabou por sentar-se cá fora, na soleira da porta, só para não ouvir. Lutou, horas a fio, contra o pavor daquela morte que assim, sob os seus olhos, se aprestava, e, acima de tudo, contra o facto horrível de também poder ser contaminada pela peste como se pode sê-lo pelo pecado.

Benedita deixara de ser Benedita para se transformar numa inimiga, num animal, num objecto perigoso em que é mister tocar. Ao anoitecer, já sem forças para suportar mais aquilo, foi postar-se à soleira da porta à espera do médico.

Perguntou o médico se era ali a casa Fugger e entrou sem cerimónia. Era um indivíduo alto e magro, de olhos fundos, que envergava a opa vermelha dos médicos que tinham aceitado ocupar-se dos empestados, devendo, por isso, abster-se de visitar os doentes comuns. A tez bronzeada dava-lhe um ar de estrangeiro. Subiu à pressa as escadas; Marta, em contrapartida, retardava, sem querer, o passo. De pé, entre a cama e a parede, puxou o lençol para trás, pondo à mostra o frágil corpo sacudido pelos espasmos, poisado sobre o colchão enxovalhado.

— Todas as criadas se foram embora—disse Marta, a tentar explicar o estado da roupa.

Ele respondeu com um vago aceno de cabeça, ocupado que estava em apalpar com todo o cuidado os gânglios da axila e da virilha. A garota tagarelava ou cantarolava baixinho, entre dois roucos acessos de tosse; Marta julgou reconhecer um trecho de uma ária frívola, de mistura com uma canção sobre a visita do bom Jesus Cristo.

— Está a delirar—observou ela, com um certo desprezo.

— Ah pois, com certeza—disse o médico, distraído.

O indivíduo trajado de vermelho puxou o lençol para cima e, como que por descargo de consciência, mediu as pulsações no pulso e junto à garganta.

Contou, seguidamente, algumas gotas de um elixir e introduziu com mão destra a colher na comissura dos lábios.

— Não vale a pena forçardes por mais tempo a vossa coragem—admoestou ele, ao ver que Marta sustinha, com repugnância, a cabeça da doente.

— Ela já não precisa que lhe amparem a cabeça ou as mãos.

Limpou dos lábios um pouco de sangue avermelhado, com um pedaço de compressa que lançou ao lume. A colher e as luvas que utilizara seguiram idêntico caminho.

— Não lhe rebentais os inchaços?—inquiriu ela, com receio de que o médico, com a pressa, omitisse tão imprescindível tratamento, mas esforçando-se, sobretudo, por retê-lo junto ao leito.

— Certamente que não—disse ele, a meia voz.—Os vasos linfáticos nem sequer estão muito inchados, e ela vai finar-se antes que eles entumeçam. Non est medicamentum... A força vital de vossa irmã é mínima. Poderemos, quando muito, atenuar-lhe o sofrimento.

Não sou sua irmã—protestou Marta, de repente, como se o precisar este facto a desculpasse de tremer tanto pela sua própria pessoa.

— Chamo-me Marta Adriansen, e não Marta Fugger. Sou sua prima.

Apenas lhe concedeu ele um fugidio olhar, quedando-se absorto a observar os efeitos do remédio.

A doente, menos agitada, parecia sorrir. Mediu, para a noite, uma segunda dose de elixir. Bastava a presença daquele homem, que, contudo, nenhuma promessa fazia, para transformar no mais banal dos quartos aquilo que, desde a alvorada, fora para Marta um lugar de horror. Uma vez chegado à escada, o médico tirou a máscara que utilizara, como era da praxe, à cabeceira da enferma. Marta acompanhou-o até ao último degrau.

— Dizeis chamar-vos Marta Adriansen—obtemperou ele, de repente.—Conheci, nos meus verdes anos, um homem já de idade com esse mesmo nome. Chamava-se sua mulher Hilzonda.

— Eram o meu pai e a minha mãe—disse Marta, a modos que contrafeita.

— Ainda são vivos?

— Não—respondeu ela, baixando a voz.—Encontravam-se em Münster quando o bispo tomou a cidade.

Ele manobrou a porta da rua, de fechaduras tão complicadas como as de um cofre forte. No rico e opressivo vestíbulo penetrou uma lufada de ar. Lá fora, o crepúsculo apresentava-se cinzento e chuvoso.

— Voltai lá para cima—disse ele, por fim, com uma espécie de fria bondade.

— Pareceis-me de temperamento robusto, e a peste também não tornará a fazer mais vítimas. Aconselho-vos a preservardes as narinas com um pano molhado em álcool etílico (confio muito pouco nos vossos vinagres) e a velardes, até aos seus últimos momentos, a moribunda. O vosso receio é lógico e natural, mas a vergonha e o remorso também afligem bastante.

Ela virou a cara afogueada e, depois de procurar na bolsa que trazia pendurada à cintura, decidiu-se, finalmente, por uma moeda de ouro. O gesto de pagar restabelecia as devidas distâncias, mantinha-a muito acima daquele vagabundo que andava de terra em terra, ganhando a sua vida à cabeceira dos empestados.

Ele meteu a moeda, sem sequer olhar, no bolso do capote, e saiu.

Uma vez só, Marta dirigiu-se para a cozinha à procura de um frasco de álcool etílico. Não havia ninguém; as criadas deviam estar na igreja a ruminar litanias. Descobriu, em cima de uma mesa, um bocado de empada, que comeu devagar, com a preocupação deliberada de restaurar as forças. A cautela, achou-se na obrigação de mastigar, também, um dente de alho.

Quando se resolveu a subir até ao andar de cima, foi dar com Benedita, assim o julgou, meio adormecida, mas o facto é que, de vez em quando, as contas de buxo corriam-lhe por entre os dedos. Depois da segunda dose de elixir, pareceu melhorar. Um novo acesso prostrou-a, de madrugada.

Marta assistiu, nesse mesmo dia, no claustro das Ursulinas, ao seu enterro, feito juntamente com o de Salomé, enterro esse como que selado por uma mentira.

Ninguém saberia jamais que Benedita estivera prestes a embrenhar-se na estreita senda para onde a prima a impelia, e a caminhar, a par desta, rumo à Cidade de Deus. Marta sentia-se roubada, sentia-se traída. Os casos de peste tornavam-se cada vez mais raros, mas ela, não obstante, ao caminhar pelas ruas quase desertas, continuava, à cautela, a aconchegar-se o melhor possível entre as dobras do manto. A morte da garota mais acirrara o seu fero desejo de continuar com vida, de não renunciar ao que era e ao que tinha, para se transformar num frio embrulho deposto sobre as lajes de uma igreja. Benedita morreria e a sua salvação estava assegurada com padre-nossos e ave-marias; Marta é que não tinha razões para esperar outro tanto; parecia-lhe, às vezes, que estaria no número daqueles que as leis divinas já de antemão condenaram, ainda mesmo antes de terem nascido, e cuja própria virtude acaba por ser uma espécie de caturrice que não apraz a Deus. Mas em que se resumia, afinal, essa virtude?

Perante o flagelo, mostrara-se pusilânime; não parecia seguro que em presença dos carrascos se mostrasse mais fiel ao Eterno do que, em tempo de peste, se havia mostrado para com aquela inocente que tão extremosamente julgara amar.

Mais uma razão, portanto, para retardar tanto quanto possível o veredicto perante o qual não há apelo.

Empenhou-se a fundo em arranjar, já para essa noite, novas criadas, pois as que lá estavam ou tinham abalado para sempre ou, à volta, haviam sido despedidas. Esfregou-se tudo, de alto a baixo; espalharam-se pelo chão ervas aromáticas, juntamente com rama de pinheiro. Só então, durante esta lida, é que se descobriu Joana, morta e completamente desprezada, no seu cubículo de serva; Marta nem teve tempo de a chorar. Apareceu entretanto o banqueiro, o qual se

mostrou devidamente aflito com todas aquelas mortes, mas resolvido a organizar, em paz e sossego, a sua nova vida de viúvo, numa casa que fosse dirigida por uma boa doméstica que lhe agradasse, uma mulher não demasiado barulhenta e tagarela, nem demasiado jovem, mas também não repelente. Ninguém, nem ele, sequer, se havia apercebido de que a sua santa esposa levava uma vida inteira a tiranizá-lo. Daí em diante, seria ele próprio a decidir da hora a que havia de se levantar e tomar as refeições, do dia em que deveria ir ao médico, e ninguém viria interrompê-lo sempre que lhe apetecesse contar mais pormenorizadamente, a alguma camareira, a tal história da donzela e do rouxinol.

Tinha uma certa pressa em ver-se livre daquela sobrinha que a peste tornara sua única herdeira, mas que a ele nada lhe agradava ter diante de si a presidir à mesa. Tratou de arranjar uma autorização especial para casamento entre primos coirmãos, e assim foi que o nome de Marta passou a substituir, no contrato, o de Benedita.

Ciente dos projectos do tio, desceu Marta ao armazém onde trabalhava Zebedeu.

A fortuna do suíço estava feita; como parecia iminente a guerra com a França, o caixeiro, instalado em Genebra, passaria a servir a Martin de fiador nas transacções com os seus régios credores franceses. Zebedeu conseguira obter, durante a peste, alguns lucros em seu proveito, os quais lhe iriam permitir voltar a entrar na sua terra como considerado burguês, cujos pecadilhos da juventude jazem, doravante, no esquecimento. Marta veio encontrá-lo ocupado a conversar com um judeu, penhorista a curto prazo, que muito discretamente arrematava, em proveito de Martin, as dívidas activas e os bens móveis dos defuntos e sobre o qual cairia, se fosse preciso, todo o opróbrio de tão chorudo negócio. Zebedeu, ao ver aparecer a herdeira, mandou-o embora.

— Aceite-me por sua mulher — disselhe Marta, sem mais aquelas.

— Vamos lá com calma—respondeu o caixeiro, tentando arranjar uma mentira.

Era casado, pois desposara, em moço, uma rapariga sem recursos, padeira nos Pâquis, tendo ficado intimidado pelas lágrimas da bela e a gritaria da família, em consequência da única indiscrição amorosa que cometera em toda a sua vida.

Uma convulsão há muito que lhe arrebatara o único filho; concedia à mulher uma modesta pensão, procurando sempre manter à distância essa dona de casa de olhar injectado. Não era, porém, o crime de bigamia desses que se podem cometer de ânimo leve.

— Se me dais crédito—disse ele—aconselhar-vos-ia a deixardes em paz este vosso servo e a não adquirir por tão duro preço dois tostões de arrependimento... Apraz-vos assim tanto ver o dinheiro de Martin empregado a reparar igrejas?

— Pois irei passar toda a minha vida na terra de Canaã? perguntou amargamente a órfã.

— Quando a mulher forte entrar na mansão do ímpio, pode fazer com que lá reine a retorquiou o caixeiro, tão afeito como ela ao estilo das Escrituras.

Via-se perfeitamente que não estava interessado em entrar em conflito com os poderosos Fugger. Marta curvou a cabeça; a prudência do caixeiro fornecia-lhe aqueles motivos de submissão que ela, sem o saber, fora a primeira a desejar.

Essa jovem tão austera tinha um vício de velho: amava o dinheiro pela segurança que este dá e a consideração que implica. O próprio Deus a destinara a viver entre os poderosos deste mundo; e nem ela sequer ignorava que um dote como o seu lhe decuplicaria a sua autoridade de esposa, ou que a junção de duas fortunas é um dever a que uma rapariga sensata não pode furtar-se.

Desejava, no entanto, evitar mentiras. Ao encontrar-se pela primeira vez com o flamengo, disselhe:—Decerto ignorais que abracei a santa fé evangélica. Estava certamente à espera de ouvir

uma censura. Mas o seu rotundo prometido contentou-se em responder, abanando a cabeça:—Desculpai-me, mas tenho muita coisa que me preocupe. As questões teológicas são árduas de mais para mim.

E nunca mais tornou a falar nesse assunto. Era difícil saber se seria singularmente astuto, ou pura e simplesmente tacanho de espírito.

Uma conversa em Innsbruck

Henrique Maximiliano via a chuva cair sobre Innsbruck.

O imperador encontrava-se ali instalado, para acompanhar os debates do Concílio de Trento, o qual, como todas as assembleias encarregadas de decidir alguma coisa, ameaçava terminar sem atingir o fim em vista. Na corte, só se falava de teologia e direito canónico; caçadas pelas vertentes lamacentas das montanhas tentavam pouco um homem habituado a perseguir o veado através dos pingues campos da Lombardia; e, vendo escorrer pelos vidros aquela eterna e estúpida chuva, o capitão entretinha-se, no seu íntimo, a praguejar à italiana.

Bocejava vinte e quatro horas por dia. O glorioso César Carlos afigurava-se ao flamengo uma espécie de louco tristonho, e a pompa espanhola parecia-lhe uma dessas armaduras incómodas e reluzentes sob as quais um indivíduo sua em dias de parada, e que qualquer velho soldado trocava por uma pele de búfalo. Ao decidir-se pela carreira das armas, não contara Henrique Maximiliano com o tédio dos tempos mortos, e assim esperava, resmungando, que aquela paz podre viesse dar lugar à guerra. Felizmente que os repastos imperiais comportavam suficientes frangos, cabritos

assados e empadas de enguias; para se distrair, comia como um lobo.

Certa noite em que, sentado numa taberna, rabiscava uns versos e se esforçava por pôr em dístico os seios de cetim branco novinho em folha de Vanina Cami, a sua amiguinha napolitana, sentiu-se importunado pelo sabre de um húngaro, com o qual tentou travar uma querela à alemão. Essas disputas, que terminavam à espadeirada, já faziam parte da sua pessoa; eram-lhe, por temperamento, tão necessárias quanto a um artesão ou a um pacóvio uma rixa a murro ou a pontapé. Desta vez, porém, o duelo, principiado no meio de injúrias em latim macarrónico, não chegou a ir longe: o húngaro não passava de um poltrão que se foi acoitar por detrás da opulenta hospedeira; acabou tudo no meio de uma algazarra de prantos de mulheres e de loiça quebrada, e o capitão, enjoado, voltou ao seu lugar, a tentar, uma vez mais, burilar o seu soneto.

Passara-lhe, porém, a fúria rimante. Um arranhão na face fazia-lhe doer, ainda que não lhe agradasse confessá-lo; e o lenço, bem depressa vermelho, que atara à volta da cabeça à laia de ligadura, dava-lhe o ar ridículo de um homem que sofre de fluxão. Sentado diante de um guisado bem condimentado, faltava-lhe ânimo para comer.

— Devíeis consultar um cirurgião—aconselhou o taberneiro.

— Henrique Maximiliano respondeu que todos os cirurgiões mereciam usar albarda.

— Conheço um que é hábil—disse o estalajadeiro.—Mas é um tipo esquisito, que não quer tratar ninguém.

— Que sorte a minha—lamentou o capitão. Continuava a chover. Na soleira da porta, o taberneiro olhava para as goteiras que pingavam. Mas nisto, disse:—Quando se fala no burro... Um homem friorentamente vestido com uma opa, e ligeiramente curvado sob o capuz castanho, seguia, apressado, junto à valeta.

Henrique Maximiliano gritou-lhe:—Zenão!

O homem virou-se. Encararam-se através da montra, cheia de doçaria e de frangos corados. Henrique Maximiliano julgou ler, na fisionomia de Zenão, uma inquietação que muito se assemelhava ao medo. Ao reconhecer o capitão, acalmou-se o alquimista. Espreitou para dentro da sala baixa.

— Estais ferido?—inquiriu.

— Como vedes—disse o outro.—Já que ainda não ascendestes ao céu dos alquimistas, fazei-me a esmola de um pedaço de compressa e de uma gota de água vulnerária, à falta de água de Juventa.

Era um gracejo amargo. Custava-lhe singularmente constatar quanto Zenão envelhecera.—Deixei de tratar todo e qualquer doente—redarguiu o médico.

— Mas já se lhe dissipara a desconfiança. Entrou na sala, fechando atrás de si a porta que batia com o vento.

— Perdoai-me, irmão Henrique—disse ele.—Sinto prazer em voltar a ver o vosso rosto. Mas sou forçado a furtar-me aos importunos.

— Quem o não tem?—volveu o capitão, que pensava nos credores.

— Vinde a minha casa—convidou, não sem ter primeiro hesitado, o alquimista.

— Estaremos mais à vontade do que aqui nesta taberna.

Saíram os dois. A chuva caía em bategas de água. Estava um destes tempos em que o ar e a água parecem fazer do mundo um grande e triste caos. O capitão achava que o alquimista tinha um ar apreensivo e fatigado. Zenão empurrou com o ombro a porta de uma casita de tecto baixo.

— O vosso estalajadeiro alugou-me bastante caro esta forja abandonada, e é aqui que eu vivo, mais ou menos ao abrigo da curiosidade alheia—disse ele.

— Ele é que faz ouro.

O compartimento era vagamente iluminado pelo clarão de uma parca fogueira, sobre a qual cozia o que quer que fosse, num pote de barro refractário. A bigorna e as tenazes do ferrador que antes ocupava aquele pardieiro davam ao sombrio interior um ar de câmara de torturas. Uma escada levava ao andar onde certamente dormia Zenão. A um canto, um criado novo, de cabelo ruivo e nariz curto, fingia que trabalhava. Zenão despediu-o por todo aquele dia, depois de lhe ter recomendado que fosse primeiro buscar de beber. Pôs-se, depois, à procura de pano branco. Após ter feito o penso a Henrique Maximiliano, perguntou-lhe o alquimista:—Que fazeis aqui nesta cidade?

— Faço de espião—respondeu muito simplesmente o capitão.—O senhor d'Estrosse enviou-me aqui em missão secreta, por causa da questão da Toscana; o facto é que cobiça Seria, não se consola de se encontrar exilado de Florença e espera vir um dia a ganhar o terreno perdido. julgam por aqui que ando a fazer uma cura de banhos, ventosas e sinapismos alemães, e assim vou fazendo a corte ao núncio, que gosta demasiado dos Farnésio para poder gostar dos Médicis, e que, por sua vez, faz, sem convicção, a corte a César. Mais vale jogar a isto do que aos jogos de cartas da Boémia.

— Conheço o núncio—disse Zenão.—Sou um misto de seu médico e de seu informador; está na minha mão fundir-lhe as moedas nestas pobres brasas. já reparaste que estes homens de cabeça caprina têm algo de bode e de antiga quimera? Monsenhor compõe pequenas estrofes jocosas e esmera-se na escolha dos seus pajens. Se eu tivesse talento, não perdia nada em tornar-me seu alcoviteiro.

— E qual é o meu papel aqui senão o de alcovitar?—observou o capitão.—De resto, é o que todos fazem: uns procuram mulheres, ou outra coisa, outros a justiça, ou mesmo Deus. O mais honesto é ainda aquele que trafica com carne e não com fumos. Não levo muito a sério o objectivo dos meus negócios, essas cidades já por dez vezes

vendidas, essas lealdades sifilíticas, essas pechinchas mais que podres. Onde um amante de intrigas poderia encher as algibeiras, extraio eu, quando muito, com que pagar os cavalos de posta e a estalagem. Havemos de morrer pobres.

— Ámen—disse Zenão.—Sentai-vos. Henrique Maximiliano deixou-se ficar de pé, junto ao fogo; desprendia-se-lhe das roupas um vapor. Sentado na bigorna, com as mãos pendidas entre os joelhos, Zenão contemplava a braseira acesa.

— Companheiro do fogo como sempre, Zenão—disselhe Henrique Maximiliano.

O criado ruço entrou com o vinho, para logo sair a assobiar. Servindo-se de beber, o capitão prosseguiu:—Lembrais-vos das apreensões do cónego de São Damaciano? Os vossos Prognósticos das Coisas Futuras vieram confirmar os seus mais negros temores; o vosso opúsculo sobre a natureza do sangue, que eu não li, pareceu-lhe decerto mais digno de um barbeiro que de um filósofo; e o vosso Tratado do Mundo Físico fê-lo certamente chorar. Exorcizar-vos-ia se por desgraça tornásseis a Bruges.

— Faria pior que isso—emendou Zenão, com uma careta.

Se bem que eu tivesse tido o cuidado de rodear o meu pensamento de todos os circunlóquios necessários. Aqui, pus uma maiúscula, acolá um Substantivo; consenti, mesmo, em complicar o meu discurso com um pesado aparato de Atributos e de Substâncias. Acontece com toda essa verborreia o mesmo que com as camisas e as ceroulas, que protegem quem as usa, mas não impedem que, por baixo, se esteja tranquilamente nu.

— Impedem, sim—replicou o improvisado soldado. Nunca olhei para um Apoio, nos jardins do papa, que não o invejasse por se me apresentar tal como sua mãe Latona o fez. Não há nada como a liberdade, e esconder as nossas opiniões é mais desagradável ainda do que ter a pele coberta.

— Artimanhas de guerra, capitão!—sustentou Zenão. Vivemos no meio destas coisas, como vós nas vossas sapas e trincheiras. Acabamos por nos envaidecer com subentendidos que afinal mudam tudo, como um sinal negativo colocado discretamente à frente de uma sorna; esmeramo-nos, neste ou naquele passo, em fazer de uma palavra mais audaciosa o equivalente a uma piscadela de olho, ao levantar da parra, ou ao descer da máscara, logo a seguir reposta, como se nada fosse. Opera-se, então, uma triagem entre os nossos leitores; os parvos acreditam em nós; outros, supondo-nos mais néscios que eles, repudiam-nos; os que ficam, aprendem a desenvencilhar-se no meio do labirinto, a saltar e a contornar o obstáculo da mentira. Muito me surpreenderia que nos textos mais sagrados se nos não deparassem os mesmos subterfúgios. Lido dessa maneira, qualquer livro se torna indecifrável.

Exagerais a hipocrisia dos homens—observou o capitão, com um encolher de ombros.—A maior parte deles pensa pouco de mais, para pensar a dobrar.

E acrescentou com ar meditativo, enquanto enchia o copo:—Por muito estranho que pareça, o vitorioso César Carlos acredita que, neste momento, deseja a paz, e o mesmo sucede com Sua Majestade Cristianíssima.

— Que vem a ser o erro, e o seu sucedâneo, a mentira—proseguiu Zenão—senão uma espécie de Caput Mortuum, uma matéria inerte sem a qual a verdade, excessivamente volátil, não poderia ser triturada no cadinho humano? Esses pensadores comezinhos erguem aos píncaros da Lua aqueles que se lhes assemelham e insurgem-se contra os que se lhes opõem; se as nossas ideias forem, na verdade, de diferente teor das deles, não as percebem; nem sequer as vêem, como um animal rancoroso depressa esquece, no chão da sua jaula, um objecto insólito que não consiga destruir ou devorar.

E assim é possível tornarmo-nos invisíveis.

— Aegrí somnia—observou o capitão.—Isso já eu não entendo. Serei eu, acaso, como o burro do Servet—prossegiu Zenão com sanha—que me arrisque a ser queimado a fogo lento numa praça pública, para honrar não sei que interpretação de um dogma, quando ando às voltas com o meu trabalho sobre os movimentos diastólicos e sistólicos do coração, que para mim têm muito mais interesse?

Se eu disser que três é igual a um, ou que o mundo foi salvo na Palestina, não poderei inserir nessas palavras um sentido oculto, para lá do sentido exterior, e livrar-me, assim, da própria incomodidade da mentira? Há cardeais (conheço alguns) que se safam desse modo, e foi isso que fizeram muitos doutores que passam hoje por usar auréola no Céu. Traço, como qualquer outro, as quatro letras do nome augusto, mas que se inscreve nelas? O todo ou o seu Ordenador?

O que É, ou o que não é, ou o que É não o sendo, como o vazio, e o escuro da noite? Entre o Sim e o Não, entre o Pró e o Contra, existem assim imensos espaços subterrâneos, onde o mais perseguido dos homens poderá viver em paz.

— Não são assim tão estúpidos os vossos censores—objectou Henrique Maximiliano.—Esses senhores de Basileia e o Santo Ofício, em Roma, conhecem-vos o bastante para vos condenarem. A seus olhos, não passais de um ateu.

— O que não é como eles, é contra eles—considerou Zenão, amargamente.

E, enchendo um cálice, bebeu, ávido, por sua vez, o vinho acre da Alemanha.

— Graças a Deus—disse o capitão—, graças a Deus que todo esse beatério não virá a meter o nariz nos meus pobres versos de amor. Só me tenho exposto a perigos simples: aos golpes da guerra, às febres de Itália, ao venéreo das raparigas, aos percevejos das estalagens e aos credores que há por toda a parte.

Já desisti de me meter com essa súcia de barrete ou barretina, tal como também não vou à caça do porco-espinho. Nem sequer refutei esse malandrão do Roberto de Udine, que diz ter descoberto erros na minha versão de Anacreonte, ele que é um ignorante crasso em grego e em todas as demais línguas. Aprecio a ciência, como toda a gente, mas pouco se me dá que o sangue desça ou suba pela veia cava; basta-me saber que arrefece quando a morte chega. E se a Terra se move...

— Move-se—observou Zenão.

— E se a Terra se move, nem de tal me lembro quando a piso, ao andar, e isso muito menos me preocupará quando nela descansar. Em matéria de fé, acreditarei no que o concílio decidir, se é que ele decide alguma coisa, como esta noite comerei o que o taberneiro me tiver preparado. Recebo o meu Deus e o meu tempo tal como eles se me apresentam, se bem que preferisse viver no século em que se adorava Vénus. Não gostaria sequer de me ver privado, no meu leito de morte, de me virar, caso o coração mo peça, para Nosso Senhor Jesus Cristo.

— Sois como um homem a quem não custa admitir que na sala ao lado existe uma mesa com dois bancos, porque tanto se lhe dá que assim seja ou não.

— Irmão Zenão—considerou o capitão—, venho encontrar-vos magro, arrasado, meio louco, vestido com uns farrapos que o meu criado se recusaria a usar.

Valerá a pena ter labutado durante vinte anos para acabar na dúvida, que por si própria nasce em todas as cabeças?

— Não contesto—redarguiu Zenão.—As vossas dúvidas e a vossa fé são bolhas de ar à superfície, mas a verdade, que fica deposta em nós como o sal na retorta durante uma destilação incerta, é, para além de uma pura descrição formal, quente ou fria de mais para a boca humana, demasiado subtil para a palavra escrita, e mais preciosa do que ela.

— Mais preciosa do que a Augusta Sílabas?

— Sim—respondeu Zenão. Sem querer, baixou a voz. Bateu à porta, nesse momento, um frade mendicante, que partiu munido de alguns soldos devidos à generosidade do capitão. Henrique Maximiliano voltou a sentar-se junto à lareira; também ele falava agora em voz baixa.

— Contai-me antes as vossas viagens—segredou.

— Porquê?—inquiriu o filósofo.—Não vou falar-vos dos mistérios do Oriente; nem eles existem, nem vós sois desses papalvos que se divertem com a descrição do serralho do grão senhor. Depressa me apercebi que essas diferenças de clima a que tanto se liga, na realidade pouco representam, dado o facto de que o homem em toda a parte possui dois pés e duas mãos, um membro viril, um ventre, uma boca e dois olhos. Atribuem-me viagens que não fiz; eu próprio mas atribuí, por mero subterfúgio, para me situar tranquilamente num sítio diferente daquele onde julgam que me encontro. Já me supunham na Tartária, e eu em paz e sossego a fazer as minhas experiências em Pont-Saint-Esprit, na Provença. Mas remontemos mais atrás: pouco depois da minha chegada a Leão, foi o meu prior expulso da abadia pelos monges, que o acusavam de judaizar. E é verdade que ele tinha aquela velha cabeça cheia de estranhas fórmulas tiradas do Zobar, referentes às correspondências existentes entre os metais, as hierarquias celestes e os astros. Aprendera eu em Lovaina a desprezar a alegoria, ébrio que andava com os exercícios que ensinam a simbolizar os factos e pronto em seguida a edificar algo sobre esses símbolos, como se realmente de factos se tratasse. Mas ninguém é tão louco que perca por completo o tino. À força de lidar com as retortas, descobrira o meu prior alguns segredos práticos, cuja herança me coube a mim. Mais tarde, em Montpellier, a Escola pouca coisa me ensinou: Galeno, aos olhos daquela gente, ascendera à categoria de ídolo ao qual se sacrifica a própria natureza; quando ataquei certas noções galénicas, que o

barbeiro João Myers já sabia fundamentarem-se na anatomia do macaco, e não na do homem, esses tais doutos preferiram acreditar que a espinha dorsal havia mudado desde o tempo de Cristo, a acusarem o seu oráculo de erro ou leviandade. Havia lá, no entanto, alguns cérebros intrépidos... Lutávamos com grande falta de cadáveres, devido a todos esses preconceitos públicos que nós sabemos. Um tal Rondelet, um médico baixinho tão cómico como o seu nome(1), perdera o filho, atacado, na véspera, por escarlatina: era um estudante de vinte e dois anos, com o qual eu herborizava no Grau-du-Rol. Naquela sala impregnada de vinagre onde dissecávamos o morto, que deixara de ser o filho ou o amigo para ser apenas um belo exemplar da máquina humana, tive pela primeira vez a sensação de que a mecânica, por um lado, e a magna arte, por outro, mais não fazem do que aplicar ao estudo do universo as verdades que nos ensinam os corpos, os quais repetem a estrutura do todo.

1. Rondelet-Rechonchudo. (N. do T)

Uma vida inteira não bastaria para fazer o confronto entre este mundo em que vivemos e o mundo que nós somos. Os pulmões eram o fole que atea a brasa, o pénis uma arma de jacto, o sangue, nos meandros do corpo, a água dos canais, num jardim do Orien o coração, conforme a teoria adoptada, seria a bomba ou a fogueira, e o cérebro o alambique onde uma alma se destila...

— Voltámos a cair na alegoria—observou o capitão.—Se com isso quereis dizer que o corpo é a mais sólida das realidades, dissei-o.

— Não será bem assim—volveu Zenão.—Este corpo, este nosso reino, parece-me feito, por vezes, de um tecido mais traiçoeiro e fugidio do que uma sombra. Não me causaria mais espanto voltar a ver minha mãe, que já morreu, do que deparar, ao dobrar de uma esquina, com o vosso rosto envelhecido, cuja boca ainda sabe o meu

nome, mas cuja substância se refez mais do que uma vez no espaço de vinte anos, e a que o tempo alterou a cor e retocou a forma. Quanto frumento cresceu, entretanto, quantos animais viveram e morreram para sustentar este Henrique que é e não é o mesmo que eu há vinte anos conheci. Mas voltemos às viagens... Pont-Saint-Esprit, onde as pessoas espiavam por detrás dos postigos os actos e os gestos do novo médico, nem sempre foi um mar de rosas, e a eminência com que eu contava trocou Avinhão por Roma... O meu destino tomou a forma de um renegado que assegurava, em Argel, as mudas de cavalos do rei de França: esse honrado corsário partiu uma perna a dois passos da minha porta, e ofereceu-me, a troco dos meus cuidados, passagem na sua tartana. Sei que ainda hoje me está grato. Os meus trabalhos balísticos valeram-me, na Barbária, a amizade de sua alteza, bem como a oportunidade de estudar as propriedades da nafta e a sua combinação com a cal viva, com vista à construção de foguetões ejectáveis para os navios da sua frota. Ubi cumque idem: os príncipes querem engenhos para aumentarem ou salvaguardarem o seu poderio, os ricos o seu ouro, e assim vão custeando durante certo tempo os nossos fornos; os cobardes e os ambiciosos pretendem saber o futuro. Lá me desenvencilhei como pude no meio de tudo isso. Mas maior pechincha era ainda algum doge cacoquimo ou algum sultão doente: o dinheiro afluía; surgia-me uma casa em Génova, perto de São Lourenço, ou em Pêra, no bairro cristão.

Forneciam-me os instrumentos da minha arte, dos quais o mais raro e o mais precioso de todos era a possibilidade de pensar e de agir como bem me aprouvesse. Vinham, depois, as artimanhas dos invejosos, o murmúrio dos néscios, acusando-me de blasfemar contra o seu Alcorão ou o seu Evangelho, mais tarde alguma intriga do paço onde corria o risco de me ver implicado e, por fim, chegava o dia em que mais me valia gastar o último cequim na compra de um cavalo ou no frete de uma barca. Levei vinte anos nestas pequenas

peripécias que nos livros são denominadas aventuras. Matei alguns dos meus doentes por um excesso de audácia, que a outros curou. Mas a sua recaída ou as suas melhoras interessavam-me sobretudo como a confirmação de um prognóstico ou a prova em favor de um método. Ciência e contemplação não bastam, irmão Henrique, se não as transformarmos em poder: o povo tem razão ao ver em nós os adeptos de uma magia branca ou negra. Tornar mais duradouro o que é passageiro, adiantar ou atrasar a hora prescrita, roubar os segredos da morte para lutar contra ela, utilizar as receitas naturais para auxiliar ou contrariar a natureza, dominar o mundo e o homem, refazê-los, talvez criá-los...

— Dias há em que, relendo o meu Plutarco, digo para comigo que é demasiado tarde, e que o homem e o mundo já foram disse o capitão.

— Miragens—atalhou Zenão.—Acontece, com essas vossas idades de ouro, o mesmo que com Damasco e Constantinopla, que só são belas à distância; há que percorrer as suas ruas, para ver os leprosos e os cães esventrados. Ensiname o vosso Plutarco que Heféstion, casmurro, comia nos dias de dieta, como qualquer doente ignorante, e que Alexandre bebia tanto como qualquer destes paspalhões da Alemanha. Desde Adão até hoje, poucos bípedes têm havido merecedores do nome de homem.

— Vós sois médico—disse o capitão.

— Sou—disse Zenão.—Entre outras coisas.

— Sois médico—tornou o flamengo, obstinado.—Calculo que uma pessoa se deve cansar de coser os homens, assim como também de os descoser. Não estais cansado de vos levantar a meio da noite para cuidar desta pobre carcaça?

— Sutor, ne ultra...—retorquiu Zenão.—Auscultava os pulsos, examinava as línguas, estudava as urinas, e não as almas... Não me cabe a mim decidir se o avarento atacado de cólicas merece mais dez anos de vida ou se seria bom que o tirano morresse. O pior, o mais

estúpido dos nossos pacientes ensina-nos sempre algo e as suas sânieis não são mais infectas do que as de um homem hábil ou as de um justo. Cada noite que passava à cabeceira de um fulano qualquer me levava a confrontar-me com perguntas ainda sem resposta: a dor e a sua finalidade, a benignidade da natureza ou a sua indiferença, o problema de saber se a alma sobrevive, ou não, ao naufrágio do corpo. As explicações analógicas que outrora me tinham parecido elucidar os segredos do universo, pululavam agora, a meu ver, de novas hipóteses de erro, dada a sua tendência de atribuir à obscura Natureza o mesmo plano preestabelecido que outros atribuem a Deus. Não digo que duvidasse: duvidar é diferente; prosseguia a investigação até que cada noção se vergasse nas minhas mãos como uma mola forçada; sempre que ia trepando os degraus de uma hipótese, sentia quebrar-se, sob o meu peso, o indispensável SE... Paracelso e o seu sistema das assinaturas pareceu-me ter aberto à nossa arte uma via triunfal, recorrendo, na prática, a superstições de aldeia. O estudo dos horóscopos deixou de me parecer tão útil como dantes para a escolha dos remédios e a predição dos acidentes mortais; admito que sejamos feitos da mesma matéria dos astros; mas isso não implica que eles nos determinem ou nos derrubem. Quanto mais pensava nisso, mais as nossas ideias, os nossos ídolos, os nossos hábitos tidos como santos, e as nossas visões tidas como inefáveis me pareciam engendradas, pura e simplesmente, pelos sobressaltos da máquina humana, exactamente como a ventosidade das narinas ou das partes baixas, o suor e a água salgada das lágrimas, o sangue branco do amor, os lodos e excrementos do corpo. Irritava-me que o homem esbanjasse assim a sua própria substância em construções quase sempre nefastas; que falasse de castidade antes de ter desmontado o maquinismo do sexo, que disputasse acerca do livre arbítrio em vez de pesar as mil e uma obscuras razões que nos fazem pestanejar quando de repente nos

aproximam uma vara dos olhos, ou acerca do Inferno antes de ter interrogado de mais perto a morte.

— Conheço a morte— atalhou o capitão, num bocejo. Entre o tiro de arcabuz que me atirou abaixo em Cérisoles e a golada de aguardente que me ressuscitou, há um hiato profundo. Se não fora o cantil do sargento, a estas horas ainda lá estaria.

— Concordo— redarguiu o alquimista—, se bem que haja muita coisa em abono da noção de imortalidade, e muito, também, em seu desabono. O que os mortos perdem, primeiro que tudo, é o movimento, depois o calor, e a seguir, com mais ou menos lentidão, segundo os agentes a que estão submetidos, a forma: será também o movimento e a forma da alma, mas não a sua substância, que são abolidos com a morte?... Encontrava-me em Basileia, por alturas da peste negra...

Henrique Maximiliano interrompeu-o para dizer que vivia nessa altura em Roma, onde a peste o apanhou em casa de uma cortesã.

— Estava em Basileia— prosseguiu Zenão.— Sabei que por pouco não me encontrei em Pêra com monsenhor Lourenço de Médicis, o Assassino, esse a que o povo chama por derisão Lorenzacio. O príncipe, falho de recursos, alcovitava tal como vós, irmão Henrique; fora incumbido, pela França, de uma missão secreta junto da Porta Otomana. Bem gostaria de ter conhecido esse homem de grande coração.

Quatro anos mais tarde, ao passar por Lião, onde fora entregar o meu Tratado do Mundo Físico ao desditoso Dolet, o meu editor, dei com ele melancolicamente sentado a uma mesa, na sala retirada de uma estalagem. Quis o destino que ele fosse atacado, por essa altura, por um sicário de Florença; tratei-o o melhor que pude; tivemos então a oportunidade de discutir à vontade sobre as loucuras do Turco e as nossas. Propunha-se esse homem atormentado voltar, a todo o custo, à sua Itália natal. Antes de nos separarmos, fez-me dom de um pajem caucasiano que sua alteza em pessoa lhe havia dado, e

isso em troca de um veneno com o qual contava para morrer, se viesse a cair nas mãos dos seus inimigos, isto para não abdicar do estilo que imprimira a toda a sua vida.

Não teve ocasião de experimentar a minha droga, pois acabou em Veneza, numa viela escura, às mãos daquele mesmo espadachim a que em França escapara. E eu fiquei com o seu servo... Vós, os poetas, transformastes o amor numa imensa impostura: o que nos cabe em sorte parece-nos sempre menos belo do que essas vossas rimas coladas como duas bocas uma à outra. Todavia, que outro nome se poderia dar à chama que ressuscitava como a Fénix da sua própria queimadura, à necessidade de deparar, à noite, com o rosto e o corpo que de manhã deixáramos? Porque certos corpos, irmão Henrique, são refrescantes como a água, e seria bom saber-se por que razão os mais ardentes são precisamente os que mais nos refrescam. Alei, vinha, pois, do Oriente, como os meus unguentos e electuários; e nunca ele, por esses caminhos lamacentos, por esses casebres cheios de fumo da Alemanha, me fez a injúria de se mostrar saudoso dos jardins do grão senhor e das suas fontes batidas pelo sol... O que eu mais apreciava era sobretudo o silêncio a que a dificuldade das línguas nos reduzia. Conheço o árabe dos livros, mas do turco apenas o necessário para perguntar o caminho; Alei falava turco e um nada de italiano; do seu idioma natal, apenas algumas palavras lhe afloravam em sonhos... Depois de tantos pacóvios tagarelas e impudentes que por azar tivera ao meu serviço, possuía agora esse duende, esse ondino, que o vulgo me concedia como ajudante... Ora, certa noite atroz, em Basileia, naquele ano da peste negra, vim dar com o meu servo prostrado pelo flagelo. Prezais a beleza, irmão Henrique?

— Sim — disse o flamengo. — Feminina. Anacreonte é bom poeta e Sócrates um homem magnífico, mas eu não entendo como se pode renunciar a esses orbes de tenra e rósea carne, a esses belos corpos tão curiosamente diferentes dos nossos, onde se entra como um

conquistador penetrando numa cidade em festa, florida e engalanada em sua honra. E mesmo que seja falsa a festa e traiçoeiros os broquéis, que importa? Essas pomadas, esses frisados, esses perfumes cujo emprego desonra um homem, desfruo-os eu através das mulheres. Porque haveria de me meter por vielas escusas, quando se abre à minha frente uma estrada ensoalhada por onde posso avançar com honra? Nada de faces que bem depressa perdem a sua maciez e se oferecem mais ao barbeiro do que ao amante!

— Pois eu — disse Zenão, eu prezo acima de tudo esse prazer um tudo-nada mais secreto que qualquer outro, esse corpo semelhante ao meu que reflecte o meu prazer, agradável ausência de todos esses acréscimos de prazer que são a carinha bonita das cortesãs e a gíria dos petrarquistas, as blusas bordadas da Signora Livia e as camisinhas de renda de Dona Laura; essa intimidade que não é hipocritamente justificada pela perpetuação da sociedade humana, mas que nasce de um desejo e com ele morre, e à qual, se algum amor se lhe associa, não é que a isso me predispuessem os estribilhos da moda... Ocupava eu, então, nessa Primavera, um quarto de hospedaria à beira do Reno, repleto do tumulto das enchentes; tínhamos que gritar para nos fazermos ouvir; apenas sobressaía, vagamente, o som plangente de uma viola que eu ordenava ao meti servo tocasse quando a fadiga me invadia, pois a música sempre me pareceu um específico e um recreio para o espírito. Nessa noite, porém, Alei não me esperava com a lanterna na mão, junto à estrebaria onde se acoitava a minha mula. já decerto deplorastes, irmão Henrique, a sorte das estátuas feridas pela picareta e roídas pela terra; já vos revoltastes contra o tempo que maltratava a beleza.

A mim, no entanto, não me custa a crer que o mármore, cansado de ter conservado por tão longo tempo uma aparência humana, se regozije de voltar a ser simplesmente pedra ... A criatura, pelo

contrário, teme regressar à substância informe ... Fui, logo à entrada, advertido por um cheiro fétido, pelos esforços da boca aspirando, e tornando a vomitar, a água que a garganta já não consegue engolir e o sangue ejaculado pelos pulmões doentes. Mas aquilo a que se chama alma subsistia ainda, e os olhos de cão confiante que não duvida que o dono irá vir em seu auxílio... Não era decerto aquela a primeira vez que os meus julepos se mostravam ineficazes, mas, até ali, nenhuma morte fora, para mim, mais do que um pião perdido na minha jogada de médico. Mais ainda: à força de combater sua majestade negra, instaura-se entre nós e ela uma espécie de secreta cumplicidade; assim também um capitão acaba por conhecer e admirar a tática do inimigo. Há sempre um momento em que os doentes compreendem que nós A conhecemos bem de mais para que, por mor deles, nos não resignemos ao inevitável; enquanto vão suplicando e debatendo-se ainda, já nos nossos Olhos podem ver um veredicto que melhor seria não verem. Só quando queremos muito a alguém é que nos apercebemos quão escandalosa é a morte de uma criatura...

Faltou-me a coragem, ou pelo menos essa impassibilidade que tão necessária nos é. Pareceu-me vã a minha profissão, o que é quase tão absurdo como considerá-la sublime. Não é que eu sofresse: sabia, muito pelo contrário, que seria incapaz de imaginar o sofrimento daquele corpo que à minha vista se contorcia; o meu criado morria num outro profundo reino. Chamei, mas o estalajadeiro não se dignou vir em meu auxílio. Peguei no cadáver e coloquei-o no chão, enquanto não vinham os coveiros que de manhã cedo iria chamar; queimei, pedaço a pedaço, o colchão de palha, no fogão do quarto. O mundo de dentro e o mundo de fora, o macrocosmo e U microcosmo continuavam a ser os mesmos que eram dantes, nas dissecações de Montpellier, mas as enormes engrenagens que se encaixavam umas nas outras giravam agora em pleno vácuo; deixaram de maravilhar-me esses frágeis mecanismos... Envergonho-me de confessar que a

morte de um criado foi o bastante para provocar no meu íntimo uma tão negra revolução, mas uma pessoa vai-se cansando, irmão Henrique, e eu) à não sou nenhum jovem: tenho mais de quarenta anos. Estava farto da minha profissão de remendador de corpos; sentime enjoado com a ideia de voltar, na manhã seguinte, a tomar o pulso do senhor almotacé, a serenar a senhora bailia, a observar, à contraluz, as urinas do senhor pastor. Nessa noite, jurei a mim mesmo não mais tratar ninguém.

— O dono do Cordeiro de Oiro pôs-me ao facto dessa vossa fantasia—disse com ar grave o capitão.—Mas tratais a gota do núncio e aqui estão, na minha cara, a vossa compressa e o vosso emplastro.

— Já lá vão seis meses—tornou Zenão, que, com a ponta de um tição, ia traçando rabiscos na cinza.—Renasce a curiosidade, o desejo de pôr em prática os talentos que se tem, e de socorrer, na medida do possível, os companheiros empenhados como nós nesta singular aventura.

Deitei para trás das costas a visão da noite escura. À força de se não falar a ninguém nestas coisas, acaba-se por esquecê-las.

Erguendo-se, aproximou-se Henrique Maximiliano da janela e observou:—Continua a chover. Continuava a chover. O capitão tamborilava nos vidros.

Nisto, regressando até junto do seu anfitrião, disse:—Sabeis que Sigismundo Fugger, o meu parente de Colónia, foi, ao que se diz, mortalmente ferido numa batalha travada na terra dos Incas? Segundo corre, esse indivíduo possuía cem cativas, cem corpos de cobre vermelho com suas várias incrustações de coral e oleosos cabelos cheirando a especiarias. Quando viu que ia morrer, Sigismundo mandou cortar as cem cabeleiras das suas escravas; ordenou que as estendessem numa cama e fez com que ali o deitassem, para entregar a alma sobre aquele pêlo que cheirava a canela, a suor e a mulher.

— Custa-me a crer que tão belas tranças não estivessem repletas de bichos— atalhou o filósofo, com azedume.

E, antecipando-se a um gesto irritado do capitão: Bem sei o que estais a pensar. Sim, também já catei com ternura negros anéis de cabelo.

O flamengo continuava no seu vaivém, menos, ao que parecia, para desentorpecer as pernas, do que para afastar as ideias que o obcecavam.

— O vosso mau humor é contagioso— disse ele, tornando enfim a instalar-se junto à lareira.—O que acabastes de contar predispôs-me a rever a minha vida.

Não me lamento: mas tudo me tem saído diferente do que eu imaginara. Bem sei que não tenho o estofo de um grande capitão, mas já observei de perto aqueles que passam por sê-lo; e bem surpreendido fiquei. Esbanjei na Península, por prazer, um bom terço dos meus dias de vida; faz mais bom tempo ali que na Flandres, mas come-se pior. Os meus poemas não merecem sobreviver ao papel em que o meu editor os imprime a expensas minhas, quando acaso se me proporcionam meios de ostentar, como os demais, um anterrosto e um frontispício. Não são para mim os loiros de Hipocrene; não atravessarei os séculos encadernado em coiro. Mas quando constato quão poucos são os que lêem a Moda de Homero, mais me agrada a minha condição de autor pouco lido. Fui amado por algumas damas; mas muito raramente por aquelas a quem sacrificaria a minha vida... (Porém, olhando bem para mim, que arrogância a minha em crer que as belas por quem suspiro suspirassem pela minha pele ...) A Vanina, em Nápoles, de quem eu, por assim dizer, sou esposo, é uma belíssima rapariga, mas o seu cheiro não é o do âmbar, nem todas as suas ruivas tranças lhe pertencem. Regressei à nossa terra natal e aí passei algum tempo: minha mãe morreu, que Deus a guarde! era uma pobre mulher que vos queria bastante. Meu pai, creio eu, está no Inferno, mais as suas

sacas de oiro. Meu irmão recebeu-me bem, mas, ao fim de oito dias, percebi que era tempo de partir. Às vezes tenho pena de não ter engendrado filhos legítimos, pois não gostaria de ter sobrinhos por filhos. Sou tão ambicioso como outro qualquer, mas quando um poderoso senhor de ocasião nos recusa um privilégio ou uma pensão, que alegria a nossa poder sair da antecâmara sem ter que agradecer a monsenhor, e caminhar livremente por essas ruas com as mãos metidas nas algibeiras vazias ... Tenho fruído grandes prazeres: rendo graças ao Eterno, que todos os anos nos traz um novo contingente de moças núbeis, e um novo vinho cada Outono que passa; às vezes penso para comigo que tenho passado a bela vida de um cão estendido ao sol, com o seu largo quinhão de rixas e alguns ossos que roer. E, contudo, raramente deixo uma amante sem aquele pequeno suspiro de alívio do aluno ao sair da escola, e acredito de boamente que suspirarei do mesmo modo à hora da morte. Falais-me de estátuas; poucos prazeres conheço mais requintados que o de contemplar a Vénus de mármore que o meu bom amigo, o cardeal Caraffi, possui na sua galeria napolitana: tão belas são as suas brancas formas, que nos varrem do coração os desejos profanos e nos dão vontade de chorar. Se eu, porém, me esforço por olhá-la meio quarto de hora apenas, os meus olhos e o meu espírito deixam de vê-la por completo.

Irmão: em todas as coisas terrenas há um certo ressaibo' um certo travo que nos enoja, e os raros objectos que porventura partilham da perfeição são mortalmente tristes. A filosofia não é o meu forte, mas às vezes penso que Platão tem razão, tal como o cónego Campanus a tem também. Deve existir algures o que quer que seja de mais perfeito do que nós próprios, um bem cuja presença nos confunde e cuja ausência nos é insuportável.

— Sempiterna Temptatio—considerou Zenão.—Penso para comigo, não raras vezes, que nada no mundo, salvo uma ordem eterna ou uma singular veleidade da matéria em construir algo que a

ultrapasse, poderá explicar a razão por que, de dia para dia, me esforço por pensar com um pouco mais de clareza que no dia anterior.

Continuava sentado, de queixo caído, naquele quarto invadido por um húmido crepúsculo. O fogo da lareira tingia-lhe de vermelho as mãos roídas pelos ácidos, marcadas, aqui e além, por ténues cicatrizes de queimaduras; via-se que considerava atentamente esses estranhos prolongamentos da alma, esses grandes instrumentos feitos de carne que nos servem para tomar contacto com tudo.

— Louvado seja eu! — exclamou ele, por fim, com uma espécie de exaltação em que Henrique Maximiliano julgou reconhecer o Zenão inebriado de devaneios mecanicistas partilhados com Colas Cheel. — Sempre me há-de maravilhar o facto de esta carne sustentada pelas suas vértebras, de este tronco ligado à cabeça pelo istmo do pescoço e com os membros dispostos simetricamente à sua volta, conter, e talvez produzir, um espírito que tira partido dos meus olhos para ver e dos meus gestos para apalpar... Conheço os seus limites, e sei que lhe falta tempo para ir mais longe, e força, se porventura pudesse dispor de tempo. Mas existe, e, neste momento, ele é aquele que É. Bem sei que se engana, que erra, que por vezes interpreta mal as lições que o mundo lhe ministra, mas sei também que possui o dom de conhecer e não raro rectificar os seus próprios erros. Já percorri grande parte desta bola onde vivemos; estudei o ponto de fusão dos metais e a germinação das plantas; observei os astros e examinei o interior dos corpos. Sou capaz de extrair, deste tição que aqui está, a noção de peso, e destas chamas a noção de calor.

Sei que não sei aquilo que não sei; invejo aqueles que venham a saber mais, mas sei que, tal como eu, terão que medir, pesar, deduzir e desconfiar das deduções alcançadas, distinguir o que há de falso no verdadeiro e levar em conta a eterna mistura da verdade e da falsidade. Nunca me agarrei fixamente a uma ideia, por temer a confusão em que, sem ela, poderia vir a cair. Nunca temperei um

facto verdadeiro com o molho da mentira, para me facilitar a digestão. Nunca deformei os pontos de vista do adversário para mais facilmente ter razão, nem sequer, durante o debate sobre o antimónio, os de Bombast, que nem mesmo assim me ficou grato. Ou talvez sim: surpreendi-me nesse acto, mas sempre me repreendi como se repreende um criado desonesto, confiando apenas na promessa que a mim mesmo me fiz de vir a proceder melhor. Sonhei com os meus sonhos; não considero tudo isto mais do que sonhos. Absteve-me sempre de fazer da verdade um ídolo, preferindo designá-la pelo nome mais humilde de exactidão. Os triunfos e os perigos que acumulei não são aquilo que se pensa: existem outras glórias para além da glória e outras chamas para além das da fogueira. Consegui, praticamente, desafiar as palavras. Hei-de morrer um pouco menos estúpido do que nasci.

— já não é mau—observou, num bocejo, o homem de armas.— Mas as vozes do povo atribuem-vos glória mais sólida. A de fazerdes oiro.

Não—retorquiu o alquimista—, mas outros o hão-de fazer. É uma questão de tempo e de instrumentos adequados para levar a bom termo a experiência. Que são uns poucos de séculos?

Um tempo imenso, quando se trata de pagar a conta XO Cordeiro de Oiro—observou prazenteiro o capitão.

Talvez um dia venha a ser tão fácil fazer oiro como soprar o vidro—proseguiu Zenão.— À força de escavarmos com os dentes a casca das coisas, acabaremos por deparar com a razão secreta das afinidades e dos desacordos... Que vem a ser uma broca mecânica ou uma bobina que se enche por si própria? No entanto, essa cadeia de ínfimas descobertas poderá levar-nos mais longe do que a Magalhães e a Américo Vespúcio as suas viagens. Sinto raiva quando penso que a invenção humana estacionou após a descoberta da primeira roda, do primeiro torno, da primeira forja; apenas se tem pensado em diversificar os empregos do fogo roubado ao céu. E,

contudo, bastava um pouco de aplicação para deduzir, de meia dúzia de princípios simples, toda uma série de engenhosas máquinas capazes de aumentarem o saber ou o poder do homem: engenhos que, accionados, produziriam calor, tubos que propagariam o fogo como outros propagam a água e reverteriam em prol das destilações e da fundição o dispositivo dos antigos hipocaustos e das estufas do Oriente... Riemer, em Ratisbona, crê que o estudo das leis do equilíbrio viria a possibilitar a construção, para fins bélicos e pacíficos, de carros que cruzariam os ares e nadariam debaixo de água. A vossa pólvora de canhão, que relega ao nível de brincadeira infantil os feitos de Alexandre, nasceu, assim, das cogitações de um cérebro...

— Alto lá!—exclamou Henrique Maximiliano.—Quando nossos pais pegaram, pela primeira vez, o fogo à mecha, julgou-se que essa tonitruante descoberta iria semear a confusão na arte bélica e abreviar os combates por falta de combatentes. Mas tal não sucedeu, graças a Deus! Mata-se mais (e mesmo assim duvido) e os soldados manejam o arcabuz em vez da besta. Mas a velha coragem, a velha cobardia, a velha manha, a velha disciplina e a velha insubordinação continuam a ser as mesmas, do mesmo modo que a arte de avançar, de recuar ou de continuar no mesmo sítio, de meter medo ou de fingir não ter medo. Os nossos guerreiros ainda plagiam Aníbal e compulsam Vegécio. Continuamos como dantes a farejar a cauda dos mestres.

— Sei, desde há muito, que uma onça de inércia pesa mais do que um alqueire de saber—disse Zenão, irritado.—Não ignoro que, para os vossos príncipes, a ciência não é mais do que um arsenal de expedientes menos sérios do que os seus carrosséis, os seus penachos e comendas. Não obstante, irmão Henrique, conheço, aqui e acolá, pelos vários cantos da Terra, cinco ou seis miseráveis mais loucos, mais desarmados e suspeitos do que eu, que sonham secretamente com um poder mais terrível do que o que o César

Carlos jamais deterá. Se Arquimedes tivesse tido um ponto de apoio, não só teria conseguido erguer o mundo, como o teria feito cair no abismo, como uma concha partida... E, francamente, em Argel, perante a bestial ferocidade turca, ou ainda perante o espectáculo da insânia e do furor que assolam nossos reinos cristãos, muitas vezes pensei para comigo que ordenar, instruir, enriquecer ou instrumentar a nossa espécie talvez não passasse de um mau passo dado no meio desta universal desordem, e que, de bom grado, não como uma fatalidade, veria um dia um Fáeton pegar fogo à Terra. Quem sabe se algum cometa poderá vir a sair das nossas cucúrbitas? Quando vejo aonde nos levam as nossas especulações, irmão Henrique, cada vez menos me surpreende que nos condenem à fogueira.

E pondo-se de pé num repente:—Tive notícia de que a perseguição movida contra mim, por causa das minhas Prognosticações, se intensificou. Ainda nada foi decidido, mas os próximos dias são de alerta. É raro dormir aqui nesta forja, prefiro passar a noite em sítios menos presumíveis. Sairemos juntos, mas, se temeis os olhares curiosos de certa gente, faríeis melhor em vos separardes de mim à saída.

— Por quem me tomais? — retorquiu o capitão, mostrando, talvez, mais desenvoltura do que a que tinha.

Abotoou o casacão, vociferando contra os bufos que metem o nariz na vida do próximo. Zenão pôs o capote, já quase seco.

Antes de saírem, partilharam os dois um resto de vinho que ainda havia no fundo do jarro. O alquimista fechou a porta e pendurou a enorme chave debaixo de uma trave, onde o criado daria com ela. A chuva parara. Anoitecia, mas a luz ténue do poente reflectia-se ainda na neve fresca das encostas dos montes, por detrás da ardósia dos tectos cinzentos. Zenão, sem abrandar o passo, perscrutava os recantos dos tectos cinzentos.

— Estou quase na penúria—disse o capitão.—Se, no entanto, dadas as vossas presentes dificuldades...

— Não, irmão—atalhou o alquimista.—Em caso de perigo, o núncio dar-me-á dinheiro para pegar na trouxa e partir. Guardai as moedas para paliativo dos vossos males.

Uma carruagem escoltada por guardas, que decerto conduzia qualquer importante personagem ao castelo imperial de Ambras, latiçou-se a toda a brida pela rua estreita. Afastaram-se para a deixarem passar. Quando o barulho cessou, Henrique prosseguiu, meditativo:—Nostradamo, em Paris, prediz o futuro e exerce em paz. O que é que vos censuram?

— Ele confessa que o faz mediante a ajuda dos Céus ou do Inferno—disse o filósofo, limpando com a manga os salpicos de lama.—Estes senhores, aqui, consideram mais ímpia ainda a hipótese nua e crua, e a ausência de todo esse aparato de demónios ou anjos em caldeirões que cantam... Depois, as quadras de Michel de Nostre-Dame, em quem eu não me fio, mantêm em suspenso a curiosidade das multidões, com o prenúncio de calamidades públicas e de mortes reais. Por minha parte, as preocupações actuais do rei Henrique II tocam-me tão ao de leve que não me vou pôr a predizer qual será o seu futuro...

Enquanto viajava, assaltou-me uma ideia: à força de rondar pelos caminhos do espaço, de saber, Aqui, que Acolá me esperava, se bem que ainda me encontrasse distante, decidi, à minha maneira, aventurar-me pelos caminhos do tempo.

Acabar com o fosso que existe entre o vaticínio categórico do calculador de eclipses e o diagnóstico já mais titubeante do médico, arriscar-me, com a máxima precaução, a escorar uma mediante a outra, a premonição e a conjectura, traçar, nesse continente que ainda não atingimos, a carta dos oceanos e a das terras já imersas... É esta tentativa que me põe exausto.

— Tereis a mesma sorte do doutor Fausto dos fantoches de feira-disse, por brincadeira, o capitão.

— Isso é que não!—exclamou o alquimista.—Deixai por conta das velhas essa história idiota do pacto e da perdição do sábio doutor. Um verdadeiro Fausto teria outra concepção da alma e do Inferno.

Dali em diante, só se preocuparam em evitar as poças de água. Caminhavam ao longo dos cais, pois Henrique Maximiliano morava perto da ponte. Nisto, perguntou o capitão:—Onde ides passar a noite? Zenão olhou de soslaio para o companheiro:—Ainda não sei —disse ele, circunspecto.

Voltou a reinar o silêncio: tinham ambos esgotado o seu saco de palavras. De súbito, Henrique Maximiliano estacou, tirou da algibeira um canhenho e começou a ler à luz de uma candeia colocada por detrás de um grande globo cheio de água, na montra de um ourives que naquele dia trabalhava até tarde. ...

Stultissimí, inquit Eumolpus, tum Encolpi, tum Gitonis aerumnae, etprecipue blanditiarum Gitonis non immemor, certe estis vos quifelizes essepotestis, vitam tamen aerumnosam degítis et singulis diebus vos ultro novis torquetis crucíatibus. Ego sic semper et ubique vixi, ut ultimam quamque lucem tanquam non redituram consumarem, i .d est in summa tranquillitate..

— Deixai-me verter isto para francês—disse o capitão pois creio que o latim da farmácia vos fez esquecer o outro. Eurriólpio, esse velho libertino, dirige aos seus dois favoritos, Encólpio e Gitão, palavras que achei dignas de serem transcritas para o meu breviário: "Que estultos sois, disse Eumólpio, lembrando-se dos males de Encólpio e de Gitão, e sobretudo das gentilezas deste último. Poderíeis ser felizes, e no entanto levais uma vida miserável, condenados, cada dia que passa, a uma opressão pior que a da véspera. Pela minha parte, vivi cada dia como se fora o meu último

dia, ou seja, na maior das tranquilidades. " Petrônio—explicou ele—é um dos meus santos intercessores.

— O mais belo nisso—aprovou Zenão—é que o vosso autor nem sequer admite que o derradeiro dia de um homem sábio possa ser vivido a não ser em paz. Tentaremos recordá-lo quando soar a nossa hora.

Desembocaram à esquina de uma rua, em frente de uma capela iluminada, onde se celebrava uma novena. Zenão dispôs-se a entrar.

— Que ides fazer para junto desse beatério?—inquiriu o capitão.

— Pois não vo-lo expliquei já?—volveu Zenão.— Vou tornar-me invisível.

Esgueirou-se por detrás da cortina de coiro suspensa à entrada da porta.

Henrique Maximiliano deixou-se ficar para trás, afastou-se, tornou ao mesmo sítio, até se distanciar definitivamente, assobiando o seu velho estribilho: Éramos dois compinchas Corríamos montes e vales. Pensávamos viver à larga...

De regresso a casa, deparou com uma mensagem do senhor Strozzi, dando por findos os conciliábulos secretos respeitantes à questão de Seria. Pensou Henrique Maximiliano que os ventos sopravam a favor da guerra, ou que talvez lhe tivessem movido intriga junto do marechal florentino, persuadindo, assim, sua excelência a recorrer a outro agente. Durante a noite, recomeçou a chover, tendo acabado por nevar. No dia seguinte, o capitão partiu, com armas e bagagens, em busca de Zenão.

As casas vestidas de branco faziam lembrar rostos, cujos segredos se ocultassem sob a uniformidade de uma cogula. Henrique Maximiliano deparou, agradado, com O Cordeiro de Ouro, onde o vinho era bom. Ao trazer-lhe de beber, contou-lhe o estalajadeiro que o criado de Zenão se apresentara de manhã cedo a entregar a chave e a pagar o aluguer da forja. Por volta do meio-dia, um oficial da

Inquisição, encarregado de prender Zenão, solicitara a ajuda do taberneiro.

Mas um demónio, por certo, prevenira a tempo o alquimista. O que de mais insólito se lhes deparou na casa foi uma série de retortas de vidro cuidadosamente reduzidas a pedaços.

Henrique Maximiliano ergueu-se com precipitação, deixando em cima da mesa o dinheiro do quarto. Daí a dias, entrava em Itália pelo vale do Bréner.

A carreira de Henrique Maximiliano

Brilhara em Cérises, mostrara, em defesa de meia dúzia de desconjuntados pardieiros milaneses, o mesmo gemo, dizia ele, de que o falecido César dera provas ao impor-se como senhor do mundo; Blaise de Monduc estava-lhe reconhecido pelas suas belas palavras, que davam alento aos homens. A vida, passara-a ele, alternadamente, ao serviço de Sua Majestade Cristianíssima e de Sua Majestade Católica, mas era a jovialidade francesa que melhor condizia com o seu humor. Poeta, desculpava-se da pobreza das rimas com os afazeres militares; capitão, explicava os seus erros tácticos pela poesia que lhe trabalhava no espírito; era, aliás, considerado, num e noutro ofício, que, juntos, não trazem fortuna a ninguém. As suas vagabundagens pela Península desiludiram-no da Ausónia dos seus sonhos; aprendera a desconfiar das cortesãs romanas, depois de lhes ter pago uma vez a sua quota-parte, e a escolher os melões nas locandas do Trastevere, lançando negligentemente ao Tibre as suas cascas verdes. Não ignorava que o cardeal Maurício Caraffa o não considerava mais do que um veterano com uma certa argúcia, a quem, em tempo de paz, se dá a esmola de um posto mal remunerado de capitão da guarda; Vanina,

a sua amante napolitana, subtraía-lhe uma bela soma à conta de um filho que talvez não fosse dele; mas isso pouca importância tinha. Dona Renata de França, cujo palácio era o hospital dos desvalidos, de bom grado lhe teria oferecido uma sinecura no seu ducado de Ferrara, onde acolhia o primeiro depenado que lhe aparecesse, na condição de este se embriagar em sua companhia com o belo e picante vinho dos Salmos. Nada tinha a ver o capitão com toda essa gente. Convivia cada vez mais com a arraia-miúda, como ela envergando, todas as manhãs, o seu casacão remendado, com o mesmo prazer que lhe daria rever um velho amigo, confessando, todo satisfeito, apenas se lavar com a água da chuva, partilhando, com uma súcia de aventureiros picardos, de mercenários albaneses e de proscritos florentinos, o toucinho rançoso, a palha bolorenta e as festas do cão amarelo que acompanhava o rancho. Esta dura vida tinha, porém, as suas delícias.

Restava-lhe o seu amor pelos belos nomes antigos, que na mais insignificante parede de Itália lançam a poalha de ouro ou o retalho de púrpura de uma importante recordação; o prazer de deambular pelas ruas, ora pela sombra, ora pelo sol, de interpelar em toscano uma linda rapariga e ficar à espera de um beijo ou de um chorrilho de injúrias, de beber a água das fontes e sacudir dos dedos grossos as gotículas, sobre o pó das lajes, ou, ainda, de decifrar, de soslaio, um fragmento de inscrição latina, enquanto ia distraidamente urinando contra um marco.

Da opulência paterna, apenas beneficiara de uma parte da refinaria de Maestricht, cujos lucros raramente tomavam o caminho do seu bolso, e uma das mais pequenas terras familiares, certo lugar conhecido por Lombardia, na Flandres, cujo nome, só por si, bastava para fazer rir aquele homem que já tivera a oportunidade de percorrer, de alto a baixo, a autêntica Lombardia.

Os capões e os feixes de lenha dessa terra senhorial iam parar aos fornos e à lareira de seu irmão; a assim estava certo; fora com todo o

prazer que, no dia dos seus dezasseis anos, renunciara ao direito de primogenitura a troco do prato de lentilhas do soldado. As breves e cerimoniaosas cartas que, de quando em quando, recebia desse irmão, por ocasião de alguma morte ou boda, sempre terminavam, é facto, por um oferecimento de préstimos em caso de necessidade, mas Henrique Maximiliano sabia perfeitamente que o outro, ao formulá-lo, não acreditava que ele se aproveitasse do convite. Aliás, Filiberto Ligre nunca deixava de fazer alusão às tremendas obrigações e às importantes despesas a que o obrigava o seu cargo de membro do Conselho dos Países Baixos, de modo que, no fim de contas, era o capitão, livre de quaisquer encargos, quem parecia fazer figura de ricoço, e o homem carregado de oiro a de um indivíduo em apuros, aos cofres do qual seria vergonhoso recorrer.

Uma vez, e só uma, voltou o soldado tarimbeiro a casa dos seus. Exibiram-no imenso, como se quisessem dar a saber aos outros que aquele prodígio também era, afinal, apresentável em público. O próprio facto de o confidente do marechal d'Estrosse não possuir, por assim dizer, um emprego ou um posto que se visse, conferia-lhe um certo brilho, como se ele se tornasse importante à força de ser obscuro. Os poucos de anos que contava a mais do que o secundogénito haviam-no transformado, era essa a sua sensação, numa relíquia de outras eras; achava-se ingénuo ao lado daquele indivíduo ainda novo, prudente, feito de gelo. Antes de partir, confessou-lhe Filiberto que o imperador, a quem as fitas heráldicas pouco custavam, de boamente apenderia um título à terra da Lombardia, se os talentos guerreiros e diplomáticos do capitão ficassem, doravante, unicamente ao serviço do Santo Império. Foi uma ofensa a sua recusa: supondo que Henrique Maximiliano desdenhasse arrastar essa cauda atrás de si, sempre era um título que contribuiria para a ilustração da família. Henrique Maximiliano, em resposta, aconselhou o irmão a meter a ilustração da família lá naquele sítio.

Depressa se fartou dos magníficos lambris da herdade de Stenberg, que o mais novo preferia à propriedade, um tanto antiquada, de Dranoutre, mas cujas pinturas, extraídas da Fábula, se afiguravam grosseiras a esse homem habituado ao que de melhor havia na arte italiana. Como também já estava mais que farto da sua enfadonha cunhada arreada de jóias, e da cambada de irmãs e cunhados moradores nos solares da vizinhança, com os seus fedelhos mantidos à trela por titubeantes preceptores. As pequenas disputas, as intrigas, os compromissos gravados na fronte dessa gente mais o compeliavam a apreciar o convívio da soldadesca e das vivandeiras, com os quais, ao menos, se pode praguejar e arrotar à vontade, e que são, quando muito, uma espuma, não um lodo escondido.

Do ducado de Módena, onde o seu camarada Lariza del Vasto lhe arranjava emprego, pois que o tempo de paz já era demasiado para a sua bolsa, assistia Henrique Maximiliano, como quem não quer a coisa, ao resultado das suas negociações sobre a questão toscana: como os agentes de Strozzi tivessem finalmente convencido os de Seria a revoltarem-se contra os imperiais, por amor à liberdade, aqueles belos patriotas tinham ido logo arranjar uma guarnição francesa encarregada de os defender contra sua majestade germânica. Henrique voltou ao serviço sob as ordens do senhor de Montluc: um cerco era uma oportunidade rara, que não se podia perder.

O Inverno ia agreste; os canhões, nas muralhas, apareciam pela manhã cobertos de uma fina camada de geada; as azeitonas e os salgados coriáceos das míseras rações repugnavam aos estômagos franceses. O senhor de Monduc só aparecia em público depois de ter esfregado com vinho as faces pálidas, tal como um actor se maquilha antes de entrar em cena, e dissimulava, por detrás da mão enluvada, os bocejos da fome. Henrique Maximiliano propunha-se, em versos burlescos, enfiar num espeto a própria águia imperial; na realidade,

tudo isto não passava de artifícios e réplicas teatrais, à maneira de Plauto ou dos palcos dos comediantes de Bolonha. A águia iria devorar, uma vez mais, os patitos italianos, depois de ter assestado, aqui e acolá, umas boas cacetadas no presunçoso galo francês; muito boa gente morreria, mas tal era o seu ofício; o imperador mandaria cantar um Te Deum pela vitória de Seria; e novos empréstimos, tão sabiamente negociados como um tratado entre dois príncipes soberanos, submeteriam ainda mais sua majestade à Casa Ligeira, que, aliás, havia anos, ostentava discretamente outro nome, ou a qualquer empório comercial rival, de Antuérpia ou da Alemanha. Vinte e cinco anos de guerra e de paz armada haviam ensinado ao capitão em que consiste o inverso do jogo.

Mas esse flamengo mal alimentado deslumbrava-se com os jogos, os risos, as galantes procissões das nobres damas de Seria, pavoneando-se na praça disfarçadas de ninfas ou de amazonas, com as suas cotas de cetim cor-de-rosa.

Todas aquelas fitas, aquelas bandeiras pintadas, aquelas saias agradavelmente arrepanhadas pela aragem, que soprava às esquinas de sombrias vielas semelhantes a foices, faziam rejubilar as tropas e, em menor grau, os burgueses desconcertados com o marasmo dos negócios e a carestia dos víveres. O cardeal de Ferrara alcandorava nas nuvens a Signora Fausta, mas esta tramontana punha-lhe em pele de galinha os opulentos ombros nus; o senhor de Ternes dava o prémio à Signora Fortinguerra, que do alto das muralhas exhibia galante, ao inimigo, as longas pernas de Diana; Henrique Maximiliano pendia para as tranças loiras da Signora Piccolomini, beleza altiva, que usufruía, porém, sem grandes constrangimentos, do seu doce estado de viúva. Ganhara por essa deusa uma esgotante paixão de homem maduro. Chegada a hora do cavaqueio ou das confidências, não se eximia o homem de armas a adoptar, entre os demais senhores, o ar discretamente glorioso de um amante satisfeito, ridículos meneios esses que todos sabem quanto valem,

mas aceites entre camaradas, na esperança de virem a ser caridosamente escutados no dia em que, por seu turno, cada um venha a vangloriar-se de ilusórias benesses. Não ignorava, contudo, que a bela zombava dele com os seus galãs. Mas belo é que ele nunca fora! jovem, já não o era; o sol e o vento davam-lhe à tez os tons cozidos de um tijolo de Seria; sentado aos pés da sua dama, como um namorado transido de medo, não raro chegou a pensar que aqueles manejos de apaixonado, pelo seu lado, e de mulher coquete, do lado contrário, não eram menos idiotas que os de dois exércitos frente a frente, e que, no fim de contas, preferia até vê-la nua, abraçada a um jovem e nu adónis, ou em jogos inocentes com alguma criada, do que impor àquele belo corpo o repulsivo peso do seu. Porém, à noite, deitado sob o leve cobertor, vinha-lhe de súbito à memória um pequeno gesto daquela esguia mão coberta de anéis, a forma tão peculiar como a sua adorada alisava os cabelos e, alumando de novo a candeia, escrevia, com pungente ciúme, versos complicados.

Certo dia, em que os aparadores de Seria se encontravam, se fosse possível, ainda mais vazios que de costume, atreveu-se ele a oferecer à sua loira ninfa algumas fatias de um presunto bastante mal adquirido. Estava a jovem viúva reclinada no seu leito, protegida do frio por uma coberta, brincando, distraída, com a borla doirada de uma almofada. Soergueu-se, de pálpebras subitamente trémulas e, muito à pressa, num gesto quase furtivo, curvou-se para o doador e beijou-lhe a mão. Então ele sentiu um deslumbramento, uma felicidade que os mais íntimos favores dessa mesma bela nunca lhe teriam proporcionado. Retirou-se devagarinho, para a deixar comer.

Muitas vezes perguntara a si próprio como seria a sua morte, e em que circunstâncias se daria: um tiro de arcabuz que o deixaria todo estraçalhado, sangrando, nobremente exposto sobre os pomposos destroços das lanças espanholas, lamentado pelos

príncipes e chorado pelos seus irmãos de armas, enterrado, finalmente, sob uma eloquente inscrição latina, junto ao muro de uma igreja; uma espadeirada durante um duelo em honra de uma dama; uma facada, nalguma rua escusa; um recrudescimento da sífilis de outrora; ou ainda, passados os sessenta, uma apoplexia nalgum castelo onde tivesse conseguido um lugar de escudeiro até ao fim dos seus dias. Outrora, atacado de malária, percorrido de tremores sobre o catre de um albergue de Roma, a dois passos do Panteão, consolara-se de vir a estoirar naquele país de febres, à ideia de que, apesar de tudo, os mortos, ali, ficam em melhor companhia que em qualquer outro sítio; aqueles assentos de abóbadas entrevistos pela clarabóia, povoara-os ele de águias, de fachos virados às avessas, de veteranos em pranto, de rochas iluminando as exéquias de um imperador que já não era ele, mas uma espécie de homem grande e eterno no qual participava. Através das badaladas da febre terça, parecera-lhe ouvir os pífaros lancinantes e as sonoras trombetas anunciando ao mundo o passamento do príncipe; sentira, no seu próprio corpo, a chama que devora o herói e o arrebatava ao Céu. Aqueles mortos, aquelas exéquias imaginárias foram a sua verdadeira morte, o seu verdadeiro enterro. Sucumbiu durante uma expedição ferregial, em que os seus cavaleiros se esforçaram por tomar, a dois passos das muralhas, uma granja mal guardada; o cavalo de Henrique Maximiliano resfolegava, satisfeito, no chão atapetado de erva seca; para quem vinha das ruas sombrias e ventosas de Seria, o ar fresco de Fevereiro sabia bem, naquelas colinas batidas pelo sol. Um ataque imprevisto dos imperiais fez debandar o grupo, que retrocedeu em direcção à muralha; Henrique Maximiliano foi atrás dos seus homens, a berrar e a praguejar. Uma bala atingiu-lhe o ombro; caiu de cabeça, contra uma pedra. Teve tempo de sentir o sacão, mas não a morte. Livre de peso, a montada caracoleou pelos campos, onde um espanhol a capturou e a levou

em seguida à rédea, até ao acampamento de César. Dois ou três veteranos partilharam as armas e os haveres do defunto.

Na algibeira do casacão achava-se o manuscrito do seu Brasão do Corpo Feminino; este florilégio de versos joviais e ternos, do qual esperava um pouco de glória, ou, pelo menos, algum sucesso junto das belas, findou no fundo do fosso, enterrado, juntamente com ele, debaixo de umas pazadas de terra. Uma divisa, gravada por ele, o melhor que soube, em honra da Signora Piccolomini, durante muito tempo permaneceu visível no parapeito de Fontebranda.

As últimas viagens de Zenão

Era uma dessas épocas em 'que a razão humana se encontra presa num círculo de chamas. Depois de se ter escapado de Insbruck, Zenão viveu algum tempo retirado em Wurzburg, em casa do seu discípulo Bonifacius Kastel, que praticava a arte hermética numa vivenda à beira do Meno, cujo reflexo glauco se espelhava nos vidros. Mas pesava-lhe a inacção e a imobilidade, além de o facto de Bonifacius não ser por certo um homem que corresse um longo risco por um amigo em perigo. Zenão passou à Turíngia, e daí para a Polónia, onde se alistou, na qualidade de cirurgião, nos exércitos do rei Sigismundo, que, com a ajuda dos Suecos, se preparava para correr com os Moscovitas da Curlândia. Ao fim de dois Invernos passados em campanha, a curiosidade das plantas e dos novos climas fê-lo decidir-se a embarcar até à Suécia, na comitiva de um tal capitão Guldenstarr, que o apresentou a Gustavo Vasa. O rei procurava um homem de arte capaz de aliviar as dores causadas ao seu velho corpo pela humidade dos campos e o frio das noites passadas na neve, nos aventurosos tempos da sua juventude, o efeito de antigos ferimentos e do mal-francês. Zenão foi bem aceite, pois

lhe preparou uma poção reconfortante, fatigado como estava de ter festejado o Natal na companhia da sua jovem terceira esposa. Debruçado em alta janela, entre o céu frio e a gelada superfície do lago, assim passou ele todo o Inverno a computar as posições das estrelas susceptíveis de trazer a sorte ou a desgraça à casa dos Vasa, e nessa tarefa o secundou o jovem príncipe Erik, que nutria pelas ciências perigosas uma fome doentia. Zenão de balde lhe lembrava que os astros influem no destino de cada um, mas nada decidem, e que tão forte, tão misterioso como eles, regulando a nossa vida, obedecendo a leis mais complicadas do que as nossas, é essoutro astro vermelho que palpita no mais escuro do corpo, suspenso da sua gaiola feita de ossos e carne. Erik, porém, era daqueles que preferem receber o seu destino do exterior, quer por orgulho, por lhe parecer belo que o próprio Céu se ocupasse com a sua sorte, quer por indolência, para não ter que responder pelo bem ou pelo mal que nele se albergasse. Acreditava nos astros, tal como, apesar da fé reformada que herdara de seu pai, orava aos santos e aos anjos. Tentado a exercer certa influência nessa alma real, experimentava o filósofo, uma vez por outra, dar-lhe esta ou aquela instrução, este ou aquele conselho; mas os pensamentos alheios atolavam-se, como num pântano, no jovem cérebro adormecido por detrás daqueles claros olhos cinzentos. Quando o frio apertava, o filósofo e o seu aluno aproximavam-se do enorme fogo cativo sob o pano da chaminé, e Zenão não podia deixar de se extasiar pelo facto de aquele benéfico calor, aquele demónio domesticado que tão docilmente aquecia a caneca de cerveja colocada no meio das cinzas, ser o deus inflamado que circula nos céus. Noites havia em que o príncipe não aparecia, ocupado que estava a beber, com seus irmãos, por essas tabernas, em companhia das moças da vida; então o filósofo, se os prognósticos para essa noite se mostravam nefastos, rectificava-os com um encolher de ombros.

Algumas semanas antes do São João estival, pediu férias para ir até mais ao norte e observar, por seus próprios olhos, os efeitos do dia polar. Umas vezes a pé, outras com a ajuda de um cavalo ou de um barco emprestados, vagueou de paróquia em paróquia, conseguindo explicar-se graças ao pastor, que ainda utilizava o latim da Igreja, recolhendo, às vezes, algumas receitas eficazes junto dos curandeiros de aldeia que conhecem a virtude das ervas e dos fungos da floresta, ou dos nómadas, que tratam os seus doentes com banhos, fumigações e a interpretação dos sonhos. No seu regresso à corte de Upsália, onde sua majestade sueca dava início à assembleia de Outono, pôde dar-se conta de que a inveja de um seu confrade a Zenão o deitara a perder perante o rei. Temia o velho monarca que seus filhos se servissem das computações de Zenão para calcularem, com demasiada exactidão, o tempo de vida que restava ao pai. Zenão contava com o apoio do herdeiro ao trono, que tinha por seu amigo e quase por seu discípulo, mas, ao cruzar-se por acaso com Erik nos corredores do castelo, o jovem príncipe passou adiante, sem o ver, como se o filósofo tivesse adquirido, de súbito, o dom da invisibilidade. Zenão tomou em segredo um barco de pesca do lago Malar, que o levou até Estocolmo, uma vez aí comprou passagem para Kalmar, posto o que vogou até às costas da Alemanha.

Sentiu, pela primeira vez na vida, a curiosa necessidade de seguir na pegada dos seus próprios passos, como se a sua existência se movesse segundo uma órbita preestabelecida, à semelhança de uma estrela cadente. Lubeque, onde exerceu com sucesso, apenas o reteve durante alguns meses. Assaltara-o o desejo de fazer imprimir em França as suas Proteorias, que intermitentemente o haviam ocupado durante toda a sua vida. Não se interessava em expor uma determinada doutrina, mas sim estabelecer uma nomenclatura das opiniões humanas, apontar as suas casualidades, o modo como se articulavam e as secretas tangentes ou relações latentes que existiam entre elas. Em Lovaina, onde se deteve, ninguém o reconheceu sob o

nome de Sebastião Théus, que lhe servia de disfarce. Como os átomos de um corpo que incessantemente se vai renovando, embora conserve até ao fim as mesmas linhas e as mesmas verrugas, mestres e discípulos mais de uma vez tinham mudado; todavia, aquilo que ouviu, ao aventurar-se numa sala de aula, não lhe pareceu muito diferente do que outrora impacientemente, ou antes, ardentemente, havia escutado. Nem sequer se deu ao trabalho de ir ver, numa tecelaria recém-construída nos arredores de Audenarde, umas máquinas muito semelhantes às que, na sua juventude, construía juntamente com Colas Cheel, e que ali funcionavam para satisfação dos interessados. Mas escutou com curiosidade a sua descrição detalhada, feita por um algebrista da Faculdade. Esse professor, que, excepcionalmente, não desdenhava dos problemas de ordem prática, convidou para jantar o sábio estrangeiro e albergou-o uma noite sob o seu tecto.

Em Paris, Ruggieri, que Zenão, anos atrás, encontrara em Bolonha, recebeu-o de braços abertos; o homem de confiança da rainha Catarina procurava um assistente seguro, suficientemente comprometido para ficar em desvantagem em caso de perigo, o qual o ajudaria a medicamentar os jovens príncipes e a predizer-lhes o futuro. O italiano levou Zenão ao Louvre para o apresentar a sua ama, com a qual falava com muita rapidez na sua língua natal, não esquecendo contudo as devidas vénias e sorrisos. A rainha examinou o estrangeiro com os seus olhos brilhantes, que habilmente sabia empregar, do mesmo modo que, ao gesticular, se comprazia com as reverberações dos diamantes que tinha nos dedos. As mãos untadas, um tanto balofas, agitavam-se como marionetas no seu regaço de seda preta. Desceu-lhe sobre o rosto algo equivalente a um véu de luto, ao falar do fatal acidente que três anos antes causara a morte ao defunto monarca.

— Porque não escutei eu com mais atenção as vossas Prognosticações? Só há pouco vim a encontrar nelas cálculos sobre a

duração da vida geralmente concedida aos príncipes! Talvez pudéssemos ter evitado ao defunto rei o golpe de lança que me tornou viúva... Porque, segundo creio—acrescentou ela, graciosamente—, decerto tomastes parte nessa obra reputada de perigosa para os cérebros fracos, que é costume atribuir a um tal Zenão.

— Falemos como se fosse eu esse tal Zenão—disse o alquimista. —Speluncam exploravimus... Sabe vossa majestade, tão bem como eu, que o futuro está grávido de mais ocorrências do que aquelas que pode deitar ao mundo. E que nos não é de todo impossível sentir algumas delas mexerem-se no fundo da matriz do tempo. Mas só o próprio acontecimento pode decidir qual dessas larvas é viável, qual delas chega ao termo. Nunca apregoei catástrofe ou feliz nova, parida antes do tempo.

— Assim depreciais a vossa arte junto de sua majestade sueca?

— Não vejo razão para mentir à mais hábil mulher de França. Sorriu-se a rainha.

— Parla per divertimento—protestou o italiano, inquieto por ver um confrade rebaixar a sua ciência.—Questo honorato viatore ha studiato anche altro cbe cosa celeste; sa le virtudi di veleni epiante benefiche di altreparti chepossano sanaregli ascessi auricolari del Suo Santíssimo Figlio.

— Posso secar um abcesso, mas não curar o jovem rei—disse laconicamente Zenão.

— Observei de longe sua majestade, na galeria, à hora da audiência: não é necessária grande arte para reconhecer a tosse e os suores de um pulmónico. Felizmente que o Céu vos deu mais do que um filho.

— Deus no-lo conserve!—disse a rainha, fazendo um maquinal sinal-da-cruz.—Ruggieri irá levar-vos até junto do rei, e nós contamos convosco para ao menos lhe aliviar parte das dores.

— E as minhas, quem mas aliviará?—retorquiu, com aspereza, o filósofo.—A Sorbonne ameaça confiscar as minhas Proteorias, que estão a ser impressas neste momento por um livreiro da Rua Jacob. Não poderá a rainha impedir que o fumo dos meus escritos queimados na praça pública me venha importunar às minhas águas-furtadas do Louvre?

— Não achariam bem esses senhores da Sorbonne que eu me intromettesse nos seus negócios—replicou evasivamente a italiana.

Antes de mandá-lo embora, informou-se detalhadamente sobre o estado do sangue c, das entranhas do rei da Suécia. Ocorria-lhe, por vezes, casar um dos seus filhos com uma das princesas do Norte.

Depois de terem visitado o reizinho doente, saíram ambos do Louvre e meteram pelos cais. Durante o caminho, o italiano desfiou uma série de histórias da corte. Zenão, preocupado, interrompeu-o:—Verificai se aplicam os emplastos à pobre criança durante cinco dias a fio.

— Então não ides vós mesmo verificá-lo?—inquiriu, surpreso, o charlatão.

— Pois não! Não vedes que ela não levantará sequer um dedo para me livrar dos embaraços que as minhas produções me criaram? Não ambiciono a honra de ser apreendido na corte dos príncipes.

— Peccato!—disse o italiano.—A vossa rudeza soube agradar.

E nisto, detendo-se no meio da multidão, tomando o companheiro pelo braço e baixando a voz, disse:—E questi veleni? Sarà vero che ne abbia tanto e quanto?

— Obrigais-me então a crer que a voz do povo tem razão ao acusar-vos de mandar desta para melhor os inimigos da rainha?

— Que exagero!—zombou Ruggieri.—Mas por que razão não haveria sua majestade de possuir o seu arsenal de venenos, como possui os seus arcabuzes e bombardas?

Lembrai-vos de que é viúva, estrangeira aqui em França, tratada de Jezabel pelos luteranos, de Herodíade pelos nossos católicos, e

que tem cinco filhos pequenos para criar.

— Deus a guarde!— respondeu o ateu.— Mas se eu alguma vez tiver que lançar mão de venenos, fá-lo-ei em meu benefício, não no da rainha.

Ficou, no entanto, alojado em casa de Ruggieri, cuja factindia parecia distraí-lo. Depois de Étienne Dolet, o seu primeiro editor, ter sido estrangulado e lançado à fogueira por opiniões subversivas, nunca mais Zenão publicara em França. E com tanto mais cuidado vigiava agora a impressão do seu livro na loja da Rua Jacobeia, emendando uma ou outra palavra, ou uma noção, para além da palavra, ou mesmo, às vezes, acrescentando, mau grado seu, uma outra, contraditória. Uma noite, à hora do jantar, que comia sozinho em casa de Ruggieri, enquanto o italiano se afadigava no Louvre, mestre Langelier, o seu actual editor, apareceu-lhe esbaforido com a notícia de que, decididamente, havia ordem para a confiscação das Protecções e sua destruição às mãos do carrasco. O comerciante deplorava a perda da mercadoria, cuja tinta ainda não secara por completo. Talvez uma dedicatória à rainha-mãe pudesse, à última hora, remediar as coisas. Zenão passou a noite a escrever, a emendar, a escrever de novo, a emendar uma vez mais. De madrugada, ergueu-se da cadeira, espreguiçou-se, bocejou e lançou ao fogo as folhas e a caneta que utilizara.

Não lhe foi difícil reunir os seus poucos haveres e o estojo de médico, já que a restante bagagem ficara, à cautela, em Serílis, no sótão de uma hospedaria. Na sobreloja, Ruggieri ressonava nos braços de uma rapariga. Zenão meteu-lhe por debaixo da porta um bilhete, onde anunciava a sua partida para a Provença. Na realidade, decidira voltar a Bruges e aí ficar, até se tornar esquecido.

Pendurado na parede da acanhada antecâmara, via-se um objecto vindo de Itália.

Tratava-se de um espelho florentino com moldura de tartaruga, constituído por um conjunto de vinte espelinhos convexos,

semelhantes às células hexagonais de um favo de abelhas, e rodeado, cada um, por uma fina cercadura, que fora, outrora, a carapaça de um animal vivo. À fosca claridade de uma alvorada parisiense, olhou-se Zenão a esse espelho. Viu vinte rostos abaulados e diminuídos pelas leis da óptica, vinte imagens de um indivíduo com o seu boné de pele, a sua pele lívida e amarela, os seus olhos brilhantes, como dois outros espelhos. Esse homem em fuga, fechado num mundo próprio, separado dos seus semelhantes que se refugiavam também noutros tantos mundos paralelos, trouxe-lhe à memória a hipótese do grego Deinócrito, de uma série infinita de universos idênticos, onde vivem e morrem, prisioneiros, uma série de filósofos. Esta fantasia fê-lo sorrir com amargura. As vinte minúsculas personagens do espelho sorriram também, cada qual para si própria.

Viu-as depois desviarem a cabeça e encaminharem-se para a porta.

SEGUNDA PARTE

A vida imóvel

Obscurum per obscurius Ignotum per ignotius (Buscar o obscuro e o desconhecido através do que ainda é mais obscuro e desconhecido.) DivisA ALQuímica O regresso a Bruges Em Serilis, conseguiu um lugar na carruagem do prior dos Franciscanos de Bruges, que regressava de Paris, onde havia tomado parte no capítulo geral da Ordem. Era o dito prior mais instruído do que o poderia fazer crer o seu hábito; era curioso quanto a pessoas e coisas e nada desprovido de algum conhecimento do mundo; ambos conversaram à vontade, durante todo o tempo que os cavalos penosamente avançavam contra o vento cortante dos planaltos picardos; Zenão nada ocultou ao companheiro, a não ser o seu verdadeiro nome e as perseguições de que o seu livro vinha sendo objecto; era tanta a subtileza do prior que é de perguntar se ele não compreenderia melhor o doutor Sebastião Théus do que aquilo que, por cortesia, deixava transparecer. A passagem por Toumai foi feita com lentidão, devido à presença de grande ajuntamento nas ruas; colhidas informações, verificou-se que toda essa gente se dirigia para a praça principal, com o fim de assistir ao enforcamento de um certo alfaiate chamado Adriano, culpado de calvinismo.

Sua mulher era igualmente inculpada, mas como é indecente uma criatura do seu sexo a balançar-se no ar, com as saias levantadas ao vento, mesmo por cima das cabeças de quem passa, preparavam-se, conforme costume antigo, para enterrá-la viva. Essa brutal loucura causou horror a Zenão, horror que aliás se manifestou por uma expressão impassível, visto que tinha por regra nunca mostrar o que sentia no respeitante a questitinculas entre o missal e a Bíblia.

Sem deixar, como era seu dever, de detestar a heresia, o prior achou o castigo um pouco rude, e uma afirmação destas fez que Zenão sentisse, para com o seu companheiro de viagem, um impulso quase excessivo de simpatia, de uma simpatia gerada pela opinião moderada expressa por um homem de cujo hábito e posição nem tanto seria permitido esperar.

De novo seguia a carruagem em pleno campo, e o prior conversava sobre outros assuntos, e ainda Zenão se sentia asfixiado sob as pazadas de terra. Nisto, lembrou-se de que tinha decorrido um quarto de hora e que aquela criatura, cujas angústias ele vinha sofrendo, de há muito que devia ter deixado de as suportar.

Passavam junto aos portões e balaustradas votados ao abandono da propriedade de Dranoutre; de passagem, o prior fez menção a Filipe Ligre que, a dar-se-lhe crédito, punha e dispunha, em Bruxelas, no Conselho da nova regente ou governadora então reinante nos Países Baixos. Havia muito que a família Ligre deixara de morar em Bruges; Filiberto e a mulher viviam quase permanentemente no seu domínio de Pradelles, em Brabante, onde, por assim dizer, passavam por criados de senhores estrangeiros. Um tal desprezo votado ao espanhol e seus partidários fez que Zenão apurasse o ouvido. Mais à frente, alguns guardas valões, todos vestidos e cobertos a couro e ferro, exigiram, arrogantes, o salvo-conduto dos passageiros. Foi com um desdém gelado que o prior lhos passou. Decididamente, algo tinha mudado na Flandres. Foi na praça principal de Bruges que os dois homens finalmente se separaram, com os recíprocos cumprimentos e ofertas de serviços dali para o futuro. O prior fez-se conduzir ao convento numa carruagem alugada, e Zenão, satisfeito por poder desentorpecer-se após a imobilidade da viagem, carregou ele próprio com as bagagens. Admirou-se com o facto de não se perder nas ruas desta cidade que há mais de trinta anos não via.

Tinha prevenido da sua chegada João Myers, seu velho mestre e amigo, que por várias vezes o havia convidado a vir partilhar consigo a sua bela mansão do Quai-au-Bois. Uma criada com uma lanterna veio receber o visitante à entrada de casa. E, ao cruzar a soleira da porta, Zenão roçou-se todo por essa mulheraça desagradável que não se afastava para lhe dar passagem.

João Myers estava sentado em sua poltrona, com as pernas gotosas devidamente afastadas do lume. Dono da casa e visitante, cada um por seu lado conseguiu habilmente reprimir um movimento de surpresa: o magro e seco João Myers tinha-se transformado num velhote gordo, com os olhos vivos e o sorriso malicioso a perderem-se numas gelhas de carne rodada; o brilhante Zenão de antigamente era um homem esgazeado e encanecido; quarenta anos de profissão haviam permitido ao médico de Bruges amealhar o necessário para viver folgadoamente; tinha boa mesa e boa adega, decerto boas de mais para a dieta de um goroso. A criada Catarina, a quem ele outrora moera bem moída, era muito tacanha, sem deixar de ser diligente, fiel e nada faladora, abstendo-se de meter na cozinha quaisquer galantes amadores de finais iguarias e de velhos vinhos. À mesa, soltou João Myers alguns dos seus gracejos favoritos a respeito do clero e dos dogmas; Zenão recordava-se de, antigamente, os achar divertidos; agora, achava-os sem graça; de qualquer modo, ao pensar no alfaiate Adriano, em Toumai, Polet em Lião, e Servet em Genebra, disse de si para si que, numa época em que a fé levava à fúria, tinha certo valor o cepticismo bem-humorado do velho; ele, mais avançado na via de tudo negar com vista a depois poder afirmar qualquer coisa, de tudo desfazer para, a seguir, ver tudo a refazer-se num outro plano e de um outra guisa, ele é que já não se sentia capaz de risadas fáceis. Algumas superstições vinham misturar-se de forma esquisita, em João Myers, àquele seu pirronismo de cirurgião-barbeiro. Delirava com pequenas curiosidades herméticas, embora nessa matéria os seus trabalhos

fossem brincadeiras de criança; foi com dificuldade que Zenão conseguiu livrar-se de entrar em explicações sobre a tríade inefável ou o Mercúrio lunar, que lhe pareciam demasiado longas para o dia da sua chegada. Em medicina, o velho João era guloso de novidades, embora, por prudência, a tivesse sempre praticado conforme métodos herdados; estava à espera que Zenão lhe trouxesse um remédio para a sua gota. Quanto aos escritos suspeitos do hóspede, não temia o velho que se viesse a descobrir a verdadeira identidade do doutor Sebastião Théus, nem que o barulho feito à sua volta incomodasse muito a cidade de Bruges. Numa cidade como esta, preocupada com a questão das suas muralhas meeiras e sofrendo de um porto cheio de areia como um doente dos seus tumores, ninguém se tinha dado ao trabalho de folhear livros desses.

Estendeu-se Zenão em cima da cama feita com lençóis, de propósito para ele, numa sala do andar de cima. A noite de Outubro estava fria. Catarina entrou com um tijolo aquecido na lareira e embrulhado em panos de lã. De joelhos, no soalho, meteu o embrulho quente por debaixo da roupa, tocou os pés do viandante, depois os tornozelos, esfregando demoradamente e, de súbito, sem falar, cobriu-lhe de ávidas carícias o corpo despido.

Ao clarão de um coto de vela colocado sobre um baú, o rosto daquela mulher não tinha idade nem era diferente do da criada que, havia cerca de quarenta anos, o tinha ensinado a fazer amor.

Ele nada fez para a impedir de se lhe deitar pesadamente ao lado, por baixo da colcha. Acorpulenta criatura era como a cerveja e o pão, que se come e bebe com indiferença, sem gostar nem desgostar. Ao despertar, já cá em baixo se entregava ela ao seu trabalho de criada.

Levou todo o dia sem erguer os olhos para ele, mas serviu-o com abundância às refeições, com uma espécie de solicitude grosseira. Ele, à noite, aferrolhou a porta e ouviu os passos da criada a retirarem-se, depois de ter experimentado, sem barulho, o loquete.

No dia seguinte, não se comportou para com ele de forma diferente da da véspera.

Parecia que o incluía, de uma vez para sempre, no número dos objectos que povoavam a sua existência, tais como os móveis e utensílios da casa do médico.

Uma semana mais tarde, esqueceu-se ele, por descuido, de trancar a porta: e ela então entrou com um sorriso simplório, arregaçando as saias como que para fazer valer os seus avantajados encantos. O grotesco de uma tal situação agradou à sua sensualidade. Nunca ele tinha experimentado assim o bruto poder da carne em si, independentemente da pessoa, do aspecto, das formas do corpo e até dos seus gostos carnisais. Aquela mulher que arfava ali, no travesseiro, era uma lémure, uma lâmia, uma dessas mulheres de pesadelo que se vêem nos capitéis das igrejas, quase parecendo incapazes de se servirem da fala humana. No auge do prazer, porém, da boca grosseira, quais bolhas de ar, um chorrilho de palavrões, que ainda não tivera ocasião de ouvir, nem de empregar, em flamengo, desde os tempos da escola, saíram-lhe da boca empastada; ele tapou-lha com as costas de uma das mãos. De manhã, a repulsa veio ao de cima. Desprezava-se por ter estado com essa mulher, tal como alguns se desprezam por terem consentido dormir na cama duvidosa de uma estalagem. Nunca mais voltou a esquecer-se de se aferrolhar bem todas as noites.

Não tinha tencionado ficar em casa de João Myers senão o tempo preciso para deixar passar a tempestade desencadeada pela apreensão e destruição do livro. Mas o que lhe estava a parecer é que iria permanecer em Bruges até ao fim dos seus dias, ou porque aquela cidade fosse uma armadilha que lhe estivesse reservada no termo das suas viagens, ou porque uma certa inércia o não deixava ir-se embora.

O caquético João Myers confiou-lhe os poucos doentes de quem ainda tratava; não era essa fraca clientela de natureza a acender a

inveja dos demais médicos da cidade, como acontecera em Basileia, aonde Zenão tinha excitado ao máximo as iras dos confrades, ao professar publicamente a sua arte ante um círculo escolhido de estudantes. Agora, as relações que mantinha com os colegas limitavam-se a algumas reuniões, muito raras, no decorrer das quais o senhor Théus deferia educadamente todo e qualquer parecer dos mais idosos e notó 'rios; ou, então, era apenas uma troca de palavras sobre o vento e a chuva ou qualquer incidente local. Conversas com doentes versavam, é claro, única e simplesmente sobre os próprios doentes. A maior parte deles nunca ouvira falar de nenhum Zenão; para outros, era uma vaga recordação por entre as névoas do passado. Esse filósofo que outrora escrevera um opúsculo consagrado à substância e às propriedades do tempo pôde verificar quanto a poalha deste submerge a memória dos homens. Podiam esses trinta e cinco anos ser um século.

Regras e usos que nos seus tempos de escola tinham sido modernos e discutidos, passavam agora por terem existido desde sempre. Factos que então tinham abalado o mundo, já não eram postos em questão. Mortos de há vinte anos estavam a ser confundidos com os da anterior geração. Havia quem ainda se lembrasse da opulência do velho Ligre, mas discutia-se se ele tivera um filho ou dois.

Sabia-se também de um sobrinho, ou bastardo de Henrique justo, que andava por maus caminhos. O pai do banqueiro passava por ter sido banqueiro na Flandres, como o filho, ou então relator no Conselho da regente, tal como o actual Filiberto. Quanto ao solar Ligre, há tanto tempo desocupado, tinha o rés-do-chão alugado a uns artesãos. Foi Zenão rever a fábrica que era outrora propriedade de Colas Gheel; estava ocupada por uma cordoaria. Entre os artesãos, nenhum havia que ainda se lembrasse desse homem, apaixonado por canecas de cerveja, mas que, quer antes dos motins em Oucienove, quer aquando do enforcamento de um seu favorito,

se tinha mostrado, à sua maneira, um chefe e um príncipe. O cónego Bartolomeu Campanus era ainda vivo mas saía pouco, achacado como estava por várias enfermidades que lhe vinham da idade propecta e, por sorte, nunca João Myers fora chamado para o tratar. Zenão, todavia, evitava prudentemente passar pela Igreja de São Donaciano, onde o seu antigo mestre ainda assistia aos ofícios, num cadeiral do coro.

Também, à cautela, fechara num cofre de João Myers o diploma de Montpellier que ostentava o seu nome verdadeiro; consigo não conservara mais que um pergaminho comprado, por mero acaso, à viúva de um medicastro alemão chamado Gott, nome que ele tinha greco-latinizado para Théus, para melhor baralhar o

jogo. Com a ajuda de João Myers, teceu, à volta desse desconhecido, uma dessas biografias confusas e banais, semelhantes a certas casas cujo principal mérito é poder-se entrar e sair por elas de desvairadas maneiras. Ajuntava, por questões de verosimilhança, episódios da sua vida, escolhidos de forma a não causar admiração ou interesse a alguém e a não deixar adiantar-se qualquer investigação que por acaso lhe fosse feita. Nascera o doutor Sebastião Théus em Zutpheri, bispado de Utreque, sendo filho natural de uma mulher da região e de um médico arrivista, muito ligado à casa de Dona Margarida de Áustria.

Educado em Clèves a expensas de um protector que quis conservar o anonimato, pensou de início entrar para um convento de Agostinhos, nessa cidade, mas o gosto da profissão paterna prevaleceu; estudara na Universidade de Ingolstádio e depois em Estrasburgo, tendo exercido durante algum tempo nesta última cidade.

Um embaixador da Sabóia levava-o consigo para Paris e Lião e desse modo conhecera ele algo da França e da corte. De novo regressado às terras do império, havia-se proposto estabelecer-se em Zuiphen, aonde sua boa mãe ainda era viva, mas, ainda que o não

afirmasse, custava-lhe a aguentar adeptos da pretensa religião reformada, que então ali abundavam. Foi nessa ocasião que aceitou, com o fim de poder viver, o cargo de substituto cedido por João Myers, que em Malines outrora conhecera seu pai. Convinha no facto de ter sido cirurgião no exército do rei da Polónia, embora atrasasse a data de tal acontecimento para menos dez anos. Era, enfim, viúvo da filha de um médico de Estrasburgo. Tais fábulas, que ele apenas referia quando lhe dirigiam perguntas indiscretas, divertiam muito o velho João. O filósofo, porém, sentia muita vez colar-se-lhe ao rosto a máscara insignificante do doutor Théus.

Aquela vida imaginária poderia bem ter sido a dele. Alguém lhe perguntou, um dia, se, no decorrer das suas viagens, não tinha encontrado um certo Zenão.

Foi quase sem mentir que respondeu que não.

Pouco a pouco, de entre o cinzento destes dias monótonos, iam sobressaindo relevos, iam-se destacando pontos de referência. Todos os dias, ao jantar, João Myers queria saber, por miúdo, a história dos interiores que nessa manhã Zenão visitara; contava também uma anedota cómica ou trágica, em si mesma banal, que todavia retratava, nessa sonolenta cidade, tantas brigas como as do Grande Serralho, tantos deboches como num bordel de Veneza. Dessas vidas conjuntas de rendeiros e tesoureiros emergiam temperamentos e caracteres; constituíam-se grupos, que ali, como em toda a parte, se fundavam no apetite do lucro ou da intriga, na mesma devoção ao mesmo santo', nos mesmos males ou vícios. Sobressaltos de pais, travessuras de garotos, azedumes entre esposos velhos, nada disso diferia do que costumava suceder na família Vasa, ou na Itália, entre os príncipes, sendo porém a pequenez dos ganhos e perdas o que, por contraste, conferia às paixões um aspecto grandioso. Todas essas vidas interligadas mais faziam sentir ao filósofo o valor de uma vida sem entraves. Quanto às ideias, acontecia-lhes o mesmo que às pessoas: depressa se unificavam em categorias preestabelecidas.

Já de antemão se sabia quem atribuiria todo o mal deste mundo aos libertinos ou aos reformados, quem considerava que a senhora regente tinha sempre razão.

Ele poderia ter posto termo às conversas com eles, inventar por sua vez uma mentira quando se tratasse daquele mal italiano que contraíra na juventude, ou a sua fuga, ou o pequeno sobressalto de ofensa, ao reclamar a João Myers uns honorários olvidados. E apostava, sem nunca se enganar, no que iria sair daqueles moldes.

O único sítio da cidade onde lhe parecia arder um pensamento livre era a célula do prior dos Franciscanos. Continuou a visitá-lo, primeiro a título de amigo e, a seguir, de médico. Eram visitas raras, dado que nem um nem outro dispunham de muito tempo para lhes dedicarem. Zenão escolheu o prior para seu confessor, quando lhe pareceu sentir necessidade de se confessar. Era o religioso parco em homília devota. O seu francês esquisito repousava os ouvidos da empastadíssima linguagem flamenga. A conversação tratava de todas as matérias, excepto das da fé, sendo porém os assuntos públicos aquilo por que mais se interessava aquele homem de oração. Muito relacionado com alguns senhores que se esforçavam por lutar contra a tirania do estrangeiro, aprovava-os, conquanto receasse ver a nação belga banhada em sangue. Se Zenão lhe participava os seus prognósticos, o velho João encolhia os ombros: desde sempre tinha visto os fracos deixarem-se tosquiarem e os mais fortes apoderarem-se da lã. Apesar disso, arrelivava-o que o Espanhol viesse falar de decretar novos impostos sobre as vitualhas e de uma taxa de um por cento a cada qual.

Sebastião Théus regressava tarde ao aposento do Quais-au-Bois, preferindo, ao abafante parlatório, o ar húmido das ruas e as longas caminhadas fora das muralhas na orla dos campos cinzentos. Certa tarde, daquelas em que anoitece muito cedo, ao atravessar a antecâmara, viu ele Catarina ocupada a examinar os lençóis metidos num baú que havia por baixo da escada. Não deixou o que estava a

fazer para o vir alumiar, como era costume seu, aproveitando-se sempre da mesma esquina do corredor para roçar furtivamente pela aba do manto. Na cozinha estava também apagada a lareira. Zenão, aos apalpões, procurava acender uma vela. O corpo de João Myers, ainda morno, estava convenientemente deitado na mesa da sala ao lado. Catarina entrou então com o lençol que escolhera como mortalha.

— O mestre morreu com uma congestão—disse. Parecia uma daquelas lavadeiras de mortos tapadas com véus negros, que ele tinha visto nas moradas de Constantinopla, no tempo em que servia o sultão. Surpreendia-o pouco o passamento do velho médico.

O próprio João Myers esperava a toda a hora que a gota lhe subisse ao coração.

Tinha, semanas antes, feito, em presença do notário da paróquia, um testamento, ornamentado com as piedosas fórmulas habituais, onde deixava todos os seus bens a Sebastião Théus, e a Catarina um quarto nas águas-furtadas da casa, até ao fim dos seus dias. O filósofo contemplou de perto o rosto convulsionado e inchado do defunto. Um cheiro suspeito e uma mancha acastanhado ao canto dos lábios fizeram-no desconfiar; subiu ao seu aposento e vasculhou o cofre. O conteúdo de uma delgada proveta tinha diminuído a altura de um dedo. Lembrou-se Zenão de que havia um dia mostrado ao velho aquela mistura de venenos e poções vegetais que conseguira obter numa oficina de Veneza. Um pequeno ruído fê-lo voltar a cabeça; Catarina estava a observá-lo, de pé, na soleira da porta, como decerto o havia espiado pelo postigo da cozinha, de cada vez que ele mostrara ao mestre esses objectos trazidos das viagens. Agarrou-a pelo braço; ela caiu-lhe aos pés, de joelhos, numa tempestuosa torrente de palavras e lágrimas:—Voor a keb ik hetgedaan! Foi por ti que eu fiz isto—dizia ela entre dois soluços.

Repeliu-a com brusquidão e desceu de novo, para velar o morto. Em seu entender, o velho João tinha gozado a vida sabiamente; não

eram tão graves as suas moléstias que não o deixassem gozar, por mais uns meses ainda, daquela doce vida: talvez um ano, ou até dois, para ser mais optimista. Este estúpido crime privava-o, sem razão, do modesto prazer de estar no mundo. Sempre esse velho lhe tinha querido bem; Zenão sentia-se tomado de uma amarga e pungente piedade por ele. Para com a envenenadora, sentia uma ira vã, que o próprio defunto certamente não sentiria em tal grau. João Myers usara sempre de todo o seu engenho, que não era pouco, para transformar em ridículo as inépcias deste mundo; esta criada debochada, tão empenhada em enriquecer um homem que não se importava com ela, dar-lhe-ia, se ainda fosse vivo, matéria para um belo conto. Assim, deitado como estava, tranquilamente, sobre a mesa, parecia a cem léguas da sua própria desgraça; pelo menos, o cirurgião-barbeiro sempre escarnecera daqueles que imaginam que, quando já não se anda ou digere, ainda se possa pensar ou sofrer.

O velho foi enterrado na paróquia de Saint-Jacques. No regresso das exéquias, Zenão deu conta de que Catarina havia trazido para o quarto do mestre as suas roupas e estojos de médico; acendera o lume e fizera a cama com grandes cuidados. Ele tornou a levar tudo, sem dizer palavra, para o reduto que ocupava desde que chegara. Assim que entrou na posse dos bens, logo se desfez deles, por acto notarial, a favor do hospício de São Cosme, que dependia do convento dos Franciscanos. Numa cidade destas, em que não abundavam já as grandes fortunas de outros tempos, eram cada vez mais raros os legados piedosos; a generosidade do senhor Théus foi admirada, como ele o desejava. A mansão de João Myers seria doravante asilo de velhos doentes e Catarina ficaria ali, na qualidade de criada. Quanto ao dinheiro, viria a ser empregado em reparações de parte do edifício em que estava o velho hospício de São Cosme; nas salas ainda capazes para habitação, o prior dos Franciscanos, de quem a instituição dependia, encarregou Zenão de fundar um dispensário para os pobres do bairro e para os camponeses que nos

dias de mercado afluíam à cidade. Foram delegados dois monges para o secundarem na oficina. Mais uma vez era este posto bem pouco prestigioso para poder atrair sobre o doutor Théus as invejas dos colegas; seria, por agora, esconderijo seguro. A mula velha de João Myers foi instalada na estrebaria de São Cosme e o jardineiro do convento encarregado de tratar dela. Para Zenão, armou-se cama num dos compartimentos do andar de cima, para onde ele veio a transportar parte dos livros do velho cirurgião-barbeiro; as refeições traziam-lhas do refeitório.

Passou-se todo o Inverno nestes restauros e arrumações; Zenão conseguiu convencer o prior a deixar-lhe construir uma estufa à moda alemã e mostrou-lhe algumas notas sobre o tratamento dos reumáticos e sífilíticos com banhos de vapor. Os conhecimentos de mecânica foram-lhe úteis para a disposição de condutas e a instalação económica de um fogão. Na Rua das Lãs tinha-se estabelecido um ferreiro, nas antigas cavaliças dos Ligre; à tardinha, Zenão aparecia por lá e limava, rebitava, soldava, martelava, seguindo os conselhos do ferreiro-mestre e dos seus aprendizes. Os rapazes do bairro, ali reunidos para passar tempo, ficavam maravilhados com a habilidade daquelas mãos esguias.

Foi no decorrer desse período sem incidentes que o reconheceram pela primeira vez. Estava sozinho na oficina, como sempre acontecia depois de terem saído os dois monges; era dia de mercado e o cortejo dos pobres tinha durado até à hora de noa. Apesar disso, alguém bateu à porta; era uma velha que todos os sábados vinha à cidade vender manteiga e que desejava do médico um remédio para a sua ciática. Zenão procurou na prateleira um pote de barro com um revulsivo muito forte. Aproximou-se dela para lhe explicar o modo de usar.

De repente, ele vislumbrou-lhe nos olhos deslavados uma expressão de alegre espanto que, por seu lado, fez que a reconhecesse. Aquela mulher tinha trabalhado nas cozinhas da casa

Ligre, no tempo em que ele era ainda muito menino. Greete (lembrou-se subitamente do seu nome) era casada com o criado que o tinha ido buscar após a sua primeira fuga. Recordava-se de ela o ter tratado com bondade, enquanto se esgueirava entre panelas e escudelas; tinha-o deixado servir-se do pão quente que estava sobre a mesa e pegar na massa crua prestes a ir ao forno.

Preparava-se ela para soltar uma exclamação, quando ele, levando o dedo aos lábios, a mandou calar. A velha Greete tinha um filho almocreve que fazia contrabando na França; o seu velhote, já quase parálítico, tivera contas a ajustar com o senhor do lugar, por mor de umas sacas de maçãs roubadas num pomar à beira da sua quinta. Bem sabia que muitas vezes é oportuno esconder-se, mesmo sendo rico e nobre, humana espécie em que ela incluía Zenão. Calou-se, mas, ao sair, beijou-lhe a mão.

Este incidente deveria tê-lo sobressaltado, pois era prova de que todos os dias podia correr o risco de ser outra vez reconhecido de idêntica maneira; mas, pelo contrário, sentiu com isso um prazer que a si próprio lhe causou espanto. Estava convicto de que, ali, junto às muralhas da cidade, para os lados de Saint-Pierre-de-la-Digue, havia uma quinta onde, em caso de perigo, poderia passar uma noite, e um almocreve que tinha um cavalo e uma carroça prontos a servi-lo. Tudo isto, porém, não passava de pequenas desculpas que ele dava a si mesmo. Essa criança em que ele já não pensava, esse ser pueril que era, a um tempo, razoável e absurdo assimilar a si mesmo, ainda havia quem a recordasse bem, para nele agora a reconhecer, e isso lhe fortalecia o sentimento da sua existência. Entre ele e uma outra criatura humana criara-se, por pequeno que fosse, um laço que não passava pelo espírito, como acontecia nas suas relações com o prior, ou pela carne, como acontecia nos raros casos de ligações sensuais que ainda acaso se permitisse. Greete vinha quase todas as semanas tratar das suas mazelas de velha, sem nunca deixar de trazer um presente, manteiga embrulhada numa folha de couve, um bocado de

bolo feito por ela, açúcar cristalizado ou uma mão-cheia de castanhas. Enquanto comia, ela contemplava-o com aqueles seus olhos risonhos. Havia entre eles a intimidade de um segredo bem guardado.

O abismo

Como um homem que todos os dias absorve um certo alimento acaba por vir a ser modificado na sua substância e até na sua forma, engorda ou emagrece, tira dessa comida uma força ou contrai, ao ingeri-la, males que não possuía, a pouco e pouco também nele se produzem mudanças quase imperceptíveis, resultado de novos hábitos adquiridos. Mas, vendo bem, a diferença entre o passado e o presente era nula: estava a exercer a medicina como sempre o havia feito, pouco lhe importando que se tratasse de mendigos ou de príncipes. Sebastião Théus era um nome falso, mas o seu direito ao nome de Zenão não era dos mais claros. Non habet nomen proprium: era um daqueles que nunca deixam de se espantar pelo facto de terem nome, como espantoso é também passar-se frente a um espelho e verificar-se que se tem um rosto e que é exactamente esse e não outro. A sua existência era clandestina e submetida a várias coacções: sempre assim o tinha sido. Calava os pensamentos que lhe eram mais caros, mas desde longa data que se convencera de que é tolo todo aquele que se expõe por mor das suas ideias, quando é tão fácil deixar os outros servirem-se das goelas e da língua para fabricarem sons. Os seus raros acessos de palavras equivaliam aos deboches de um homem casto. Vivia praticamente enclausurado no hospício de São Cosme, prisioneiro de uma cidade, e, adentro da cidade, prisioneiro de um bairro e, nesse bairro, prisioneiro de meia dúzia de salas que, de um lado, davam para uma horta e as

dependências de um convento e, do outro, para um muro completamente nu. As suas bem pouco frequentes incursões em busca de espécimes botânicos passavam e tornavam a passar sempre pelos mesmos campos lavrados e os mesmos caminhos de sirga, os mesmos bosquezitos e a orla das mesmas dunas; e ele ria-se, não sem amargura, daquele vaivém de insecto circulando incompreensivelmente sobre o mesmo palmo de terra. Mas este encurtamento do espaço, estas repetições quase mecânicas dos mesmos gestos, produziam-se de cada vez que as faculdades se aparelhavam com vista ao cumprimento de uma única tarefa, delimitada e útil. Acabrunhava-o essa vida sedentária, como uma sentença de prisão que por prudência tivesse pronunciado contra si próprio, mas que permanecesse revogável: já muitas vezes e noutras paragens se tinha estabelecido assim, momentaneamente, ou, pensava ele, para todo o sempre, como homem que em toda a parte e em parte alguma goza o direito de cidadania. Nada poderia provar que não iria retomar amanhã a existência errante que lhe coubera em sorte e que ele próprio elegera. E, contudo, o seu destino agitava-se: mau grado seu, houvera um deslize. Tal como um homem que, por uma noite negra, nada contra a corrente, carecia de pontos de referência que lhe permitissem calcular com exactidão o desvio.

Ainda há pouco, ao dar com o caminho no labirinto das vielas de Bruges, julgara ele que uma paragem destas, assim afastada das grandes rotas da ambição e do saber, havia de proporcionar-lhe um certo repouso, após trinta e cinco anos de agitação. Contava encontrar a inquieta segurança de um animal consolado com a estreiteza e a obscuridade da toca que escolhera para viver. Enganara-se. Aquela existência imóvel estava em efervescência, ali, onde se encontrava; a sensação de uma quase terrível actividade ressoava como um rio subterrâneo. A angústia que o oprimia era diferente da de um filósofo perseguido pelos seus livros. O tempo, que ele cuidara dever sopesar nas mãos como quem segura uma

barra de chumbo, escapava-se e subdividia-se como os grãos de mercúrio. As horas, os dias e os meses tinham deixado de estar de acordo com os signos dos relógios e até com o movimento dos astros. Umás vezes parecia-lhe que desde sempre se houvera mantido em Bruges, outras que tinha chegado na véspera. Os lugares também se agitavam: as distâncias eram abolidas, da mesma forma que os dias. Aquelle carnicheiro, aqueloutro mercador poderiam muito bem estar em Avinhão ou em Vadsténa; este cavalo chicoteado, tinha-o ele visto ir-se abaixo numa rua de Andrinopla; estoutro bêbado tinha começado com as suas pragas e vômitos em Montpellier; aquela criança, que vagia nos braços da ama, nascera há vinte e cinco anos em Bolonha; e, à missa de domingo, a que nunca deixava de assistir, já lhe tinha ouvido o 1ntróito há cinco invernos, numa igreja de Cracóvia. Pouco pensava nos incidentes da vida passada, agora dissolvidos como um sonho. Muitas vezes, sem razão aparente, tornava a ver aquela mulher prenhe que consentira em mandar abortar, infringindo o juramento hipocrático, no intuito de poupá-la a uma morte ignominiosa aquando do regresso de um marido ciumento a uma vilória do Languedoc; ou então a careta de sua majestade sueca engolindo uma poção, ou o seu criado Alei, a auxiliar a mula a passar o vau de uma ribeira, entre Ulme e Constância, ou O primo Henrique Maximiliano, porventura já morto. Um caminho escavado, onde nem de Verão os charcos secavam, trouxe-lhe à mente um tal Perrotin que o espreitara, à chuva, na berma de um caminho solitário, certo dia, depois de uma querela cujos motivos não era já capaz de recordar. Imaginava dois corpos agarrados um ao outro, no meio da lama, uma lâmina cintilante caída no chão, e depois Perrotin esfaqueado com a própria faca, já vencido, tornado lama e terra. Era uma velha história que pouco interesse tinha e não o teria mais se esse cadáver mole e quente fosse o de um clérigo de vinte anos. O Zenão que caminhava num passo precipitado, no pavimento engordurado de Bruges,

sentia-se trespassado (tal como pelo seu fato coçado perpassava o vento forte do mar) por uma vaga de mil e uma criaturas que já ali tivessem estado naquele ponto do globo, ou ali voltassem à espera dessa catástrofe universal a que se dá o nome de fim do mundo; tais fantasmas atravessavam, sem sequer o ver, o corpo deste homem, que, quando eles eram vivos, já não existia, ou que já não viveria no momento em que eles estivessem em vida. Estes ou aqueles há pouco encontrados na rua e olhados de relance, para logo serem remetidos para a informe massa das coisas passadas, também esses vinham engrossar continuamente o enxame das larvas. O tempo, o lugar, a substância, perdiam todos os atributos que nós consideramos como suas fronteiras; a forma era apenas a casca retalhada da substância; a substância esvaía-se num vazio que não era o seu contrário; tempo e eternidade eram uma e a mesma coisa, tal como a água negra que escorre numa toalha inamovível de negra água. Zenão mergulhava em meditações destas, como cristão em meditações acerca de Deus.

As próprias ideias deslizavam. O acto de pensar importava-lhe agora mais do que os duvidosos produtos do pensamento em si.

Examinava-se a pensar, tal como se contasse, com o dedo sobre o pulso, as pulsações da artéria radial, ou, sob as costelas, o vaivém da respiração. Toda a vida se espantara com essa faculdade que as ideias têm de se aglomerarem friamente como cristais, formando estranhas figuras vãs; ou crescerem como tumores devorando a carne que os concebeu; ou assumirem monstruosamente certos contornos da pessoa humana, à maneira dessas massas inertes que algumas mulheres dão à luz e que, em suma, não são mais do que um sonho da matéria.

Uma boa parte dos produtos do espírito não passava também de disformes sombras lunares. Outras noções, mais claras e nítidas, como que fabricadas por um mestre artesão, eram, porém, como aqueles objectos que, à distância, iludem; imensamente admiráveis

eram os seus ângulos e arestas; e todavia não passavam de grades aonde o entendimento a si mesmo se aprisiona, abstractas ferragens que a ferrugem da falsidade não tardaria a carcomir. Tremia-se, por momentos, perante a iminente trarismutação: um pouco de ouro parecia brotar no crisol do cérebro humano; não se conseguia, contudo, mais do que uma equivalência; da mesma forma que, naquelas experiências grosseiras com que os alquimistas da corte tentam provar aos príncipes seus clientes que algo descobriram, não era o ouro, no fundo da retorta, senão o de um banal ducado que, depois de correr de mão em mão, ali foi posto pelo alquimista antes da fervura. Tal como os homens, morriam as noções: vira, no decurso de meio século, várias gerações de ideias desfazerem-se em pó.

Sentia-se penetrar por uma metáfora mais fluida, produto de antigas viagens marítimas. Este filósofo que procurava abarcar no seu todo o entendimento humano, via, subjacente a ele, uma massa submetida a curvas calculáveis, estriada por correntes cujo mapa seria fácil de traçar, de fundas pregas cavada, pelas massas de ar e a pesada inércia das águas. Acontecia, com estas figuras assumidas pelo espírito, o mesmo que corri aquelas formas nascidas das águas indiferenciadas, ora assediando-se ora revezando-se, à superfície do pego; cada um dos conceitos acabava por se desfazer no seu próprio contrário, da mesma guisa que duas vagas, ao tocarem-se, se aniquilam numa só e mesma branca espuma. Zenão ficava-se a ver fugir essa vaga desordenada, que consigo levava, como destroços, aquelas poucas verdades sensíveis de que julgamos estar seguros. Muitas vezes lhe pareceu entrever, por sob o fluxo, uma qualquer substância imóvel, a qual estaria para as ideias como as ideias estão para as palavras. Nada, porém, provava que tal substrato fosse a camada última, nem que uma tal fixidez não escondesse um movimento demasiado violento para o humano intelecto. A partir do momento em que renunciara a confiar de viva

voz tudo o que pensava, ou a consigná-lo por escrito sobre a banca dos livreiros, essa privação obrigou-o a descer mais fundo que nunca, em busca de puros conceitos. Renunciara agora, temporariamente, a todos os conceitos, em prol de um exame mais profundo; como quem retém a respiração, retinha ele o espírito, a fim de melhor ouvir aquele barulho de rodas a girar tão rapidamente que uma pessoa nem se apercebe de que rodam.

Saía do mundo das ideias para voltar ao mundo mais opaco da substância contida e delimitada pela forma. Encafuado no quarto, não passava já os serões a tentar obter mais justos pontos de vista sobre as relações existentes entre as coisas, mas sim numa informulada meditação acerca da natureza das coisas. Corrigia dessa maneira o vício do entendimento que consiste em aprender os objectos para deles se servir ou, pelo contrário, rejeitá-los, sem antes lhes ter penetrado a substância individualizada de que são formados.

Desse modo, a água havia já sido para ele uma bebida que dessedenta e um líquido que lava, uma das partes constituintes do universo criado pelo cristão Demiurgo a que se referira o cónego Bartolomeu Campanus, ao falar do espírito que flutua sobre as águas, o elemento essencial da hidráulica de Arquimedes ou da física de Tales, ou ainda o signo alquímico de uma das forças que tendem para baixo. Calculara deslocamentos, medira doses, esperara que se formassem gotículas no tubo das cucúrbitas. Renunciando agora, por uns tempos, à observação que, de fora, distingue e singulariza, em prol da observação interior de filósofo hermético, deixava a água contida em tudo inundar o aposento, como se fosse enchente de dilúvio. O baú e o escabelo flutuavam; cediam as paredes à pressão da água.

E ele cedia a este fluxo que toma todas as formas, mas se recusa a deixar-se comprimir por elas; notava a mudança de estado da toalha de água que se transforma em lama e da chuva que se transforma em

neve; fazia sua a temporária imobilidade do gelo, fazia seu o deslizar da gota brilhante que escorrega inexplicavelmente na vidraça, fluido desafio às opiniões dos calculadores. Renunciava às sensações de tepidez e de frio que se acham relacionadas com os corpos; a água arrastava-o como a um cadáver, tão indiferentemente como a um punhado de algas. Entrando na sua carne, novamente se lhe deparava o elemento aquoso, a urina na bexiga, a saliva nos lábios, a água presente no líquido do sangue. Regressado depois àquele elemento, de que sempre se sentira uma parcela, transferia para o fogo a meditação e sentia esse moderado e beatífico calor que nos é dado partilhar com os animais que andam e com as aves que voam no céu. Pensava no voraz fogo das febres que, em vão, tantas vezes tentara debelar. Contemplava o ávido salto da chama que se acende, a rubra alegria das brasas e o seu finar-se em negras cinzas.

Atrevendo-se a avançar, mais não fazia do que unir-se a esse implacável ardor que consome tudo quanto toca; cogitava em fogueiras, tal como as vira por ocasião de um auto-de-fé, numa pequena cidade de Leão, no qual haviam perecido quatro judeus acusados de terem abraçado hipocritamente a religião cristã, sem com isso renegarem os ritos herdados dos antepassados, bem assim como um herético que negava a eficácia dos sacramentos. Imaginava essa dor demasiado aguda para a humana linguagem; era ele, esse homem com as narinas impregnadas do cheiro da sua própria carne a arder; tossia, envolto numa fumarada que, até à hora da morte, não haveria de dissipar-se.

Via uma perna tisonada erguer-se a pino, articulações lambidas pela chama, como ramo que se contorce por debaixo de um pano de chaminé; ao mesmo tempo que se deixava penetrar pela ideia de que fogo e lenha são inocentes.

Recordava-se de que, no dia a seguir ao auto-de-fé celebrado em Astorga, pisara, com o velho monge alquimista, Dom Blas de Vela, o adro calcinado que fazia lembrar o dos carvoeiros; o sábio jacobita

baixara-se para apanhar, com todo o cuidado, por entre os tições já apagados, pequenos ossos embranquecidos, à procura da luz da tradição hebraica, que resiste às chamas e é o germe da ressurreição. Sorrira ele, outrora, de tais superstições cabalísticas. Suando de angústia, soerguida a cabeça e, se a noite era clara, tomado de um frio amor, contemplava, através dos vidros, o fogo inacessível dos astros.

De qualquer forma, a meditação conduzia-o ao corpo, seu principal tema de estudo. Sabia que a sua bagagem de médico constava, equitativamente, de destreza manual e de receitas empíricas, somadas a descobertas igualmente experimentais que, por seu turno, levavam a conclusões teóricas sempre provisórias: uma onça de observação raciocinada valia, neste campo, mais do que uma tonelada de sonhos. Todavia, ao fim de tantos anos a anatomizar a máquina humana, amaldiçoava-se por nunca se ter aventurado com mais audácia na exploração desse reino delimitado pela pele, do qual nos julgamos senhores e em que vivemos prisioneiros. Em Eyoub, o dervixe Darazi, com quem travara amizade, havia-lhe transmitido métodos seus, aprendidos na Pérsia, num convento herético, visto que, tal como Cristo, também Mac,met tem os seus dissidentes. Num sótão de Bruges reiniciava agora experiências outrora encetadas nas traseiras de um pátio onde gorgolejava uma nascente. Levavam-no elas mais longe do que nenhuma das experimentações ditas in anima vilí. Deitado de costas, retraindo os músculos do ventre, dilatando a caixa do tórax, aonde, num vaivém, se move esse animal assustadiço a que chamamos coração, enchia cuidadosamente os pulmões, com a consciência de quem se reduz a um saco de ar posto em equilíbrio com as forças celestes. Aconselhara-se Darazi a respirar assim, até às raízes do ser. Fizera também, com o dervixe, a experiência contrária, a dos primeiros efeitos de um compassado estrangulamento. Erguia os braços, espantando-se com o facto de a ordem ser dada e recebida,

sem nunca saber ao certo que senhor mais forte do que ele subscrevia essa ordem; já, com efeito, milhares de vezes constataria que a vontade meramente pensada não era capaz de o fazer pestanejar ou franzir as sobrancelhas, da mesma forma que as objurgações de uma criança não conseguem fazer mover as pedras.

Precisava, então, do consentimento tácito de uma parte de si, mais próxima já do abismo do corpo. Meticulosamente, como quem separa as fibras de um caule, distinguia ele, umas das outras, essas várias formas de vontade.

Regulava o melhor que podia os complexos movimentos do seu cérebro em acção, mas como operário que, com todas as precauções, toca os rodados de uma máquina que não montou e de que não pode reparar as avarias, Colas Gheel estava bem mais ao facto dos seus teares do que ele, sob o seu crânio, dos delicados movimentos da sua máquina de pesar as coisas. O pulso, cujas pancadas tão assiduamente estudara, ignorava todas as ordens provenientes da sua faculdade pensante, mas agitava-se sob o efeito de receios ou dores a que o seu intelecto não se rebaixava. O maquinismo do sexo obedecia-lhe à masturbação, mas este gesto feito deliberadamente lançava-o por momentos num estado que o querer não controlava. Uma ou duas vezes na vida, havia também irrompido, mau grado seu, escandalosamente em pranto. Mais alquimistas do que ele próprio nunca o fora, eram as suas tripas, que operavam a transmutação de cadáveres de plantas e animais em matéria viva, fazendo, sem a ajuda dele, a separação entre o útil e o inútil. *Ignis infeyiorae Naturae*: aquelas espirais de lama acastanhada, sabiamente enroladas, a fumegar das múltiplas cozeduras a que em seus moldes foram sujeitas, esse vaso de barro repleto de um fluido de amoníacos e nitratos, eram a visível e fedorenta prova de uma tarefa levada a cabo em oficinas onde não nos é dado intervir. A Zenão parecia-lhe que tanto a repugnância dos requintados como o sujo escárnio dos néscios provinham menos do facto de tais objectos

nos ofuscarem os sentidos, que do horror sentido perante a inelutável e secreta rotina do corpo. E, descendo ainda mais fundo nessa cerrada noite interior, transportava a atenção para a estável armadura dos ossos escondidos sob a carne, os quais durariam mais do que ele e seriam, dentro de alguns séculos, os únicos indícios a testemunhar da sua vida. Absorvia-se no interior da matéria mineral de que eles são formados, refractária às suas humanas paixões e ambições. Repondo em seguida sobre si, como quem corre uma cortina, a sua carne provisória, contemplava-se estendido ao comprido sobre a grosseira roupa da cama, ora dilatando voluntariamente a imagem que ele a si mesmo se impunha daquela ilha de vida onde era senhor, esse continente por explorar de que os seus pés eram os antípodas, ora, pelo contrário, reduzindo-se a um simples ponto no seio do todo imenso. Segundo receitas de Darazi, tentava fazer deslizar a consciência, do cérebro para outras partes do corpo, mais ou menos da mesma forma como se desloca a capital de um reino para uma província longínqua. Tentava projectar uma pálida luz nessas negras galerias.

Antigamente, na companhia de João Myers, havia escarnecido dos devotos que vêem na máquina humana a prova patente de um Deus Criador, mas o respeito dos ateus por essa fortuita obra-prima que, a seus olhos, é a natureza do homem, afigurava-se-lhe também um bom motivo de escárnio.

Esse corpo tão rico de poderes obscuros era defectível; em horas de audácia, ele próprio dera consigo a sonhar com a invenção de um autómato menos rudimentar que nós. Fazendo girar perante o seu olhar interior o pentágono dos nossos sentidos, atrevera-se ele a postular outras construções, mais sábias, em que se refractasse, de forma mais perfeita, o universo. O rol das nove portas da percepção abertas na opacidade do corpo, que Darazi outrora lhe recitara, dobrando, uma a uma, as velhas falanges dos seus dedos amarelecidos, parecera-lhe, de início, uma grosseira tentativa de

classificação, própria de anatomista semlbárbaro; fosse como fosse, chamara a sua atenção para a precaridade dos canais de que dependem o nosso conhecimento e a nossa vida. Era tal a nossa insuficiência, que bastava apenas tapar duas aberturas estreitíssimas para nos ser vedado o mundo dos sons, e mais duas estreitas passagens para provocar a noite. Viesse uma mordança oprimir três desses canais, tão próximos uns dos outros que, sem dificuldade, se podem cobrir com a palma de uma mão, e seria o fim deste animal cuja existência depende de um sopro. Esse incómodo invólucro que ele tinha de lavar, de encher, de aquecer à lareira ou sob a pele de um animal morto, de deitar, todas as noites, como quem deita uma criança ou um ancião imbecil, servia, contra si, de refém a toda a natureza e, o que era pior, à sociedade dos homens. Através dessa carne e dessa pele é que ele talvez viesse a sofrer os horrores da tortura; e o depauperamento desses dotes é que viriam a impedi-lo de realizar convenientemente a ideia já esboçada. Se muitas vezes considerava suspeitas as operações do seu espírito que, por comodidade, isolava da restante matéria, era, principalmente, porque esse infeliz dependia dos serviços do corpo.

Estava farto de uma tal mistura de fogo instável e de espessa argila. Existus rationalis: uma tentação se lhe apresentava, tão imperiosa como um prurido carnal; uma repugnancia, quiçá uma vaidade, o impelia à execução do gesto que poria termo a tudo. Abanava então a cabeça, com gravidade, da mesma forma que o faria a um doente que reclamasse um medicamento ou uma comida com antecedência. Estava sempre a tempo de perecer com esse pesado suporte ou de continuar, sem ele, uma vida insubstancial e imprevisível, não necessariamente mais favorecida do que aquela que suportamos em nossa carne.

Rigorosamente, e quase contra vontade, pela primeira vez na vida esse viajante, chegado ao fim de uma etapa de mais de cinquenta anos, obrigava-se a refazer, em espírito, os caminhos

percorridos, isolando o fortuito do deliberado e do necessário, num esforço para seleccionar o pouco que lhe parecia fruto de si próprio e aquilo que se lhe afigurava inseparável da sua condição de homem.

Nada era totalmente idêntico, nem sequer totalmente contrário àquilo que inicialmente desejara ou previamente pensara. O erro era originado quer por acção de um elemento de cuja presença ele não suspeitara, quer por um equívoco na supuração do tempo, que se averiguava ser mais retráctil e extensível do que querem os relógios. Aos vinte anos, julgara-se liberto de rotinas e de ideias feitas que paralisam os nossos actos e armam de antolhos o nosso entendimento, mas depois passara a comprar, moeda a moeda, aquela liberdade de que julgara poder apossar-se logo à primeira. Nunca se pode ser tão livre quanto se deseja, quanto se quer, quanto se teme, quiçá tanto quanto se vive. Médico, alquimista, pirotécnico, astrólogo, envergara resignadamente a libré do tempo; deixara o mundo impor ao seu intellecto alguns entorses. Por odiar a falsidade, mas também por via de uma certa agrura de temperamento, metera-se em querelas de opiniões em que a um Sim inane responde um Não imbecil. Este homem precavido surpreendera-se a considerar mais odiosos os crimes, mais tolas as superstições daqueles governos ou príncipes que lhe ameaçavam a vida ou lhe queimavam os livros; por outro lado, acontecera-lhe, até, exagerar o mérito de um pateta mirrado, coroado ou tiarado, cujos favores lhe haviam permitido passar das ideias aos actos. O desejo de ajustar, modificar ou reger, ao menos, um pedaço da natureza das coisas, levava-o a reboque dos poderosos deste mundo, construindo castelos de cartas e cavalgando nuvens de fumo. Fazia o computo de tanta quimera. No Grande Serralho, a amizade do poderoso e infeliz Ibraim, o vizir de sua alteza, dera-lhe esperanças de poder levar a bom termo o saneamento dos pântanos nos arredores de Andrinopla; tivera em mente uma reforma racional do hospital dos Janízaros; sob os seus cuidados se iniciara o resgate, aqui e acolá, dos preciosos

manuscritos dos médicos e astrónomos gregos, outrora comprados por sábios árabes e onde, por entre muita coisa desconexa, há, bastas vezes, uma verdade a descobrir. Existira, sobretudo, um certo Dioscóride que continha fragmentos, mais antigos, de Cratevas, e se provou pertencer ao judeu Hamon, seu colegajunto do sultão. Porém, a sangrenta queda de Ibraim arrastava consigo tudo isso e o desgosto causado por uma tal vicissitude, somada a tantas outras, varreu-lhe da memória aqueles infelizes começos de trabalho. Encolhera os ombros quando os pusilânimes burgueses de Basileia se recusaram, por fim, a ceder-lhe uma cátedra, por temor dos boatos que faziam dele um sodomita e um feiticeiro. (Fora, à sua maneira, uma coisa e outra, mas as palavras não correspondiam às coisas; traduzem tão-somente a opinião que o vulgo tem das coisas.) Um sabor que a fel lhe viera, todavia, durante muito tempo, à boca, ao ser mencionado o nome de tal gente. Em Ausburgo, arrependera-se amargamente de ter chegado demasiado tarde para obter dos Fugger aquele lugar de médico nas minas, que lhe teria dado azo a observar as doenças dos operários que trabalham debaixo da terra, submetidos às poderosas influências metálicas de Saturno e Mercúrio. Nisso entrevira ele possibilidades de curas e combinações inauditas. Bem via, é certo, que tais ambições haviam sido úteis, ao veicularem, por assim dizer, o seu espírito de um para outro lugar: mais vale não nos aproximarmos, antes de tempo, das imobilidades eternas. Consideradas à distância, tais agitações afiguravam-se-lhe, contudo, uma tempestade de areia.

O mesmo lhe sucedia no complicado domínio dos prazeres carnis. Os que ele sempre preferia eram os mais secretos e perigosos, pelo menos em território cristão e na época em que o acaso o fizera vir ao mundo; talvez nunca os tivesse procurado se não fora ocultações e proibições tornarem-nos uma feroz quebra nos costumes, um mergulho no mundo que ferve subjacente ao visível e ao permitido. Talvez, também, opções dessas estivessem ligadas a

apetências tão simples e inexplicáveis como as que se têm por um fruto e não por outro: pouco lhe importava. O essencial é que tanto as suas ambições como os seus desvarios haviam sido, ao fim e ao cabo, raros e breves, como se estivesse na sua natureza o esgotar rapidamente tudo quanto as paixões lhe pudessem ensinar ou oferecer.

Esse estranho magma que os pregadores designam com a palavra, nada mal escolhida, de luxúria (com efeito, bem parece tratar-se de uma exuberância da carne que esgota todas as suas forças) 159

desafiava todo e qualquer exame, dada a variedade de substâncias que o compõem e que, por sua vez, se ramificam noutros componentes nada simples. Nele participava o amor, mais raramente, talvez, do que se afirmava, mas o próprio amor também não era uma noção pura. Esse mundo a que chamam baixo comunicava com o que de mais elevado há na natureza humana. Da mesma maneira que a mais crassa ambição era também um sonho do espírito esforçando-se por compor ou modificar as coisas, também assim a carne, com as suas audácias, se outorgava as curiosidades do espírito e as fantasiava a seu bel-prazer; o vinho da luxúria tirava a sua força dos sucos da alma, tanto como dos do corpo.

O desejo de uma carne jovem, não passara, as mais das vezes, do vão projecto de vir um dia a formar um perfeito discípulo seu. Outros sentimentos se viriam misturar a esse, confessadamente experimentados por todo o homem. Frei Juan, em Leão, e Francisco Rondelet, em MontPelher, foram irmãos bem cedo perdidos; pelo seu criado Alei e, mais tarde, por Gerhart, em Lubeque, tivera ele a solicitude de um pai pelos seus filhos. Paixões assim enraizadas haviam-lhe parecido uma parte inalienável da sua liberdade de homem; hoje em dia, era sem elas que se sentia livre.

Idênticas reflexões se aplicavam às mulheres com quem tivera relações carnis.

Pouco lhe importava remontar aos motivos dessas ligações passageiras, quiçá mais marcantes que as outras, pois que as engendrara menos espontaneamente.

Seria o súbito desejo frente ao traçado particular de um corpo, necessidade desse profundo repouso que tantas vezes dá a criatura fêmea, rebaixante conformismo com os costumes, mais oculto que uma afeição ou um vício, a obscura preocupação de experimentar os herméticos ensinamentos sobre o perfeito casal que em si refaz o antigo andrógino? Mais valia dizer, pura e simplesmente, que, nessas ocasiões, tomara o acaso figura de mulher. Havia trinta anos que, em Argel, por se ter condoído da sua desolada juventude, comprara uma rapariga de boa raça, recentemente raptada pelos piratas, numa praia perto de Valença; esperava, logo que lhe fosse possível, reenviá-la para Espanha. Mas, na estreita mansão da costa barbaresca, veio a estabelecer-se entre eles uma intimidade que se assemelhava em tudo à do matrimónio. Foi a única vez que teve de se haver com uma virgem: das primeiras relações que tiveram, não guardava ele a lembrança de uma vitória, antes, sim, a de uma criatura a quem teve de tratar e consolar. Durante algumas semanas, tivera na cama, e à mesa, essa beldade um tanto enfadonha, que por ele nutria a gratidão que se tem pelos santos da Igreja. Foi sem pena alguma que a entregou a um padre francês prestes a embarcar para Port-Vendres, com um pequeno grupo de cativos dos dois sexos, entregues às suas famílias e ao seu país. A módica quantia que ele lhe havia dado permitir-lhe-ia, sem dúvida, chegar, em fáceis etapas, à sua Gandia natal... Mais tarde, dentro das muralhas de Buda, cederam-lhe, a título de quinhão nos despojos, uma jovem e rude húngara; tomou-a consigo para não se singularizar ainda mais num campo em que já o tornavam notado o nome e o aspecto que apresentava, e onde, apesar de no seu íntimo pôr em questão os dogmas da Igreja, tinha que sofrer a inferioridade de ser cristão. Nunca ele pensaria em abusar dos direitos de guerra, se ela não

estivesse desejosa de assumir o seu papel de presa. Jamais, parecia-lhe, saboreara melhor os frutos de Eva... Naquela manhã, havia entrado na cidade atrás dos oficiais do sultão. Pouco tempo depois de regressar ao campo, foi informado da ordem publicada durante a sua ausência, para se desembaraçarem dos escravos e bens móveis, incômodos para o exército; cadáveres e pacotes de pano flutuavam ainda à superfície do rio... A imagem daquele corpo ardente tão depressa arrefecido haveria de, por muito tempo, lhe fazer sentir repugnância por toda a aliança carnal. Regressara, depois, às escaldantes planícies povoadas de estátuas de sal e anjos de longos anéis de cabelo...

No Norte, a senhora de Frôsõ acolhera-o nobremente no regresso das suas peregrinações até à orla das regiões polares. Tudo nela era belo: a alta estatura, a tez clara, as mãos destras a ligar chagas e a limpar os suores das febres, o à-vontade com que se movia no chão macio da floresta, erguendo tranquilamente, ao atravessar os cursos de água, o vestido de pano grosso por sobre as pernas nuas. Instruída na arte das feiticeiras Taponas, conduzira-o ela às grutas à beira dos pântanos, aonde eram praticadas fumigações e banhos mágicos acompanhados de cânticos. À noite, no pequeno solar de Frôsõ, oferecera-lhe, à mesa coberta por um pano branco, o pão de centeio e o sal, as bagas e a carne seca; e fora depois ter com ele, lá acima ao quarto, à sua enorme cama, com o sereno impudor de uma esposa. Era viúva, e tencionava, pelo São Martinho, escolher para marido um rendeiro livre da vizinhança, a fim de impedir que a propriedade viesse a cair sob a tutela dos irmãos mais velhos.

Dele dependia exercer a sua arte naquela província tão grande como um reino, de aí escrever os seus tratados ao canto de uma fogueira, de subir todas as noites ao torreão para observar os astros... Apesar disso, após nove ou dez desses dias de Verão que, ali, apenas são um único dia sem noite, pôs-se a caminho de Upsália, aonde nesse tempo residia a corte, esperando ficar ao pé do monarca, e

fazer do jovem Erik esse discípulo-rei que é a derradeira quimera de todo o filósofo.

Mas o simples esforço de evocar tais personagens exagerava-lhes a importância e exaltava a da aventura carnal. O rosto de Alei não se lhe apresentava com mais frequência do que o de soldados desconhecidos, gelando ao longo das estradas da Polónia, a quem ele, por falta de tempo e de meios, nem pudera socorrer. A pequena burguesa adúltera de Porir-Saint-Esprit causara-lhe repugnância, com o redondo da barriga disfarçado por debaixo de pregas rendadas, os cabelos encaracolados a emoldurarem-lhe as feições chupadas e amarelecidas, as suas lastimáveis e grosseiras mentiras. Irritara-se com os olhares que ela lhe atirava do fundo da sua angústia, por não conhecer melhor forma de subjugar um homem. E, todavia, ele arriscara o seu bom nome de médico por causa dela; a urgência em agir depressa, antes de chegar o marido ciumento, os miserandos restos da conjunção humana que ele tivera de enterrar debaixo de uma oliveira do jardim, a compra, a peso de ouro, do silêncio das criadas que tinham velado a ama e lavado os lençóis manchados de sangue, tudo isso havia criado entre ele e essa infeliz uma intimidade de cúmplices e fizera que ele a conhecesse melhor do que qualquer homem a uma sua amante. A senhora de Frõsõ tinha sido para ele uma benemérita, mas não mais do que aquela padeira de tez bexigosa que uma noite o socorrera quando ele se sentara, em Salisburgo, no guarda-vento da sua loja. Foi depois de ele ter fugido de Innsbruck; estava extenuado e transido, após uma série de caminhadas forçadas por maus caminhos e debaixo de neve. Ela observara, através das portadas da montra, aquele homem agachado no banco de pedra e, tendo-o sem dúvida tomado por um mendigo, estendera-lhe uma carcaça ainda quente. Seguidamente, por prudência, voltou a correr a aldraba que cerrava os batentes. Não ignorava ele que essa desconfiada benfeitora poderia muito bem

ter-lhe atirado com um tijolo ou uma pá do forno. Mas nem por isso deixara de ser uma figuração da benignidade.

Amizade ou aversão contavam, no fim de contas, tão pouco como as blandícias carnis. Seres que tinham acompanhado ou atravessado a sua vida, sem nada perderem das suas bem diferenciadas particularidades, confundiam-se, no anonimato da distância, como se fossem árvores da floresta que, vistas de longe, parecem interpenetrar-se. O cónego Campanus misturava-se com Riemer, o alquimista, cujas doutrinas, porém, renegava, e mesmo com o defunto João Myers que, se fosse vivo, teria igualmente oitenta anos. O primo Henrique, com a sua pele de búfalo, e Ibraim, com o seu cafetão, o príncipe Erik e esse Lourenço, o Assassino, com o qual passara outrora, em Lião, tantas noites memoráveis, mais não eram que as várias faces de um mesmo sólido, que é o homem. Os atributos do sexo tinham menos importância do que poderia supô-lo a razão ou a desrazão do desejo: a dama poderia ter sido um companheiro; Gerhart tivera, para com ele, delicadezas de donzela. Acontecia com essas criaturas encontradas, e logo abandonadas, no decorrer da existência, como com as figuras espectrais, nunca vistas segunda vez, mas duma especificidade e de um relevo quase terríveis, as quais se destacam, no escuro das pálpebras, nos momentos que precedem o sono e o sonho, e que tão depressa passam e fogem à velocidade do meteoro, como se reabsorvem a si próprias, sob a fixidez do olhar interior. Leis matemáticas ainda mais complexas e desconhecidas do que as do espírito ou dos sentidos presidiam a esse vaivém de fantasmas.

Mas também o contrário era verdade. Os acontecimentos eram, na realidade, pontos fixos, embora para trás tivessem ficado os do passado e uma curva escondesse os do futuro, o mesmo acontecendo com as pessoas. A recordação não passava de um olhar assustado lançado, de vez em quando, sobre seres interiorizados, mas que não dependiam da memória para continuarem a existir. Em Leão, onde

Dom Blas de Vela o fizera envergar temporariamente o hábito de iacobita noviço, para ter quem o secundasse nos seus trabalhos de alquimia, um monge da sua idade, Frei Juan, fora seu companheiro de enxergão, naquele convento atravancado onde os recém-chegados partilhavam, a dois e a três, o molho de feno e o cobertor. Chegara Zenão, sacudido por uma tosse impertinente, a esse reduto por onde se infiltravam o vento e a neve. Frei Juan tratara o seu camarada o melhor possível, furtando para ele os caldos ao frade cozinheiro. Um amorperfectissimus existira, durante certo tempo, entre os dois jovens, mas as blasfémias e as negações de Zenão eram coisa sem importância para aquele coração terno, marcado por uma particular devoção ao Apóstolo Bem-Amado. Quando Dom Blas, expulso pelos seus monges que viam nele um perigoso feiticeiro cabalista, desceu a vereda inclinada do mosteiro, soltando maldições, Frei Juan escolhera seguir, na desgraça, o velho de quem não era, afinal, nem parente nem discípulo. Para Zenão, esse golpe de estado monástico fora, pelo contrário, uma ocasião de romper, para sempre, com uma profissão de que não gostava, e de ir, com vestes seculares, instruir-se alhures em ciências menos imbuídas da matéria dos sonhos. O facto de o seu mestre ter ou não seguido ritos judaicos deixava indiferente o jovem clérigo para quem, segundo a fórmula transmitida à socapa por várias gerações de estudantes, Lei cristã, Lei judaica e Lei maornetana não eram mais do que as Três Imposturas. Dom Blas morrera, por certo, no caminho ou nos calabouços de alguma oficialidade; seriam necessários trinta e cinco anos para que o seu antigo aluno reconhecesse, na sua loucura, uma inexplicável sabedoria. Quanto a Frei Juan, se ainda fosse vivo, teria em breve sessenta anos. A imagem deles fora voluntariamente obliterada juntamente com a dos poucos meses passados sob o capuz e a cogula. E, não obstante, Frei Juan e Dom Blas avançavam com dificuldade pelo caminho pedregoso, batidos pelo áspero vento de Abril, e não era preciso recordá-los para que eles existissem.

Francisco Rondelet, passeando por esses campos fora, com o seu condiscípulo, e elaborando projectos para o futuro, coexistia com Francisco, deitado nu em cima da mesa de mármore no anfiteatro universitário, e o doutor Rondelet, a explicar a articulação do braço, parecia mais dirigir-se ao morto do que aos seus alunos, e argumentar, através dos tempos, com um Zenão envelhecido. Unus ego et multí ín me. Nada vinha modificar estas estátuas fixas no seu pedestal, postadas para todo o sempre sobre uma superfície parada que talvez fosse a eternidade. O tempo era apenas uma pista que as interligava. Um elo unia tudo: serviços que não haviam sido prestados a um, foram prestados a outro: não havia socorrido Dom Blas, mas, em Gênova, prestara socorro a José Ha-Cohen, o qual nem mesmo assim deixou de o considerar um perro cristão. Nada tinha um fim definido: os mestres ou os colegas de quem recebera uma ideia ou graças aos quais pudera formar uma outra, contrária àquela, prosseguiam surdamente a sua inacomodável controvérsia, cada um bem assente na sua concepção do mundo, tal como um mágico no interior do seu círculo. Darazi, que buscava um Deus mais próximo de si do que a sua veia jugular, discutiria eternamente com Dom Blas, para quem Deus era o Um-não revelado, enquanto João Myers, com aquele seu riso de boca fechada, escarneceria dessa palavra Deus.

Servia-se, há quase meio século, do seu espírito como de uma cunha feita para alargar mais os interstícios do muro que de todos os lados nos confina.

Aumentavam as fendas ou talvez fosse a parede que, pelos vistos, perdia a própria solidez, sem, no entanto, deixar de ser opaca, como se se tratasse de uma muralha de fumo, em vez de uma muralha de pedra. Os objectos deixavam de desempenhar o seu papel de acessórios úteis. Da mesma forma que um colchão deixa sair o folhelho, assim eles vertiam a sua substância íntima. Uma floresta invadia o quarto. Este escabelo, medido pela distância que vai do

chão até ao cu de um homem nele sentado, esta mesa que serve para escrever e comer, esta porta que abre um cubo de ar rodeado de divisórias para um outro cubo de ar contíguo, perdiam todas as razões de ser que o artesão lhes conferira para passarem a ser troncos e ramos esgalhados, quais Sãos Bartolomeus em quadros de igreja, carregados de folhas espectrais e aves invisíveis, repercutindo ecos de tempestades há muito acalmadas, e cheios de seiva coalhada que a plaina aqui e ali havia deixado. Aquela manta e aqueles farrapos pendurados num prego fediam a bedum, a leite e a sangue. Estes sapatos de boca aberta, aos pés da cama, acabavam de mexer-se com o bafo de um boi estendido na erva e, no sebo com que o sapateiro os engraxara, grunhia um porco sangrado até à última gota. Por toda a parte havia morte violenta, tal como num matadouro ou num recinto patibular. Um pato degolado grasnava na pena que iria servir para traçar em velhos pergaminhos ideias julgadas dignas de perdurar para sempre. Tudo era outra coisa: aquela camisa que as fteiras Bernardinas lhe lavavam era um campo de linho mais azul que o céu ou um molho de fibras curtindo no fundo de uma levada. Aqueles florins que tinha no bolso, com a efigie do defunto imperador Carlos, haviam sido mil vezes trocados, dados e roubados, pesados e corroídos, antes que os pudesse chamar seus, mas tais reviravoltas por tanta mão avara ou pródiga eram coisa breve, comparadas com a inerte duração do próprio metal, instilado nas veias da terra muito antes de Adão ter existido. As paredes de tijolo dissolviam-se no pó em que qualquer dia se iriam transformar. O anexo do convento dos Franciscanos, onde se encontrava razoavelmente agasalhado e protegido, deixava de ser uma casa, esse lugar geométrico do homem, sólido abrigo para o espírito, mais ainda do que para o corpo. Passava a ser simplesmente uma gruta numa floresta, uma tenda à beira de uma estrada, um farrapo lançado entre nós e o infinito. As telhas deixavam passar a bruma e os astros incompreensíveis. Ocupavam-no centenas de

mortos e centenas de vivos tão perdidos como os mortos: dúzias de mãos haviam colocado estes azulejos, amassado estes tijolos, aplainado estas tábuas, pregado, cosido ou colado: seria tão difícil dar com o operário que fizera este pano de burel como evocar um morto. Como um verme em seu casulo, ali tinham vivido pessoas e, depois dele, outras lá iriam viver. Bem escondidos, para não dizer invisíveis, um rato por detrás de um tabique, um caruncho roendo por dentro uma trave estragada, olhavam de diferente modo os cheios e os vazios daquilo a que ele chamava o seu quarto... Erguia os olhos. No tecto, uma trave restaurada ostentava um número: 1491. Na altura em que aquilo fora gravado para fixar uma data que já a ninguém interessava, ainda ele não existia, nem sequer a mulher que o daria à luz. Invertia os algarismos, à laia de jogo: o ano de 1941 depois da Encarnação de Cristo. Tentava imaginar esse ano, que não tinha qualquer relação com a sua existência e de que apenas uma coisa se sabia ao certo: que haveria de existir. Avançava sobre o seu próprio pó. Mas acontecia com o tempo o mesmo que com a semente do carvalho: era insensível a essas datas gravadas pela mão do homem. A Terra, ao rodar, ignorava tudo sobre o calendário juliano ou a era cristã, desenhando um círculo sem princípio nem fim, semelhante a um anel polido. Zenão recordava-se de que, entre os Turcos, se estava no ano de 973 da Hégira, mas Darazi, em segredo, computava segundo a era de Cosroés. Passando dos anos aos dias, pensava ele no Sol que a essa hora nascia por sobre os telhados de Pêra. O quarto estava a ficar de quereria; rangiam como amarras os panos do colchão, escorregava a cama de ocidente para oriente, inversa ao movimento aparente do céu. A segurança de repousar, de forma estável, num recanto de terra belga, era o último dos enganar; aquele ponto do espaço em que se encontrava, haveria de conter, daí a uma hora, o mar com suas vagas e, um pouco mais tarde, as Américas e o continente asiático. Essas regiões onde ele jamais iria

sobrepunham-se abissalmente, no hospício de São Cosme. O próprio Zenão esvaía-se como cinza lançada ao vento.

SOLVE ET COACULA... Ele sabia o que significava essa ruptura das ideias, esse vácuo no seio das coisas. Jovem clérigo, lera em Nicolau Flamel a descrição do opus nigrum, essa tentativa de calcinação e dissolução das formas, que é a parte mais difícil da Grande Obra. Dom Blas de Vela muitas vezes lhe afirmara solenemente que a operação se realizaria por si mesma, quer se quisesse quer não, quando todas as condições se cumprissem. O clérigo avidamente meditara naqueles adágios que lhe pareciam tirados de não se sabe que estranho ou talvez verídico engrimanço. Essa separação alquímica, tão perigosa que os filósofos herméticos só se lhe referiam por meias palavras, tão árdua que muitas vidas se haviam gasto em vão para a conseguir, tinha-a ele antigamente tomado por uma fácil rebelião. Rejeitando, depois, esses desconexos devaneios tão velhos como a ilusão humana, não guardando de seus mestres alquimistas mais do que algumas receitas pragmáticas, optara por dissolver e coagular a matéria no sentido de uma experimentação operada no corpo das coisas. Doravante, convergiam os dois ramos da parábola; cumprira-se a morsphílosopbica: o operador, queimado pelos ácidos da experiência, era, a um tempo, sujeito e objecto, frágil alambique e negro precipitado no fundo do receptáculo. A experiência, que se julgara poder confinar à oficina, estendera-se a tudo.

Poder-se-ia daí concluir que as fases subsequentes da aventura alquímica fossem algo mais do que sonho e que também ele viria alguma vez a conhecer a pureza ascética da Obra ao Branco, seguida do triunfo conjugado do espírito e dos sentidos, que é a característica da Obra ao Rubro? Do mais fundo da brecha nascia uma Quimera. Dizia Sim por audácia, da mesma forma que também por audácia outrora dissera Não. Estacava, de súbito, puxando violentamente as rédeas de si mesmo. A primeira fase da Obra exigira-lhe a vida

inteira. Faltavam-lhe tempo e forças para poder ir mais longe, isto admitindo que houvesse realmente um caminho e que, por esse caminho, um homem pudesse passar. Ou o apodrecimento das ideias, a morte dos instintos, o esmagamento das formas quase insuportáveis à natureza humana seriam imediatamente seguidos da morte real e, nesse caso, seria curioso verificar por que via, ou o espírito, regressado dos confins da vertigem, retomaria a sua habitual rotina, munido simplesmente de faculdades mais livres e como que purificadas. Devia ser belo constatar-lhe os efeitos.

Principiava a constatá-lo. As tarefas do dispensário pouca cansa-lhe davam: nunca a mão e os olhos tinham mostrado tanta segurança. Os miseráveis que, todas as manhãs, esperavam pacientemente que abrisse o hospício, eram tratados com tanta arte como outrora o haviam sido os grandes deste mundo. A completa ausência de ambição e de temor permitiam-lhe aplicar com inteira liberdade os seus métodos, quase sempre com bons resultados: essa aplicação total excluía a própria piedade. A sua constituição, naturalmente seca e nervosa, parecia fortalecer-se com o avançar dos anos; cada vez sofria menos com o frio, parecia insensível aos gelos do Inverno e à humidade do Verão; já não o atormentava o reumatismo contraído na Polónia. Deixara de se ressentir dos efeitos de uma febre terçã, trazida, em tempos, do Oriente. Comia com indiferença o que do refeitório lhe trazia um dos frades que o prior pusera ao serviço do hospício, ou escolhia ele, na estalagem, comidas baratas. Carne, sangue, entranhas, tudo o que palpitou e teve vida causava-lhe, nesta fase da sua existência, repugnância, pois que, tal como o homem, o animal morre de forma dolorosa e a ele desagradava-lhe digerir agonias. Desde o tempo em que ele próprio degolava um porco num talho de Montpellier, com o fim de verificar se havia ou não coincidência entre a pulsação da artéria e a sístole do coração, deixara de considerar útil o emprego de dois termos

diferentes para designar o animal que se abate e o homem que se mata, o animal que estoira e o homem que morre.

As suas preferências, em matéria de alimentos, iam para o pão, a cerveja, os cozidos que conservam algo do espesso sabor da terra, as verduras aquosas, os frutos refrescantes, as subterrâneas e sápidas raízes. O estalajadeiro e o frade cozinheiro admiravam-se com as suas abstinências, cuja intenção lhes parecia piedosa. Às vezes, porém, punha-se a comer pensativamente um pedaço de tripa ou um bocado de fígado em sangue, para mostrar que a sua recusa provinha do espírito e não de um capricho do gosto. Quanto ao vestuário, sempre o negligenciara: fosse por distração, fosse por desprezo, nunca o renovava. Em matéria erótica, continuava a ser aquele médico que outrora recomendara aos seus doentes os reconfortos do amor, tal como, noutras alturas, se lhes recomenda o vinho. Achava ainda que esses ardentes mistérios são, para muitos de nós, o único acesso possível àquele ígneo reino do qual somos, talvez, minúsculas centelhas; todavia, essa sublime eclosão era breve e ele, quanto a si, duvidava de que um acto tão sujeito às práticas da matéria, tão dependente dos órgãos da geração carnal não fosse, para o filósofo, uma dessas experiências que é mister fazer para, em seguida, as renegar. A castidade, que ele outrora encarara como uma superstição a combater, afigurava-se-lhe agora um dos rostos da sua serenidade: saboreava aquele frio conhecimento que se tem dos seres quando já se não os deseja. Certa vez, porém, seduzido por um encontro, entregou-se novamente a tais jogos, ficando espantado com as suas próprias forças. Irritou-se, um dia, com um miserável monge que vendia pela cidade os unguentos do dispensário, mas essa cólera era mais deliberada do que instintiva. Depois de uma operação bem sucedida, deixava-se tomar de certos acessos de vaidade, como a um cão se permite espojar-se sobre a relva.

Certa manhã, durante um dos seus passeios de herbanário, houve um acontecimento insignificante e quase grotesco que lhe deu

que pensar e exerceu sobre ele um efeito comparável ao de uma revelação que a um devoto viesse lançar luz sobre um dos santos mistérios. Tinha ele saído da cidade ao romper do dia, em direcção à orla das dunas, levando consigo uma lupa que, sob indicações suas, lhe fabricara um oculista de Bruges, e de que ele se servia para examinar de perto as radículas e sementes das ervas recolhidas. Por volta do meio-dia, deixou-se dormir, deitado de barriga para baixo numa cova aberta na areia, cabeça apoiada no braço e a lupa, caída da mão, pousada debaixo dele num tufo de ervas secas. Pareceu-lhe, ao despertar, distinguir, mesmo junto à cara, um animal extraordinariamente móvel, insecto ou molusco, que se movia na sombra. Era de forma esférica; a parte central, de um negro brilhante e húmido, era rodeada por uma zona de um branco-rosado ou baço; uns pêlos franjados cresciam em redor, saídos de uma espécie de mole carapaça castanha, toda gretada e empolada de bolhas. Uma vida quase horripilante povoava essa frágil coisa. Em menos de um instante, antes mesmo de formular um pensamento sobre o que se lhe deparava, reconheceu que aquilo que via mais não era do que um dos seus olhos reflectido e aumentado pela lupa, atrás da qual areia e erva formavam uma espécie de placa semelhante à dos espelhos. Pôs-se de pé, meditativo. Acabava de se ter visto a ver-se; fugindo à rotina das habituais perspectivas, contemplara de perto o órgão pequeno e enorme, próximo e contudo estranho, vivo mas vulnerável, dotado de um poder imperfeito embora prodigioso, do qual ele dependia para ver o universo. Nada de teórico havia a extrair de uma tal visão que, curiosamente, viera aperfeiçoar o conhecimento de si próprio e, ao mesmo tempo, a noção dos múltiplos objectos de que se compunha a sua personalidade. Como o olho de Deus em certas estampas, este olho humano tornava-se num símbolo.

O importante seria recolher o pouco que ele pudesse filtrar do mundo antes de tudo escurecer, controlar o que ele testemunhasse e,

se possível, corrigir-lhe os erros. Em certo sentido, o olho contrabalançava o abismo.

Saía do escuro desfiladeiro. Em boa verdade, já por várias vezes de lá saía.

E havia de sair ainda. Os tratados consagrados à aventura do espírito enganavam-se ao atribuírem a essa aventura sucessivas fases: tudo se confundia, pelo contrário, tudo estava sujeito a ser infinitamente repisado, repetido. A demanda do espírito processava-se em círculo. Dantes, em Basileia, e em vários outros lugares, passara por idêntica escuridão. As mesmas verdades haviam sido reaprendidas várias vezes. Mas a experiência era cumulativa: o passo, com o tempo, tornava-se cada vez mais seguro; o olhar ganhava maior alcance no meio de certas trevas; o espírito constatava, pelo menos, certas e determinadas leis. Como um homem que sobe, ou quiçá desce a falda de uma montanha, assim ele se elevava ou se enterrava sem sair do mesmo sítio; pelo menos, em cada curva, um novo abismo se erguia, ora à direita, ora à esquerda.

A ascensão só podia medir-se pelo ar que ia rareando e pelos diferentes cumes que apontavam por detrás daqueles que já pareciam haver ocultado o horizonte. Era, porém, falsa a noção de ascensão ou de descida: os astros tanto brilhavam em cima como em baixo; e ele tanto se achava no fundo do abismo como no centro. O abismo estava, ao mesmo tempo, para além da esfera celeste e no interior da cúpula óssea. Tudo parecia processar-se no extremo limite de uma série infinita de curvas fechadas.

De novo se pusera a escrever, mas sem tencionar tornar públicas as suas produções. De todos os tratados da medicina antiga, sempre admirara o livro I 11 das Epidémicas de Hipócrates, pela exacta descrição de casos clínicos e respectivos sintomas, sua progressão diária e resultados. Também ele possuía um registo análogo no referente aos doentes tratados no hospício de São Cosme.

Qualquer médico, depois dele, poderia vir a tirar partido daquele diário redigido por um clínico exercendo na Flandres, ao tempo de sua majestade católica, Filipe 11. Um projecto mais arrojado viria a ocupá-lo durante algum tempo, o de um *Líber Singularis*, onde haveria de consignar minuciosamente tudo o que sabia a respeito de um homem, homem esse que era ele próprio: a sua compleição, o seu comportamento, os seus actos confessados ou secretos, ocasionais ou premeditados, os seus pensamentos e também os seus sonhos. Reduzindo tão vasto plano, acabou por vir a restringir-se a um único ano da vida desse homem e, depois, a um único dia: ainda não conseguia abranger tão extensa matéria e cedo se apercebeu de que, de todos os seus passatempos, era este o mais perigoso. Renunciou a ele. Às vezes, para se distrair, escrevia pretensas profecias que, na realidade, não passavam de sátiras a erros e monstruosidades da sua época, dando-lhes o inusitado aspecto de uma novidade ou de um prodígio. Por essa altura, e à guisa de divertimento, era ao organista de São Donaciano, de quem se tornara amigo depois de lhe ter operado a mulher a um tumor benigno, que ele comunicava alguns desses bizarros enigmas. O organista e a sua cara-metade davam voltas ao miolo para lhes penetrarem o sentido, como se de adivinhas se tratasse, rindo-se, por fim, sem ver naquilo qualquer malícia.

Uma coisa que o preocupou durante esses anos foi um tomateiro, raridade botânica saída de uma estaca que, com dificuldade, obtivera de um espécimen raro trazido do Novo Mundo. Essa preciosa planta que guardava na oficina levou-o a entregar-se de novo aos seus antigos estudos sobre a circulação da seiva: com a ajuda de uma tampa que impedia a evaporação da água derramada na terra do vaso e, também, mediante pesagens cuidadosas, todas as manhãs, conseguiu calcular quantas onças líquidas eram diariamente absorvidas pelos poderes de imbibição da planta; procurou, mais tarde, calcular algebricamente até que altura esta

faculdade poderia elevar os fluidos no interior de um tronco e de um caule. Correspondia-se, sobre este assunto, com o sábio matemático que uns seis anos atrás o hospedara em Lovaina.

Zenão esperava, com impaciência, resposta dele. Começava também a pensar em novas viagens.

A doença do prior

Numa segunda-feira de Maio, dia da Festa do Preciosíssimo Sangue, comia Zenão, como de costume, a sua refeição na Estalagem do Veado Grande, sentado, sozinho, no seu habitual canto escuro. As mesas e os bancos, colocados junto das janelas que davam para a rua, estavam, contudo, invulgarmente frequentados, dado que dali se podia ver desfilarem a procissão. Uma alcoviteira, que tinha em Bruges uma casa afamada e que, por causa da sua corpulência, fora alcunhada de Abóbora, ocupava uma das mesas, na companhia de um horminculo macilento, que passava por ser filho dela, e mais duas beldades do seu estabelecimento. Zenão conhecia a Abóbora pelas recriminações que dela lhe fazia uma rapariga tísica, que bastas vezes lhe pedira remédio para a tosse.

Não se cansava a criatura de falar nas vilanias da patroa, que a explorava e lhe roubava a roupa mais fina.

Um pequeno grupo de guardas valões, que acabava de formar alas à porta da igreja, entrou para comer. A mesa da Abóbora caiu no agrado do oficial, que lhe deu ordens para dali sair. O filho e as prostitutas não precisavam de ouvi-lo segunda vez, mas a Abóbora era altiva e recusou-se a sair. Ao ser puxada por um guarda que tentava fazê-la levantar, agarrou-se à mesa e virou os pratos; uma bofetada do oficial marcou-lhe um traço lívido na gorda cara amarelada.

Cacarejando, mordendo, agarrando-se aos bancos e ao batente da porta, deixou-se arrastar e atirar para a rua pelos guardas; um deles, para fazer rir, espicaçava-a jovialmente com o estoque. Instalado já no lugar que conquistara, o oficial dava ordens, com desdém, à criada que limpava o chão.

Ninguém fez menção de se levantar. Havia quem zombasse por cobarde prazer, mas a maior parte desviava os olhos ou vociferava, sem levantar o nariz do prato. Zenão presenciou a cena cheio de nojo: a Abóbora estava desacreditada perante toda a gente; admitindo que fosse possível dar luta à brutalidade soldadesca, o momento seria mal escolhido, e todo aquele que defendesse a causa da mulher gorda seria, quando muito, escarnecido. Veio depois a saber-se que a alcoviteira fora chicoteada, por ter atentado contra a paz pública, sendo depois mandada para casa. Oito dias mais tarde, já fazia, como de costume, as honras do bordel, mostrando as cicatrizes a quem as quisesse ver.

Quando Zenão foi visitar o prior, que estava de cama, cansado por ter seguido a pé a procissão, pô-lo ao corrente do acontecido. Contou o que tinha visto com seus próprios olhos. O religioso suspirou, ao mesmo tempo que pousava a chávena de tisana.

— Essa mulher é a escória do seu sexo—disse—e não vos censuro por terdes ficado quieto. Mas teríamos nós protestado contra tal indignidade se se tratasse de uma santa? Essa Abóbora é quem é, e, no entanto, tinha hoje a justiça do seu lado, que o mesmo é dizer Deus e os seus anjos.

— Deus e os anjos não intervieram em sua defesa—disse, como evasiva, o médico.

— Longe de mim pôr em dúvida os santos prodígios da Escritura—disse o religioso com um certo calor—, mas no nosso tempo, meu amigo (e eu tenho já sessenta anos), nunca vi Deus intervir directamente nos assuntos terrestres. Deus delega. Só actua através de nós, pobres pecadores.

Foi buscar à gaveta de um contador duas folhas de uma escrita cerrada e passou-as ao doutor Théus.

— Vede—disse.—O senhor de Withem, meu afilhado, um patriota, dá-me notícia de atrocidades de que nós só tarde temos conhecimento, quando toda a emoção morreu, ou, se imediatamente, edulcoradas de mentiras.

A nossa imaginação é muito fraca, senhor meu médico. Preocupamo-nos, e com razão, por causa de uma alcoviteira maltratada, quando esses maus tratos são perpetrados à nossa frente, mas outras monstruosidades, por serem cometidas a dez léguas daqui, não me impedem de terminar esta infusão de malva.

— A imaginação de vossa reverência é assaz forte para lhe fazer tremer as mãos e entornar esse resto de tisana—observou Sebastião Théus.

O prior limpou com o lenço o hábito de lã ruça.

- Cerca de trezentos homens e mulheres declarados rebeldes para com Deus e para com o príncipe foram executados em Armentières—murmurou ele, contrariado.—Continuai a ler, meu amigo.

— Os pobres a quem trato conhecem, já há muito, os resultados do massacre de Armentières—disse Zenão, entregando a carta ao prior.—Quanto aos outros abusos de que estas folhas estão cheias, é o assunto principal das conversas de mercado e de taberna. Notícias destas voam baixo. Os vossos burgueses e notáveis, metidos em seus belos solares calafetados, é que apenas ouvem vagos rumores.

— Sem dúvida—respondeu o prior, com uma cólera triste.

— Ontem, a seguir à missa, estando eu no adro de Notre-Dame com os clérigos meus confrades, atrevime a abordar assuntos de ordem pública.

Ninguém houve, de entre essa santa gente, que não aprovasse os fins, e quando não os meios, usados pelos Tribunais de Excepção, ou que, pelo menos, não protestasse, brandamente que fosse, contra tão sangrentos excessos. A excepção do cura de São Gil: afirma ele que

somos muito bem capazes de queimar os nossos heréticos, sem ser preciso o estrangeiro vir-nos ensinar como fazê-lo.

— Está dentro das melhores tradições—disse Sebastião Théus, com um sorriso.

— Serei eu menos fervoroso cristão ou católico menos piedoso?— exclamou o prior.—Não se pode navegar toda a vida num belo navio, sem detestar os ratos que roem as suas obras mais vivas. Mas ferro, fogo e fossa apenas servem para endurecer ainda mais aqueles que infligem tais penas, aqueles que ocorrem, como se de um teatro se tratasse, e bem assim aqueles que as sofrem. É assim que alguns obstinados fazem figura de mártires. Escarnecem-nos, senhor meu médico. O tirano trata de dizimar os patriotas, com o pretexto de vingar Deus.

— Aprovaria vossa reverência essas execuções, se soubesse que eram eficazes para o restabelecimento da unidade na Igreja?

— Não me tenteis, meu amigo. Apenas sei que o nosso pai São Francisco, que morreu a tentar apaziguar discórdias civis, teria aprovado que os nossos fidalgos flamengos lutassem por um compromisso.

Foram esses mesmos senhores que pensaram poder exigir ao rei que este arrancasse os editais onde se publicava o anátema pronunciado contra o herético no Concílio de Trento—disse, duvidoso, o médico.

— Porque não?—exclamou o prior.—Esses editais, guardados pela tropa, são um insulto às nossas liberdades civis. Todo o descontente é rotulado de protestante. Deus me perdoe! Hão-de mesmo chegar a suspeitar de que aquela alcoviteira tem inclinações evangélicas... Quanto ao Concílio, sabeis, tão bem como eu, o peso que sobre as suas deliberações têm as secretas vontades dos nossos príncipes. O imperador Carlos inquietava-se, acima de tudo, com a unificação do império, o que é natural. O rei Filipe pensa na supremacia das Espanhas. Se, infelizmente, não me tivesse

apercebido a horas de que a política da corte não passa de manha e contramanha, abuso das palavras e abuso da força, não teria encontrado suficiente piedade em mim para trocar o mundo pelo serviço de Nosso Senhor.

— Vossa reverência deve ter sofrido grandes reveses—disse o doutor Théus.

— Não—obtemperou o prior.—Fui cortesão sempre bem-Visto pelo rei, negociador mais feliz do que o poderiam merecer os meus fracos talentos, esposo feliz de uma piedosa e boa mulher. Neste mundo cheio de misérias, devo ter sido um privilegiado.

A fronte humedecia-se-lhe de suor, o que ao médico pareceu sintoma de fraqueza.

Voltou para o doutor Théus um olhar preocupado.

— Não me dizíeis vós que os pobres que cuidais seguem com simpatia os movimentos da pretensa Reforma?

— Não disse, nem nunca notei nada disso—retorquiu cautelosamente Sebastião.

— Nem vossa reverência ignora que todo aquele que defende opiniões comprometedoras sabe, no geral, guardar silêncio—acrescentou ele, com uma ponta de ironia. É verdade que a frugalidade evangélica atrai alguns desses pobres. Mas a maior parte deles são bons católicos, quanto mais não seja por hábito.

— Por hábito!—repetiu dolorosamente o religioso.

— Eu, por mim—disse o doutor Théus em tom frio, resolvendo explicar-se, para dar às emoções do prior tempo de se acalmarem—, a única coisa que me parece ver em tudo isto é a eterna confusão dos problemas humanos. O tirano causa horror aos corações bem formados, mas ninguém nega ser sua majestade o legítimo rei dos Países Baixos, pois que os herdou de uma avó que era a legítima herdeira e o ídolo das Flandres. Não vou ao ponto de examinar se é justo ou não legar um povo como quem lega uma credência; as nossas leis são como são. Os fidalgos que, demagógicamente, a si

mesmos se chamam Mendigos, são antes Janus, traidores para com o rei de quem são vassalos, heróis e patriotas para a multidão. Por outro lado, as escaramuças entre príncipes e as dissensões contra as cidades são de tal ordem que alguns espíritos circunspectos preferem as exacções do Estrangeiro à desordem que se seguiria, em caso de derrota. O Espanhol persegue de modo selvagem os pretensos reformados, mas os patriotas são, na sua maior parte, bons católicos. Orgulham-se esses reformados da austeridade dos seus costumes, mas o seu chefe na Flandres, o senhor de Brederode, é um devasso do pior. A regente, que quer conservar o seu lugar, promete suprimir os tribunais da Inquisição, mas logo anuncia a criação de outros tribunais que condenem os heréticos à fogueira.

Insiste caridosamente a Igreja em que todos os que se confessem in extremis sejam apenas submetidos à morte, levando, dessa maneira, muitos infelizes ao perjúrio e ao mau uso dos sacramentos. Os evangelistas, por sua vez, sempre que podem degolam os poucos anabaptistas que ainda restam. O Estado eclesiástico de Liège que, por definição, é fiel à Santa Igreja, enriquece-se, fornecendo abertamente armas às tropas reais e, sub-repticiamente, aos Mendigos. Todos detestam os soldados a soldo do Estrangeiro, e tanto mais que, sendo pouca essa paga, eles se vingam a oprimir os cidadãos, mas os bandos de facínoras que infestam a província a coberto do tumulto suplicam aos burgueses protecção contra as alabardas e as lanças dos soldados. Esses mesmos burgueses, zelosos das suas imunidades, combatem, por princípio, a nobreza e a monarquia, mas os heréticos recrutam-se, na sua maior parte, entre a populaça, e todo o burguês odeia os pobres. Por entre este burburinho de palavras, este estrondo das armas e, quantas vezes, este tilintar de moedas, mal se ouvem os gritos dos que são dilacerados e agrilhoados. Assim é o mundo, reverendo prior.

— Durante a missa solene— disse melancolicamente o superior—, rezei (como é hábito) pela prosperidade da regente e de sua

majestade. Pela regente, ainda vá: Madame é uma boa senhora que procura acomodar-se entre o machado e o patíbulo. Mas será que tenho o dever de rezar por Herodes? Deverei eu pedir a Deus pela prosperidade do cardeal de Granvelle, retirado, como está, num retiro aliás falso, pois que de lá continua a importunar-nos?

Obriga-nos a religião a respeitar a autoridade constituída, e eu não sou contra isso. Mas também a autoridade é transmissível, e quanto mais descemos mais ela toma aspectos baixos e grosseiros, onde grotescamente se projecta a marca dos nossos próprios crimes. Será que devo rezar pela salvação dos guardas valões?

— Sempre vossa reverência poderá suplicar a Deus que ilumine os que nos governam—disse o médico.

— Antes necessito que Ele me ilumine a mim—emendou, compungido, o franciscano.

Zenão mudou de assunto, para as necessidades e débitos do hospício, visto que a conversa sobre os negócios públicos agitava demasiado o religioso. Todavia, ao despedirem-se, o prior deteve-o, fazendo-lhe sinal para fechar, por prudência, a porta da cela.

— Não será preciso recomendar-vos circunspecção—aconselhou ele.—Bem vedes que ninguém há assaz grande ou assaz pequeno para se ver livre de suspeitas e afrontas. Que ninguém saiba destas nossas conversas.

— A menos que eu o conte à minha sombra—disse o doutor Théus.

— Estais estreitamente ligado a este convento—lembrou o religioso.—Pensai que há imensa gente nesta cidade, e até dentro destas paredes, a quem nada custaria acusar o prior dos Franciscanos de rebelião e heresia.

Diálogos destes sucederam-se com bastante frequência. O prior parecia ávido de tais conversas. Esse homem tão respeitado parecia a Zenão estar só e ainda mais ameaçado do que ele próprio. A cada visita lhe via o médico mais claro, no rosto, os sinais de um mal

indeterminável que lhe minava as forças. A angústia e a piedade que ao prior acusavam as misérias do seu tempo podiam bem ser a única causa de um tão inexplicável declínio; podia também suceder que fosse, pelo contrário, o efeito e a marca de uma constituição demasiado abalada para poder suportar os males do mundo com a robusta indiferença do comum dos homens. Zenão persuadiu sua reverência a tomar, todos os dias, reconstituintes misturados no vinho; ela, para lhe ser agradável, tomava-os.

Também o médico tomara gosto nestas trocas de impressões corteses e contudo quase isentas de mentira. Saía delas, porém, com uma vaga sensação de impostura. Tal como na Sorbonne é obrigatório falar latim, também, uma vez mais, teve ele de adoptar, para se fazer entender, uma linguagem estrangeira que lhe deformava o pensamento, embora estivesse ciente das suas inflexões e construções próprias; tratava-se neste caso da linguagem de um cristão deferente, para não dizer devoto, e de um súbdito leal, embora alarmado com o actual estado do mundo.

Tendo em conta, mais por respeito do que por prudência, as opiniões do prior, mais uma vez aceitou partir de premissas sobre as quais, no seu foro íntimo, se teria recusado a edificar algo que fosse; pondo de parte as suas preocupações, obrigava-se a mostrar apenas uma das facetas do seu espírito, sempre a mesma, aquela que reflectia o seu amigo. Esta falsidade, inerente às relações humanas e tornada para ele como que uma segunda natureza, deixava-o perturbado, nesse livre comércio entre dois homens desinteressados. Ter-se-ia surpreendido o prior se soubesse quão pouco os temas tão largamente debatidos entre eles, na sua cela, preocupavam as meditações solitárias do doutor Théus. Não que as mazelas dos Países Baixos deixassem Zenão indiferente, mas acontecia que vivera demasiado num mundo a ferro e fogo para poder sentir, perante estas novas provas do furor humano, o doloroso abalo sentido pelo prior dos Franciscanos.

Quanto aos perigos que, de momento, ele próprio corria, pareciam-lhe mais minguados que acrescidos com tais perturbações públicas. Ninguém pensava no insignificante Sebastião Théus. A clandestinidade, que os adeptos da magia juravam guardar para bem da sua ciência, abarcava-o a ele, pela força das circunstâncias; era, na verdade, invisível.

Certa tarde desse mesmo Verão, à hora do recolher, subiu até ao sótão, depois de ter dado, como habitualmente, uma volta à chave. O hospício fechava, segundo as regras, ao Angelus: uma única vez, por ocasião de uma epidemia, durante a qual o Hospital de São João transbordava de doentes, tomara o médico sobre si o encargo de instalar colchões e receber doentes na sala de baixo.

O Irmão Lucas, encarregado de lavar o lajedo, acabara de sair com os esfregões e as selhas. De súbito, sentiu Zenão bater contra a vidraça uma mancheia de areia grossa, que lhe fez recordar o longínquo tempo em que se reunia a Colas Gheel, após as badaladas da tarde. Vestiu-se e desceu.

Era o filho do ferreiro da Rua das Lãs. Explicou-lhe Josse Cassel que um primo seu, originário de São Pedro de Bruges, tinha partido um perna, devido aos coices de um cavalo que fora ferrar à oficina do tio; jazia, muito maltratado, numa cerca situada por detrás da forja. Zenão muniu-se do necessário e seguiu Josse pelas ruas. Num cruzamento, foram apanhados pela ronda, que os deixou passar depois de Josse ter explicado que fora à procura de um cirurgião para seu pai, que esmagara dois dedos com uma martelada. Esta mentira deu que pensar ao médico.

O ferido estava deitado numa cama improvisada; era um camponês com cerca de vinte anos, uma espécie de lobo louro, de cabelos colados à cara pelo suor, meio desmaiado devido ao sofrimento e à perda de sangue. Zenão administrou-lhe um reconfortante e examinou-lhe a perna; em dois sítios, os ossos saíam da carne, que pendia em farrapos. Nada, em tal incidente, parecia

ser o efeito de coices; não havia quaisquer vestígios visíveis de ferraduras. Num caso destes, a prudência exigia amputação, mas o ferido, ao aperceber-se de que o médico passava pelo lume a lâmina de uma serra, arranhou forças para gritar; não menos inquietos pareciam o ferreiro e o filho, receosos de ficarem com um cadáver nos braços, caso a operação falhasse. Mudando de ideias, resolveu Zenão tentar, primeiro, reduzir a fractura.

Com isso, pouco ficou o moço a ganhar: o esforço despendido ao estender a perna para levar os ossos ao lugar arrancou-lhe gritos tais como se estivessem a torturá-lo; teve o médico de, com a lâmina, abrir a ferida e meter lá a mão, à procura das lascas. Lavou seguidamente a superfície com vinho forte, de que, por feliz acaso, o ferreiro tinha um cântaro cheio. O pai e o filho iam preparando ligaduras e atilhos. Abafava-se, naquele reduto, pois os dois homens haviam calafetado bem todas as gretas, não fossem os gritos ser ouvidos.

Zenão deixou a Rua das Lãs, pouco seguro do resultado. O moço estava muito em baixo e só o vigor da juventude deixaria entrever uma esperança. Voltou o médico depois, todos os dias, umas vezes de manhã cedo, outras depois de o hospício fechar, para lavar as feridas com um vinagre que desinfectava o pus. Ungia-as, em seguida, com água de rosas, para evitar que secassem demasiado, inflamando os lábios da ferida.

Evitava quanto possível as horas nocturnas que tornassem notadas as suas idas e vindas, Embora pai e filho continuassem presos à história dos coices, estava tacitamente combinado que o melhor era fazer silêncio sobre tal questão.

Ao décimo dia, formou-se um abcesso; a carne tornou-se esponjosa e a febre, que ainda o não deixara, subiu como uma chama. Zenão obrigava-o a uma dieta severa; ele delirava, pedindo comida. Houve uma noite em que os músculos de Han. se contraíram com uma violência tal que a perna rompeu os atilhos.

Zenão confessou a si mesmo que, por cobarde piedade, não havia apertado bem as junções; foi novamente necessário distender e comprimir. O sofrimento foi, desta vez, maior que da primeira, mas, envolvido por Zenão numa nuvem de ópio, o doente suportou melhor. Passados sete dias, os drenos haviam escoado o abcesso e, entre suores abundantes, a febre abandonou-o. Zenão saiu da forja com o coração mais leve, convicto de ter tido pelo seu lado aquela sorte sem a qual toda a habilidade é vã. Parecia-lhe que, durante três semanas, no meio de todas as suas preocupações e trabalhos, empregara todas as suas forças em prol daquela cura. Essa perpétua atenção assemelhava-se muito àquilo que o prior chamaria o estado de oração.

Mas, durante os seus delírios, algumas confissões haviam escapado ao doente.

Josse e o ferrador acabaram por confirmar e completar de bom grado a comprometedoras narrativa. Han era natural de um pobre lugarejo, próximo de Zévecote, a três léguas de Bruges, onde recentemente haviam ocorrido sangrentos incidentes já de todos conhecidos. Tudo começara por causa de um pregador cujos sermões haviam exaltado os ânimos dos aldeãos; os camponeses, descontentes com o padre, que não troçava da dízima, haviam entrado na igreja, de martelo em punho, quebrando as imagens do altar e a Virgem que costumava entrar nas procissões, pilhando os saíotes bordados, o manto e a coroa de latão de Nossa Senhora, bem como os pobres tesouros da sacristia. Um esquadrão comandado por um tal capitão Julian Vargaz não tardou a vir reprimir as desordens. A mãe de Han, a quem encontraram um pano de seda debruado a pérolas, foi espancada após as violências do costume, conquanto já não tivesse idade para isso... As restantes mulheres e crianças foram perseguidas e fugiram para os campos. Enquanto o enforcamento de alguns dos homens da aldeia se realizava em plena praça, o capitão Vargaz, atingido na

testa por uma bala de arcabuz, tombou do cavalo. Haviam atirado sobre ele pela clarabóia de uma tulha; os soldados bateram e espicaçaram as medas de feno, sem encontrarem ninguém, pelo que acabaram de lhes deitar fogo. Certos de terem queimado o assassino, retiraram-se de seguida, levando com eles, em cima de uma cela, o cadáver do capitão, assim como algumas cabeças de gado confiscado.

Han saltara do telhado, partindo a perna na queda. Cerrando os dentes, arrastara-se para debaixo de um monte de palha e estrume, junto do pântano, e ali ficara escondido até à partida dos soldados, com medo que o fogo se lhe ateasse ao mísero abrigo. À noite, os camponeses de uma quinta vizinha, que haviam ocorrido para ver o que poderiam pilhar na aldeia abandonada, descobriram-no devido aos gemidos que já não conseguia conter. Os rapineiros tinham bom coração; resolveram pôr Han numa carroça e levá-lo à cidade, até casa de seu tio. Ali chegara desmaiado. Meter e seu filho gabavam-se de ninguém ter dado conta de a carroça entrar no pátio da Rua das Lãs.

A história da sua morte na tulha em chamas punha Han ao abrigo de perseguições, embora a sua segurança estivesse dependente do silêncio dos camponeses que, de um momento para o outro, poderiam vir a falar, quando não a bem, pelo menos a mal e à força. Pleter e Josse arriscavam a vida, hospedando um rebelde iconoclasta, idêntico sendo o perigo corrido pelo médico. Seis semanas depois, já o doente saltitava, apoiado a uma Muleta, mas os bordos da cicatriz faziam-no ainda sofrer cruéis dores. Pai e filho imploravam ao médico que os desembaraçasse do rapaz, que por sinal não era daqueles a quem alguém pudesse afeiçoar-se: a longa reclusão tornara-o lamuriento e irritadiço; era cansativo ouvi-lo, vezes sem conta, contar a sua única proeza; e o ferreiro, que não lhe perdoava ele ter-lhe emborcado o seu precioso vinho e a sua cerveja, ficou ainda mais enraivecido quando soube que o tratante pedira a

Josse para lhe arranjar uma rapariga. Pareceu-lhe, a Zenão, que Han ficaria mais bem escondido na grande cidade de Antuérpia, de onde poderia, quando tudo se acalmasse, juntar-se, do outro lado do Escalda, aos pequenos grupos de rebeldes do capitão Henrique Thomaszoon e do capitão Sonoy, que, nos seus esconderijos espalhados ao longo das costas da Zelândia, importunavam o mais possível as tropas reais.

Pensou no filho da velha Greete, que, na sua qualidade de almocreve, todas as semanas fazia aquela viagem com suas taleigas e sacos. Depois de lhe ter, em parte, confidenciado a história, ele aceitou levar consigo o rapaz e deixá-lo entre pessoas de confiança; era também necessário algum dinheiro para a partida. Pieter Cassel, apesar da pressa que tinha em pôr a andar o sobrinho, dizia não dispor de nem mais um tostão para gastar com ele. Zenão nada tinha.

Depois de algumas hesitações, foi ter com o prior.

Terminava o santo homem de dizer a sua missa na capela contígua à cela. Depois do *Ite, Missa est* e das orações de acção de graças, pediu Zenão para lhe falar e contou-lhe a aventura, sem usar de dissimulação.

— Haveis corrido graves riscos—considerou o prior, com gravidade.

— Neste mundo tão confuso, prescrições há suficientemente claras—redarguiu o filósofo.—O meu dever é curar.

O prior aquiesceu.

— Ninguém lamenta Vargaz—proseguiu ele.—Recordais-vos dos soldados insolentes que atafulhavam as ruas, aquando da vossa chegada à Flandres? Dois anos após ter findado a guerra corri a França, ainda o rei, a vários pretextos, nos impunha a presença deste exército. Dois anos! Esse Vargaz veio aqui prestar serviço e continuar, sobre nós, as brutalidades que o tinham tornado tão

odiado pelos franceses. Não se pode louvar o jovem David da Escritura sem aplaudir o moço que vós tratastes.

— Deve confessar-se que é um bom atirador—concordou o médico.

— Gostaria de acreditar que foi Deus quem guiou a sua mão. Mas um sacrilégio é um sacrilégio. Esse Han confessa ou não que tomou parte na destruição das imagens?

Afirma que sim, mas as bazófias dele encaro-as eu sobretudo como a expressão do remorso—disse prudentemente Sebastião Théus.—Interpreto da mesma forma certas palavras que lhe escaparam durante o delírio. Aquelas pregações não conseguiram fazer esquecer a esse rapaz as suas antigas ave-marias.

— Não achais sem fundamento tais remorsos?

— Vossa reverência faz de mim um luterano?—perguntou o filósofo, com um leve sorriso.

— Não, meu amigo, temo, antes, que não tenhais a fé suficiente para serdes um herético.

— Toda a gente desconfia que as autoridades instalam nas aldeias pregadores verdadeiros ou falsos—continuou de seguida o médico, tentando desviar a conversa para algo diferente da ortodoxia de Sebastião Théus.—Quem provoca os excessos são os governantes, com o fim de massacrarem, depois, à vontade.

— Bem conheço as manhas do Conselho de Espanha—disse o religioso, com certa impaciência.—Mas será que deverei explicar-vos os meus escrúpulos? Sou o último a querer que se queime vivo um desgraçado por causa de subtilezas teológicas que ele nem entende. Mas há nesses ajustes de contas com Nossa Senhora uma violência que me cheira a Inferno. Ainda se se tratasse de um desses Sãos Jorges ou dessas Santas Catarina, cuja existência é posta em dúvida pelos nossos Doutores e que inocentemente encantam a piedade do povo... Será por a nossa Ordem exaltar com especial relevo Essa excelsa deusa (um poeta que 11 na minha juventude assim Lhe

chamava) e por afirmar que Ela está isenta do pecado de Adão, ou talvez eu me sinta tocado mais do que é lícito por me lembrar da minha pobre esposa, que com tanta graça e humildade usava também esse nome... Nenhum crime contra a fé me enfurece tanto como a ofensa a Maria, que abarca a Esperança do mundo, a Essa criatura anunciada desde a noite dos tempos, que é a nossa advogada no Céu...

— Creio que vos compreendo— atalhou Sebastião Théus, vendo as lágrimas assomarem aos olhos do prior.— Sofreis por um bruto ter erguido a mão contra a mais pura das formas que, segundo vós, tomou a Beleza divina. Os Judeus (convivi com médicos desse povo) falaram-me também da sua Shechina, que significa ternura de Deus... Claro que, para eles, continua a ser uma face invisível... Mas, a darmos ao Inefável uma aparência humana, não vejo porque não lhe haveríamos de atribuir alguns traços femininos, sem os quais reduzida ficaria a metade a natureza das coisas.

Se os animais selvagens pressentem algo dos sagrados mistérios (e quem sabe o que se passa no íntimo dessas criaturas?), por certo imaginam, ao lado do Divino Veado, uma Corça Imaculada. Repugnam estas noções ao prior?

— Não mais do que a imagem do Cordeiro sem mancha. Maria não é, também, a Pomba puríssima?

— Esses emblemas têm, porém, os seus perigos— continuou, meditativamente, Sebastião Théus.— Os meus irmãos alquimistas servem-se de figuras como o Leite da Virgem, o Corvo Negro, o Leão Verde Universal e a Copulação Metálica para designarem operações da sua arte, quando a sua violência ou subtileza ultrapassa as palavras humanas. O resultado é que os espíritos mais grosseiros se prendem a esses simulacros, enquanto outros, mais judiciosos, desprezam, pelo contrário, um saber que, embora de grande alcance, lhes parece, a eles, soterrado num pântano de fantasmagorias... E não levo mais longe a comparação.

— É uma dificuldade insolúvel, meu amigo—observou o prior.—
Vá eu dizer a alguns infelizes que a coroa de ouro de Nossa Senhora e o Seu manto azul são apenas um símbolo grosseiro dos esplendores celestes e que o Céu é, por sua vez, um retrato bem pobre do Bem invisível, e logo eles concluem que eu não acredito nem em Nossa Senhora, nem no Céu. Não seria isso uma mentira ainda pior? A coisa significada autentifica o signo.

— Voltemos ao rapaz de quem eu tratei—insistiu o médico.

— Não vai supor vossa reverência que Han quis destruir a advogada que desde sempre nos foi delegada pela Misericórdia divina! Ele apenas partiu um cepo de pau, embrulhado num pano de veludo, que um pregador lhe apresentava como se fosse um ídolo, e eu atrevo-me a dizer que tal impiedade, que, com razão, indigna o prior, lhe deve a ele ter parecido conforme com a visão simplista que tem do Céu. Esse camponês não insultou o instrumento da salvação do mundo, da mesma forma que não pensou vingar a pátria belga ao matar Vargaz.

— Todavia, fez uma coisa e outra.

— Duvido—disse o filósofo.—Vós e eu é que estamos a querer dar um sentido às acções violentas de um camponês de vinte anos.

Tendes muito empenho em que esse jovem escape à perseguição, não é verdade, senhor médico?—perguntou bruscamente o prior.

— Além de a minha própria segurança ter interesse nisso, preferia não ver lançada à fogueira a minha obra-prima—replicou em tom jocoso Sebastião Théus.—Mas não é isso o que o prior certamente pensa.

— Tanto melhor—observou o religioso—, aguardareis com mais calma o acontecimento. Também eu não quero malbaratar a vossa obra, amigo Sebastião. Nessa gaveta achareis o que necessitais.

Zenão tirou a bolsa escondida por baixo da roupa branca e escolheu, com parcimónia, algumas moedas. Ao colocá-la de novo

no lugar, prendeu-se-lhe um pedaço de pano grosseiro que fez o possível por desprender. Era um cilício com coágulos de sangue seco. O prior desviou a cabeça, embaraçado.

— A saúde de vossa reverência não é bastante para lhe permitir tão duras práticas.

— Por mim, queria duplicá-las—protestou o religioso. As vossas ocupações, Sebastião—continuou ele—, decerto não vos deixaram tempo para reflectir nas desgraças públicas. Tudo o que por aí se diz é inteiramente verdade. O rei acaba de reunir no Piemonte um exército sob o comando do duque de Alba, o vencedor de Mühlberg, que, em Itália, passa por ser um pulso de ferro. Esses vinte mil homens, com seus animais de carga e bagagens, atravessam neste momento os Alpes para se precipitarem sobre as nossas pobres províncias. Talvez em breve lamentemos o capitão Julian Vargaz.

— Apressem-se, antes de as estradas ficarem bloqueadas pelo Inverno - aconselhou o homem que outrora fugira de Imisbruck pelos caminhos da montanha.

— O meu filho é lugar-tenente do rei, e só por milagre não se encontrará na companhia do duque—disse o prior, no tom de quem se submete a penosa confissão.—Todos nós temos a ver com estes males.

Uma tosse que já por várias vezes o incomodara voltou a atormentá-lo. Retomando as suas funções de médico, Sebastião Théus tomou-lhe o pulso.

— Talvez as preocupações expliquem o vosso mau aspecto ponderou ele, ao cabo de algum tempo de silêncio.—Mas essa tosse que não vos larga há tantos dias, e essa persistente magreza, têm, por certo, motivos que gostaria de investigar. Consentirá vossa reverência em deixar-me amanhã examinar-lhe a garganta, com a ajuda de um instrumento adequado?

— Tudo o que quiserdes, meu amigo—respondeu o prior. Foi o Verão chuvoso que me provocou esta angina. Bem vedes que nem sequer tenho febre.

Han partiu nessa mesma noite com o almocreve, na qualidade de cavaleiro. Nesse papel; coxear um pouco não fazia mal. O guia deixou-o em Antuérpia, em casa de um carregador dos Fugger, secretamente favorável às ideias novas, o qual habitava perto do porto e lhe deu o emprego de pregar e despregar caixotes de especiarias. Por volta do Natal, soube-se que o rapaz, já firme na sua perna curada, se tinha ajustado como carpinteiro num negreiro que se preparava para partir para a Guiné. Nesta espécie de navios, eram necessários trabalhadores aptos não só a reparar as avarias da construção, mas também a construir ou arrancar tabiques, fabricar postes e entaves, e capazes também de dar uns tiros em caso de motim. Sendo o salário bom, Han preferira este emprego ao soldo incerto que poderia vir a receber junto do capitão Thomaszoon e dos seus Mendigos do Mar.

Voltou o Inverno. Devido ao seu catarro crónico, de livre vontade renunciou o prior a pregar os sermões do Advento. Sebastião Théus conseguiu convencer o doente a passar uma hora na cama depois do jantar, a fim de poupar as forças, ou, quanto mais não fosse, na poltrona que só há pouco consentira em deixar entrar na sua cela. Como nesta não havia lareira nem fogão, Zenão, embora com dificuldade, lá o convenceu a colocar ali uma braseira.

Encontrou-o, naquela tarde, de óculos postos, ocupado a verificar contas.

Pedro de Hamaere, o ecónomo do convento, escutava de pé as observações do seu superior. Zenão sentia por este religioso, a quem havia dirigido a palavra umas dez vezes na vida, uma inimizade que lhe parecia recíproca; depois de beijar a mão de sua reverência, com uma genuflexão ao mesmo tempo ativa e servil, Pedro de Hamaere saiu. As notícias do dia eram particularmente sombrias. O conde de

Egniont e o seu apaniguado, o conde de Hornes, encarcerados em Gand havia cerca de três meses, por crime de alta traição, acabavam de ver recusado pelos seus pares um julgamento que provavelmente lhes salvaria a vida.

Toda a cidade murmurava com a denegação de um tal direito. Zenão evitou ser o primeiro a falar desta iniquidade, por não saber se o prior já estaria informado.

Contou-lhe, pelo contrário, o grotesco remate da história de Han.

— O grande Pio 11 já outrora condenara as empresas dos negreiros, mas quem levará isso em conta?—considerou o religioso com ar cansado.—É certo que entre nós há injustiças ainda piores... Sabe-se o que pensa a cidade da indignidade cometida contra o conde?

— Lastimam-no mais do que nunca, por ter dado fé às promessas do rei.

— Lamoral tem um grande coração, mas pouco discernimento—observou o prior com mais calma do que Zenão esperava. Um bom negociador nunca confia.

Tomou docilmente as gotas adstringentes que o médico lhe deitou. Este viu-o engoli-las com uma secreta tristeza: não acreditava nas virtudes desse remédio demasiado anódino, mas em vão procurava outro específico mais eficaz para a angina do prior. A ausência de febre fizera-o renunciar à hipótese de uma tísica. Um pólipso na garganta parecia explicar aquele catarro constante, aquela tosse persistente, a crescente dificuldade em comer e respirar.

— Obrigado—disse o prior, entregando-lhe o copo vazio. Não me deixeis já, amigo Sebastião.

Falaram, primeiro, de uma série de coisas. Zenão sentara-se mesmo ao pé do religioso para lhe evitar forçar a voz. Nisto, ei-lo que volta à sua principal preocupação:—Tão clamorosa iniquidade, como esta que acaba de atingir Lamoral, arrasta consigo toda uma

sequela de negras injustiças, as quais, porém, permanecerão ocultas —observou ele, contendo a respiração. -

O porteiro do conde foi preso logo após o amo, e dilacerado com uma barra de ferro, na esperança de que confessasse alguma coisa. Esta manhã celebrei missa em intenção dos dois condes e não há, decerto, uma só casa na Flandres onde se não reze pela sua salvação, neste mundo ou no outro. Mas quem se lembra de rezar pela alma daquele desgraçado que de resto nada tinha a confessar, pois não participava dos segredos do amo? Não lhe ficou um só osso nem uma só veia intactos...

— Estou a entender-vos—atalhou Sebastião Théus.—Vossa reverência faz o elogio de uma humilde fidelidade.

— Não é bem isso—retorquiu o prior.—É que esse porteiro era um prevaricador, enriquecido, diz-se, à custa do seu amo. Parece, também, que tinha em seu poder um quadro que o duque estava incumbido de adquirir para sua majestade, um desses sortilégios flamengos, onde se vêem demónios grotescos a supliciar condenados. O nosso rei gosta de pintura... O facto de o homem ter ou não falado não tem importância, visto que a causa do conde está já dada como julgada. Mas não me canso de pensar que esse conde morre nobremente, com uma machadada, sobre um cadafalso forrado a negro, consolado com o luto da população, que nele vê, e com razão, um amigo da pátria belga, a quem o próprio carrasco pedirá desculpas, que será acompanhado pelas orações que um capelão rezará para o encomendar ao Céu...

— Entendo, finalmente—disse o médico.—Pensa vossa reverência que, mau grado todos os lugares-comuns dos filósofos, o posto e o título oferecem, a quem os possui, algumas sólidas compensações. Ser grande de Espanha ainda vale alguma coisa.

— Vejo que me estou a explicar mal—murmurou o prior. por esse homem ter sido insignificante, nulo, ignóbil, até, dotado apenas de um corpo sensível à dor e de uma alma pela qual o próprio Deus

derramou o Seu sangue, é por isso que eu me detenho a cogitar na agonia dele. Disseram-me que ao fim de três horas o ouviam ainda gritar.

— Tende cuidado, senhor prior—advertiu Sebastião Théus, apertando na sua a mão do religioso.—Esse infeliz sofreu três horas, mas durante quantos dias e quantas noites andará vossa reverência a reviver tal morte? Causais a vós mesmo mais tormentos do que os que os carrascos lhe infligiram a ele.

— Não digais tal—redarguiu o prior, abanando a cabeça. A dor desse porteiro e a fúria dos seus carrascos encham o mundo inteiro e ultrapassam o tempo.

Nada pode impedir que tivessem sido um momento do eterno olhar de Deus. Cada pena e cada mal são infinitos na sua substância, meu amigo, e também infinitos no seu número.

O que diz da dor, podia vossa reverência dizê-lo da alegria.

- Eu sei... Também tive as minhas alegrias... Cada alegria inocente é um pedaço do Paraíso... Mas a alegria não necessita de nós, amigo Sebastião, ao passo que a dor exige-nos sempre caridade. No dia em que a dor das criaturas nos for revelada, a alegria tornar-se-á tão impossível como ao Bom Samaritano se tornou impossível repousar numa estalagem onde tinha vinho e mulheres, quando, a seu lado, sangrava um doente. Nem sequer entendo já a serenidade dos santos sobre a Terra e a sua bem-aventurança no Céu...

— Se alguma coisa percebo da linguagem devota, está o meu prior a atravessar a sua noite escura.

— Suplico-vos, meu amigo, que não queirais resumir esta minha angústia a qualquer piedosa prova no caminho da perfeição, que, aliás, nem sequer penso trilhar.. Olhemos, antes, para a noite escura da humanidade. Tememos, pobres de nós, enganar-nos, sempre que lamentamos a ordem das coisas! E, entretanto, como nos atrevemos a enviar a Deus almas a cujos pecados somamos o desespero e a blasfêmia, após os tormentos infligidos aos seus corpos? Porque

permitimos nós que a teimosia, a impudência e o rancor se insinuassem em disputas de doutrina que, como a do Santíssimo Sacramento pintada por Sanzio nos aposentos do santo padre, só no Céu deveriam ser questionadas?... Porque, afinal, se o rei, no ano passado, se tivesse dignado ouvir o protesto dos nossos fidalgos; se, nos tempos da nossa infância, o papa Leão tivesse recebido com bondade um ignorante monge agostinho... Que outra coisa pedia ele senão aquilo de que todas as nossas instituições sempre necessitam, ou seja, reformas?...

Impressionava-se esse campónio com os abusos que a mim também me chocaram quando visitei a corte de Júlio 11; é razoável censurar-se às nossas ordens uma opulência que só nos estorva e não está inteiramente ao serviço de Deus...

— Vós, prior, não nos deslumbrais com o vosso luxo—interrompeu, sorrindo, Sebastião Théus.

— Tenho todas as comodidades—redarguiu o religioso, apontando para as brasas em cinza.

— Não edulcore vossa reverência, por grandeza de alma, o papel do adversário—disse, depois de reflectir, o filósofo.—Odi hominem unius libri: Lutero propagou uma idolatria do Livro bem pior do que muitas práticas por ele consideradas supersticiosas; mais: a doutrina da salvação pela fé avilta a dignidade humana.

— Concordo com isso—declarou o prior, com espanto — mas, no fim de contas, todos nós reverenciamos as Escrituras e lançamos os nossos fracos méritos aos pés do Salvador.

— Certamente, reverência, e talvez seja isso o que torna incompreensíveis certos debates aos olhos de um ateu.

— Não insinueis o que eu não quero ouvir—murmurou o prior.

— Calo-me—disse o filósofo.—Constato, unicamente, que os senhores reformados que, na Alemanha, jogam à bola com as cabeças dos camponeses revoltados, valem bem os larísquenés do

duque, e que Lutêro faz o jogo dos príncipes, da mesma forma que o cardeal de Granvelle.

— Optou pela ordem, como todos nós—observou, com ar fatigado, o prior.

Lá fora caíam rajadas de neve. Tendo-se o médico levantado para regressar ao dispensário, fez-lhe notar o superior que poucos doentes se aventurariam ao caminho com tão mau tempo e que bastaria, para os tratar, o irmão enfermeiro.

— Deixai-me confessar-vos—reatou o prior com dificuldade— algumas coisas que eu ocultaria a um homem da Igreja, tal como vós me poríeis ao corrente de qualquer conjectura anatómica perigosa, de preferência a revelá-la a um colega. Não posso mais, meu amigo... Mil e seiscentos anos são decorridos sobre a Encarnação de Cristo e nós, Sebastião, deixamo-nos adormecer sobre a cruz como se ela fosse um travesseiro... Quase se poderia dizer que, havendo a Redenção tido lugar uma vez por todas, só nos resta acomodarmos ao mundo tal como ele é, ou, então, lutarmos individualmente pela própria salvação.

É verdade que exaltamos a Fé; passeamo-la e pavoneamo-la pelas ruas; se for preciso, a ela sacrificaremos milhares de vidas, incluindo a nossa. Festejamos também a Esperança; frequentes vezes a vendemos aos devotos a peso de ouro.

Mas quem é que se preocupa com a Caridade, a não ser alguns santos, e mesmo esses, tremo ao pensar em que estreitos limites eles a exercem... Mesmo com esta ideia, e com este burel, a minha terna compaixão mais me parece uma tara da minha natureza, contra a qual conviria lutar.. E eu creio que se um de nós fosse martirizado, não pela Fé, que já tem bastantes mártires, mas pela Caridade, se um de nós subisse à forca ou à fogueira, em lugar, ou mesmo ao lado, da mais repugnante vítima, haveria de encontrar-se então sob novos céus, sobre uma nova terra. O pior velhaco ou o mais pernicioso

herético nunca será tão inferior a mim como eu o sou em relação a Jesus Cristo.

— Esse vosso sonho, prior, assemelha-se muito ao que os nossos alquimistas chamam via seca ou via rápida—observou com gravidade Sebastião Théus. - Trata-se, em suma, de tudo transformar de uma só vez, graças às nossas pobres forças... É um caminho assaz escabroso, senhor prior.

— Nada receeis—obtemperou o doente, com um sorriso meio envergonhado.—Sou um pobre homem, e dirijo, como posso, sessenta monges. Seria eu capaz de arrastá-los, por vontade minha, para o infortúnio? Não é um qualquer que abre, mediante um sacrifício, as portas do Céu. A oblação, a fazer-se, far-se-ia de outro modo.

— Faz-se por si própria, quando a hóstia estiver pronta—disse em voz alta, sonhador, Sebastião Théus, pensando nos acutelados segredos dos filósofos herméticos.

O prior olhou-o com espanto:—A hóstia...—disse ele, piedosamente, como quem saboreia tão bela palavra.

— Afirma-se que os vossos alquimistas fazem de Jesus Cristo a pedra filosofal e do sacrifício da missa um equivalente da Grande Obra.

— Há quem o afirme—respondeu Zenão, repondo, sobre os joelhos do prior, uma manta que escorregara.—Mas que poderemos concluir de tais equivalências, a não ser que o espírito humano mostra um certo pendor para isso?

— Duvidamos—disse o prior, numa voz subitamente trémula—sempre duvidámos...

Noites e noites a fio repudiei a ideia de que Deus não passa, lá no Alto, de um tirano ou de um monarca incapaz, e que o ateu, ao negá-Lo, é o único homem que não blasfema... Veio-me, depois, uma iluminação; a doença é sempre uma abertura. E se nós nos iludíssemos, ao postularmos a Sua Omnipotência e ao encararmos os

nossos males como o efeito de Sua Vontade? Se apenas de nós dependesse a chegada do Seu reino? Disse-vos eu há pouco que Deus se delega; pois vou mais longe agora, Sebastião. Talvez Ele não passe, nas nossas mãos, de uma pequena chama que depende de nós alimentar e não deixar extinguir-se, talvez nós sejamos o mais avançado cabo que Lhe é dado atingir... Quantos infelizes, a quem repugna a noção da Sua Omnipotência, não acorreriam do fundo da sua miséria, se se lhes pedisse que viessem em auxílio da fraqueza de Deus?

— Eis o que não está muito de acordo com os dogmas da Santa Igreja.

— Não, meu amigo. Abjuro, de antemão, tudo quanto possa rasgar ainda mais a túnica inconsútil. Deus, estou em crer, é Rei Omnipotente no mundo dos espíritos, mas nós, aqui, estamos no mundo dos corpos. E nesta terra onde Ele já andou, como O vimos nós senão feito inocente deitado sobre palhas, semelhante aos recém-nascidos caídos sobre a neve, nas aldeias da Campina devastadas pelas tropas do rei; vagabundo, sem ter pedra aonde repousar a cabeça; condenado, crucificado numa encruzilhada, perguntando, também, porque O teria Deus abandonado? Todos nós somos bem fracos; mas é uma consolação pensar que Ele é ainda mais impotente e desprotegido do que nós, e que só a nós compete engendrá-Lo e salvá-Lo em cada criatura. Perdoai-me—disse, tossindo.—Fiz-vos a vós o sermão que me é impossível fazer no púlpito.

Deixara tombar no espaldar da cadeira a cabeça pesada, como que subitamente vazia de pensamento. Sebastião Théus inclinou-se amigavelmente para ele, aconchegando-lhe o manto:—Meditarei nas ideias que hoje, prior, me quisestes confidenciar. Permitis, antes de me despedir, que vos exponha, em troca, uma hipótese? Os filósofos contemporâneos postulam, na sua maioria, a existência de uma Anz .ma Mundi, sensível e mais ou menos consciente, na qual participam todas as coisas; eu próprio cheguei a preocupar-me com as surdas

cogitações das pedras... E, no entanto, os únicos factos conhecidos parecem indicar que o sofrimento e, conseqüentemente, a alegria, e por isso também o bem e aquilo a que damos o nome de mal, a justiça e o que para nós é a injustiça, e mesmo, de uma forma ou de outra, o entendimento, que nos serve para distinguir todos esses contrários, nada disso existe fora do mundo do sangue e talvez da seiva, da carne lavrada pelos fios dos nervos como que por uma rede de relâmpagos e (quem sabe?) do caule que cresce para a luz, seu Supremo Bem, que sofre a falta de água e se contrai com o frio, que resiste como pode à iníqua usurpação doutras plantas. O resto, quero eu dizer, o mundo mineral e o dos espíritos, se este acaso existe, é por certo insensível e tranquilo, para além, ou para aquém, das nossas dores e alegrias.

As nossas tribulações, senhor prior, são, possivelmente, no concerto universal, uma ínfima excepção, e é isso que decerto explica a indiferença dessa substância inimitável a que devotamente chamamos Deus. O prior reprimiu um calafrio.

— O que acabais de dizer, assusta — observou ele. — Mas, se isso é assim, eis-nos, mais que nunca, na senda do frumento que é moído e do Cordeiro que sangra. Ide em paz, Sebastião.

Zenão atravessou a arcada que ligava o hospício de São Cosme ao convento. A neve, varrida pelo vento, amontoava-se por todos os lados, em grandes massas brancas. Uma vez em casa, dirigiu-se logo para o quarto onde colocara, em prateleiras, os livros herdados de João Myers. Possuía o velho um tratado de anatomia, publicado vinte anos atrás por André Vesálio, que, como Zenão, havia lutado contra a rotina galénica, em prol de um mais perfeito conhecimento do corpo humano. Estivera Zenão uma única vez com o célebre médico, que, na corte, havia mais tarde feito uma bela carreira, antes de vir a morrer de peste no Oriente; limitando-se à sua especialidade de médico, Vesálio apenas teve que enfrentar as perseguições dos pretensiosos, que, aliás, abundam. Também ele

roubara cadáveres; criara, do interior do homem, uma ideia baseada no estudo de ossos recolhidos junto aos patíbulos e fogueiras, ou, de forma ainda mais indecente, aquando dos embalsamentos de pessoas ilustres, a quem, às escondidas, subtraía um rim ou o conteúdo de um testículo depois substituído por estopa, sem nada haver que indicasse provirem tais preparações de suas altezas.

Colocando o infólio junto à lâmpada, procurou Zenão a estampa onde se figura um corte do esófago e da laringe, com a artéria traqueia: o desenho pareceu-lhe ser dos mais imperfeitos do grande demonstrador, mas não ignorava que, tal como ele próprio, também Vesálio devia, frequentemente, ter que trabalhar à pressa sobre carnes já putrefactas. Pousou o dedo no sítio onde suspeitava que o prior tivesse um pólipó capaz de, mais dia menos dia, sufocar o doente. Tivera ocasião de, uma vez, na Alemanha, dissecar um vagabundo morto do mesmo mal; a lembrança disso, e o exame feito com a ajuda do speculum oris, induziam-no a diagnosticar, nos obscuros sintomas da doença do prior, a nefasta acção de uma parcela de carne que devorava, a pouco e pouco, as estruturas vizinhas. Dir-se-ia que a ambição e a violência, tão estranhas à natureza do religioso, se haviam emboscado naquele recanto do seu corpo, e dali iriam finalmente destruir aquele homem de bondade. Se ele, Zenão, não estava em erro, João Luís de Berlaimont, prior dos Franciscanos de Bruges, antigo guarda-florestal da rainha-mãe Maria da Hungria, plenipotenciário no Tratado de Crespy, morreria daí a poucos meses, estrangulado por aquele nó que se formava no fundo da garganta, a menos que o pólipó não rompesse, pelo caminho, alguma vela, afogando o infeliz no seu próprio sangue. Exceptuando a possibilidade, nunca para desprezar, de uma morte accidental que se antecipasse à própria doença, o destino do santo homem estava definitivamente cancelado, como se ele já tivesse vivido.

A moléstia, demasiado interna, era inacessível ao escalpelo ou ao catitério. As únicas possibilidades de prolongar a vida ao seu amigo

consistiam em conservar-lhe as forças, mediante uma dieta prudente: teria que arranjar alimentos semilíquidos, ricos e ao mesmo tempo leves, que ele pudesse engolir sem esforço, quando a crescente angústia tornasse inabsorvível o que vulgarmente se comia no convento; conviria, também, livrá-lo das sangrias e purgas tão do agrado dos clínicos, as quais, na maior parte dos casos, mais não fazem do que esgotar barbaramente a substância humana. Quando fosse altura de adormecer as dores excessivas, tornar-se-iam imprescindíveis os electuários; e seria sensato ministrar-lhe, uma vez por outra, medicamentos anódinos, que o livrassem da angústia de se sentir entregue ao seu mal. Por ora, a arte do médico era incapaz de melhor.

Soprou a chama do candeeiro. A neve deixara de cair, mas a sua brancura mortalmente fria enchia o quarto; os telhados inclinados do convento reluziam como vidro. Apenas um planeta amarelo e solitário luzia, ao sul, com um brilho fosco, na constelação do Touro, não longe da esplendente Aldebarã ou das líquidas Plêiades. Zenão havia muito renunciara aos temas astrológicos, considerando as nossas relações com essas longínquas esferas por de mais confusas para sobre elas poderem estabelecer-se cálculos certos, muito embora, de vez em quando, se impusessem alguns estranhos resultados.

Apoiado ao peitoril da janela, entregava-se, todavia, a sombrios devaneios.

Não ignorava que, segundo a data comum do seu nascimento, tanto ele como o prior tinham tudo a temer daquela oposição de Saturno.

Os desmandos da carne

Havia uns meses que Zenão tinha por frade enfermeiro um jovem franciscano de dezoito anos, o qual substituíra com vantagem o bêbado que roubava os bálsamos e a quem mandaram embora. Era o Irmão Cipriano um camponês que entrara para o convento aos quinze anos, que mal sabia o latim suficiente para responder à missa, além do flamengo que falava na sua aldeia. Davam muita vez com ele a cantar os estribilhos que devia ter aprendido ao andar com os bois. Tinha ainda alguns costumes pueris, tais como meter a mão, às escondidas, no frasco com açúcar que servia para adoçar os julepos. Possuía, porém, aquele rapaz indolente, uma invulgar habilidade para colocar um emplastro ou enrolar uma ligadura; nenhuma chaga, nenhum apostema lhe metia medo ou lhe repugnava. As crianças que vinham ao dispensário gostavam do seu sorriso. Zenão encarregava-o de reconduzir a casa os doentes ainda vacilantes, que não se atrevia a mandar sozinhos pela cidade fora; de nariz no ar, gozando o ruído e o movimento da rua, corria Cipriano do hospício ao hospital de São João, a levar ou a trazer medicamentos, à procura de uma cama para qualquer esfarrapado que não se podia deixar morrer à míngua ou, à falta de melhor, a persuadir qualquer devota do bairro a recolher esse mesmo pobre. No começo da Primavera, meteu-se em complicações por ter roubado uns espinheiros a fim de enfeitar a Virgem que havia sob a arcada, pois que os jardins do convento ainda não estavam floridos.

A sua cabeça ignara estava cheia de superstições herdadas dos disparates ouvidos na aldeia: tinham que impedi-lo de pôr, sobre as feridas dos doentes, a imagem barata de algum santo milagreiro. Acreditava nos lobisomens que uivam nas ruas desertas e por toda a parte via feiticeiros e feiticeiras. Segundo ele, nunca o ofício divino se podia realizar sem a discreta presença de um desses sufragistas de Satanás. Quando calhava ajudar sozinho à missa, com a capela vazia, espiava o celebrante ou via, em imaginação, um mágico invisível escondido nas sombras. Pretendia ele que, em certos dias do ano, era

o padre obrigado a fabricar feiticeiros, coisa que se conseguia dizendo, de trás para diante, as palavras do baptismo; e apresentava como prova o facto de uma sua tia o ter retirado a tempo da pia, ao ver que o senhor cura tinha o breviário voltado ao contrário. A protecção contra isso consistia em evitar os contactos ou em pôr a mão sobre as pessoas suspeitas de feitiçaria, um pouco mais acima do sítio que elas tivessem tocado. Tendo Zenão, por acaso, tocado, certa vez, no seu ombro, logo ele arranjou maneira de se lhe chegar e de lhe tocar no rosto.

Naquela manhã a seguir ao domingo Quasímodo, encontravam-se ambos na oficina.

Sebastião Théus punha o seu registo em dia. Cipriano pilava, languidamente, uns grãos de cardamomo. Parava de vez em quando a bocejar.

Estás a dormir em pé—disse bruscamente o médico. Querem lá ver que passaste a noite a rezar?

O moço sorriu com ar malicioso.

Os Anjos reúnem-se à noite—disse, depois de deitar uma olhadela à porta.

— Circula o gomil do vinho; está pronta a tina para o banho dos Anjos.

Ajoelham-se ante a Bela que os estreita de encontro a si e os beija; a serva da Bela desfaz-lhe as longas tranças, e ambas estão nuas, como no Paraíso. Os Anjos retiram as suas vestes de lã e miram-se nas vestes de pele que Deus lhes deu; os círios brilham até se extinguirem e cada um segue os desejos do seu coração.

Mas que ricas histórias!—exclamou o médico, com desprezo.

Sentiu-se, porém, tomado de surda inquietação. Conhecia aqueles apelos angélicos, bem como aquelas imagens docemente lascivas: tinham elas sido apanágio de seitas já esquecidas, que muitos se gabavam de ter, há meio século, eliminado da Flandres, a ferro e fogo. Recordava-se de, ainda muito criança, ter ouvido falar

em voz baixa, à lareira da Rua das Lãs, de assembleias como essas onde os fiéis se conheciam na carne.

— Onde foste aprender tolices tão perigosas? — disse severamente. — Trata de sonhar com coisas melhores.

— Não são histórias — replicou o moço, como que ofendido.

— Quando Mynheer quiser, Cipriano levá-lo-á pela mão e ele poderá ver e tocar os Anjos.

— Estás a brincar — disse Sebastião Théus com demasiada firmeza.

Cipriano voltou a entregar-se à moagem dos cardamomos. De tempos a tempos, levava uma semente ao nariz, para melhor cheirar o odor da especiaria.

Aconselhava a prudência a votar ao esquecimento as palavras do rapaz, mas a curiosidade de Zenão é que não pôde conter-se: — Quando e onde se fazem essas reuniões nocturnas? — perguntou ele irritado.

— Não é assim tão fácil deixar o convento, de noite. Há monges, bem sei, que saltam o muro...

— São doidos — tornou Cipriano, com ar de desdém. — O Irmão Floriano deu com uma passagem por onde os Anjos vão e vêm. Ele gosta de Cipriano.

— Guarda esses segredos — disse violentamente o médico. Quem te prova que eu não vou trair-te?

O rapaz abanou docemente a cabeça.

— Mynheer não seria capaz de fazer mal aos Anjos — insinuou, com um impudor de cúmplice.

Uma pancada na porta veio interrompê-los. Foi Zenão abrir, com um sobressalto que desde os tempos de Innsbruck não sentira. Tratava-se, afinal, de uma rapariga, doente de um lúpus, que vinha sempre tapada de negro, não por se envergonhar do seu mal, mas por Zenão haver descoberto que a luz fazia piorar as chagas. Foi quase um divertimento receber e tratar da infeliz. Seguiram-se

outros doentes. Durante alguns dias, não houve qualquer outra conversa perigosa entre o médico e o enfermeiro. Mas Zenão passara a olhar com outros olhos para o jovem frade. Por debaixo daquele burel, viviam um corpo e uma alma tentadores. Parecia-lhe, ao mesmo tempo, que uma fenda se abria no chão daquele asilo. Sem sequer a si mesmo o confessar, procurou ocasião de informar-se melhor.

Proporcionou-se-lhe esta no sábado seguinte. Sentados a uma mesa, ambos limpavam os apetrechos, depois de fechar o hospício. As mãos de Cipriano remexiam diligentemente nas agudas pinças e nos cortantes bisturis. Subitamente, pousando os cotovelos no meio de todos aqueles ferros, pôs-se a cantarolar, em surdina, uma ária antiga e complicada: Eu chamo e sou chamada Eu bebo e sou bebida Eu como e sou comida Eu danço e todos cantam ... Eu canto e todos dançam ...

— Que estribilho é esse agora?—inquiriu com brusquidão o médico. Havia, na realidade, reconhecido os versículos condenados de um evangelho apócrifo, que ouvira recitar várias vezes a uns herméticos, que lhes atribuíam ocultos poderes.

— É o cântico de São João—ripostou inocentemente o rapaz. E, debruçando-se sobre a mesa, prosseguiu em tom de terna confiança: —Chegou a Primavera, a pomba suspira, está morno o banho dos Anjos. Os Anjos dão-se as mãos e cantam baixinho, com medo de serem ouvidos pelos maus. O Irmão Floriano levou ontem um alaúde e tocava baixinho músicas tão doces que faziam chorar.

— Sois muitos metidos nessa aventura?—perguntou, sem querer, Sebastião Théus.

O rapaz contou pelos dedos:—É Quirino, meu amigo, e o noviço Francisco de Bure, que tem um rosto luminoso e uma bela e límpida voz. Mateus Aerts aparece de vez em quando—continuou, ajuntando ainda dois nomes que o médico não conhecia—e o Irmão

Floriano raras vezes falta à assembleia dos Anjos. Pedro de Hamaere nunca vai, mas estima-os.

Zenão não estava à espera de ouvir mencionar este monge supostamente austero.

Existia entre eles certa inimizade, a partir do momento em que o ecónomo se opusera às refeições de São Cosme e tentara, por várias vezes, restringir os dinheiros do hospício. Por momentos, lembrou-se que as estranhas confissões de Cipriano mais não seriam do que uma armadilha montada para o fazer cair.

Mas o rapaz tornou:—Nem a Bela vem todos os dias, mas apenas naqueles em que a gente má lhe não mete medo. A sua mulata traz, embrulhado num pano branco, pão bento das Bernardinas. Não existe, entre os Anjos, nem vergonha nem inveja, nem proibições no que respeita ao doce uso do corpo. A Bela dá a todos os que lhe pedem a consolação dos seus beijos, mas não acaricia ninguém a não ser Cipriano.

— Que nome lhe dais?—perguntou o médico, inferindo, pela primeira vez, um nome e um rosto para aquilo que até ali lhe parecia ser fabricação amorosa de um jovem privado de raparigas, desde que tivera de renunciar aos jogos com as lavradeiras, à sombra dos salgueiros.

— Damos-lhe o nome de Eva—disse, baixinho, Cipriano. Ardia num fogão, junto à janela, um punhado de carvões. Servia para diluir a goma dos colírios. Zenão pegou no rapaz pela mão e levou-o até junto da pequena chama. Conservou-lhe o dedo, durante um bom bocado, por sobre a massa incandescente. Cipriano perdeu a própria cor dos lábios, que mordeu para não gritar. Zenão não estava menos pálido. Largou-lhe imediatamente a mão.

— Como poderás tu suportar por todo o corpo uma chama semelhante?—disselhe em voz baixa.—Procura prazeres menos arriscados do que essas assembleias de Anjos.

Cipriano estendeu a mão esquerda para uma prateleira, donde tirou um frasco com óleo de lírio, com que untou a parte queimada. Zenão, silenciosamente, ajudou-o a ligar o dedo.

Nesse momento, entrou o Irmão Lucas com um tabuleiro destinado ao prior, a quem todas as noites se levava uma poção calmante. Disso se encarregou Zenão, que sozinho subiu até junto do religioso. No dia seguinte, todo aquele incidente lhe parecia um pesadelo, até voltar a ver Cipriano, na sala, entretido a lavar o pé de uma criança ferida. Continuava com a ligadura. A partir daí, e sempre com a mesma insuportável angústia, Zenão afastava o olhar da cicatriz do dedo queimado. Cipriano parecia fazer os possíveis para, como que provocantemente, lha pôr debaixo dos olhos.

As especulações alquímicas da cela de São Cosme transformaram-se no ansioso vaivém de um homem que vê o perigo e dele procura escapar-se. Pouco a pouco, como objectos emersos da bruma, delineavam-se certos factos, por entre as divagações de Cipriano. O banho dos Anjos, mais as suas licenciosas assembleias, tinham fácil explicação. O subsolo de Bruges era um labirinto de passagens subterrâneas entrelaçadas de loja em loja, de cave em cave. Uma única casa abandonada separava as dependências do convento dos Franciscanos do das Bernardinas; o Irmão Floriano, meio pedreiro, meio pintor, nos seus trabalhos de restauração da capela e dos claustros, havia encontrado antigas estufas e velhos balneários que, para aqueles loucos, se haviam tornado câmara secreta e doce abrigo. Era o tal Floriano um tipo pândego, de vinte e quatro anos, cuja primeira juventude fora passada a vaguear alegremente pelo país, retratando os nobres em seus castelos e, nas suas casas da cidade, os burgueses, e recebendo deles, em paga, cama e mesa. Tendo umas desordens, em Antuérpia, feito evacuar o convento onde, de um momento para o outro, se resolvera a tomar hábito, desde o Outono que estava alojado nos Franciscanos de Bruges. Brincalhão, engenhoso, belo, andava sempre rodeado por

uma caterva de aprendizes que borboletavam por debaixo do seu escadote.

Tinha aquela cabeça tonta descoberto algures um resto daqueles Beguinos ou Frades do Espírito Santo, exterminados no princípio do século, e deles havia contraído, como se de contágio se tratasse, a linguagem florida e aqueles apelos seráficos que teria depois passado a Cipriano. A não ser que o camponês tivesse apanhado tão perigoso calão entre as superstições da sua aldeia, como os germes de uma peste já esquecida, que secretamente continuam a incubar no fundo de algum armário.

Desde a doença do prior que Zenão notava, no convento, uma tendência para a irregularidade e a desordem: os ofícios nocturnos eram, dizia-se, bastante mal assistidos por certos frades; havia todo um grupo que surdamente resistia às reformas estabelecidas pelo prior em conformidade com as indicações do Concílio; os monges mais desregrados detestavam João Luís de Berlaimont pela austeridade de que ele próprio dava o exemplo; os mais rígidos, por outro lado, desprezavam-no pela sua benignidade, que julgavam excessiva. já havia brigas por causa da eleição do prior seguinte. As audácias dos Anjos eram sem dúvida facilitadas por esse clima de interregno.

O mais estranho é que um homem prudente como o era Pedro de Hamaere os deixasse correr o risco mortal das assembleias nocturnas e cometer a loucura ainda maior de nelas participarem duas raparigas, mas Pedro nada, decerto, podia recusar a Floriano e a Cipriano.

Tais raparigas não pareceram, de início, a Sebastião Théus mais do que engenhosas alcunhas ou, muito simplesmente, devaneios. Lembrou-se, depois, que se falava muito, no bairro, de uma menina de boas famílias que, por alturas do Natal, fora internada no convento das Bernardinas, durante uma ausência do pai, primeiro magistrado no Conselho das Flandres, que partira para Valhadolide

a prestar contas. A sua beleza, os seus preciosos adornos, a tez escura e os brincos das orelhas usados pela sua ala, iam alimentando as conversas das lojas e da rua. A menina de Loos saía com sua mulata a visitar igrejas e a fazer compras nas retrosarias e pastelarias. Nada impedia que Cipriano tivesse, no decorrer de uma das suas saídas, cruzado o olhar com elas e dirigido algumas palavras às belas; ou que Floriano, ao reparar os frescos do coro, tivesse achado meio de as conquistar para si próprio ou para o seu amigo. Duas moças destemidas podiam muito bem insinuar-se de noite, por um labirinto de corredores, até às assembleias nocturnas dos Anjos, e oferecer, às suas cabeças atafalhadas de imagens da Escritura, a imagem de uma Sulamita e de uma Eva.

Poucos dias decorridos sobre as revelações de Cipriano, dirigiu-se Zenão a uma pastelaria da Rua Grande para comprar um vinho de hipocraz que constituía um terço da poção servida ao prior. Idelette de Loos escolhia filhoses e pastéis ao balcão. Era uma rapariga de apenas quinze anos de idade, flexível como um vime, de longos cabelos de um louro quase branco e olhar cristalino. Aquela cabeleira desmaiada e aqueles olhos de água clara recordaram a Zenão o donzel que fora, em Lubeque, o seu inseparável companheiro. Era na altura em que Zenão se entregava a alguns ensaios sobre a rebitagem e o valor dos metais nobres, na companhia do pai dele, o sábio Aegidius Friedhof, rico ourives da Breitenstrasse, perito, também, nas artes do fogo. Esse jovem ponderado fora, a um tempo, um objecto delicioso e um discípulo aplicado... Gerhart entusiasmara-se tanto com o alquimista que mostrou desejo de acompanhá-lo nas suas viagens até França, tendo seu pai consentido em que assim principiasse uma volta pela Alemanha; o filósofo temia, contudo, pelo jovem que, tendo sido criado com tantos mimos, não poderia aguentar a rudeza dos caminhos, além de outros perigos. Essas convivências de Lubeque, autêntico Verão de São Martinho no meio da sua vida vagabunda, apareciam-lhe, agora, não

já reduzidas a uma seca preparação da memória, como essoutras lembranças carnis, que ainda há pouco evocara ao meditar sobre si mesmo, mas, antes, capitosas como um vinho com o qual era mister não se deixar embriagar; mas, quer ele se lhes opusesse, quer não, não deixavam elas de o aproximar do sensato grupo dos Anjos.

A volta do rosto de Idelette outras recordações vinham, todavia, confundir-se: algo de arisco e atrevido havia na menina de Loos que lhe trazia à memória aquela Jeannette Fauconnier, favorita dos estudantes de Lovaina, que havia sido a sua primeira conquista de homem; o orgulho de Cipriano deixou de lhe parecer, como até aí, tão vão e pueril. A memória retrocedeu mais longe ainda; mas o fio quebrou-se; a mulata ria-se, mastigando confeitos, e Idelette, ao sair, lançou àquele desconhecido de cabelos grisalhos um daqueles sorrisos que ela concedia a todos com quem se cruzava. O seu amplo vestido ocupava a exígua entrada da loja; o pasteleiro, apreciador de mulheres, fez notar ao cliente como a donzela sabia, com uma das mãos, levantar toda aquela roda das saias, de modo a mostrar os tornozelos e a realçar as ancas, sob o belo chamalote.

— Moça que mostra as formas dá a saber a todos que tem fome de algo mais do que brioches—observou ele com malícia, para o médico. Brincadeiras destas são permitidas entre homens. Consciente disso, Zenão riu-se.

Recomeçava o vaivém nocturno: oito passos entre o baú e a cama, doze passos entre a janela e a porta: gastava o soalho naquilo a que se podia chamar um passeio de prisioneiro. Soubera, desde sempre, que algumas das suas paixões, tidas como uma heresia da carne, podiam valer-lhe a sorte reservada aos heréticos, ou seja, a fogueira. Acontecia com a ferocidade das leis do seu século o mesmo que com as guerras provocadas pela estupidez humana, a desigualdade de condições, o deficiente policiamento das estradas e a incúria das cidades. Era evidente que se podia ser condenado à fogueira por ter amado Gerhart, como condenado à grelha por ter lido a Bíblia em

língua vulgar. Tais leis, inoperantes pela própria natureza daquilo que pretendiam punir, não se aplicavam aos ricos nem aos grandes do mundo; o núncio, em Imisbruck, gabava-se de uns versos obscenos que, a serem de um monge, o condenariam à fogueira; nunca se vira um senhor lançado às chamas por haver seduzido o seu pajem. Feriam essas leis indivíduos de condição mais obscura, conquanto a obscuridade fosse por si só um abrigo: a despeito dos anzóis, das redes e dos cestos de vime, a maior parte dos peixes prossegue, em negras profundidades, o seu caminho sem deixar rasto, não se importando com o que sofrem os companheiros que estrebucham ensanguentados na ponte de um barco. Ele sabia que bastava o rancor de um inimigo, um momento de fúria ou loucura de uma turba, ou simplesmente o inepto rigor de um juiz, para condenar à morte inculpadados que podiam ser inocentes. A indiferença tornava-se raiva e a semicumplicidade execração. Toda a vida sentira ele esse receio, à mistura com outros mais. Mas suportava-se menos facilmente, noutrem, aquilo que, para a própria pessoa, não custou muito a ser aceite. Esses conturbados tempos incrementavam toda a espécie de denúncias. Secretamente seduzido pelos iconoclastas, o povinho debruçava-se avidamente sobre toda a espécie de escândalo que pudesse lançar o descrédito sobre as ordens religiosas, às quais reprovava a riqueza e a autoridade. Alguns meses atrás, em Gand, com razão ou sem ela, nove monges agostinhos, suspeitos de amizades sodomíticas, haviam sido queimados, após torturas inauditas, para gozo dos papalvos amotinados contra os homens da Igreja; o receio de parecer querer-se abafar um assunto escandaloso, obstou a que se ativessem, como o bom senso recomendava, a simples penas disciplinares infligidas pela própria ordem. A situação dos Anjos era mais arriscada ainda. Os jogos amorosos com as duas jovens, que aos olhos do homem da rua poderiam abafar o que era tido pelo mais negro da aventura, expunham, pelo contrário, ainda mais aqueles desgraçados. A

menina de Loos tornara-se o ponto de mira sobre o qual se concentraria a baixa curiosidade pública; o segredo das assembleias nocturnas estaria dependente, a partir dali, da tagarelice feminina ou de uma fecundidade irregular. Mas o mais grave era, no meio desses angélicos apelos, aqueles círios, aqueles rituais infantis do vinho e do pão bento, aquelas recitações de versículos apócrifos, que ninguém, nem sequer os seus autores, compreendiam; e bem assim aquela nudez, em nada diferente, afinal, da dos rapazes que brincam à beira de um charco. Irregularidades que apenas mereciam uns tabefes haviam de levar à morte aqueles loucos corações, aquelas cabeças fracas. Ninguém teria o bom senso de achar coisa bem simples o facto de jovens ignaros, ao descobrirem, maravilhados, os prazeres da carne, empregarem frases e imagens sacralizadas que desde sempre lhes haviam sido inculcadas. Da mesma forma que a doença do prior regulava, por assim dizer, a data e a natureza da sua morte, também Cipriano e os seus companheiros pareciam a Zenão tão perdidos como se já estivessem a gritar no meio das labaredas.

Sentado à mesa, desenhando vagamente algarismos e sinais na margem de um registo, meditava ele em como a sua linha do destino era singularmente vulnerável. Cipriano esforçara-se por fazer dele um confidente, senão um cúmplice. Um interrogatório um pouco mais aprofundado haveria, inevitavelmente, de revelar o seu nome e a sua personalidade, e não era mais consolador ser preso por ateísmo do que por sodorma. Não esquecia, também, os cuidados prestados a Han. e as precauções tomadas para o subtrair à justiça, os quais, de um momento para o outro, podiam fazer dele um rebelde digno da força. Prudente seria partir, e já. Mas não era possível, neste momento, deixar a cabeceira do prior.

João Luís de Berlaimont morria lentamente, de acordo com o que se sabia do decurso habitual da doença que o vitimava. Tornara-se de uma magreza quase esquelética, que nele ainda mais se notava por ter sido de compleição robusta. Tendo aumentado a dificuldade

de engolir, Sebastião Théus encomendava à velha Greete alimentos leves, caldos e xaropes que ela confeccionava segundo receitas antigas, honradas, outrora, na cozinha da casa Ligre. Por mais que o doente se esforçasse por lhes tomar gosto, apenas os aflorava com os lábios, e Zenão imaginava-o sempre a padecer de fome. Era quase total a extinção da fala; guardava o prior a palavra para as comunicações mais necessárias com os subordinados e com o seu médico. De resto, escrevia os seus desejos e ordens em bocados de papel que havia em cima da cama, embora, como uma vez confessou a Sebastião Théus, já não tivesse grande coisa para escrever ou dizer.

Pedira o médico que ao doente se comunicasse o menos possível dos acontecimentos do exterior, procurando poupá-lo às descrições das barbáries cometidas pelo Tribunal de Excepção, reinante em Bruxelas. Mas parecia que as notícias se infiltravam. até junto dele. Em meados de junho, o noviço encarregado dos cuidados corporais do prior discutia com Sebastião Théus acerca do dia em que, pela última vez, tinha dado ao prior o banho de farelo que lhe refrescava a pele e parecia devolver-lhe por algum tempo o bem-estar. O prior voltou então para eles a face macilenta e, fazendo um esforço, murmurou:—Foi na segunda-feira, dia seis, quando os dois condes foram executados.

Sobre as faces cavadas, escorriam-lhe em silêncio algumas lágrimas. Zenão veio depois a saber que João Luís de Berlaímont era aparentado com Lamoral pelo lado de sua falecida mulher. Daí a dias, confiou o prior ao seu médico um bilhete de pêsames para a viúva do conde, Sabina de Baviera, que, com os sobressaltos e mágoas, estava, dir-se-ia, a dois passos da morte. Dispondo-se Sebastião Théus a ir entregar o papel a um mensageiro, Pedro de Hamaere, que rondava pelos corredores, interpôs-se, temendo, para o convento, uma imprudência do seu superior. Desdenhosamente, Zenão mostrou-lhe o papel. Após tomar conhecimento, entregou-lho de novo o ecónomo: nada de perigoso havia naquelas condolências à

ilustre viúva, acompanhadas de promessas de oração. Madame Sabina era tratada com deferência até mesmo pelos próprios oficiais do rei.

De tanto pensar no assunto que o preocupava, convenceu-se Zenão de que, para obstar ao pior, bastaria mandar o Irmão Floriano restaurar capelas para outro lado. Abandonados a eles próprios, Cipriano e os noviços não ousariam repetir as assembleias nocturnas, e, por outro lado, seria viável levar as Bernardinas a vigiar melhor as duas moças. Dependendo a transferência de Floriano somente do prior, decidiu-se o filósofo a confiar-lhe o necessário para ele agir sem demora. Esperou por um dia em que o doente se sentisse menos mal.

Passou-se isso numa tarde dos princípios de Julho, em que o bispo viera em pessoa informar-se do prior. Sua reverência acabava de sair; João Luís de Berlaimont, de hábito vestido, estava deitado sobre a cama, e o esforço feito para cortesmente receber o seu hóspede parecia ter-lhe dado, por momentos, ânimo e forças. Sobre a mesa, viu Sebastião o tabuleiro da comida quase intacto.

Apresentai os meus agradecimentos a essa boa mulher disse ele com voz menos fraca que de costume. É certo que comi pouco—acrescentou quase com alegria mas não é mal nenhum um monge obrigar-se a jejuar.

— O bispo decerto concedeu ao prior uma dispensa—aventou o médico, no mesmo tom brincalhão.

O prior sorriu.

— Sua reverendíssima é muito culto e tenho-o como homem de carácter, embora me conte entre aqueles que se opuseram à sua nomeação pelo rei, o qual infringia os nossos antigos costumes.

Tive o prazer de lhe recomendar o meu médico.

Não ando à procura de outro cargo—disse Sebastião Theus, com ar jovial.

O rosto do doente demonstrava já fadiga.

— Não quero estar a queixar-me, Sebastião—disse ele, pacientemente, envergonhado como sempre que era obrigado a falar dos seus males.—Toleram-se bem os meus sofrimentos... Mas há alguns efeitos custosos de suportar. Assim, hesito em receber a sagrada comunhão...

Um acesso de tosse ou um soluço seria o suficiente... Se algum remédio pudesse diminuir-me esta angina...

— A angina pode curar-se, senhor prior—mentiu o médico. Confiamos muito neste belo Verão...

— Pois com certeza—disse ele distraído—, pois com certeza...

Estendeu-lhe o magro pulso. Tendo-se afastado por momentos o monge que estava de guarda, Sebastião Théus disse que havia, por acaso, encontrado o Irmão Floriano.

— Sim—disse o prior, como que para demonstrar que ainda se lembrava dos nomes.

— Poderemos ocupá-lo na restauração dos frescos do coro. Faltam-nos fundos para adquirir pinturas mais recentes...

Parecia acreditar no monge dos pincéis e dos godés, chegado na véspera. Ao contrário dos boatos que corriam nos corredores do convento, Zenão considerava João Luís de Berlaimont em plena posse das suas faculdades, as quais, porém, estavam por assim dizer interiorizadas. De repente, o prior fez-lhe sinal que se debruçasse, como se tivesse algo a segredar-lhe, mas algo que já nada tinha a ver com o frade pintor. A oblação de que uma vez falámos, amigo Sebastião... mas nada há para sacrificar .. Pouco importa que um homem da minha idade viva ou morra ...

— A mim importa-me que o prior viva—disse com firmeza o médico.

Renunciara, porém, a suplicar-lhe ajuda. Qualquer recurso arriscava-se a uma delação. Tais segredos poderiam, por inadvertência, escapar-se de uns lábios exaustos; podia suceder, até, que esse homem, no limite das forças, desse prova de um rigor que,

de outra forma, não estaria na sua natureza arvorar. E, por último, o acidente do bilhete provava que o prior não era já dono da sua casa.

Fez Zenão mais uma tentativa de atemorizar Cipriano. Falou-lhe do desastroso episódio dos Agostinhos de Gand, de que aliás o monge enfermeiro devia ter tido conhecimento. O resultado não foi o de que estava à espera.

— Os Agostinhos são umas bestas—observou laconicamente o jovem franciscano.

Três dias mais tarde, porém, aproximou-se do médico com ar inquieto:—O Irmão Floriano perdeu um talismã que recebera de uma egípcia—disse ele com grande perturbação.—Parece que daí podem advir grandes males. Se Mynhecr, com os poderes que tem...

— Não sou negociante de amuletos—replicou Sebastião Théus, virando-lhe as costas.

No dia seguinte, na noite de sexta para sábado, trabalhava o filósofo no meio dos seus livros, quando, pela janela aberta, lhe caiu ao pé um objecto leve. Era uma varinha de aveleira. Zenão aproximou-se da janela. Uma sombra parda, de que mal distinguia o rosto, as mãos e os pés descalços, estava em baixo, numa atitude de apelo. Passados momentos, Cipriano partiu e desapareceu sob a arcada.

A tremer, Zenão voltou a sentar-se à mesa. Apoderou-se dele violento desejo, a que de antemão sabia que não iria obedecer, como, noutros casos, apesar de uma resistêcia ainda mais forte, se sabe de antemão que se virá a aceitar.

Não se tratava de seguir aquele louco para alguma orgia ou magia nocturna.

Mas, nesta vida sem contemporizações, e perante a lenta destruição que a carne do prior estava a sofrer, e porventura também a sua alma, assaltou-o o desejo de esquecer, junto de um corpo jovem e quente, os poderes do Ério, da perdição e da noite. Deveria ver-se, na persistência de Cipriano, a preocupação de captar um

homem considerado útil e, ainda por cima, dotado de poderes ocultos?

Seria este um exemplo a mais da eterna sedução tentada por Alcibíades sobre Sócrates? Pelo espírito do alquimista passou uma ideia mais demente. Seria possível que os seus próprios desejos, afogados à nascença por amor de descobertas mais sábias que as da própria carne, tivessem tomado aquela forma infantil e nociva? Extinctis lumínibus.- apagou a luz. Foi em vão que, como anatomista e não como amante, tentou imaginar, com desprezo, os jogos daqueles filhos da carne. Disse para consigo mesmo, e repetiu, que a boca onde se destilam os beijos mais não é do que a caverna da mastigação, e que os lábios que se acabou de morder deixam uma marca repugnante no bocal dos copos. Em vão imaginou duas lagartas uma em cima da outra ou pobres moscas afogadas em mel. Mas, por mais que fizesse, Idelette e Cipriano, Francisco de Bure e Mateus Aerts eram belos. A estufa abandonada era, na verdade, uma câmara mágica; a alta labareda sensual transmutava tudo como a do atemorizador alquímico e bem merecia que se lhe arriscasse as chamas do patíbulo. A alvura dos corpos nus brilhava como aquelas fosforescências que atestam as virtudes ocultas das pedras.

De manhã, sobreveio a revolta. O pior dos deboches, no fundo de uma pocilga, valia mais do que as palhaçadas dos Anjos. Uma vez descido à sala cinzenta, em presença de uma mulher que todos os sábados vinha tratar as chagas varicosas, repreendeu cruelmente Cipriano por ter deixado cair a caixa dos pensos. Nada de insólito se notava naquele rosto de pálpebras um pouco inchadas. O convite nocturno podia não ter passado de um sonho.

Mas os sinais emanados daquele reduzido grupo vinham impregnados agora de hostilidade e de ironia. Ao entrar, certa manhã, na oficina, deparou o filósofo, em lugar de evidência sobre a mesa, com um desenho demasiado bem feito para ser da

autoria de Cipriano, que mal sabia pegar na pena para assinar o seu nome.

O espírito fantasioso de Floriano presidia àquele amontoado de figuras. Era um desses jardins de delícias a que os pintores não raro se entregavam, pinturas essas encaradas, pelas boas almas, como uma sátira do pecado e por outras, mais cheias de malícia, como o festival das audácias carnavais. Uma beldade entrava num tanque para se banhar, seguida pelos seus namorados. Dois amantes estreitavam-se, por detrás duma cortina, traídos apenas pela posição dos pés nus. Um jovem afastava, num gesto terno, os joelhos de um objecto amado que se lhe assemelhava como um irmão gêmeo. Da boca e do orifício secreto de um rapaz prostrado evolavam-se delicadas florescências. Uma mulata passeava numa bandeja uma framboesa gigante. O prazer assim alegorizado tornava-se um jogo de feitiçaria, um escárnio perigoso. O filósofo rasgou, pensativo, a folha.

Dois ou três dias depois, esperava-o outra brincadeira lasciva: alguém havia tirado para fora de um armário algumas velhas sapatas destinadas a atravessar o jardim quando havia lama ou neve; as sapatas, bem à vista, estavam amontoadas, umas sobre as outras, numa desordem obscena. Zenão dispersou-as com um pontapé; era uma graça grosseira. Mais inquietante foi um objecto encontrado, uma noite, no seu próprio quarto. Tratava-se de um seixo no qual um rosto e uns atributos femininos, ou talvez hermafroditas, tinham sido rabiscados à pressa; a pedra estava envolta numa madeixa loira. O filósofo queimou o caracol de cabelo e atirou desdenhosamente para dentro de uma gaveta aquele boneco de bruxedo.

Cessaram as perseguições; nunca se humilhara ao ponto de falar naquilo a Cipriano. Começava a crer que as loucuras dos Anjos acabariam por naturalmente passar, pela simples razão de que tudo passa.

As desgraças públicas atraíam freguesia ao hospício de São Cosme. Aos doentes do costume misturavam-se visitantes que raro

apareciam mais do que uma vez, camponeses acompanhados de uma bagagem heteroclita, composta de objectos reunidos na véspera da fuga ou retirados de uma casa incendiada, cobertores arruçados, edredões a largar as penas, trens de cozinha, vasilhas rachadas. As mulheres traziam os filhos metidos em fardos de roupa suja. Quase todos esses camponeses expulsos das aldeias rebeldes, metodicamente evacuadas pelas tropas, sofriam de nódoas negras ou outras feridas, mas a sua principal moléstia era, pura e simplesmente, a fome. Alguns atravessavam a cidade à guisa de rebanhos transumantes, sem saberem qual a etapa seguinte; outros dirigiam-se para a casa de parentes que moravam naquela região menos posta à prova e onde ainda havia animais e um telhado. Com a ajuda do Irmão Lucas, Zenão conseguiu arranjar pão para distribuir pelos mais desprovidos. Menos rabugentos, mas mais inquietos, viajando geralmente sós ou em grupos de dois ou três, reconheciam-se os homens de profissão ou de ofício, vindos de cidades do interior, procurados decerto pelo Tribunal de Sangue. Envergavam esses fugitivos belo vestuário burguês, mas os sapatos cambados e os pés inchados, cobertos de bolhas, denunciavam as longas marchas a que aqueles sedentários não estavam habituados; ocultavam sempre a direcção que seguiam, mas Zenão sabia, através da velha Greete, que partiam traineiras de diversos pontos isolados da costa, transportando esses patriotas para a Inglaterra ou para a Zelândia, conforme os meios de que dispunham ou o vento que estava. Eram tratados sem grandes instâncias.

Sebastião Théus não deixava nunca o prior, embora se pudesse confiar nos dois monges, que pelo menos haviam aprendido os rudimentos da arte de tratar. O Irmão Lucas era um homem sossegado, apegado ao seu dever, e cujo espírito não ia mais além do trabalho imediato que lhe competia. Cipriano não era desprovido de uma certa bondade e gentileza.

Tivera que renunciar a abrandar as dores do prior com a ajuda de ópios. Este recusara, uma noite, a poção calmante.

— Sede compreensivo, Sebastião—murmurou ele, ansioso, temendo, certamente, uma recusa do médico.—Não queria dormir no momento em que.... Et invenit dōrmientes...

O filósofo aquiesceu com um aceno. O seu papel junto do moribundo consistiu, daí em diante, em fazê-lo engolir algumas colheradas de um caldo ou auxiliar o frade de vigília a soerguer aquele corpo descarnado, já a cheirar a sepultura.

Regressado a São Cosme a hora tardia, deitava-se vestido, sempre à espera de uma crise de sufocação de que o superior não sairia com vida.

Certa noite, pareceu-lhe ouvir passos rápidos aproximarem-se da sua cela, ao longo das lajes do corredor. Ergueu-se precipitadamente e abriu a porta. Não era nada nem ninguém. Correu, todavia, para junto do prior.

João Luís de Berlaimont estava sentado, amparado pelo travesseiro e pelas almofadas. Os seus olhos desorbitados voltaram-se para o médico, o qual pareceu ler neles uma solicitude sem limites.

— Fugi, Zenão!—conseguiu articular.—Depois de eu morrer..

Um ataque de tosse não o deixou continuar. Perturbado, Zenão voltara-se instintivamente, para ver se o vigilante, sentado num escabelo, ouvira alguma coisa. Mas o velho dormitava, cabeceando. O prior, esgotado, caíra de lado sobre as almofadas, tomado por uma espécie de agitado torpor. Com o coração sobressaltado, Zenão inclinou-se para ele, tentando erguê-lo e obter dele uma palavra ou um olhar mais. Desconfiava do testemunho dos seus sentidos, e até da própria razão. Sentou-se, por fim, na beira da cama. Afinal, não era de todo impossível que o prior sempre tivesse sabido o seu nome.

O doente agitava-se com ligeiros sacões. Zenão friccionou-lhe os pés e as pernas, tal como outrora lho fizera a ele a senhora de Frõsõ. Esse tratamento valia por todos os oplados. Ele próprio acabou por se deixar adormecer, sentado na cama, com a cabeça entre as mãos.

De manhã, desceu ao refeitório para tomar uma malga de sopa quente. Aí encontrou Pedro de Hamaere. Todos os terrores do alquimista haviam despertado com o grito do prior. Tomou de parte Pedro de Hamaere e disselhe à queima-roupa:— Espero que tenhais posto cobro às loucuras dos vossos amigos.

Ia falar da honra e da segurança do convento. O ecónomo, porém, poupou-lhe um tal ridículo.

— Nada sei de toda essa história— obtemperou ele com violência. E afastou-se, batendo estrondosamente com as sandálias.

Nessa tarde, o prior recebeu pela terceira vez a extrema-unção.

O quadro e a capela ao lado abarrotavam de frades empunhando círios. Alguns choravam; outros havia que se limitavam a assistir com decoro à cerimónia.

Meio entorpecido, tentando respirar o menos dificultosamente possível, o doente olhava, como que sem as ver, para as pequenas chamas amarelas. Quando as orações dos agonizantes chegaram ao termo, os assistentes saíram em fila, ficando apenas dois frades, com o seu rosário. Zenão, que se mantivera afastado, retomou o seu posto habitual.

O tempo das comunicações verbais, mesmo abreviadíssimas, havia passado. O prior limitava-se a pedir, por sinais, um pouco de água, ou o urinol dependurado num dos cantos da cama. No interior daquele mundo em ruínas, qual tesouro sob um monte de escombros, parecia a Zenão que ainda subsistia um espírito, com o qual talvez fosse possível comunicar para além das palavras. Continuava a tomar o pulso ao doente, e esse contacto mínimo parecia ser suficiente para transmitir ao doente um pouco de força e receber, em troca, um pouco de serenidade. De tempos a tempos, o

médico, pensando na tradição que diz ficar a alma do homem flutuando sobre ele, já depois de morto, como uma flâmula envolta em bruma, perscrutava a penumbra, mas tudo quanto via não passava, provavelmente, do reflexo, na vidraça, de uma vela acesa. Já de madrugada, Zenão largou-lhe o pulso; era chegado o momento de deixar o prior caminhar sozinho para as portas derradeiras ou, talvez, em companhia das invisíveis figuras que, na agonia, ele deveria ter esconjurado. Um pouco mais tarde, o doente pareceu agitar-se, como quem vai acordar; os dedos da mão esquerda pareciam, vagamente, procurar algo sobre o peito, no sítio aonde, outrora, João Luís de Berlaímont trouxera, por certo, o emblema do Velo de Ouro. Em cima do travesseiro, Zenão viu um escapulário cujo fio se desatara. Colocou-o no lugar; o moribundo pôs-lhe, com ar de contentamento, a mão em cima. Os lábios moviam-se em silêncio. Tendo prestado atenção, Zenão acabou por ouvir, decerto repetido pela milésima vez, o final de uma oração: nunc et ín hora mortis nostrae.

Decorrida cerca de meia hora, pediu aos dois monges que se ocupassem dos cuidados devidos ao corpo.

Assistiu às exéquias do prior de uma das naves laterais da igreja. A cerimónia atraía imensa gente. Reconheceu, na primeira fila, o bispo e, perto dali, apoiado a uma bengala, um velho meio paralítico, mas robusto, que outro não era senão o cónego Bartolomeu Campanus, que, com a idade avançada, havia adquirido garbo e firmeza no porte. Cobertos com os capuzes, os monges não se distinguiam uns dos outros. Francisco de Bure transportava o turíbulo; tinha, realmente, um rosto angélico. A auréola ou a mancha viva de um manto de santa brilhavam, aqui e além, nos frescos restaurados do coro.

Era o novo superior uma personagem assaz apagada mas de rara piedade, e tido na conta de hábil administrador. Corria o boato de que, sob conselho de Pedro de Hamaere, que muito trabalhara para a

sua eleição, ele iria encerrar, a breve prazo, o hospício de São Cosme, considerado demasiado dispendioso. Para isso, talvez também contribuísse o facto de ali terem sido prestados serviços aos fugitivos dos Tribunais de Excepção. Nenhuma advertência fora, porém, feita ao médico. Pouco se lhe dava: Zenão resolvera desaparecer logo após as exéquias do prior.

Desta vez, nada levaria consigo. Deixaria os livros que, aliás, já quase não consultava. Também não eram os seus manuscritos tão preciosos ou comprometedores que tivesse de os levar consigo, em vez de, mais dia menos dia, deixá-los queimar no fogão do refeitório. Como o tempo estava quente, resolveu deixar também o capote e as roupas de inverno, bastaria um casaco posto por cima do seu melhor fato. Meteria num saco os seus instrumentos, embrulhados num pouco de pano branco, juntamente com alguns medicamentos raros e dispendiosos. À última hora, decidiu-se também a levar as duas pistolas de arção. Cada pormenor desta redução ao essencial havia sido objecto de longas deliberações. Não lhe faltava dinheiro: além do pouco que Zenão economizara para essa viagem, dos parcos emolumentos cobrados pelo convento, recebera também, antes da morte do prior, um embrulho trazido pelo velho monge-vigilante, o qual continha a bolsa de onde Zenão já outrora havia retirado dinheiro para dar a Han.

Parece que, depois disso, não mais o prior se havia servido dela. Fora sua intenção primeira tomar lugar na carroça do filho de Greete, até Antuérpia, e dali fugir para a Zelândia ou para o Gueldre, então abertamente revoltados contra a autoridade real. Mas se, depois da sua partida, se levantassem suspeitas, seria preferível não comprometer em nada a velhota e o almocreve seu filho. Tomou a decisão de se dirigir a pé até à costa e, uma vez aí, arranjar maneira de embarcar.

Na véspera da partida, trocou pela última vez algumas palavras com Cipriano, que encontrou a cantarolar na oficina. O jovem tinha

um ar de tranquila satisfação que o exasperou:—Folgo em pensar que renunciaste aos prazeres, ao menos neste período de luto—observou-lhe ele, sem mais preâmbulos.

— Cipriano não se importa já com assembleias nocturnas disse o jovem, com aquela mania infantil que tinha de falar de si mesmo como se de outro se tratasse.

— Ele encontra-se a sós com a Bela, e em pleno dia.

Não se fez muito rogado para explicar que descobrira, ao longo do canal, um jardim abandonado cujo portão havia forçado e aonde Idelette vinha, às vezes, encontrar-se com ele. A mulata vigiava, escondida atrás de um muro.

— Já pensaste em acautelar a Bela? A vossa vida pode depender de uma conversa de puérpera.

— Os Anjos não concebem nem têm filhos—disse Cipriano, com o tom falsamente seguro de quem recita fórmulas decoradas.

— Ah! Deixa-te dessa linguagem de beguino—gritou-lhe o médico, irritado.

Na noite anterior à sua saída da cidade, ceou, como muitas vezes fazia, com o organista e a esposa deste. Após a refeição, levou-o, como de costume, o organista a ouvir os trechos que Iria tocar no domingo seguinte, ao órgão de São Donaciano. O ar contido nos tubos sonoros difundia-se pela nave vazia, com mais harmonia e violência do que qualquer voz humana. Deitado, pela última vez, na cama da sua cela de São Cosme, toda a noite repetiu Zenão um motete de Rolando de Lassus, à mistura com projectos para o futuro. Era inútil partir muito cedo, pois que as portas da cidade só abriam ao nascer do Sol. Deixou um bilhete escrito explicando que um amigo seu, tendo adoecido numa localidade vizinha, o havia chamado de urgência, devendo, certamente, estar de volta dentro, quando muito, de uma semana. Era necessário precaver-se para um possível regresso.

Quando cautelosamente se escapou do hospício, já na rua despontava uma alvorada cinzenta e estival.

O pasteleiro, que abria àquela hora as portas da loja, foi o único a vê-lo sair.

A caminhada pela duna

Chegou à Porta de Damme no momento em que erguiam as grades e estendiam a ponte levadiça. Os guardas saudaram-no com delicadeza; estavam habituados a essas saídas matinais do herborista; o embrulho que levava não atraiu as atenções.

Caminhava ao longo do canal em passo rápido; era a hora em que os hortelões entravam na cidade para vender os seus legumes; muitos deles, que o conheciam, desejaram-lhe boa sorte; um homem que tencionava ir ao hospício para se tratar de uma hérnia ficou aflito ao saber que o médico se ausentava; o senhor Théus assegurou-lhe que estaria de volta no fim da semana, conquanto tal mentira lhe tenha sido difícil de dizer.

Tinha à sua frente uma daquelas belas manhãs em que o Sol penetra a pouco e pouco a bruma. Um bem-estar tão activo, que quase era alegria, inundava o caminhante. Parecia bastante para o fazer atirar para trás das costas as angústias e cuidados que o haviam agitado nas últimas semanas, caminhar assim, com passo firme, rumo a qualquer ponto da costa onde pudesse encontrar uma barca. O alvorecer enterrava os mortos; o ar livre dissipava o delírio. A uma légua de distância, Bruges parecia-lhe situar-se num outro século ou numa outra esfera.

Admirava-se como consentira em deixar-se aprisionar, durante cerca de seis anos, no hospício de São Cosme, mergulhado numa rotina conventual bem pior que o estado de homem de Igreja que,

aos vinte anos, lhe parecia horroroso, dando a pequenas intrigas e a escândalos, inevitáveis num meio assim fechado, tão exagerada importância.

Quase lhe parecia um insulto às infinitas possibilidades da existência ter por tanto tempo renunciado ao mundo aberto de par em par. A actividade do espírito, abrindo caminho ao invés de tudo, podia, por certo, levar a sublimes profundidades, mas tornava impossível o verdadeiro exercício de existir. Alienava, durante muito tempo, a felicidade de seguir a direito no preciso momento, deixando-se comandar pelo fortuito sem nunca saber onde dormir à noite, nem como ganhar o pão dali a oito dias. A mudança era um renascimento, como que uma metempsicose. O movimento alternado das pernas bastava para lhe contentar a alma. Os olhos limitavam-se a encaminhá-lo, gozando, ao mesmo tempo, da bela verdura da erva. O ouvido escutava com satisfação o relinchar de um potro que galopava ao longo de uma sebe espinhosa ou o insignificante ranger de uma carroça. Da partida nascia uma total liberdade.

Aproximava-se agora do burgo de Damme, o antigo porto de Bruges, onde, antigamente, antes do assoreamento da costa, abordavam os grandes navios vindos do ultramar. Esses tempos de actividade haviam passado; onde outrora se desembarcava fardos de lã, pastavam agora as vacas. Zenão recordava-se de ter ouvido o engenheiro Blondeel suplicar a Henrique Justo o adiantamento de parte dos fundos necessários para obstar à invasão das areias; e esse ricaço de vistas curtas repelir o homem hábil que poderia ter salvo a cidade.

Nunca aquela gente avarenta procedia de maneira diferente.

Deteve-se na praça para comprar um bocado de pão. As casas burguesas entreabriam as portas. Uma matrona de cor-de-rosa e branco, por sob uma graciosa touca, soltou um cãozinho que se afastou alegremente a farejar a relva, antes de estacar, por

momentos, na atitude contrita dos cães que se aliviam, para logo continuar com os seus pulos e brincadeiras. Um bando de crianças chilreantes dirigiam-se à escola, graciosas e alegres como pintarroxos, com seus fatos garridos. Eram, no entanto, súbditos do rei de Espanha, que ainda um dia haviam de partir a cabeça àqueles tratantes dos franceses. Passou um gato, de regresso a casa; pendiam-lhe da boca as duas patas de um pássaro. Um cheiro bom a mesa e a banha evolava-se da loja de um assador, misturado com o odor insípido de um matadouro próximo; a dona lavava um tacho sujo de sangue. A costumada força das execuções erguia-se fora do burgo, sobre um outeiro verdejante; mas o corpo ali dependurado estava há tanto tempo exposto à chuva, ao vento e ao sol que quase parecia ter adquirido a doçura das velhas coisas deixadas ao abandono; a brisa brincava amigavelmente com os farrapos desmaiados do cadáver. Um grupo de besteiros saía a caçar tordos; eram burgueses satisfeitos que, em conversa amena, davam palmadas nas costas uns dos outros; traziam, todos eles, a tiracolo, a bolsa que não tardaria a albergar aqueles pedaços de vida que momentos antes ainda cantavam no alto céu. Zenão estugou o passo. Durante largo tempo caminhou sozinho por um caminho que dividia dois campos de pastagem. O mundo inteiro parecia-lhe simplesmente composto de céu claro e erva verde, prenhe de seiva, no mesmo constante movimento das ondas rasteiras. Evocou por momentos o conceito alquímico da viriditas, o inocente germinar do ser que força tranquilamente a própria natureza das coisas, fio de vida em estado puro; mas breve deixou de lado essas noções para se entregar totalmente à simplicidade da manhã.

Ao fim de um quarto de hora, juntou-se a um capelista que, com a sua bolsa, caminhava mais à frente; saudaram-se; queixava-se o homem de que o comércio ia mal, dado que muitas aldeias do interior haviam sido pilhadas pela soldadesca. Aqui, pelo menos, tudo estava calmo; não sucedia grande coisa. Continuando no seu

caminho, ficou Zenão de novo só. Cerca do meio-dia, sentou-se para comer o pão, num talude de onde já se avistava a linha cinzenta do mar.

Um caminhante munido de um grande bordão veio sentar-se ao pé dele. Era um cego, que do seu alforge tirava também qualquer coisa para quebrar o jejum.

O médico admirou a habilidade com que aquele homem de olhos brancos se desembaraçou da gaita-de-foles que trazia ao ombro, desatando a correia e pousando delicadamente o instrumento sobre a relva. O cego felicitava-se por o dia estar tão bom. Ganhava a vida fazendo dançar os rapazes e raparigas na estalagem ou nos pátios das quintas; nessa noite ia dormir a Heyst, aonde no domingo tocaria; seguiria depois para os lados de Sluys: graças a Deus, havia sempre juventude bastante de quem auferir lucro e mesmo, às vezes, prazer.

Mynheer talvez não acreditasse, mas havia mulheres que gostavam de cegos: não tinha nada que lamentar-se da desdita de já não ver. Como muitos outros cegos, também este usava e abusava da palavra ver: via que Zenão era um homem na força da idade e que tinha educação; via que o Sol estava ainda a meio do céu; via que quem ia a passar numa vereda por detrás deles era uma mulher meio doente transportando uma canga de onde pendiam dois baldes. Nem tudo, porém, era falso nessas gabarolices: foi ele quem primeiro se apercebeu do deslizar de uma cobra por entre a erva. Chegou mesmo a tentar matar com o pau o repugnante animal. Zenão deixou-o, depois de lhe ter feito a esmola de um liarde e afastou-se no meio de ruidosas bênçãos.

O caminho contornava uma quinta; era a única, na região, onde se pressentia já, por baixo dos pés, o ranger da areia. A propriedade tinha bom aspecto, com as suas terras separadas por sebes de aveleiras, o muro ao longo de um canal, o seu pátio sombreado por uma tília, onde a mulher que trazia a canga descansava, estendida

num banco, com as selhas ao lado. Zenão ainda hesitou, mas logo prosseguiu no seu caminho. Este sítio, conhecido por Oudebrugge, pertencera aos Ligre; possivelmente ainda se achava na posse da família.

Cinquenta anos atrás, sua mãe e Simão Adriansen, pouco antes de se casarem, tinham ido receber, para Henrique justo, a renda da terra; aquela visita havia sido uma festa de prazer. Sua mãe sentara-se à beira do canal, deixando pender, dentro de água, os pés descalços, que, vistos assim, pareciam ainda mais brancos. Ao comer, Simão deixava cair migalhas na barba grisalha. A jovem mulher descascara, para a criança, um ovo cozido, dando-lhe depois a preciosa casca. Consistia o jogo em correr ao sabor do vento, sobre as dunas próximas, conservando na palma da mão aquele objecto que, de tão leve, fugia e voava à sua frente, para logo pousar por instantes, como se fosse um pássaro, de modo que era preciso estar constantemente a tentar apanhá-lo, numa corrida complicada por inúmeras curvas interrompidas e rectas quebradas. Parecia-lhe, por vezes, ter, toda a vida, jogado aquele' jogo.

Avançava agora mais devagar num solo mais movediço. O caminho ora subia ora descia através das dunas, apenas demarcado por uns carreiros abertos na areia.

Cruzou-se com dois soldados que por certo faziam parte da guarnição de Sluys, e felicitou-se por estar armado, pois todo o soldado encontrado em lugar deserto facilmente se transforma num bandido. Contentaram-se, porém, em resmungar uma saudação tudesca, parecendo ficar todos satisfeitos quando ele lhes respondeu na mesma língua. Do alto de uma encosta, divisou, enfim, a aldeia de Heyst, com a sua paliçada ao abrigo da qual estavam ancorados três ou quatro barcos. Aquele lugarejo à beira do oceano tinha, em miniatura, todas as comodidades essenciais das grandes cidades: um mercado, que servia de lota para o peixe, uma igreja, um largo com uma força, casas baixas e celeiros altos.

A estalagem XA Linda Pombinha, que Josse lhe indicara como servindo de ponto de concentração dos fugitivos, era um casebre situado junto às dunas, com um pombal onde haviam espetado uma vassoura, à guisa de distintivo, para dar a entender que aquela reles hospedaria era também um rústico bordel. Em semelhante lugar, era preciso cuidado com as bagagens e com o dinheiro que tinha em seu poder.

Por entre os lúpulos do jardimzinho, um cliente, já bem bebido, vomitava a sua cerveja. Uma mulher gritou qualquer coisa ao bêbedo, através de um postigo do primeiro andar, e metendo, depois, para dentro a cabeça desgrenhada, foi sem dúvida dormir sozinha uma boa soneca. Josse passara-lhe a palavra de senha que já um amigo lhe havia transmitido. O filósofo entrou e saudou toda a gente. A sala comum estava enfumarada e negra como um subterrâneo. Acocorada em frente da lareira, a patroa fazia uma omeleta, ajudada por um rapazito que dava aos foles. Zenão sentou-se a uma mesa e disse, constrangido por ter, qual actor sobre um estrado de feira, de debitar uma frase feita: Quem quer o fim...

... quer os meios—completou a mulher, voltando-se. De onde vindes?

— Foi o Josse quem me mandou.

— Não nos manda pouca gente!—observou a patroa com uma grande piscadela de olho.

— Não vos enganeis a meu respeito—disse, inquieto, o filósofo, por ver ao fundo da sala um sargento de gorro emplumado, a esvaziar um copo.—Estou em regra.

— Então que pretendeis daqui?—protestou a bela hospedeira.— Não vos inquieteis com Milo—continuou, apontando para o soldado.—É o namorado da minha irmã, está de acordo. Quereis comer alguma coisa?

Era uma pergunta que mais parecia uma ordem. Zenão aceitou comer qualquer coisa. A omeleta era para o sargento; numa

escudela, a hospedeira trouxe-lhe um guisado sofrível. A cerveja era boa. Acontecia que o soldado era albanês e que havia transposto os Alpes nas tropas da retaguarda do duque. Falava um flamengo à mistura com italiano, que a hospedeira parecia dominar sem dificuldade. Lamentava-se de ter tremido de frio todo o Inverno, sem os lucros serem o que se dizia no Plemonte, pois os luteranos que havia para pilhar e espoliar não eram assim tantos como afirmavam no intuito de aliciar soldados.

— É sempre assim—disse a hospedeira, como que a querer consolá-lo.—Nunca se ganha tanto como as pessoas pensam que se ganha. Mariken!

Manken desceu, com o xale pela cabeça. Sentou-se ao lado do sargento. Comiam com a mão, de um mesmo prato. Ela metia-lhe na boca os bons pedaços de toucinho que tirava da omeleta. O moço dos foles desaparecera.

Zenão pôs de lado a escudela e fez menção de pagar.

— Porquê tanta pressa?—disse com ar negligente a hospedeira.—O meu marido e Niclas Bambeke não tardam aí parajantar. No mar, aqueles pobres comem sempre tudo frio!

— Preferia ir já ver a barca.

— São vinte liardes da carne, cinco da cerveja e cinco ducados do salvo-conduto do sargento—explicou ela delicadamente. A cama é à parte. Não se fazem à vela antes de amanhã de manhã.

— Tenho já aqui o meu salvo-conduto—protestou o viajante.

— Não há salvo-conduto se Milo não estiver contente replicou a patroa.—Aqui, o rei Filipe é ele.

— Ainda não disse que ia embarcar—objectou Zenão.

— Não regateiem mais!—vociferou o albanês, lá do fundo. Não estou para me derrear dia e noite na paliçada, a ver quem parte e quem não parte.

Zenão pagou o que lhe pediram. Tomara a precaução de meter na bolsa apenas o dinheiro suficiente para ninguém pensar que

possuía mais.

— Como se chama o barco?

— Tal e qual como isto—disse a hospedeira. -A Linda Poinbinha. Não se teria ele enganado, Manken?

— Acho que não. Com Os Quatro Ventos poderiam perder-se no nevoeiro e ir ter directamente a Vilvorde.

A piada divertiu imenso as duas moças, e até o albanês a entendeu o bastante para se rir às gargalhadas. Vilvorde era um sítio no interior da região.

— Pode deixar aqui os embrulhos—foi dizendo com bom humor a hospedeira.

- Prefiro levá-los já para o barco—redarguiu Zenão.

— Este não confia—disse, escarninha, Mariken, enquanto ele saía.

Por pouco não chocou, na soleira da porta, com o cego que vinha pôr a bailar a gente nova. O cego reconheceu-o e saudou-o obsequiosamente.

No caminho que ia dar ao porto, encontrou um pelotão de soldados, que se dirigiam à hospedaria. Um deles perguntou-lhe se vinha XA Linda Pombinha, e, perante a sua resposta afirmativa, deixaram-no passar. Milo era, sem dúvida, o senhor daquelas paragens.

A Linda Pombinha marítima era uma barça bastante grande, de quilha redonda, que, na maré baixa, pousava na areia. Zenão pôde aproximar-se dela quase a pé enxuto. Havia dois homens a trabalhar nas reparações, assim como o moço que antes estava na taberna a manobrar os foles; um cão corria por entre montes de cordame. Um pouco mais adiante, num charco, uma massa ensanguentada de cabeças e rabos de arenques provava que já haviam levado dali o produto de pesca. Ao ver aproximar-se o viajante, um dos homens desceu a terra.

— Sou eu o Jans Bruyme—disse.—O Josse remete-vos para Inglaterra? É preciso que se saiba quanto quereis pagar.

Zenão compreendeu que tinham mandado o garoto a avisá-los. Deviam ter estado a especular sobre o seu grau de opulência.

— Josse falou-me de dezasseis ducados.

— Quando se trata de muita gente, senhor. Aqui há uns dias eram onze pessoas.

Mais de onze, não pode ser. Dezasseis ducados por luterano, daria cento e setenta e seis. Não digo que, para um só homem...

— Não pertenço à religião reformada—interrompeu o filósofo.— Tenho, em Londres, uma irmã casada com um negociante...

— Têm-nos aparecido muitas irmãs dessas—disse, por escárnio, Jans Bruyme.

— É bonito ver pessoas arriscarem-se a enjoar para poderem ir abraçar a família.

— Dizei-me o vosso preço—insistiu o médico.

— Valha-me Deus, senhor, eu não quero contrariar-vos nessa vossa viagem a Inglaterra. A mim, uma viagem dessas não me agrada. Como estamos, por assim dizer, em guerra...

- Ainda não—atalhou o filósofo, acariciando a cabeça do cão que seguira o dono pela praia fora.

— Não é merda, mas caga-a o cão—sentenciou Jans Bruynie. A viagem é permitida, porque ainda não foi proibida, mas não é totalmente permitida. No tempo da rainha Maria, esposa de Filipe, corria tudo bem, se me dais licença; queimavam-se os heréticos como aqui. Agora, está tudo pior: a rainha é bastarda e faz nenês às escondidas. Diz que é virgem, mas isso é só para fazer pirraça a Nossa Senhora. Estripam-se, por lá, os padres e caga-se nos vasos sagrados.

Não é nada bonito. Por mim, prefiro pescar junto à costa.

— Pode-se pescar também no mar alto—disse Zenão.

— Quando se anda a pescar, volta-se para terra quando se quer; mas, se for a Inglaterra, é uma viagem que demora... Ora há vento, ora calma... E se viessem curiosos meter-se no meu carregamento:

caça grossa à partida e à chegada. Uma vez—acrescentou ele, baixando a voz—até cheguei a trazer pólvora de espingarda para o senhor de Nassau. Não era lá muito agradável viajar nesta casquinha de noz.

— Há outros barcos—disse o filósofo, com ar negligente.

— Veremos, senhor. O Santa Bárbara, que trabalha geralmente connosco, está avariado: não há nada a fazer; o São Bonifácio teve umas chatices... Andam barcos no mar, é certo, mas só o diabo sabe quando voltarão... Se não tendes pressa, podeis ir ver a Blankenberghe ou a Weenduyne, mas haveis de encontrar os mesmos preços que aqui.

— E aquele—perguntou Zenão, apontando para uma embarcação mais leve, dentro da qual um homenzito, placidamente sentado na popa, cozinhava a sua comida.

— Os Quatro Ventos? Ide nele, se o coração vos aconselha disse Jans Bruynie.

Zenão reflectia, sentado em cima de um barril abandonado. O focinho do cão repousava-lhe nos joelhos.

— Em todo o caso, partis de madrugada?

— Para a pesca, meu bom senhor, para a pesca; mas se dispondes, vamos lá, de cinquenta ducados...

— Tenho quarenta—propôs, com decisão, Sebastião Théus.

— Sejam quarenta e cinco! Não quero explorar um cliente. Se não tendes nada mais urgente a fazer do que ir ver a vossa irmã a Londres, porque não vos deixais ficar mais dois ou três dias na Porribinha?

A toda a hora chegam fugitivos com o fogo no rabo... Assim, pagaríeis apenas a vossa quota-parte.

— Prefiro partir sem esperar.

— Acredito... E é preferível, porque, supondo que o vento muda... Puseste-vos em ordem com o passarão que elas lá têm na estalagem?

— Se vos referis aos cinco ducados que me extorquiram...

— Isso não são contas do nosso rosário—disse com desdém Jans Bruynie.—As mulheres lá se avêm com ele de modo a não termos chatices em terra firme! Eli!

Niclas—gritou ele para o camarada—é este o passageiro!

Um homem grisalho, de grande envergadura, emergiu de uma escotilha:—É o Niclas Bambeke—declarou o patrão.—Há também Michel Stottens, mas foi cear a casa. Não quer ir comer connosco à Pombinha? Deixe já aqui os embrulhos.

— Preciso deles para de noite—disse o médico, segurando o saco de que Jans procurava apoderar-se.—Sou cirurgião e tenho aqui os meus utensílios—acrescentou ele, para explicar o peso do saco que, de outra forma, poderia dar lugar a conjecturas.

— O senhor cirurgião proveu-se também com armas de fogo—disse sarcasticamente o patrão, olhando de soslaio as coronhas de metal que sobressaíam dos bolsos do médico.

— É de pessoa prudente—disse Niclas Bambeke, saltando do barco.—Mesmo no mar se encontra gente reles.

Zenão seguiu-lhes na peugada, de volta à estalagem. Uma vez chegado à esquina do mercado, cortou para outro lado, fazendo-lhes crer que se tratava apenas de ir verter águas. Os dois homens continuaram a andar, discutindo animadamente qualquer coisa, sempre escoltados pelo cão e pelo rapaz, que corriam em ziguezagues. Zenão contornou o mercado e em breve se viu de novo na praia.

Anoitecia. A duzentos passos, uma capela meio desmoronada emergia da areia.

Olhou lá para dentro. Um charco de água deixado pela última maré cheia enchia a nave, onde havia estátuas carcomidas pelo sal. Se fosse o prior, por certo se teria ali recolhido e rezado. Zenão instalou-se no pórtico, com a cabeça apoiada na sacola.

Viam-se, à direita, os cascos escuros dos barcos, e uma lanterna acesa na popa do Quatro Ventos. O viajante pôs-se a pensar no que iria fazer em Inglaterra.

A primeira coisa seria evitar ser tido como espião papista a fingir de refugiado. Imaginou-se a vaguear pelas ruas de Londres, procurando um posto de cirurgião da armada ou, então, em casa de um médico, um lugar análogo ao que ocupara junto de João Myers. Não sabia falar inglês, mas uma língua depressa se aprende, além de que, com o latim, sempre se vai longe. Com um pouco de sorte, podia ser que se empregasse em casa de um grande senhor curioso de afrodisíacos ou de remédios para a sua gota. Já estava habituado a salários generosos, embora nem sempre pagos, do lugar à cabeceira, quando não ao fundo da mesa, conforme o humor que, nesse dia, tivesse milorde ou sua alteza; assim como às discussões com os médicos locais, sempre hostis ao charlatão estrangeiro. Quer em Irinsbruck, quer noutros sítios, sempre isso fora de uso... Teria de lembrar-se, também, de nunca falar do papa sem desprezo, tal como sucedia aqui com Calvino, e achar ridículo o rei Filipe, como na Flandres o era a rainha de Inglaterra.

A lanterna do Quatro Ventos aproximava-se, balançando na mão de um caminhante. Pequeno e calvo, o patrão do barco parou diante de Zenão, que se soergueu.

— Vi o senhor deitar-se aqui no pórtico, para descansar. A minha casa é aqui perto; se sua senhoria teme o relento...

— Estou bem onde estou—disse Zenão.

— Se não é ser muito curioso, posso perguntar a sua senhoria quanto lhe levam eles da viagem até Inglaterra?

— Deveis saber os preços deles.

— Não é que eu os censure, saiba vossa senhoria. A estação é curta: depois dos Santos, deve o senhor saber que nem sempre é cómodo fazer-se à vela. Mas que ao menos sejam honestos... Certamente não julgais que, por esse preço, vos vão levar até

Yarmouth? Não, meu senhor; mudam-vos, no alto mar, para os pescadores de lá, a quem tendes de pagar outro preço diferente.

— É um método como outro qualquer disse, distraído, o viajante.

— Não pensastes ainda, senhor, que não é sensato, para um homem que já não é novo, partir assim em companhia de três tratantes?

Uma pancada com um remo dá-se sem custo. Vendem depois o fato aos ingleses, e foi um ar que lhe deu!

— Vindes propor-me levar-me a Inglaterra no Quatro Ventos?

— Não, meu senhor, o meu barco não tem envergadura para tal. Até a Frísia fica demasiado longe.

Mas, se se trata de mudar de ares, bem deve o senhor saber que a Zelândia está, por assim dizer, fora da alçada real. Está cheia de "Mendigos", desde que o senhor de Nassau contratou o capitão Sormoy.. Conheço as quintas aonde se abastecem os senhores Sormoy e de Dolhain... Qual é a profissão de vossa senhoria?

— Trato os meus sernêlhantes— disse o médico.

— Nas fragatas desses fidalgos, terá o senhor ocasião de tratar belos golpes e lindas feridas. E pomo-nos lá em poucas horas, se soubermos aproveitar o vento. Pode-se partir antes da meia-noite; o Quatro Ventos não necessita de muita água.

— Como vos vereis livre das patrulhas de Sluys?

— Conheço gente, senhor. Tenho amigos. Mas sua senhoria terá que despir esse belo fato e vestir-se de pobre marinheiro... Se por acaso alguém viesse a bordo...

— Não me indicastes ainda o vosso preço.

— Quinze ducados seria demasiado para vossa senhoria?

— O preço é modesto. Estais certo de que no escuro não ireis dar a Vilverde?

O homenzito calvo fez uma carranca dos diabos.

— Calvinista maldito! Matador da Santíssima Virgem. Foi A Linda Pombinha que te convenceu disso?

— Estou só a repetir o que me disseram—respondeu Zenão, laconicamente.

Gritando juras, o homem foi-se embora. Dez passos mais à frente, voltou-se, bandeando a lanterna. O seu rosto furioso tornara-se servil.

— Estou a ver que sabeis as novas, senhor—disse, com humildade—mas nem sempre se lhes deve dar ouvidos. Vossa senhoria me desculpará de ter sido um tanto atrevido, mas é que eu nada tenho a ver, absolutamente nada, com a arrestação do senhor de Battenbourg. Nem ele era, sequer, um piloto daqui...

Além de que não pode haver comparação quanto ao lucro: o senhor de Battenbourg era um bom partido... Ficaré o senhor em tão grande segurança no meu barco como se fora em casa de sua santa mãe...

- Basta. A vossa barca pode fazer-se à vela por volta da meia-noite; posso mudar de fato em vossa casa, aqui ao lado, e o vosso preço será de quinze ducados. Deixai-me em paz.

O homenzinho não era, porém, daqueles que se desencorajam facilmente. Só obedeceu depois de certificar a sua senhoria que, no caso de vir a ressentir-se da fadiga, poderia refazer-se em sua casa, por pouco dinheiro, e só partir na noite seguinte. O capitão Milo fecharia os olhos; não estava casado com Jans Bruyme. Uma vez sozinho, perguntou-se Zenão a si mesmo como era possível haver tratado tão devotadamente aqueles tratantes, quando eles estavam doentes, se agora, que gozavam de boa saúde, de bom grado os mataria. Assim que a lanterna voltou ao seu lugar, na popa do Quatro Ventos, ergueu-se. A noite escura ocultava-lhe os movimentos. Andou devagar um quarto de légua em direcção a Weenduyne, com o saco debaixo do braço. Decerto lhe aconteceria o mesmo em qualquer outro sítio. Era impossível destrinçar qual dos dois farsantes mentia, ou se, por acaso, ambos falavam verdade. Possivelmente mentiam os dois, e aquilo não passava muito

simplesmente de uma rivalidade de miseráveis. Quem quisesse que o decidisse.

Uma duna ocultava-lhe as luzes de Heyst, que todavia se achava a pouca distância. Procurou uma cova abrigada da brisa e assaz distante da linha da maré alta que se adivinhava, mesmo no escuro, pela humidade da areia. A noite de Verão estava tépida. De madrugada teria tempo de reflectir. Estendeu o casaco por cima de si. A bruma escondia as estrelas, excepto Vega, próxima do zénite. O mar fazia ouvir o seu perpétuo rumor. Caiu num sono profundo.

O frio acordou-o, antes da alva. Pálida claridade envolvia o céu e as dunas.

A maré alta quase lhe lambia os sapatos. Tiritava de frio, mas de um frio que anunciava já um belo dia de Verão. Esfregando devagar as pernas, entorpecidas pela imobilidade nocturna, via o mar informe conceber as ondas, que logo se desfaziam. Aquele rumor, que perdura desde o princípio do mundo, continuava, incessantemente. Escorreu, por entre os dedos, um punhado de areia. Calculus com esta fuga de átomos principiava e findava toda e qualquer cogitação sobre os números. Para esmigalhar uma rocha até àquele ponto, seriam necessários muito mais séculos do que dias havia nas histórias da Bíblia. Desde a sua juventude que as meditações dos filósofos antigos lhe haviam ensinado a desprezar esses míseros seis mil anos que são tudo quanto judeus e cristãos acedem em conhecer da venerável antiguidade do mundo, que eles medem pela curta duração da memória humana. Uns camponeses de Dranoutre haviam-lhe mostrado, nas turfeiras, enormes troncos de árvores que eles imaginavam terem sido transportados até ali pelas cheias do Dilúvio, mas a verdade é que houvera mais inundações do que aquela a que vinha apensa a história de um patriarca apreciador de vinho, da mesma forma que houvera outras destruições pelo fogo além da grotesca catástrofe de Sodoma. Darazi falara de iheriades de séculos, os quais mais não são do que um

tempo, apenas, de uma respiração infinita. Zenão calculou que, em vinte e quatro de Fevereiro próximo, completaria, se ainda fosse vivo, cinquenta e nove anos. Mas sucedia, com esses onze ou doze lustros, o mesmo que com este punhado de areia: deles emanava a vertigem dos grandes números.

Durante mais de um milhão e meio de instantes, deambulava ele sobre a terra, enquanto Vega se aproximava do zénite, e o mar rumorejava em todas as praias do mundo. Cinquenta e oito vezes vira ele a erva da Primavera e a plenitude do Verão. Pouco importava que um homem com essa idade fosse vivo ou morto.

Já o sol queimava quando, do alto de uma duna, viu A Linda Pombinha desfraldar a vela e fazer-se ao mar. O tempo estava de feição para a travessia. O pesado barco afastava-se mais depressa do que se poderia supor. De novo Zenão se aninhou na cova de areia, deixando que o calor lhe retirasse do corpo todo o vestígio de cansaço nocturno, e, contemplando o seu sangue vermelho através das pálpebras cerradas, media o seu destino como se do de outrem se tratasse.

Armado como estava, podia forçar o tratante que estava sentado a bordo do Quatro Ventos a desembarcá-lo numa praia apenas frequentada por Mendigos do Mar; era também capaz de lhe estoirar a cabeça com uma bala se ele se atrevesse a acostar a algum navio do rei. Havia-se servido, sem escrúpulo, daquele mesmo par de pistolas para dar cabo de um tal Arnaut que outrora o havia assaltado na floresta búlgara; da mesma forma que, após ter feito abortar a cilada de Perrotin, se sentira mais homem. Contudo, a ideia de estoirar com os miolos àquele maroto afigurava-se-lhe hoje completamente de rejeitar. A ideia de ir juntar-se, na condição de cirurgião, às guarnições dos senhores de Sonnoy e de Dolhain, era boa; para esse lado encaminhara ele Han, nos tempos em que esses patriotas semipiratas não tinham ainda a autoridade e os recursos que acabavam de conquistar graças aos últimos distúrbios. Um lugar

junto de Maurício de Nassau não seria de excluir: este fidalgo necessitava, por certo, de mais homens do ofício para o servirem. Essa vida de guerrilheiro ou de pirata não era muito diferente da que havia vivido nos exércitos da Polónia ou na marinha turca. Na pior das hipóteses, poderia trabalhar, por algum tempo, com o cautério e o escalpelo nas tropas do duque.

E, no momento em que a guerra lhe trouxesse sobressaltos, restava-lhe a esperança de atingir a pé qualquer recanto da Terra onde não reinasse ainda o mais feroz de todos os humanos disparates. Nada disto era impossível de fazer. Mas também devia pensar que, ao fim e ao cabo, talvez em Bruges nunca viesse a ser inquietado.

Bocejou. Essas alternativas deixaram de o interessar. Descalçou os sapatos cheios de areia e, com satisfação, enterrou os pés na areia quente e fluida, procurando e encontrando, lá no fundo, a frescura marítima. Despiu as roupas, pôs-lhes, à cautela, a bagagem em cima, juntamente com os pesados sapatos, e avançou para o mar. Já a maré baixava; com água até ao meio da perna, atravessou os charcos reluzentes e expôs-se ao movimento das ondas.

Nu e só, os factos, tal como as roupas, caíam por terra. Transformava-se naquele Adam Cadmon dos filósofos herméticos, situado no âmago das coisas, onde se elucida e profere o que, em qualquer outra parte, permanece infuso e indizível.

Nada nesta imensidão tinha nome: absteve-se de pensar que aquela ave que pescava, ao sabor da crista das ondas, era uma gaivota, e que o estrando animal que mexia, no meio de uma poça de água, os braços tão diferentes dos do homem, era uma estrela-do-mar. A maré continuava a baixar, deixando atrás de si conchas, de espirais tão perfeitas como as de Arquimedes; o Sol erguia-se insensivelmente, diminuindo aquela sombra humana sobre a areia. Possuído de uma reverente ideia que lhe teria valido a morte em qualquer praça pública de Maomet ou de Cristo, pensou que os

símbolos mais adequados do conjectural Bem Supremo eram estes, absurdamente tidos na conta dos mais idólatras; e que aquele globo incandescente era o único Deus visível para as criaturas, que, sem ele, pereceriam. Da mesma forma que o mais verdadeiro dos Anjos, era esta gaivota dotada, mais do que os Serafins e os Tronos, da evidência de existir. Neste mundo sem fantasmas, até a ferocidade era pura: o peixe que se remexia na água não passaria, dentro em pouco, de uma presa a sangrar no bico da ave pescadora, sem que fosse preciso à ave dar maus pretextos para a sua fome. A raposa e a lebre, a esperteza e o medo, habitavam a duna em que ele dormira, sem o caçador jamais se interrogar sobre leis promulgadas outrora por alguma raposa manhosa, ou recebidas de algum deus-raposa; a vítima também não via nisso o castigo dos seus crimes e, ao morrer, não protestava fidelidade ao seu príncipe. A violência das vagas era isenta de cólera. A morte, que entre os homens é coisa obscena, era limpa, no meio desta solidão. Um passo mais para além desse limite entre o fluido e o líquido, entre a areia e a água, e o impulso de uma onda mais forte que as outras far-lhe-ia perder o pé; esta agonia tão breve e sem testemunhas era quase a morte. Talvez um dia ele viesse a lamentar esse fim. Mas tal hipótese, tal como os projectos da Inglaterra ou da Zelândia, originados por pavores da véspera ou perigos futuros, agora distantes, neste momento sem sombras, não passava de meros planos impostos ao espírito, e não de uma necessidade que se impunha ao ser. A hora do passamento não soara ainda.

Voltou para trás, em busca do fato, que teve uma certa dificuldade em encontrar, coberto como estava por uma leve camada de areia. O retrocesso do mar havia, em pouco tempo, mudado as distâncias. O sinal dos seus pés sobre a areia húmida fora já tragado pelas ondas; na areia seca, era o vento que apagava todos os vestígios. O corpo lavado esquecera toda a fadiga. Uma outra manhã passada à beira-mar vinha ajustar-se perfeitamente a esta, como se

este breve interlúdio de areia e água durasse há dez anos: durante a sua estada em Lubeque, dirigira-se à embocadura do Trave com o filho do ourives, para colher o âmbar báltico. Até os cavalos se haviam banhado; libertados das selas e das gualdrapas, molhados pela água do mar, tornavam-se criaturas vivas em si mesmas, em vez das vulgares e pacíficas montadas. Um dos fragmentos de âmbar continha um insecto aprisionado na sua resina; olhara, como que através de uma vigia, para aquele animalejo emparedado numa idade da terra para si inacessível.

Sacudiu a cabeça como quem enxota uma abelha importuna: revivia agora, frequentemente, momentos do seu próprio passado, não para lamentar-se, ou sequer por nostalgia, mas porque os tabiques do tempo pareciam ter-se desfeito. Aquele dia em Travemunde estava aprisionado na sua memória como uma matéria quase imperecível, relíquia de um tempo em que fora bom ter vivido.

Se vivesse mais dez anos, talvez sucedesse o mesmo com o dia de hoje.

Revestiu, de mau grado, a carapaça humana. Um resto de pão do dia anterior e o cantil meio de água de uma cisterna recordaram-lhe que, até ao fim, a sua viagem se faria por entre os homens. Teria que se acautelar com eles, sem deixar, contudo, de receber os seus serviços ou de lhes oferecer os dele.

Equilibrou o saco no ombro e pendurou, pelos atacadores, os sapatos à cintura, para ter o prazer de andar descalço mais algum tempo. Afastando-se de Fleyst, que se lhe apresentava como uma úlcera sobre a bela pele da areia, seguiu pelas dunas.

Do alto do outeiro mais próximo, voltou-se para contemplar o mar. O Quatro Ventos continuava estacionado sob a paliçada; outros barcos se haviam aproximado do porto. Uma vela, no horizonte, tinha a pureza de uma asa; talvez fosse o barco de Jans Bruynie.

Andou cerca de uma hora, sempre arredado dos caminhos traçados. Numa espécie de valado entre dois montículos semeados de ervas aceradas, viu dirigir-se para ele um grupo de seis pessoas: um velho, uma mulher, dois homens de idade madura e dois rapazes armados de paus. O velho e as duas mulheres avançavam com dificuldade por entre os socalcos. Todos eles vestiam à moda dos burgueses da cidade. Aquela gente tinha o ar de querer seguir o seu caminho sem chamar a atenção. Responderam, porém, quando ele se lhes dirigiu, tranquilizados pelo interesse daquele amável viandante que falava francês.

Os dois jovens vinham de Bruxelas; eram patriotas católicos que procuravam juntar-se às tropas do príncipe de Orange. O outro grupo era calvinista; o velho era um mestre-escola de Toumai em fuga para Inglaterra, na companhia de seus dois filhos; a mulher que com um lenço lhe limpava a fronte era sua nora. O longo caminho a pé era mais do que o pobre velho podia suportar; sentou-se uns momentos na areia, a tomar fôlego; os outros rodearam-no.

Tinha-se aquela família reunido, em Eeclo, aos dois jovens burgueses de Bruxelas: o mesmo perigo e a mesma fuga tornavam companheiros pessoas que, noutras circunstâncias, seriam inimigos. Os jovens falavam com admiração do senhor de La Mark, que jurara deixar crescer a barba até ao dia em que os condes fossem vingados; tinha, com todos os seus, tomado o caminho dos bosques, e dizimava quanto espanhol lhe caísse nas mãos: homens desta lavra é que eram necessários nos Países Baixos. Pelos fugitivos de Bruxelas soube ainda Zenão pormenores da captura do senhor de Battenbourg e dos dezoito fidalgos do seu séquito, traídos pelo piloto que os transportava para a Frísia: essas dezanove pessoas tinham sido encarceradas na fortaleza de Vilvorde e depois decapitadas. Os filhos do mestre-escola empalideciam ao ouvir tal re'latô, inquietos com o que lhes iria acontecer à beira-mar. Zenão acalmou-os: Fleyst afigurava-se lugar seguro, a partir do momento

em que se pagasse a dízima ao capitão do porto; fugitivos vulgares corriam menos o risco de serem entregues do que os príncipes. Perguntou aos de Toumai se estavam armados; estavam; até a própria mulher tinha consigo uma faca. Avisou-os de que não se separassem: todos juntos não tinham que temer ser roubados durante a travessia; convinha, no entanto, estar de olho alerta na hospedaria e também no barco. Quanto ao homem do Quatro Ventos era duvidoso, mas os dois mocetões de Bruxelas seriam capazes de ter pulso nele e, uma vez na Zelândia, eram muitas as possibilidades de encontrar os grupos de insurrectos.

A custo, o mestre-escola pusera-se de pé; ao ser, por sua vez, interrogado, Zenão respondeu que era médico na região, e que havia pensado, igualmente, embarcar para o outro lado. As perguntas não foram mais longe; não lhes interessavam os assuntos dele. Ao separarem-se, deu ao magister um frasco de gotas que lhe conservariam o fôlego por mais tempo. Ele despediu-se muito agradecido.

Ficou a vê-los afastarem-se em direcção a Heyst e, bruscamente, resolveu ir atrás deles. Sendo vários, a viagem tornava-se menos arriscada; podiam mesmo, uma vez chegados à outra margem, entreajudarem-se durante os primeiros dias.

Foi na sua peugada cerca de cem passos, começou depois a abrandar, deixando a

distância ser cada vez maior entre ele e o pequeno grupo. A ideia de se ver outra vez frente a Milo e a Jans Bruynie deixava-o, de antemão, insuportavelmente fatigado. Estacou e cortou depois para o interior.

Pôs-se a pensar nos lábios azulados e na ofegante respiração do velho. Aquele magister que assim abandonava a sua profissão, desafiando o ferro, o fogo e a água, para afirmar bem alto a sua fé na predestinação da maior parte dos homens ao Inferno, parecia-lhe um belo espécime da demência universal; todavia, para lá de tais

dogmáticas loucuras, existiam, sem dúvida, entre as inquietas criaturas humanas, repulsões e ódios nascidos do mais profundo da sua natureza, os quais, no dia em que passasse de moda matar por causa da religião, haveriam de eclodir de qualquer outra forma. Mais sensatos pareciam ser os dois patriotas de Bruxelas, ainda que esses dois moços, que arriscavam a pele pela liberdade, se gabassem de ser leais vassallos do rei Filipe; tudo correria bem, diziam eles, desde que se suprimisse o duque. Bem mais inveteradas do que isto eram as doenças do mundo.

Depressa se viu de novo em Oudebrugge e, desta vez, entrou no pátio da quinta.

Lá se encontrava a mesma mulher: sentada no chão, arrancava erva para uns coelhos metidos numa grande cesta. Uma criança de saiote andava à sua volta.

Zenão pediu um pouco de leite e alguma comida. Ela levantou-se, com uma careta, e disselhe para ele mesmo tirar um púcaro de leite de dentro da pia; as suas mãos reumáticas tinham dificuldade em rodar a manivela. Enquanto ele manobrava o polé, ela entrou em casa para voltar com queijo fresco e um quarto de bolo. Desculpou-se da qualidade do leite, magro e azulado.

— A vaca é muito velha, está quase seca. Está a modos que cansada de dar leite.

Quando a levam ao touro, já não quer. Em breve nos veremos obrigados a comê-la.

Zenão perguntou se a quinta ainda pertencia à família Ligre. Ela olhou-o com um ar de súbita desconfiança.

— Não sereis, por acaso, o agente deles? Não devemos nada até ao São Miguel.

Ele tranquilizou-a: andava em busca de ervas para se entreter e ia regressar a Bruges. A quinta, como ele supunha, pertencia a Filiberro Ligre, senhor de Dranoutre e Oudenove, pessoa importante no Conselho da Flandres.

Como explicava a boa Mulher, as pessoas ricas têm sempre um chorrilho de nomes.

— Eu sei—disse ele.—Sou da família. Ela pareceu não acreditar. Aquele viajante a pé não tinha nada de magnificente. Ele falou de ter vindo uma vez à quinta, havia já muito tempo. Estava tudo mais ou menos como ele se lembrava que fosse, mas em mais pequeno.

— Se viestes, eu estava cá—disse a mulher.—Há mais de cinquenta anos que daqui não saio.

Parecia-lhe a ele que, após a refeição ao ar livre, haviam deixado os restos aos camponeses, mas não se lembrava da cara deles. Ela veio sentar-se no banco ao pé dele; havia-a encaminhado na senda das recordações.

— Os patrões, nesse tempo, apareciam muitas vezes—continuou ela.—Eu sou filha do antigo quinteiro; tínhamos onze vacas. No Outono, mandava-se-lhes a casa, em Bruges, uma carroça cheia de vasilhas de manteiga salgada. já não é nada como dantes; deixam tudo ao deus-dará... A mim, faz-me mal trabalhar com as mãos em água fria.

Colocou-as sobre os joelhos, cruzando os dedos deformados. Ele aconselhou-a a meter todos os dias as mãos em areia quente.

— Areia aqui não falta—disse. A criança continuava a rodar pelo quintal como um pião, emitindo sons incompreensíveis. Possivelmente era fraca de espírito.

Ela chamou-a e uma maravilhosa ternura iluminou-lhe o rosto ingrato quando a viu acorrer ao chamamento. Limpou-lhe com cuidado o cuspão aos cantos da boca.

— É o meu ai-jesus—disse ela, enlevada.—A mãe trabalha nos campos com os outros dois a quem tem de alimentar.

Zenão perguntou pelo pai. Era o patrão do São Bonifácio.

— Houve umas chatices com o São Bonifácio—observou ele com ar de quem sabe o que diz.

— já está tudo em ordem—disse a mulher -; vai passar a trabalhar para o Milo. E bem preciso é que ele ganhe: de todos os meus filhos, só já me resta um par. Porque eu, senhor, continuou ela, tive dois maridos e todos três tivemos dez filhos. Oito deles estão no cemitério. Tanto trabalho para nada... O mais novo trabalha umas horas no moinho, de forma que pão para comer tem havido sempre. Tem direito também às rapaduras da mó. A terra aqui é pobre para trigo.

Zenão olhava para a quinta abandonada. À altura da porta, alguém havia, conforme o uso, pendurado um mocho, por certo atingido por uma pedra e ali pregado vivo; o que restava das penas agitava-se ao vento.

- Porque torturaram esta ave que vos era útil?—perguntou, apontando para o bicho crucificado.—Estes animais comem os ratos que devoram o trigo.

— Não sei, meu senhor—disse a mulher -; é costume! E, depois, o pio dele anuncia a morte.

Zenão não respondeu. Era evidente que ela lhe queria perguntar qualquer coisa.

— Esses fugitivos, senhor, que atravessam no São Bonifácio... É verdade que todos nós lucraremos com isso. Só hoje foram seis a quem dei de comer. Alguns, faz pena vê-los... mas é de perguntar se será um tráfico honesto. Essa gente, se foge, por certo não é por dá cá aquela palha... O duque e o rei bem devem saber o que eles lá fazem.

— Não sois obrigada a saber quem essas pessoas são—respondeu o caminhante.

— Lá isso é verdade—disse ela, acenando com o queixo. Retirara ele do monte de erva algumas hastes que introduzia por entre as malhas do cesto e que os coelhos iam ruminando.

— Se os animais vos agradam, senhor—continuou ela, com deferência, estão gordos, tenrinhos, ótimos... já estavam destinados

para domingo. São só cinco soldos por cabeça.

— Eu?—exclamou ele, surpreendido.—E que comeríeis vós no domingo, ao jantar?

— Ora, meu senhor—disse ela, com olhar suplicante—, não é só o comer que interessa... Com isso e mais os três soldos do mata-bicho, vou mandar a minha nora buscar uma pinga à Linda Pombinha. De vez em quando, faz bem alegrar o coração. Havemos de brindar à vossa saúde.

Não tinha nenhum troco para lhe dar pelo florim. já calculava. Não tinha importância. O contentamento rejuvenescera-a: afinal, talvez fosse ela a menina de quinze anos que fizera uma reverência quando Simão Adriansen lhe dera uns tostões. Tomou o saco e dirigiu-se para o portão, com as despedidas do costume.

— Não vos esqueçais deles, senhor—disse ela, estendendo-lhe o cesto.—A vossa senhora irá ficar contente: na cidade, não se encontra nada parecido.

E já que sois da família, dissei-lhes que venham compor isto antes que venha o Inverno. Chove dentro de casa durante todo o ano.

Saiu de cesto na mão, como um camponês que vai ao mercado.

O caminho não tardou a meter-se por uma mata, para vir a sair entre searas.

Sentou-se à beira de um valado e meteu com cuidado a mão no cesto. Demorada e quase voluptuosamente, acariciou os animais de pêlo macio, espinha flexível e flancos moles, sob os quais pulsava o coração. Sem sequer se amedrontarem, os coelhos continuavam a comer; ele interrogava-se sobre qual seria a visão do mundo e de si próprio que se reflectia nos seus olhos vivos. Levantou a tampa e deixou-os correr pelos campos. Deliciado com aquela liberdade, viu desaparecer entre as moitas os caçapos lascivos e vorazes, esses architectos dos labirintos subterrâneos, essas tímidas criaturas que, todavia, brincam com o perigo, sem outras armas que não sejam a força e a agilidade dos seus rins, indestrutíveis, apenas, pela sua

inesgotável fecundidade. Se conseguissem escapar aos poços, aos paus, às fuinhas e aos gaviões, haveriam de continuar por muito tempo a pular e a brincar; por debaixo da neve se embranqueceria no Inverno a pele; na Primavera, recomençoariam a comer a saborosa erva verde. Empurrou o cesto com o pé para dentro do valado.

O resto do caminho decorreu sem incidentes. Dormiu, nessa noite, debaixo duma moita de árvores. Chegou, na manhã seguinte, bastante cedo às portas de Bruges e, como sempre, foi respeitosamente saudado pelo corpo da guarda.

Já dentro da cidade, a angústia por momentos recalcada veio à superfície; quase sem querer, ia prestando atenção às conversas dos transeuntes, mas nada ouviu de insólito a respeito de alguns jovens monges, nem algo relacionado com os amores de uma jovem bela e nobre. Ninguém falava, também, de um médico que havia tratado rebeldes e que se ocultava sob um falso nome. Chegou ao hospício a tempo de aliviar o Irmão Lucas e o Irmão Cipriano, que faziam face à enchente de doentes. O pedaço de papel que deixara antes de partir continuava na mesa; amarrotou-o entre os dedos; sim, o seu amigo de Ostenda melhorara. Na estalagem, ofereceu a si mesmo, nessa noite, uma ceia mais longa e melhorada do que habitualmente.

A ratoeira

Mais de um mês se passou sem haver novidade. Já estava assente que o hospício fecharia as portas pouco antes do Natal, mas, desta vez, o senhor Sebastião Théus partiria abertamente para a Alemanha, aonde vivera e exercera noutros tempos. No seu íntimo, e sem nomear publicamente aquelas regiões conquistadas já pelo luteranismo, Zenão propunha-se regressar a Lubeque. Teria o prazer

de voltar a ver o judicioso Aegidius Friedhof e de se encontrar com Gerhart, chegado já à idade adulta.

Talvez conseguisse aquele lugar de regente no Hospital do Espírito Santo, que quase lhe havia sido outrora assegurado pelo opulento ourives.

De Ratisbona, Riemer, o seu confrade alquimista, a quem Zenão acabara por dar notícias suas, anunciava-lhe um inesperado golpe de sorte. Um exemplar das *Proteorias*, que conseguira escapar à fogueira parisiense, tinha ido para a Alemanha; um doutor de Vitemberga traduzira a obra para latim e a sua publicação rodeara o filósofo de uma certa aura de glória. O Santo Ofício estava-lhe no enalço, como outrora o estivera a Sorbonne, mas o erudito de Vitemberga e seus confrades descobriam, pelo contrário, nesses textos apodados de heresia pelos católicos, a aplicação do livre-exame; e os aforismos que explicavam o milagre como um efeito do fervor do miraculado pareciam, a um tempo, combater as superstições papistas e firmar a doutrina da fé que só por si salva. Nas mãos deles, as *Proteorias* tornavam-se um instrumento levemente falseado, mas é sempre de esperar semelhantes desvios, enquanto um livro existir e actuar no espírito dos homens. Aventara-se mesmo a hipótese de se propor a Zenão, se acaso lhe achassem o rasto, uma cátedra de Filosofia Natural naquela universidade saxónica. Tal honra não deixava de ser arriscada e seria prudente decliná-la a favor de outros e mais livres trabalhos; mas o contacto directo com os espíritos era para ele, tentador, depois daquele longo ensimesmamento, o ver ressurgir uma obra sua, tida como morta, enchia o filósofo, nas suas fibras mais íntimas, de uma alegria de ressurreição. Por outro lado, o *Tratado do Mundo Físico*, desprezado depois da catástrofe sucedida a Dolet, reaparecera numa livraria de Basileia, onde, pelos vistos, se desprezavam as prevenções e as azedas questituículas de outrora. A presença

corporal de Zenão quase se tornava menos útil: as suas ideias proliferavam sem ele.

Desde o seu regresso de Heyst que não voltara a ouvir falar do pequeno grupo dos Anjos. Evitava com o maior cuidado diálogos com Cipriano, de guisa que a vaga das confidências estancara. Determinadas medidas que Sebastião Théus desejara ver tomadas pelo antigo prior, a fim de evitar desastres mais gerais, cumpriam-se agora por si mesmas. O Irmão Floriano partiria em breve para Antuérpia, onde se estava a reconstruir o seu convento outrora queimado pelos iconoclastas; ali encheria de frescos os arcos do claustro. Pedro de Hamaere andava em visita aos conventos da província, regulando as contas. A nova administração ordenara trabalhos no subsolo do convento; resolvera-se sacrificar certas partes que ameaçavam ruína, o que privava os Anjos do seu secreto abrigo. As reuniões nocturnas decerto haviam cessado; algumas imprudências escandalosas passariam a ser contadas no número dos banais e furtivos pecados de claustro. Quanto ao encontro de Cipriano e da Bela no jardim abandonado, a estação era-lhes pouco favorável, e talvez Idelette tivesse arranjado um namorado mais prestigioso do que um jovem frade.

Talvez por todas essas razões, o comportamento de Cipriano tornara-se mais triste. Não cantava já os seus refrões de campones e desempenhava todas as tarefas com ar abatido. Sebastião Théus supusera, a princípio, que o jovem enfermeiro, tal como o Irmão Lucas, se afligia com o próximo encerramento do hospício. Um dia, notou que o rosto do rapaz apresentava vestígios de lágrimas.

Mandou-o entrar para a oficina e fechou a porta. Ali se encontraram frente a frente, como no dia a seguir ao domingo Quasímodo, aquando das perigosas confissões de Cipriano. Zenão foi o primeiro a falar:—Aconteceu alguma desgraça à Bela?—perguntou com brusquidão.

- Nunca mais a vi—respondeu o jovem com voz estrangulada.— Fechou-se com a mulata no quarto e diz-se doente para esconder o fardo que consigo transporta.

Explicou que as únicas novas que recebia lhe chegavam pela boca de uma freira conversa, meio subornada por pequenos presentes, meio enternecida pelo estado da Bela, a quem estava encarregada de tratar. Mas tornava-se impossível comunicar com ela através dessa mulher, cuja simplicidade tocava as raias da estupidez. As secretas incursões de outrora nunca mais se haviam verificado, e, de qualquer maneira, as duas moças, a quem agora qualquer sombra aterrorizava, não se atreveriam a saídas nocturnas. Como pintor, o Irmão Floriano tinha sem dúvida entrada no convento das Bernardinas, mas ele é que lavava dali as mãos.

— Discutimos—disse Cipriano com ar sombrio. As mulheres esperavam o parto de Idelette para a festa de Santa Águeda. O médico calculou que faltariam ainda perto de três meses. Nessa altura, há muito estaria ele em Lubeque.

— Não desesperes—aconselhou, tentando lutar contra o acabrunhamento do jovem monge.—Nesse campo, é muito grande a habilidade e a coragem das mulheres.

No caso de as Bernadinas virem a descobrir essa desgraça, não teriam qualquer interesse em divulgá-la. É fácil pôr um recém-nascido na roda e entregá-lo aos cuidados da caridade pública.

— Estas garrafas e frascos estão cheios de pós e de raízes—disse, com grande agitação, Cipriano.—Se não formos em seu auxílio, ela morrerá de medo. Se Mynheer quisesse...

— Não vêes que é tarde de mais e que eu não posso chegar até junto dela? Não vamos juntar a tantos desvarios uma desgraça sangrenta.

— O pároco de Ursel despiu o hábito e fugiu para a Alemanha com a sua amada—disse, de repente, Cipriano.—Não seria possível...

— Com uma donzela daquela linhagem e no estado em que ela se encontra, sériéis reconhecidos antes mesmo de sairdes do feudo de Bruges. Não penses mais nisso.

Mas ninguém estranhará que um jovem franciscano percorra as estradas mendigando o seu pão. Parte tu sozinho. Posso dar-te alguns ducados para a viagem.

— Não posso—disse Cipriano a soluçar. Debruçou-se, abatido, sobre a mesa, com a cabeça entre as mãos. Zenão olhava-o cheio de infinita compaixão. A carne era uma armadilha em que aquelas duas crianças se haviam deixado cair. Acariciou afectuosamente a cabeça tonsurada do jovem monge e saiu da sala.

O raio veio a cair mais depressa do que se esperava. Pela Santa Luzia, estava ele na estalagem quando ouviu a vizinhança discutir uma notícia, com aquele cochichar que nunca quer dizer algo de bom, pois se trata sempre de uma desgraça para quem quer que seja. Uma donzela nobre, alojada no convento das Bernardinas, estrangulara uma criança nascida prematuramente, embora com ida, que acabara de dar à luz. Não se teria descoberto o crime se não fosse a criadita mulata ter fugido espavorida do quarto da ama e errar como louca pelas ruas. Umas boas almas, levadas também por uma honesta curiosidade, haviam recolhido a mulata; na sua algarviada difícil de entender, esta acabou por explicar tudo. Não seria já possível às Irmãs impedir que a polícia tomasse conta da sua pensionista.

Grosseiras piadas sobre o sangue quente das meninas nobres e os segredinhos das freiras misturavam-se com algumas exclamações indignadas. Na insípida existência daquela pequena cidade, onde até o ruído dos grandes acontecimentos diários chegava abafado, era este escândalo mais interessante que uma velha e batida história de igrejas queimadas ou protestantes enforcados.

Ao sair da estalagem, viu Zenão passar, na Rua Grande, Idelette deitada no fundo da carroça da guarda. Estava muito pálida, de uma

palidez de parturiente, mas com os olhos e as maçãs do rosto a arderem em febre. Alguns havia que a olhavam com piedade, mas a maior parte deles, excitados, apupavam-na. Contavam-se nesse número o pasteleiro e a mulher. Assim se vingava aquela gatinha do bairro das esplêndidas vestes e das loucas despesas dessa linda boneca. Duas das raparigas da Abóbora, que ali estavam por acaso, eram das mais acirradas, como se a jovem as tivesse prejudicado na sua profissão.

Zenão voltou a casa com o coração oprimido, como se acabasse de ver uma corça a ser deitada aos galgos. Procurou Cipriano no hospício, mas o monge não se encontrava lá, não indo Zenão procurá-lo ao convento, com medo de o tornar notado.

Esperava ainda que Idelette, ao ser interrogada pelo preboste e pelos escrivães, tivesse a presença de espírito suficiente para inventar um namorado imaginário. Mas a pobre, que durante toda a noite mordera as mãos para não gritar, com medo que os gritos a denunciassem, chegara ao fim das suas forças. Falou e chorou copiosamente, não escondendo nem os encontros com Cipriano à beira de água, nem os jogos e os risos na assembleia dos Anjos. O que mais horrorizou os escribas, que anotavam estes testemunhos, e depois o povo, que os ouviu contar, foi aquele consumo de pão bento e de vinho roubado no altar, a ser comido e bebido à luz de cotos de velas. As abominações da carne pareciam agravar-se com inauditos sacrilégios. Cipriano foi preso no dia seguinte; depois foi a vez de Francisco de Bure, Floriano, o Irmão Quirino e os restantes noviços implicados. Mateus Aerts foi também preso, mas logo libertado, depois de um veredicto de erro sobre a sua pessoa. Tinha um tio que era almotacé do feudo de Bruges.

Durante alguns dias, o hospício de São Cosme, já meio fechado, e que o médico calculava trocar pela Alemanha, na semana seguinte, encheu-se de uma multidão de curiosos. O Irmão Lucas mostrava-lhes uma cara de pau; recusava-se a acreditar em tudo aquilo. Zenão

tratava os doentes, desdenhando responder às perguntas. Uma visita de Greete emocionou-o até às lágrimas: a velhota contentara-se em abanar a cabeça e dizer que tudo aquilo era muito triste.

Conservou-a todo o dia ao pé de si, pedindo-lhe para lhe lavar e remendar a roupa. De irritado que estava, mandou o Irmão Lucas fechar antes da hora a porta do hospício; cosendo ou passando a ferro. Junto de uma janela, a velhota, quer com o seu silêncio amigo, quer com falas repassadas de tranquila sabedoria, acalmava-o. Contou-lhe factos que ele ignorava da vida de Henrique Justo, mesquinhas ou familiaridades obtidas, a bem ou a mal, das criadas: mas, apesar de tudo, era um belo homem que, nos seus dias, até tinha ditos prontos e gratificações fáceis. Lembrava-se ainda do nome e da cara de inúmeros parentes que ele não conhecia: e tanto assim que foi capaz de citar uma lista de irmãos e irmãs que haviam morrido novos, numa escala que ia de Henrique justo a Hilzonda. Pensou ele, por instantes, no que poderiam ter sido esses destinos tão cedo interrompidos, esses rebentos da mesma árvore.

Pela primeira vez na vida, ouviu com atenção um longo relato sobre seu pai, cujo nome e história conhecia, mas a respeito do qual sempre ouvira aquelas alusões odiosas, durante toda a sua infância. Prelado por mero pró-forma e para satisfazer ambições próprias e da família, havia aquele jovem cavaleiro italiano oferecido festas, passeado por Bruges, com arrogância, a sua capa de veludo vermelho e as suas esporas, e desfrutado de uma donzela tão jovem, mas mais afortunada, afinal, do que Idelette o era hoje, e daí haviam resultado todos estes trabalhos, aventuras, meditações, projectos, que duravam há cinquenta e oito anos. Tudo, neste mundo, que é o único a que temos acesso, era mais estranho do que habitualmente se possa pensar. Greete acabou por meter na algibeira tesouras, linha e estojo de agulhas, fazendo notar a Zenão que tudo estava pronto para a viagem.

Depois de ela sair, acendeu o fogão para o banho de água a vapor que mandara instalar no hospício de São Cosme, à guisa daqueloutro que outrora tivera em Pêra, mas que aqui mal tinha utilizado para os seus doentes, muito renitentes a cuidados desse gênero. Fez longas abluções, cortou as unhas, barbeou-se meticulosamente. Várias vezes deixara crescer a barba, quer por necessidade, no exército e em viagens prolongadas, quer para melhor se disfarçar, ou para não surpreender, contrariando a moda, mas o facto é que preferia a nudez de um rosto limpo. A água e o vapor fizeram-lhe lembrar o banho tomado com toda a cerimónia ao chegar a Frõsõ, depois da sua expedição às terras da Lapónia. Sigri Ulfsdatter ajudara-o, em pessoa, conforme os costumes do seu país. Havia mostrado a dignidade de uma rainha, nesses serviços de escrava. Em pensamento, tornou a ver a grande banheira de cobre e o desenho das toalhas bordadas.

Foi preso no dia seguinte. Para evitar a tortura, Cipriano confessara tudo o que lhe perguntaram e até mais. Daí resultou uma ordem de prisão para Pedro de Hamaere, que então se encontrava em Audenarde. Quanto a Zenão, os testemunhos do jovem monge eram de natureza a perdê-lo: segundo ele, o médico tinha sido, desde o princípio, confidente e cúmplice dos Anjos. Teria sido ele quem fornecera a Floriano os filtros necessários para seduzir Idelette em proveito de Cipriano, e quem, mais tarde, propusera negras poções para esconder o fruto dessa sedução. O inculpado inventava também, entre si e o médico, uma intimidade ilegal. Zenão veio a ter oportunidade de reflectir nestas alegações, que eram o contrário dos factos: a hipótese mais simples era a de o moço se querer ilibar culpando outra pessoa; ou talvez, por ter desejado obter de Sebastião Théus serviços e carícias, acabara por crer tê-las realmente conseguido. Acabava-se sempre por cair em qualquer ratoeira: esta ou outra, tanto vale.

Fosse como fosse, Zenão estava preparado. Entregou-se sem opor resistência. E, uma vez perante os representantes da lei, surpreendeu toda a gente ao dar, o seu verdadeiro nome.

TERCEIRA PARTE

A prisão

Non é viltà, ne da viltà procede S'alcun, per evitar piu: crudel sorte, Odia la própria vira e cerca morte...

Meglio é morir all'anima gentile Che supportar inevitabil danno Che lo farria cambiar animo e stile.

Quanti ha la morte già tratti d'affanno! Ma molti ch'hanno il chamar morte a vile Quanto calor sia dolce ancor non sanno.

(Não é vilania, nem fruto de vilania Que alguém, para evitar mais cruel sorte, Odeie aprópria vida e busque a morte..

Mais vale morrer com nobreza de ânimo Que suportar o mal inevitável Que lhe roubasse virtude e estilo...

A quantos a morte não curou da angústia! Mas muitos acham vil recorrer à morte Ignorando quão doce é morrer..

JULIANO DE MÉDICIS

O acto de acusação

Passou só uma noite na prisão da cidade. A partir do dia seguinte, foi transferido, não sem algumas cautelas, para um quarto que dava para o pátio do antigo Registo, guarnecido de grades e gonzos sólidos, sem deixar de oferecer quase todas as comodidades que um encarcerado distinto poderia pretender. Lá haviam aprisionado, havia pouco tempo, um almotacé acusado de defraudamérito e, havia mais tempo, um senhor comprado a peso de oiro à facção francesa; nada mais decente que um lugar destes para

se ficar detido. Aliás, a noite no calabouço bastara para cobrir Zenão de uma camada de piolhos, de que levou vários dias a ver-se livre. Para seu grande espanto, deixaram-no trazer a sua roupa; passados uns dias, trouxeram-lhe mesmo com que escrever. Recusaram-lhe, todavia, os livros. Não tardou a obter autorização para passear todos os dias no pátio ora gelado, ora lamacento, em companhia do pândego que tinha por carcereiro. Um medo, porém, que nunca o abandonava, era o da tortura. O facto de haver homens que se faziam pagar para metodicamente atormentarem o seu semelhante escandalizava-o a ele, que tinha por profissão curar. De longa data se havia couraçado, não contra o sofrimento, nada Pior, em si mesmo, do que o que um cirurgião inflige a um ferido operado, mas contra o horror de ele ser conscientemente infligido. Tinha-se habituado aos poucos à ideia de ter medo. Se alguma vez lhe acontecesse gemer, gritar ou acusar falsamente alguém, como o fizera Cipriano, a culpa seria daqueles que assim conseguissem desconjuntar a alma de um homem. Mas não chegou a vir essa tão temida prova. É claro que entravam em jogo protecções de peso. Todavia, não conseguiram afastar o terror, que até final o acompanhou, da tortura de cavalete, terror esse que o obrigava a refrear um sobressalto sempre que a porta se abria.

Alguns anos atrás, aquando da sua chegada a Bruges, julgara deparar com a sua lembrança desfeita na ignorância e no esquecimento. Ali havia construído a sua incerta segurança. Mas o seu espectro devia ter sobrevivido, encafuado no mais fundo das memórias; daí emergia agora para favorecer o escândalo, mais real do que o homem que, com indiferença, haviam acotovelado durante tanto tempo. Uns "diz-se" muito vagos coagulavam-se de um momento para o outro, amalgamando-se às grosseiras imagens do mágico, do renegado, do maricas, do espião estrangeiro, imagens que sempre e em toda a parte flutuam em cabeças néscias. Ninguém reconhecera Zenão em Sebastião Théus; retrospectivamente, toda a

gente o reconhecia. Também ninguém havia, em Bruges, que outrora tivesse lido os seus escritos, nem eles hoje eram sequer folheados; mas o saber-se que haviam sido condenados em Paris e tidos como suspeitos em Roma, permitia agora a todo e qualquer um espalhar o descrédito sobre esses engrimanços. Alguns curiosos mais perspicazes cedo deviam ter suspeitado da sua identidade; Greete não seria a única pessoa dotada de memória e de boa vista. Todos, porém, se haviam calado, o que levava a crer serem amigos e não inimigos; mas talvez estivessem apenas à espera da sua hora. Zenão nunca soubera se alguém teria informado o prior dos Franciscanos, ou se, pelo contrário, não seria ele que, ao oferecer a um desconhecido lugar no seu carro, em Serilis, sabia tratar-se do filósofo cuja obra, tão controversa, estava a ser queimada na praça pública. Inclina-se mais para a segunda alternativa, o que o levava a ter a máxima consideração por esse homem de sentimentos.

Fosse como fosse, a sua catástrofe mudara de feição. Deixara de ser o obscuro comparsa de um deboche em que estavam implicados um punhado de noviços e dois ou três reles frades, para se transformar no protagonista da sua própria aventura. As razões da acusação multiplicavam-se, mas ele deixava de ser o insignificante personagem despachado à pressa por uma justiça expeditiva, como por certo o haveria de ser Sebastião Théus. O seu processo ameaçava arrastar-se devido a espinhosas questões de competência. Os magistrados burgueses julgavam em último recurso os crimes de direito comum, tendo, porém, o bispo a derradeira palavra a dizer numa tão complexa causa de ateísmo e heresia. Tal pretensão chocava, tratando-se de um homem muito recentemente colocado

254

pelo rei naquela cidade, que até ali sempre passara sem bispado, um homem que, para muitos, parecia um partidário da Inquisição sabiamente implantado em Bruges. Na verdade, o dito prelado propunha-se mostrar ruidosamente o seu poder, conduzindo com

equidade aquele processo. O cónego Campanus, apesar da sua idade, entregou-se totalmente ao assunto; foi ele quem propôs, e conseguiu obter, que dois teólogos da Universidade de Lovaina, onde o acusado possuía o seu grau de Direito Canónico, fossem admitidos na qualidade de auditores; ignorava-se se esta disposição fora tomada de acordo com o bispo, se contra ele. Uma opinião extremista, partilhada por alguns espíritos arrebatados, defendia que um ímpio, cujas doutrinas tanto importava desacreditar, relevava directamente do tribunal romano do Santo Ofício, e que o melhor seria enviá-lo para uma masmorra qualquer do convento de Santa Maria de Minerva, em Roma.

As pessoas sensatas opinavam, pelo contrário, que ali fosse julgado aquele descrente nascido em Bruges, regressado depois, sob um falso nome, a essa cidade onde, no seio de uma piedosa comunidade, a sua presença fomentara a desordem. Esse Zenão, que passara dois anos na corte de sua majestade sueca, era possivelmente um espião das potências do Norte; era bom não esquecer que permanecera outrora em domínios do Turco infiel; seria de investigar o facto de, como havia quem dissesse, ele ter ou não apostatado. Todos se fixavam em processo de tanto encargo, desses que ameaçavam durar anos e servem de abcesso de fixação aos humores de uma cidade.

No meio de todo esse vozear, as alegações que tinham levado à arrestação de Sebastião Théus passavam para segundo plano. O bispo que, por princípio, se opunha à acusação de magia, desprezava a história dos filtros amorosos, que tinha por frivolidade; mas havia entre os magistrados burgueses quem nela cresse firmemente, ao passo que, para o povo, era aí que estava o busílis da questão. Pouco a pouco, como em todos os processos que por algum tempo atraem os basbaques, delineavam-se, em dois planos, dois processos estranhamente diferenciados: a causa tal como ela se apresenta aos homens da lei e da Igreja que têm por mister julgar, e a causa tal

como a inventa o público que anseia por vítimas e monstros. O tenente encarregado das investigações sobre o crime logo eliminava toda e qualquer familiaridade com o adâmico e angélico grupo dos Anjos; as imputações de Cipriano eram contraditas pelo testemunho dos outros seis encarcerados, os quais só conheciam o médico de o terem visto passar nas arcadas do convento ou na Rua Grande. Floriano gabava-se de ter seduzido Idelette com promessas de beijos, músicas suaves e rodas em que lhe dava a mão, sem ter sido necessária qualquer raiz de mandrágora; o próprio crime de Idelette também enfraquecia a história da poção abortiva, que a donzela santamente jurava nunca ter solicitado nem recusado; e, para cúmulo, Zenão parecia, a Floriano, pessoa já avançada em idade, dado, na verdade, à feitiçaria, mas, por maldade, hostil aos jogos dos Anjos, dos quais até tentara afastar Cipriano. Destas afirmações contraditórias podia contudo inferir-se que o pretense Sebastião Théus fora, pelo enfermeiro, posto ao corrente das orgias na estufa, sem no entanto ter cumprido o seu dever, que era o de denunciar.

Uma repugnante intimidade com Cipriano parecia ainda plausível, embora todo o bairro erguesse aos píncaros os bons costumes e as belas virtudes do médico; denotava-se até algo de suspeito em tão singular reputação. Inquiriu-se sobre este ponto da sodomia, que tanto excitava a curiosidade dos juizes: à força de procurar encontraram, pelos vistos, o filho de um doente de João Myers, com o qual o inculpado estivera ligado de amizade, no início da sua estada em Bruges; ficou-se por ali, devido ao respeito por uma boa família, e por esse homem cavaleiro, tão reputado pelo seu belo aspecto, de há muito se encontrar em Paris, onde estava a acabar os estudos. Uma tal descoberta teria feito rir Zenão: as ligações limitavam-se a troca de livros. Dos outros contactos mais baixos, se os tivesse havido, não restavam vestígios. Nos seus escritos, havia, porém, o filósofo bastas vezes preconizado a experimentação, mediante os sentidos, e a passagem à prática de

todas as possibilidades do corpo, preceito do qual se podem deduzir os mais negros prazeres. Podiam continuar a presumir, mas faltava a prova do crime de opinião.

Outras acusações lhe seriam, porventura, mais perigosas ainda. Alguns franciscanos culpavam o médico de ter transformado o hospício num local de concentração de fugitivos que procuravam escapar à justiça. Neste, como em outros pontos, muito útil foi Frei Lucas; a sua opinião era das mais claras: tudo quanto se dizia era falso. Que se exagerava muito acerca das dissipações na estufa; que Cipriano era um simplório que se havia deixado seduzir por uma rapariga muito linda; que o médico era irrepreensível. Quanto aos fugitivos rebeldes ou calvinistas, se algum havia franqueado a porta do hospício, fizera-o sem trazer rótulo à volta do pescoço, e as pessoas atarefadas tinham mais que fazer do que tirar nabos da púcara. Tendo assim debitado o mais longo sermão da sua vida, retirou-se. Prestou ainda a Zenão outro importante serviço. Ao proceder a arrumações no hospício deserto, deu com o calhau de forma humana posto de parte pelo médico, e lançou para o canal esse objecto que não era aconselhável deixar ali. O organista, pelo contrário, foi prejudicial ao inculpado; é certo que apenas tinham bem a dizer, mas sempre, ele a esposa, haviam tido o pressentimento de que Sebastião Théus não fosse Sebastião Théus. A menção mais nociva foi a das profecias cómicas com que os dois tanto se haviam rido; foram encontradas em São Cosme numa prateleira da sala dos livros, e os inimigos de Zenão souberam servir-se delas.

Enquanto os escribas copiavam, numa caligrafia cheia e arrebicada, os vinte e quatro pontos de acusação reunidos contra o médico, a aventura de Idelette e dos Anjos chegava ao termo. O crime da menina de Loos era patente, e o seu castigo a morte; nem a presença do pai a poderia salvar, e este, retido com outros fiamengos em Espanha, como refém, só muito tarde veio a ter notícia da catástrofe. Idelette teve um fim bom e piedoso. Apressaram de

alguns dias a execução para não coincidir com as festas da Natividade. A opinião pública mudara de aviso: tocados pelo ar arrependido e os olhos lacrimosos da Bela, todos lamentavam aquela jovem de quinze anos. Segundo as regras, devia Idelette ser queimada viva por infanticídio, mas o seu nobre nascimento valeu-lhe ser decapitada. Por desgraça, o carrasco, atemorizado com aquele pescoço delgado, não conseguiu ter mão firme: teve que recomeçar três vezes e, feita a justiça, fugiu apupado pela multidão e perseguido por uma saraivada de tamancos e uma chuva de couves tiradas dos cestos dos mercados.

O processo dos Anjos demorou um pouco mais: esforçavam-se por obter confissões que trouxessem à luz ramificações secretas, quiçá radicadas na tal seita dos Irmãos do Espírito Santo, exterminada no princípio do século e que, dizia-se, havia confessado e praticado erros semelhantes. Mas o louco do Floriano era intrépido; vaidoso mesmo na tortura, declarava nada dever aos ensinamentos heréticos de um certo grão-mestre adâmico Jacob Van Almagien, judeu, ainda por cima, e morto uns cinquenta anos atrás. Fora só por si, e sem teologias, que ele havia descoberto o puro paraíso das delícias do corpo. Nem todas as tenazes do mundo seriam capazes de o fazer afirmar outra coisa. O único a escapar à sentença de morte foi o Irmão Quirino, que tivera a constância de sempre se fingir maluco, mesmo no meio dos tormentos, e que como tal foi sequestrado. Os outros cinco condenados tiveram, como Idelette, um piedoso fim. Por intermédio do seu carcereiro, habituado a esse gênero de negociações, pagara Zenão aos carrascos para que os jovens fossem estrangulados antes de serem lançados ao fogo, pequena manobra então muito em uso, que melhorava um pouco o magro salário dos algozes. O estratagema resultou para Cipriano, Francisco de Bure e um dos noviços; foram salvos do pior sem, bem entendido, poderem livrar-se do terror que já antes haviam sofrido. Em contrapartida, veio a manobra a falhar com

Floriano e o outro noviço, a quem o carrasco não teve tempo de socorrer; ouviram-nos gritar durante cerca de dois quartos de hora.

A estes juntava-se o ecónomo, porém, já morto. Trazido de Audenarde e encarcerado em Bruges, conseguira mandar vir veneno através de amigos que tinha na cidade e, segundo o costume, incineraram-no defunto já que o não podiam queimar vivo. Zenão não gostava nada daquela cautelosa personagem, mas teve de reconhecer que Pedro de Hamaere soubera tomar nas mãos o seu destino e morrer como um homem.

Todos estes pormenores os soube Zenão pelo seu carcereiro, que falava pelos cotovelos; o velhaco lamentava-se do contratempo ocorrido com os dois condenados; propunha-se, mesmo, restituir uma parte do dinheiro, se bem que a culpa não fosse de ninguém. Zenão encolheu os ombros. Revestira-se de uma indiferença mortal: o que lhe importava era ir poupando as forças até ao fim. Contudo, passou a noite sem dormir. Procurando no pensamento um antídoto para aquele horror, pensou que Cipriano ou Floriano decerto se teriam lançado ao fogo para salvar alguém: como sempre, a atrocidade residia menos nos factos do que na inépcia humana. Subitamente, esbarrou numa recordação: na sua juventude, vendera ao emir Nourredin a sua receita de fogo líquido, utilizada em Argel num combate naval, a qual, decerto, continuou depois a ser utilizada. O acto em si era banal: qualquer fabricante de fogo-de-artifício teria feito o mesmo. Essa invenção, que queimara centenas de homens, fora até considerada um avanço na arte da guerra. Furor por furor, as violências de um combate, em que cada um mata e é morto, de modo algum eram comparáveis à abominação metódica de um suplício ordenado em nome de um Deus de bondade; todavia, também ele era autor e cúmplice de ultrajes infligidos à miserável carne do homem, e trinta anos haviam sido necessários para isso lhe causar um remorso que decerto faria rir almirantes e príncipes. Mais valia ver-se depressa livre deste inferno!

Ninguém poderia queixar-se de que os teólogos encarregados de compilar as proposições impertinentes, heréticas ou simplesmente ímpias, encontradas nos escritos do acusado, não houvessem levado honestamente a cabo esse mister.

Fora-se buscar à Alemanha a tradução das Proteorias; as outras obras encontravam-se na biblioteca de João Meyers. Para grande espanto de Zenão, o prior possuía os seus Prognósticos das Coisas Futuras. Reunindo entre si essas proposições, ou antes, as censuras que lhe eram feitas, o filósofo comprazia-se a traçar o mapa das opiniões humanas nesse ano da graça de 1569, pelo menos no respeitante às abstrusas regiões que o seu espírito percorrera. O sistema de Copérnico não fora proscrito pela Igreja, se bem que os mais entendidos de entre os indivíduos de cabeça e capelo sacudissem a cabeça com ar entendido, afirmando que em breve o iria ser; mas a asserção que consiste em colocar o Sol, e não a Terra, no centro do mundo, tolerada sob condição de ser representada como tímida hipótese, nem por isso deixava de ferir Aristóteles, a Bíblia e, principalmente, a humana necessidade de colocar o nosso habitáculo no âmago do Tudo. Era natural que uma opinião que se afastasse das grosseiras evidências do bom senso desagradasse ao vulgo: para não ir mais longe, Zenão sabia, por si mesmo, quanto a noção de uma Terra que se move vem romper com os hábitos que cada um de nós se instituiu para poder viver; a ele entusiasmava-o o facto de pertencer a um mundo que não era apenas o pardieiro humano; mas à maior parte das pessoas um alargamento de perspectiva causava náuseas. Pior ainda que o atrevimento de substituir, no centro das coisas, a Terra pelo Sol, o erro de Demócrito, isto é, a crença na infinidade dos mundos, que retira ao Sol o seu lugar privilegiado e nega a existência de um centro, parecia à maioria dos espíritos uma negra impiedade. Em vez de negar a fixidez e de se lançar com alegria, tal como o filósofo, por esses frios e ardentes espaços fora, o homem sentia-se perdido neles, e todo o

audacioso que tentasse demonstrar a existência disso tornava-se um transfuga. Idênticas regras eram válidas no domínio, mais escabroso ainda, das puras ideias. O erro de Averróis, a hipótese de uma divindade friamente actuante no seio de um mundo eterno, parecia roubar ao devoto o recurso de um deus feito à sua imagem, prodigalizando ao homem as suas iras e bondades. A eternidade da alma, o erro de Orígenes, também indignava, porque reduzia a pouca coisa a aventura imediata: gostaria o homem que se abrisse à sua frente uma imortalidade feliz ou infeliz de que ele fosse o responsável, mas nunca que se lhe apresentasse uma eterna duração em que ele fosse tudo, sem ser nada. O erro de Pitágoras, que permitia atribuir aos animais uma alma semelhante à nossa, na sua natureza e essência, chocava ainda mais o bípede sem penas que se julga o único ser vivo que nunca morre.

O enunciado do erro de Epicuro, ou seja, a hipótese de que a morte é um fim, sendo, como é, aquela que melhor se pode verificar nos cadáveres e nos cemitérios, feria duramente não só a nossa fome de estar no mundo, como o orgulho que de forma tola nos assegura que merecemos continuar nele.

Todas estas opiniões passavam por ser ofensivas a Deus; com efeito, censurava-se-lhes sobretudo o facto de atentarem contra a importância do homem. Era portanto natural que levassem à prisão, ou mais longe ainda, os seus propagadores.

Que alguém ousasse descer das ideias puras aos tortuosos caminhos da humana conduta, e logo o medo, mais ainda que o orgulho, se tornava o primeiro motor das execrações. O atrevimento do filósofo que preconiza a livre acção dos sentidos e trata, sem desprezo, dos prazeres carnis, enraivecia a multidão, sujeita, neste campo, a muitas superstições e ainda mais à hipocrisia. Pouco importava que quem a tanto se arriscava fosse ou não mais austero, e por vezes mais casto, que os seus encarniçados detractores: conviera-se que fogo nenhum, nem nenhum suplício havia no mundo capaz

de expiar tão atroz ousadia, e isso, precisamente, por a audácia do espírito parecer agravar a do simples corpo. A indiferença do sábio, para quem qualquer país é pátria, e qualquer culto válido, à sua maneira, exasperava, igualmente, essa multidão de prisioneiros; se aquele filósofo renegado, que, aliás, nunca renegara nenhuma das suas verdadeiras crenças, era para eles um bode explotório, é porque cada qual, secretamente, ou mesmo, às vezes, sem querer, desejava um dia sair daquele círculo onde, fechado, iria morrer. O rebelde que se erguia contra o seu príncipe provocava em todos os seguidores da ordem algo de semelhante a essa invejosa raiva; o seu Não exasperava o Sim incessante deles. Mas os piores de entre esses monstros que tão singularmente pensavam eram os que porventura praticavam alguma virtude: eram muito mais de temer, pois que não era possível votá-los a um desprezo total.

DE OCCULTA PHILOSOPHIA: a insistência de alguns juízes em certas práticas mágicas, às quais ele se teria outrora ou recentemente entregado, deu azo ao cativo, que para economizar as forças já quase não pensava, a meditar nesse irritante assunto, que acessoriamente o havia preocupado durante toda a sua vida. Era sobretudo neste domínio que as opiniões dos doutos contradiziam as do vulgo. Por parte do rebanho comum, era o mágico simultaneamente reverenciado e odiado pelos seus poderes, que se supunham infinitos: o ouvido da inveja também aqui estava atento. Foi com geral desapontamento que apenas se encontrou, nos aposentos de Zenão, a obra de Agrippa de Nettesheim, a qual também o cónego Campanus e o bispo possuíam, além de uma mais recente, de Glovárim della Porta, que também se via sobre a mesa de sua reverendíssima.

E dado que havia grande obstinação a propósito de tais matérias, o bispo houve por bem interrogar o acusado. Enquanto, para os tolos, a magia era a ciência do sobrenatural, tal sistema inquietava,

ao contrário, o prelado, visto que negava o milagre. Neste assunto, Zenão mostrou-se mais ou menos sincero.

O universo dito mágico era constituído por atracções e repulsões que obedeciam a leis até agora misteriosas, mas não necessariamente impenetráveis ao entendimento humano. O íman e o âmbar pareciam ser, entre as substâncias conhecidas, as únicas capazes de revelar segredos que ninguém havia ainda explorado e que um dia talvez pudessem elucidar tudo. O grande mérito da magia e da alquimia, sua filha, era o estabelecer como postulado a unidade da matéria, de tal forma que certos filósofos de alambique haviam julgado poder assimilar esta à luz e ao raio. Entrava-se, assim, num caminho que levava longe, mas cujos perigos eram reconhecidos por todos os adeptos dignos desse nome. As ciências mecânicas, a que Zenão se havia entregado a fundo, aparentavam-se com essas buscas, pelo facto de ambas se esforçarem por transformar o conhecimento das coisas em domínio sobre essas mesmas coisas e, indirectamente, sobre o homem. Em certo sentido, tudo era magia: era magia a ciência das ervas e dos metais que permitia ao médico dominar a doença e o doente; mágica era a doença que se impõe ao corpo como uma posse de que este muitas muitas vezes não se quer libertar; mágico, também, o poder dos sons agudos ou graves que ora agitam a alma, ora a acalmam; mágica, sobretudo, a poderosa virulência das palavras, quase sempre mais poderosas que as coisas, a qual explica as asserções do Sepher Ieisira, para não dizer do Evangelho segundo São João. O prestígio que rodeia os príncipes e que se desprende das cerimónias da Igreja era magia, e magia os negros patíbulos e os lúgubres tambores das execuções, que fascinam e aterrorizam os papalvos, mais ainda do que as vítimas. Mágicos, enfim, o amor e o ódio, que nos nossos cérebros imprimem a imagem de um ser, pelo qual consentimos deixar-nos assediar.

Sua reverendíssima sacudiu pensativamente a cabeça: um universo assim organizado não deixava lugar à vontade pessoal de

Deus. Zenão concordou, não sem se dar conta do risco que corria. Trocaram em seguida alguns argumentos sobre o que seria a vontade pessoal de Deus, mercê de que intermediários ela se exerce, e se é necessária a realização dos milagres. O bispo, por exemplo, nada via de repugnante na interpretação que o autor do Tratado do Mundo Físico dera dos estigmas de São Francisco, por ele apresentados como um efeito extremo do poderoso amor que sempre modela o amante à semelhança do amado. O pecado de que o filósofo se tornara culpado era o de apresentar tal explicação exclusiva, e não inclusiva. Zenão negou que o tivesse feito, concordando com o adversário, por uma espécie de delicadeza dialéctica. Lembrou depois o bispo que o mui piedoso cardeal Nicolau de Cusa havia outrora refreado os entusiasmos gerados à volta de estátuas miraculosas e de hóstias que sangram; esse venerável sábio (que também havia postulado um universo infinito) parecera quase de antemão admitir a doutrina de Pomponazzi, para quem os milagres são unicamente um efeito da força imaginativa, tal como Paracelso e Zenão pretendiam que o fossem as aparições da magia.

O santo cardeal, porém, que outrora se esforçara por refrear os erros dos hussitas, talvez hoje calasse opiniões tão arrojadas, para não parecer estar ao serviço dos heréticos e dos ímpios, bem mais numerosos, hoje em dia, do que no seu tempo.

Zenão não pôde deixar de concordar: os ventos eram cada vez menos favoráveis à liberdade de opinião. Ajuntou mesmo, retribuindo ao bispo a sua delicadeza dialéctica, que dizer, de uma aparição, que ela é inteiramente imaginação, não significa que ela seja imaginária no sentido grosseiro do termo: os deuses e os demónios que residem dentro de nós são extremamente reais. O bispo franziu o sobrolho ao primeiro destes dois plurais, mas, como era letrado, sabia que se tem que deixar passar certas e determinadas coisas às pessoas que leram os seus autores gregos e latinos. Mas já o

médico descrevia a solícita atenção que sempre havia dispensado às alucinações dos seus doentes: o mais vero dos seres tomava forma nelas, e não raro um céu autêntico e um verdadeiro inferno.

Voltando à magia e a outras doutrinas análogas, não era só contra a superstição que era preciso lutar, mas contra o crasso cepticismo que temerariamente nega o invisível e o inexplicável. Neste ponto, Zenão e o prelado estavam de acordo.

Para terminar, falou-se das quimeras de Copérnico: esse terreno hipotético era, para o filósofo, isento de perigo teologicamente. Quando muito, podiam acusá-lo de presunção por ter apresentado, como a mais plausível, uma obscura teoria que contradizia a Escritura. Sem igualar Lutero e Calvino na sua denúncia de um sistema que ridicularizava a história de Josué, o bispo tinha este por menos aconselhável para os bons cristãos do que o sistema de Ptolomeu.

Apresentou mesmo uma objecção matemática pertinente, baseada nas paralaxes.

Zenão concordou que sim, que muitas coisas estavam por provar.

Ao regressar a casa, ou seja, à prisão, e sabendo muito bem que o resultado dessa doença de encarceração seria fatal, Zenão, cansado de tantas argúcias, procurava reflectir o menos possível. Melhor seria entregar o espírito a operações maquinais, que o livrariam de cair em terror ou fúria: agora era ele o doente a quem tinha de manter vivo e de não deixar desesperar. Muito o auxiliaram os conhecimentos de línguas que possuía: conhecia as três ou quatro línguas eruditas que se estudam nas escolas e, no decurso das viagens e da vida, havia-se familiarizado com uma boa meia dúzia de falares vulgares.

Muitas vezes lamentara ter de arrastar consigo essa bagagem de palavras que nunca utilizava: há algo de grotesco no facto de se saber qual o ruído ou o sinal que serve para designar a ideia de verdade ou a ideia de justiça em doze línguas. Um tal amontoado

tornou-se passatempo: estabeleceu listas, formou grupos, comparou alfabetos e regras de gramática. Divertiu-se durante muitos dias com o projecto de um idioma lógico, claro como a notação musical, capaz de exprimir convenientemente todos os factos possíveis. Pôs-se a inventar linguagens cifradas, como se tivesse alguém a quem enviar mensagens secretas. Também as matemáticas lhe vieram a ser úteis: supurava, sob o tecto da prisão, a declinação dos astros; refez minuciosamente os cálculos referentes à quantidade de água bebida e evaporada, em cada dia, pela planta que por certo murchava na sua oficina.

Reflectiu longamente nas máquinas voadoras e mergulhadoras, nos registos de sons graças a máquinas que imitassem a memória humana, cujos dispositivos ele e Riemer haviam desenhado outrora e que ainda hoje conseguia projectar no canhenho. Tornara-o, contudo, um sentimento de desconfiança para com esses acréscimos artificiais a ajuntar aos membros do homem: pouco interessava poder meter-se pelo oceano, dentro de uma campanula de ferro e couro, desde que o mergulhador, reduzido aos seus recursos, sufocasse no meio das ondas; ou ainda, subir aos céus com a ajuda de pedais e de outras máquinas, desde que o corpo humano continuasse a ser aquela massa pesada que cai como uma pedra. Pouco importava, sobretudo, que se descobrissem meios de registar a palavra humana, que já por de mais inunda o mundo com o seu ruído de mentira.

Alguns fragmentos das tábuas alquímicas aprendidas de cor em Leão vieram-lhe de súbito à lembrança. Auscultando ora a memória ora o raciocínio, entregou-se à tarefa de refazer ponto por ponto algumas das suas operações de cirurgia: aquela transfusão de sangue, por exemplo, que por duas vezes havia tentado.

A primeira experiência resultara mais do que ele esperava, mas a segunda ocasionara a morte súbita, não de quem derramara o sangue, mas daquele que o recebera, como se entre dois líquidos

vermelhos vertidos por diferentes indivíduos existissem ódios e amores que nós não entrevemos. Esses mesmos acordes e repulsões porventura explicavam também a esterilidade ou a fecundidade dos casais. A última destas palavras recordou-lhe Idelette arrastada pela polícia. Nas suas defesas tão bem alicerçadas abriam-se por vezes brechas; uma noite, sentado à mesa, olhando vagamente a chama da vela, lembrou-se, de repente, dos jovens monges lançados à fogueira, e então o horror, a piedade, a angústia e uma cólera que se tornou ódio fizeram-no, para vergonha sua, desfazer-se em pranto. Não sabia bem por quem nem porquê chorava ele dessa forma. A prisão tornava-o fraco.

À cabeceira dos doentes, acontecera-lhe muitas vezes ouvir contar sonhos.

Também ele tivera os seus. As pessoas contentavam-se, geralmente, em extrair dessas visões presságios às vezes certos, dado que revelam os segredos daquele que sonha; ele, todavia, pensava para consigo que tais jogos do espírito entregue a si mesmo tinham, sobretudo, a possibilidade de revelar a maneira como a alma se apercebe das coisas.

Punha-se a enumerar as qualidades das substâncias que via em sonhos: a leveza, a impalpabilidade, a incoerência, a total liberdade em relação ao tempo, a mobilidade de formas de uma pessoa, que faz que cada qual seja muitos, e vários se reduzam a um só, o sentimento quase platónico da reminiscência, o sentido quase insuportável de uma necessidade. Estas categorias fantasmiais assemelhavam-se muito ao que os hermetistas pretendiam saber sobre a vida de além-túmulo, como se o mundo da morte fosse, para a alma, a continuação do mundo da noite. Todavia, a própria vida, ao olhar de um homem prestes a deixá-la, adquiria também a estranha instabilidade e a bizarra arrumação dos sonhos. Passava de uns para os outros, como da sala dos registos onde o interrogavam para a sua cela aferrolhada, e daí para o alpendre coberto de neve.

Achou-se frente à porta de um acanhado torreão, aonde sua majestade da Suécia o hospedava em Vadsténa. Um grande veado, que na véspera o príncipe Erik tinha perseguido pela floresta, postava-se na sua frente, imóvel e paciente como todo o animal que espera um auxílio. O sonhador sentia que era seu dever ocultar e salvar essa criatura selvagem, sem contudo saber que meios empregar para o fazer franquear a porta daquela toca humana. O veado era de um negro brilhante e molhado, como se, para chegar ali, tivesse atravessado um rio. De outra vez, Zenão estava dentro de um barco que deixava um rio e ia entrar no mar largo. Era um belo dia com sol e brisa. Peixes esgueiravam-se e nadavam às centenas ao redor da proa, levados pela corrente, a que por vezes se adiantavam, passando das águas doces às águas salgadas, sendo tais migrações e passagens repletas de alegria. Mas sonhar era inútil. As coisas deixavam-se penetrar, por si mesmas, daquelas cores que têm nos sonhos e que fazem lembrar o verde, o púrpura e o branco puros das nomenclaturas alquímicas: um gomo de laranja que um dia, luxuosamente, lhe veio guarnecer a mesa, largo tempo brilhou como se fosse de ouro; o seu perfume e o seu sabor tornaram-se também uma mensagem. Várias vezes lhe pareceu ouvir uma música solene que se assemelhava à do órgão, se é que a do órgão se pode produzir em silêncio; era mais o espírito que o ouvido quem recebia esses sons. Com um dedo, aflorou a frágil aspereza de um tijolo coberto de líquenes e julgou estar a explorar os mundos. Certa manhã, em que dava uma volta pelo pátio na companhia do seu guarda Gil Rombaut, viu, sobre o pavimento irregular, um lençol de água transparente por debaixo do qual corria e palpitava um veio de água. A débil corrente buscava e encontrava o seu declive.

Uma vez, pelo menos, foi visitado por uma aparição diurna. Uma criança bela e triste, com uns doze anos de idade, veio instalar-se-lhe na cela. Todo vestido de negro, parecia um menino saído de um desses castelos mágicos que em sonho visitamos, mas Zenão tê-lo-ia

por real se não fosse o facto de ali se encontrar brusca e silenciosamente, sem ter tido por onde entrar nem sair. Essa criança sem ser semelhante àqueloutra que havia crescido na Rua das Lãs, parecia-se com ele.

Zenão deu voltas ao seu passado, aonde se contavam poucas mulheres. Havia tratado com prudência a Cacilda Perez, importando-se pouco de enviá-la outra vez para Espanha, uma vez já por ele engravidada. A escrava cativa nas muralhas de Buda morrera pouco depois de a ter consigo, e só por isso se recordava dela. Outras mulheres havia que não passavam de prostitutas, contra as quais o haviam lançado os acasos da viagem: pouco havia apreciado aqueles fardos de carne e saias. A senhora de Frôsõ, porém, mostrara-se diferente: amara-o o bastante para desejar oferecer-lhe uma protecção durável; quisera ter um filho dele; nunca saberia se alguma vez esse desejo fora ou não satisfeito, dependente como é de algo mais que a vontade do corpo. Seria possível que esse jacto de esperma atravessando a noite houvesse atingido aquela criatura, prolongando e multiplicando porventura a sua substância, graças a este ser que era e não era ele?

Experimentou uma sensação da infinda fadiga e, quase sem querer, de orgulho.

Se assim era, então entrara no jogo, como aliás já entrara com os seus escritos e actos; não sairia do labirinto senão no fim dos tempos. O filho de Sigri Ulfsdatter, esse filho das noites brancas, possível entre os possíveis, contemplava este homem esgotado, com um olhar de espanto, embora grave, como que disposto a fazer-lhe perguntas para as quais Zenão tinha resposta. Seria difícil de dizer qual deles olhava para o outro com mais piedade. A visão desfez-se tão rapidamente como se havia formado; a criança, talvez imaginária, desapareceu. Zenão decidiu não pensar mais nisso; devia ser uma alucinação de prisioneiro.

O guarda da noite, um tal Hermann Mohr, era um homem taciturno e encorpado, que dormia com um olho aberto e outro fechado, ao fundo do corredor, e parecia não ter outra paixão que não fosse a de olear e dar brilho aos gonzos. Mas Gil Rombaut era um maroto, um brincalhão. Tinha dado volta ao mundo, tinha sido carregador e guerreiro; a sua inesgotável tagarelice ia pondo Zenão ao corrente de tudo o que se passava e dizia na cidade. Era ele quem dispunha dos seis soldos diários destinados ao cativo, bem como a todos os prisioneiros de condição folgada, senão nobre. Atulhava-o de vitualhas, sabendo bem que Zenão mal lhes tocava, e que pastéis e salgados acabariam por ir parar à mesa do casal Rombaut e de seus quatro filhos. Uma tal abundância de comida, e a brancura da sua roupa, lavada a primor pela mulher de Rombaut, agradavam pouco ao filósofo, que entrevira o inferno da prisão comum; estabelecera-se, porém, uma certa camaradagem entre ele e o valentão, como sempre sucede quando um homem traz a outro alimento, passeia com ele, lhe faz a barba e lhe despeja a bacia. As reflexões do pândego eram um agradável antídoto para o estilo teológico e judiciário: Gil não estava muito certo de que houvesse um Deus Bom, dado o estado deste nosso pobre mundo. As desgraças de Idelette faziam-no, chorar: que pena não deixarem viver tão linda menina! Achava ridícula a aventura dos Anjos, conquanto declarasse que cada um se deve distrair como puder e que os gostos, como as cores, não se discutem. Pela sua parte, gostava de mulheres, o que era um prazer menos perigoso, embora caro, que lhe trazia por vezes perturbações no lar. Quanto aos assuntos públicos, estava-se nas tintas para eles. Zenão e ele jogavam às cartas; quem ganhava sempre era Gil.

Zenão medicava a família Rombaut. Um grande pedaço de bolo destinado a Zenão, que Greete trouxe ao cartório no dia de Reis, agradou ao patife, que o confiscou em proveito dos seus, o que aliás não era mal nenhum porque, de qualquer forma, o prisioneiro tinha

muito que comer. Zenão nunca chegou a saber que Greete lhe havia prestado aquela tímida prova de fidelidade.

Chegado o momento, o filósofo defendeu-se bastante bem. Algumas das acusações que se haviam mantido eram despropositadas: pois decerto que não tinha abraçado, no Oriente, a fé de Maomet; nem sequer era circuncidado.

Justificar-se de ter servido o bárbaro Infiel numa ocasião em que as suas frotas e exércitos combatiam o imperador já era tarefa menos fácil; Zenão valeu-se do facto de, sendo filho de um florentino, embora estabelecido e a exercer, ao tempo, na Provença, se considerar súbdito do rei cristianíssimo, então de boas relações com a Porta Otomana. O argumento não era nada sólido, mas propalaram-se então umas tantas histórias sobre essa ida ao Levante, todas elas propícias ao acusado. Zenão teria sido um dos agentes secretos do imperador em país barbaresco, e só a discrição lhe fechava a boca. O filósofo nunca contradisse tal ideia, bem como outras não menos romanescas, para não desencorajar alguns amigos desconhecidos que, por certo, as propagavam. Os dois anos passados na corte do rei da Suécia eram mais de temer, porque mais recentes, e porque nenhum vapor de lenda os poderia embaciar. Tratava-se de saber se sempre vivera catolicamente nesse país tido como reformado. Zenão negou ter abjurado, sem ajuntar ter assistido às prédicas, o que aliás, raras vezes fizera. A acusação de espionagem em favor do estrangeiro voltou à baila; o acusado tornou-se malvisto ao responder que, se tivesse pretendido saber ou transmitir qualquer coisa fosse a quem fosse, ter-se-ia instalado numa cidade menos afastada dos grandes problemas do que o estava Bruges.

Era contudo essa longa estada de Zenão na sua cidade natal, debaixo de um nome falso, o que mais fazia franzir o sobrolho aos juizes: viam nisso mundos e fundos. Que um descrente condenado pela Sorborme se tivesse escondido durante alguns meses ao pé de

um cirurgião-barbeiro seu amigo, pouco notado pela sua piedade cristã, ainda se admitia; mas que um homem hábil, com experiência nas cortes, adoptasse por largo tempo uma vida de penúria como médico de hospício, isso era bizarro de mais para ser inocente. Para isto não arranjou o acusado resposta satisfatória: é que nem ele mesmo compreendia porque se demorara tanto tempo em Bruges. Por uma certa decência, não referiu o affecto que a pouco e pouco o ligara ao falecido prior: essa razão, aliás, apenas valia para ele. Quanto às abomináveis relações com Cipriano, negava-as o acusado do princípio ao fim, mas todos notavam que faltava à sua linguagem aquela virtuosa indignação que em tal caso se impunha. Não se reiterou a acusação de ter tratado e dado de comer a fugitivos em São Cosme; vendo o novo prior dos Franciscanos, e com razão, que o seu convento já havia padecido bastante com aquele caso, insistiu em que não se reavivasse, em torno do médico do hospício, esse rumor de deslealdade. O prisioneiro, que até ali se comportara muito bem, esbravejou de furor quando Pedro Lê Cocq, o procurador da Flandres, submetendo de novo à discussão o velho tema das influências impróprias e mágicas, fez notar que a amizade de João Luís de Berlaimont pelo médico se poderia explicar como sendo um malefício. Depois de ter exposto ao bispo que, em certo sentido, tudo é magia, enraiveceu-se por ver rebaixado daquela maneira o comércio de dois espíritos livres.

O reverendíssimo bispo não relevou a aparente contradição.

Em matéria de doutrina, o acusado mostrou-se ágil quanto o pode ser um homem acorrentado por poderosas telas de aranha. Preocupava particularmente os dois teólogos presentes, na qualidade de auditores, a questão da infinidade dos mundos; discutiu-se longamente se infinito e ilimitado significariam a mesma coisa. O terçar de armas sobre a eternidade da alma e a sua sobrevivência apenas parcial ou temporária que, para o cristão, equivaleria a uma mortalidade pura e simples, não ficou por ali:

Zenão lembrou ironicamente a divisão das partes da alma segundo Aristóteles, mais tarde sabiamente aperfeiçoada pelos filósofos árabes. Postulava-se a imortalidade da alma vegetativa ou da alma animal, da alma racional ou da alma intelectual, e, enfim, da alma profética ou a de uma entidade subjacente a todas elas? Em dado momento, defendeu ele que algumas dessas hipóteses faziam lembrar, em suma, a teoria hilomórfica de São Boaventura, a qual implica uma certa corporalidade das almas. Negou-se a conclusão, mas o cónego Campanus, que assistia ao debate, e que se recordava de outrora ter ensinado ao seu aluno aquelas subtilezas escolásticas, sentiu, perante tal argumentação, uma onda de orgulho.

Foi no decorrer desta sessão que se procedeu à leitura, demasiado lenta, na opinião dos juizes, que achavam haver já bastante material sobre que emitir julgamento, dos cadernos em que Zenão, quarenta anos antes, transcrevera citações de pagãos ou ateus ilustres e de Padres da Igreja, em contradição uns com os outros. Por infelicidade, João Myers havia conservado com desvelo esse material de estudante. Assaz rebatidos, esses argumentos irritaram não só o acusado como o bispo, mas os não teólogos impressionaram-se mais com isso do que com as Proteorias, demasiado abstrusas para serem facilmente compreendidas. Finalmente, no meio de um silêncio lúgubre, foi feita a leitura das Profecias Cómicas com que outrora Zenão fizera as delícias do organista e da esposa, como se de adivinhas inofensivas se tratasse. Esse mundo grotesco, semelhante ao que se vê nos quadros de certos pintores, pareceu bruscamente temível. Com o mal-estar que a loucura sempre inspira, escutou-se a história da abelha a quem despojam da cera para honrarem mortos privados de olhos, diante dos quais em vão se consomem círios, e que não menos desprovidos são de ouvidos que ouçam as súplicas ou de mãos que dêem óbolos. O próprio Bartolomeu Campanus empalideceu ao fazer-se menção de povos e príncipes da Europa a chorar e a gemer, em todos os equinócios da Primavera, por um

rebelde outrora condenado no Oriente, ou, bem assim, de alguns manhosos e loucos que ameaçam ou prometem em nome de um Senhor invisível e mudo de quem, sem provas, pretendem ser os representantes. Ninguém se riu, também, com a imagem dos Santos Inocentes degolados e espetados todos os dias aos milhares, a despeito dos seus lastimosos balidos; nem com a imagem de homens adormecidos sobre penas de aves e transportados ao céu dos sonhos; nem com a dos ossos mortos a decidirem da sorte dos vivos, sobre tábuas manchadas com sangue de videira e, menos ainda, com a dos sacos furados dos dois lados e empoleirados em andas, a despejarem pelo mundo uma obscena nuvem de palavras e a sorverem depois a terra para dentro do papo. Mais que a intenção blasfematória visível em muitos casos respeitante às instituições cristãs, adivinhava-se naquelas elucubrações uma recusa ainda mais total, que deixava na boca um vago travo desagradável.

Para o próprio filósofo tinha essa leitura o efeito de um vômito amargo, e o que mais o entristecia era o facto de os assistentes se indignarem contra o atrevido que assim mostrava o absurdo da condição humana, e não contra essa mesma condição em si, que, de certo modo, tinham a possibilidade de mudar.

Tendo o bispo proposto que se pusessem de parte tais bagatelas, o doutor em Teologia Hiéronvmus Van Palmaert, que evidentemente odiava o acusado, voltou às citações antologizadas por Zenão e opinou que aquela manha de extrair de autores antigos opiniões impias e nocivas era ainda mais maldosa do que uma afirmação directa. Sua reverendíssima achou tal ponto de vista excessivo. O rosto apoplético do doutor inflamou-se e, muito alto, perguntou porque o tinham feito vir dar a sua opinião sobre erros em matéria de costumes e de doutrina que nem um só momento fariam hesitar um juiz de aldeia.

Durante esta sessão, houve ainda dois acontecimentos bastante prejudiciais ao inculpado. Uma mulher forte, de feições rudes,

apresentou-se no tribunal, muito agitada. Era a velha criada de João Myers, Catarina, que depressa se aborreceu de tratar dos enfermos de idade, que Zenão enviara para a vivenda do Quai-aux-Bois, e se dedicava agora a lavar a louça da Abóbora. Acusou o médico de ter envenenado João Myers com as suas panaceias; inculpando-se a si mesma, para perder o prisioneiro, confessou ter ajudado Zenão em semelhante tarefa. Para começar, ter-lhe-ia aquele desgraçado embotado os sentidos com poções venenosas, de forma que ela se tornara sua escrava de corpo e de alma.

Não se poupava a prodigiosos pormenores do seu comércio carnal com o médico; era de crer que a familiaridade com as moças e os clientes da Abóbora a haviam, entretanto, consideravelmente instruído. Zenão negou veementemente ter envenenado o velho João, mas admitiu ter conhecido por duas vezes essa mulher.

As clamorosas e gesticulantes confissões de Catarina despertaram imediatamente o esmorecido interesse dos juízes; teve tremendo efeito sobre o público que se amontoava à porta da sala; assim vinham a confirmar-se todos os boatos sinistros acerca do feiticeiro. Mas a marafonal entusiasmada, não se dava por vencida; mandaram-na calar; dizendo das boas aos juízes, foi posta fora da sala e mandada para o manicómio onde pôde dar largas ao seu destrambelho. Apesar de tudo, os magistrados ficaram perplexos. O facto de Zenão não ter ficado com a herança do cirurgião-barbeiro provava o seu desinteresse e fazia desaparecer o móbil do crime; de qualquer maneira, podia ter sido o remorso a inspirar-lhe tal conduta.

Enquanto se deliberava, uma denúncia mais perigosa ainda, no estado em que se encontravam os negócios públicos, chegou à mão dos juizes, através de uma carta anónima. A mensagem provinha, evidentemente, dos vizinhos do velho ferrador Cassel. Afirmava que o médico, durante dois meses a fio, havia todos os dias visitado a forja para cuidar de um ferido que era, nem mais nem menos, o

assassino do falecido capitão Vargaz; o mesmo médico teria, com muita habilidade, feito evadir o assassino. Para felicidade de Zenão, Josse Cassel, que era quem podia falar sobre muitos pontos, encontrava-se em Gueldre, ao serviço do rei, no regimento do senhor de Landas, às ordens do qual se havia colocado. O velho Pieter, uma vez sozinho, fechara a loja e regressara a uma aldeia aonde possuía bens, a qual ninguém sabia ao certo onde fosse. Zenão negou, como convinha, e imprevisivelmente veio a encontrar um defensor na pessoa do preboste que outrora assentara no livro dos registos a morte do assassino de Vargaz numa tulha de feno, e que não tinha agora o mínimo interesse em ver-se acusado de negligente na instrução desse longínquo acontecimento. Nem sequer foi descoberto o autor da carta, e os vizinhos de Josse, ao serem interrogados, davam uma no cravo, outra na ferradura; ninguém de bom senso ia confessar ter esperado dois anos para denunciar tão grande crime.

Mas a acusação era grave, e vinha dar peso àquela outra de ter socorrido no hospício alguns fugitivos.

Para Zenão, o processo já mais não era do que um jogo de cartas com Gil, que ele próprio, por distração ou imprudência, acabava sempre por perder. Tal como esses pedaços de cartão pintalgado que arruínam ou fazem a fortuna dos jogadores, cada uma das peças deste jogo legal possuía um valor arbitrário; da mesma forma que num jogo de azar ou no voltarete se convencionara estar sempre de pé atrás, baralhar bem as cartas, esconder o jogo, mentir. A verdade, a ser dita, iria provocar confusão geral. Pouco a distinguia da mentira. Quando ele falava verdade, algo de falso estava incluso: nunca ele abjurara nem da religião cristã, nem da fé católica, mas por certo tê-lo-ia feito, com a consciência em paz, se alguma vez tivesse sido necessário, possivelmente, ter-se-ia tornado luterano, se, como esperava, tivesse voltado para a Alemanha.

Negava, e com razão, as relações carnis com Cipriano, mas, uma noite, havia desejado aquele corpo agora desvanecido; em certo sentido, as alegações do desditoso jovem eram menos falsas do que ele próprio poderia crê-lo. Ninguém o havia acusado de ter proposto a Idelette uma poção abortiva, e ele negara-o honestamente, mas sempre com a restrição mental de ter ido em seu auxílio, se ela lho tivesse pedido a tempo, e de lamentar não ter podido poupá-la ao seu lamentável fim.

Se, por outro lado, as suas negações não passavam literalmente de mentiras, como na questão dos cuidados prestados a Han, também a pura verdade nem por isso deixava de mentir. Os serviços prestados a rebeldes não provavam, como indignamente pretendia o procurador e como afirmavam, com admiração, os patriotas, que ele tivesse abraçado a causa destes últimos: ninguém, de entre esse bando de furiosos, era capaz de compreender a sua fria devoção de médico.

As escaramuças com os teólogos haviam tido um certo encanto, mas ele bem sabia que nunca haverá total acomodação entre aqueles que procuram, pesam, investigam e se honram de ser capazes de pensar, amanhã, diferentemente do que pensam hoje, e aqueles que crêem ou afirmam crer, e obrigam os semelhantes, sob pena de morte, a fazer outro tanto. Uma fastidiosa irrealidade reinava nestes colóquios em que perguntas e respostas nunca encaixavam umas nas outras. Aconteceu-lhe deixar-se dormir numa das últimas sessões; um piparote de Gil chamou-o de novo à ordem. Em boa verdade, também um dos juízes estava a dormir. Acordou o magistrado a pensar que a sentença de morte já fora lida, o que fez rir toda a gente, inclusive o acusado.

Não era só no tribunal, era também na cidade, que desde o início as opiniões se agrupavam segundo complicados esquemas. A posição do bispo não era clara, mas, evidentemente, encarnava a moderação, senão a indulgência. Sendo sua reverendíssima ex officio

um dos sustentáculos do poder real, muitas pessoas de posição imitavam a sua atitude; Zenão quase se tornara o protegido do partido da ordem; mas algumas das acusações contra o prisioneiro eram tão graves que se tornava arriscado usar de moderação para com ele. Os parentes e amigos que Filiberto Ligre ainda tinha em Bruges hesitavam: a bem dizer, o acusado pertencia à família, mas não sabiam eles se isso era razão para o acusarem, se para o defenderem. Ao contrário, todos os que haviam sido vítimas de manobras praticadas pelos banqueiros Ligre englobavam Zenão no seu rancor: a esse nome, ficavam com o freio nos dentes. Os patriotas que abundavam entre os burgueses e que constituíam o melhor da arraia-miúda tinham o dever de defender esse infeliz que passava por ter socorrido muitos dos seus; alguns certamente assim fizeram, mas a maior parte desses entusiastas inclinava-se para as doutrinas evangélicas, execrando, mais do que ninguém, toda a suspeita de ateísmo ou deboche; além disso, odiavam os conventos, e achavam que Zenão estivera, em Bruges, ligado aos monges. Alguns homens, apenas, amigos desconhecidos do filósofo, ligados a ele por simpatias cujas causas eram diversas em cada caso, se esforçavam por o servir com discrição, sem atraírem sobre si a atenção da justiça, que todos tinham razão para temer. Não deixavam eles passar nenhuma ocasião para confundir tudo, contando que essa confusão pudesse favorecer em alguma coisa o prisioneiro ou, pelo menos, ridicularizar os seus perseguidores.

O cónego Campanus muito tempo se recordou que, em princípios de Fevereiro, pouco antes da fatídica sessão em que havia irrompido Catarina, se haviam reunido por momentos os senhores juizes à entrada do Registo, a discutir pontos de vista, após a saída do bispo. Pedro Le Cocq, que era, na Flandres, o factótum do duque de Alba, fez notar que se haviam perdido seis semanas com ninharias, quando seria tão simples ter aplicado as sanções da lei. Felicitava-se, por outro lado, que este processo, tão destruído de

importância, pois que em nada se relacionava com os interesses do momento, oferecesse ao público um divertimento dos mais úteis: o povo de Bruges preocupar-se-ia menos com o que se passava em Bruxelas, no Tribunal de Excepção, enquanto ali se preocupasse com esse senhor Zenão. Não era mau, além disso, que, num momento em que todos acusavam a justiça de ser arbitrária, se mostrasse que, na Flandres, em questões de matéria legal, se sabia observar as regras. Baixando de tom, ajuntou que o reverendíssimo bispo havia feito sábio uso da autoridade legítima que, sem razão, alguns lhe contestavam, mas que convinha distinguir entre a função e a pessoa: sua reverendíssima mostrava uns certos escrúpulos, de que era bom curar-se se queria continuar a exercer o cargo de juiz. O povo tinha grande empenho em ver queimar esse indivíduo e é perigoso retirar ao mastim o osso com que se lhe fez negaças.

Bartolomeu Campanus não ignorava que o influente procurador tinha muitas dívidas para com aquilo que em Bruges continuava a dar pelo nome de Banco Ligre.

Enviou na manhã seguinte um correio ao seu sobrinho Filiberto e à Senhora Dona Marta, esposa deste, pedindo-lhe que induzisse Pedro Le Cocq a encontrar qualquer estratagem propício ao prisioneiro.

Uma bela morada

A sumptuosa residência de Forestel fora recentemente construída à moda italiana por Filiberto e sua mulher; podiam ver-se filas de divisões com o seu pavimento reluzente, e as altas janelas que davam para o parque onde, nessa manhã de Fevereiro, caía a chuva e a neve. Pintores que haviam estudado na Península tinham pintado os tectos das salas com belas cenas da história profana e da fábula: a

generosidade de Alexandre, a clemência de Tiro, Dáriae molhada por uma chuva de oiro, Ganimedes subindo ao céu. Um aparador florentino incrustado de marfim, jaspe e ébano, para o que haviam contribuído os três reinos da natureza, era ornado de colunelos torneados e de nus femininos reflectidos em múltiplos espelhos; havia molas que serviam para abrir gavetas secretas. Mas Filiberto era demasiado inteligente para confiar os seus segredos de Estado a esses esconderijos mais complicados do que o âmago da consciência; e quanto a cartas de amor, nunca ele havia redigido nem recebido tal coisa, dado que as suas paixões, aliás muito moderadas, eram por lindas raparigas a quem não é preciso escrever. Na lareira, decorada com medalhões representando as Virtudes Cardeais, ardia uma fogueira por entre duas frias e luzidias pilastras; as grossas achas arrancadas à floresta vizinha eram, no meio de todo este esplendor, os únicos objectos naturais que não tinham sido polidos, aplainados, envernizados pela mão do operário. Arrumados sobre uma credência, alguns tomos ostentavam as lombadas de pergaminho ou de marroquim gravadas a ouro fino; eram obras de devoção que nunca ninguém abria; havia muito tempo já que Marta sacrificava a Instituição Cristã de Calvino, pois que esse livro herético era, como delicadamente lhe fizera notar Filiberto, comprometedor.

O próprio Filiberto possuía uma colecção de tratados genealógicos e, numa gaveta, um belo Aretino, que de tempos a tempos mostrava aos seus hóspedes, enquanto as senhoras falavam de jóias ou das flores do jardim.

Uma ordem impecável reinava nestas salas já arrumadas da recepção efectuada na véspera. O duque de Alba e o seu ajudante-de-campo Lancelote de Berlainiont haviam consentido em cear e passar a noite ali, no regresso de uma inspecção à região de Mons; estando o duque demasiado cansado para subir as grandes escadarias sem se fatigar, armaram-lhe um leito numa das salas de baixo, sob uma tenda de tapeçaria que o abrigava do vento

encanado, e sustida por lanças e troféus de prata; nada restava já desse heróico leito de repouso em que o ilustre visitante infelizmente tão mal dormira. A conversa no jantar fora, a um tempo, sólida e prudente; falara-se de assuntos públicos no tom com que falam as pessoas que neles participam e que sabem até onde podem ir; por bom gosto, não se insistira demasiado em coisa nenhuma. O duque mostrava inteira confiança no que se referia à situação da Germânia Inferior e da Flandres: os distúrbios haviam sido debelados; a monarquia espanhola não tinha a temer que alguma vez lhe fossem tiradas Middelborg ou Amsterdão, da mesma forma que Lille ou Bruxelas. Podia pronunciar o seu *Nunc dimittis* e pedir ao rei que arranjasse um substituto. já não era novo, e a sua tez acusava doença de fígado; a sua falta de apetite obrigou os hóspedes a ficarem com fome. Lancelote de Berlaimont, por seu lado, comia à vontade, ao mesmo tempo que ia contando pormenores da vida no exército. O príncipe de Orange fora derrotado; para a disciplina era, no entanto, prejudicial que as tropas fossem pagas com tanta irregularidade. O duque franziu o sobrolho e mudou de assunto; parecia-lhe pouco estratégico mostrar, nesse momento, as mazelas pecuniárias da causa real. Filiberto, que sabia perfeitamente a quanto subia o déficit, também preferia não falar de dinheiro à mesa.

Mal os seus hóspedes, por uma aurora enublada, se puseram de novo ao caminho, Filiberto, pouco satisfeito por ter que debitar cumprimentos tão matinais, voltou a ir para a cama, onde preferia trabalhar, por causa da perna gotosa.

Para sua mulher, que, ao contrário, se levantava todos os dias ao alvorecer, essa hora nada tinha de insólito. Deambulando, no seu passo sempre igual, pelas salas vazias, Marta compunha, aqui e acolá, sobre um baú, alguma bugiganga de ouro ou prata levemente deslocada por qualquer criado, ou raspava com a unha, sobre uma consola, um imperceptível pingo de cera. Daí a momentos, veio um secretário entregar-lhe uma carta, já aberta, do cónego Campanus.

Vinha acompanhada de uma pequena nota irónica de Filiberto, indicando que ali acharia notícias de seu primo, bem como de um irmão seu.

Foi sentada diante da chaminé, e protegida do fogo ardente por uma manta bordada, que Marta tomou conhecimento dessa longa missiva. As laudas, cobertas de uma escrita escura e miúda, rangiam-lhe nas magras mãos saídas dos punhos de renda. Não tardou a interromper a leitura para pensar. Bartolomeu Campanus tinha-a informado da existência desse irmão uterino, aquando da sua chegada à Flandres, na qualidade de noiva; o cônego recomendara-lhe, mesmo, que rezasse por esse ímplo, sem saber que Marta se abstinha de rezar. A história desse filho ilegítimo recebera-a ela como mais uma nódoa sobre sua mãe, já tão maculada. Não lhe foi difícil identificar o filósofo-médico que se tornara célebre pelos serviços prestados aos pestiferados da Alemanha, com o homem vestido de vermelho que recebera à cabeceira de Benedita e que, de forma tão estranha, a havia interrogado sobre os seus defuntos pais. Muitas vezes havia ela pensado nesse homem temível, muitas vezes havia sonhado com ele. Tal como a Benedita, no seu leito de morte, ele vira-a toda nua: adivinhara o mortal vício da cobardia que ela trazia em si, invisível para todos os que a tinham na conta de mulher forte. A ideia da sua existência era para ela pungente. Ele era aquele rebelde que ela nunca soubera ser; enquanto ele errava pelos caminhos do mundo, o caminho dela levava-a apenas de Colónia a Bruxelas. Desta feita, caíra naquela prisão sombria em que ela outrora abjectamente temera cair; o castigo que o ameaçava afigurava-se-lhe justo: tinha vivido como quisera; os riscos que corria escolhera-os ele.

Voltou a cabeça, molestada por uma corrente fria: a seus pés, o fogo mal aquecia uma pequena parte da enorme sala. Aquele frio gelado parecia-se com aquele que, pelos vistos, se sente à passagem de um fantasma: e era isso, precisamente, o que esse homem tão

próximo do fim sempre fora a seus olhos. Nada havia atrás de Marta além do magnífico salão vazio. O mesmo sumptuoso vácuo que sempre reinava na sua vida. As únicas lembranças um pouco mais doces eram as de Benedita, que Deus, se é que havia Deus, lhe levara, e que ela não soubera cuidar até ao fim; a fé evangélica que a apaixonara na juventude havia-a ela abafado: ficara apenas um mar de cinza. Vivia, há mais de vinte anos, com a certeza da sua danação: era tudo quanto retivera dessa doutrina que nunca ousara confessar em voz alta. Mas essa noção do seu próprio inferno tinha-se tornado algo de repousado e de fleugmático: sabia-se condenada, como se sabia esposa de um homem rico a quem juntara a sua fortuna, e mãe de um estouvado, bom, quando muito, para esgrimir e beber em companhia de outros fidalgos, da mesma forma que sabia que Marta Ligre havia de morrer um dia. Fora virtuosa sem dificuldade; pois nunca tivera pretendentes a repelir; os fracos ardores de Filiberto haviam deixado de lhe ser dirigidos após o nascimento do seu filho único, de forma que nem sequer tivera que praticar os prazeres permitidos. Só ela estava ao corrente dos desejos que sob a pele porventura lhe haviam passado; preferia, a dominá-los, tratá-los com desprezo, da mesma forma que se trata com desprezo uma leve indisposição do corpo; fora, para com o seu filho, uma mãe justa, sem nunca conseguir vencer a natural insolência do rapaz ou dele se fazer estimar; diziam que era dura até à crueldade para com os criados e servas, mas o facto é que era preciso impor-se ao respeito dessa canalha. A sua atitude na igreja edificava toda a gente, se bem que ela, no íntimo, desprezasse tais palhaçadas. Se esse irmão que vira uma única vez passara seis anos com um nome falso, ocultando os seus vícios e praticando virtudes fingidas, isso muito pouco era comparado com o que ela fizera durante toda a vida. Pegou na carta do cônego e subiu até junto de Filiberto.

Como sempre, quando entrava no quarto do marido, apertou os lábios com desdém, ao constatar os seus erros de comportamento e

de regime. Filiberto estava todo enterrado em travesseiros moles, prejudiciais à sua gota, como também o era a caixa de confeitos que tinha sempre à mão. Teve ainda tempo de esconder debaixo do lençol um Rabelais que tinha consigo para se entreter entre uma e outra ordem de serviço. Ela sentou-se, busto direito, num banco afastado da cama. Marido e mulher trocaram algumas palavras sobre a visita da véspera; Filiberto gabou a Marta a excelente preparação da refeição, em que, infelizmente, o duque mal havia tocado. Ambos lamentaram o seu mau aspecto.

Em intenção do secretário que recolhia os seus papéis antes de os ir copiar para uma sala ao lado, o obeso Filiberto ainda observou respeitosa e modestamente que se falava demasiado da coragem dos rebeldes executados por ordem do duque (era, aliás, duvidoso que fossem tantos), mas que nunca se louvava condignamente a fortaleza de ânimo deste homem de Estado e de guerra que, sob o arnês, dava a vida pelo seu senhor. Marta concordou com um aceno.

— Os assuntos públicos afiguram-se-me menos seguros do que o duque pensa, ou no-lo quer fazer crer—acrescentou ele secamente, mal a porta se fechou. -

Tudo dependerá do pulso do seu sucessor.

Em vez de responder, Marta perguntou-lhe se lhe parecia necessário suar debaixo de tantos edredões.

— Preciso dos bons conselhos da minha mulher a respeito de coisas bem diversas dos travesseiros—disse Filiberto no tom levemente trocista que costumava adoptar para com ela.—Lestes a carta do nosso tio?

É um negócio bem pouco limpo—disse Marta, hesitante. Sempre assim é, quando a justiça se intromete, quando não é ela a sujá-los no caso de eles serem limpos—afirmou o conselheiro.—O cônego, que leva o assunto muito a peito, acha talvez de mais duas execuções públicas numa só família.

— Toda a gente sabe que minha mãe morreu em Münster, vítima dos distúrbios—disse Marta, cujos olhos se ensombraram de cólera.

— Isso é o que interessa que se saiba, e foi isso que eu vos aconselhei a mandar gravar na parede de uma igreja—replicou Filiberto com uma doce ironia. -

Mas estou a falar-vos, neste momento, do filho dessa virtuosa mãe... É certo que o nosso procurador na Flandres se encontra inscrito com avultada soma nos nossos livros, ou melhor, nos livros dos herdeiros Tucher, e talvez lhe agradasse que riscássemos dali certas inscrições... Mas o dinheiro não resolve tudo, pelo menos com tanta facilidade como pensam os que, como o cónego, possuem pouco. O assunto parece-me ir já muito adiantado, e Le Cocq tem porventura razões pessoais para ir ainda mais além. Será que tudo isto vos impressiona muito?

— Lembrai-vos de que mal conheço esse homem—disse com frieza Marta, que, pelo contrário, se recordava perfeitamente do momento em que aquele estranho tirara, no obscuro vestíbulo da casa Fugger, a máscara regulamentar de médico da peste. Era todavia bem certo que ele sabia mais sobre ela do que ela sobre ele, e que, fosse como fosse, esse recanto do seu passado era dos que só a ela interessavam, não tendo ali Filiberto direito de acesso.

— Notai que não tenho nada contra meu primo e vosso irmão, que bem desejaria ter aqui, para me curar desta gota-continuou o conselheiro, enterrando-se todo nas almofadas.— Mas que ideia a sua de ir meter-se em Bruges, como uma lebre na boca dos cães, e ainda por cima com um nome falso que só pode enganar os tolos... O mundo apenas nos exige um pouco de discrição, um pouco de prudência. Para quê publicar opiniões que desagradam à Sorbonne e ao santo padre?

— O silêncio custa a suportar—disse Marta subitamente, quase sem querer.

O conselheiro olhou-a com malicioso espanto.

— Muito bem—disse—, vamos então ajudar esse sujeito a safar-se. Mas notai que, se Pedro Le Cocq o consente, eu é que lhe fico obrigado, em vez de ele a mim, e que, se por acaso o não consente, terei que engolir um não. Pode ser que o senhor de Berlaimont me agradeça o eu poupar a um fim escandaloso um homem que seu pai protegia, mas ou eu me engano muito, ou ele se preocupa pouco com o que em Bruges se passa. Que me propõe a minha mulher?

— Nada que possais vir a censurar-me depois de ter sucedido respondeu ela em voz seca.

— Pois então, óptimo—disse o conselheiro com o contentamento de quem vê afastar-se o perigo de uma discussão.—E já que as minhas mãos gotosas me impedem de segurar a pena, fareis o favor de escrever por mim ao nosso tio, recomendando-nos nas suas santas orações...

— Sem mencionar o assunto principal?—perguntou Marta pertinente.

— Nosso tio será suficientemente esperto para entender uma omissão—afirmou, com um aceno de cabeça.—Interessa que o correio não volte de mãos vazias. Tendes por certo algo de comer a enviar-lhe pela Quaresma (uns empadões de peixe servem muito bem) assim como uma peça de pano para a sua igreja.

Marido e mulher trocaram entre si um olhar. Ela admirava Filiberto pela sua circunspecção, tal como outras mulheres admiram o homem pela sua coragem ou virilidade. Estava tudo a caminhar tão bem que ele teve a imprudência de acrescentar:—O mal todo está em o meu pai ter criado esse bastardo como se fosse seu filho.

Se tivesse sido criado numa família obscura e não tivesse frequentado a escola...

— Nesse assunto de bastardos tendes vós experiência—disse ela com profundo sarcasmo.

Ele pôde sorrir à vontade, pois ela já lhe virara as costas e se aproximava da porta. Aquele filho natural que ele tivera de uma camareira (e que aliás talvez nem fosse seu) havia facilitado as suas relações conjugais, em vez de perturbá-las. Ela falava sempre desse agravo, e deixava passar outros mais graves sem nada dizer e mesmo (quem sabe) sem os notar. Ele voltou a chamá-la.

— Reservo-vos uma surpresa—disse.—Recebi esta manhã algo de melhor do que o correio do nosso tio. Tenho aqui as cartas que ratificam a erecção de Steenberg a viscondado. Sabeis que mudei para Steenberg o nome de Lombardia, que se arrisca a ser um título ridículo aplicado a um filho e neto de banqueiros.

— Ligue e Foulcre soam bastante bem aos meus ouvidos disse ela com frio orgulho, afrancesando, como era costume, o nome dos Fugger.

— Lembra demasiado etiquetas afixadas em sacos de moedas—disse o conselheiro.—Vivemos num tempo em que um belo nome é indispensável para se chegar à corte. É preciso uivar com os lobos, minha querida mulher, e grasnar com os pavões.

Mal ela saiu, estendeu a mão para o pote e encheu a boca de confeitos. Não acreditou naquele desdém dela pelos títulos: todas as mulheres gostam do que brilha. Algo, porém, lhe tornava amargo o gosto dos rebuçados. Era pena nada poder fazer por aquele pobre diabo, sem com isso se comprometer.

Marta desceu a escadaria principal. Apesar de tudo, aquele novo título soava-lhe agradavelmente aos ouvidos; de qualquer forma, seu filho ainda um dia lhe agradeceria. Ao lado disso, a carta do cónego perdia importância.

Tarefa enfadonha era escrever a resposta: pôs-se a pensar amargamente que, afinal, Filiberto fazia sempre tudo quanto lhe apetecia, e que nunca, em toda a sua vida, deixaria de ser a rica intendente de um homem rico. Por estranha contradição, esse irmão que ia abandonar à sua sorte encontrava-se, nesse momento, mais

próximo dela do que o marido e o filho único: juntamente com Benedita e sua mãe fazia parte de um mundo secreto onde ela permanecia encerrada. Em certo sentido, ela condenava-se nele. Mandou chamar o mordomo, a fim de lhe ordenar que juntasse as dádivas que haviam de ser entregues ao correio, o qual, entretanto, ia comendo à farta nas suas cozinhas.

Tinha o mordomo um pequeno assunto de que desejava falar à senhora.

Oferecia-se-lhe agora uma boa ocasião. Como a senhora estava a par, os bens do senhor de Battenbourg haviam sido confiscados após a sua execução. Estavam ainda sequestrados, para serem vendidos em proveito do Estado, logo que fossem pagas as dívidas de alguns particulares. Não se podia dizer que os Espanhóis não fizessem as coisas como devia ser. Ele, porém, graças ao antigo porteiro do supliciado, sabia da existência de um lote de tapeçarias que não figuravam no inventário e de que se podia dispor à parte. Tratava-se de belos Aubussons representando episódios da História Sagrada, A Adoração do Bezerro de Ouro, A Renegação de São Pedro, O Incêndio de Sodônia, O Bode Expiatório, Os hebreus Lançados na Fornalha Ardente. Tornou o metuculoso mordomo a meter a lista na algibeira. justamente a senhora tinha feito menção de querer renovar as tapeçarias do Salão de Ganimedes. De qualquer forma, eram peças cujo valor iria aumentando com o tempo.

Ela reflectiu um momento e acabou por aquiescer com um aceno. Não se tratava de temas profanos, como aqueles para que Filiberto tinha exagerada propensão. E julgava ela ter visto outrora esses panejamentos no palácio do senhor de Battenbourg, onde produziam mui nobre efeito. Era negócio a não perder.

A visita do cônego

Na tarde que se seguiu à condenação de Zenão, foi o filósofo informado de que o cónego Campanus o esperava no parlatório da sala do Registo. Desceu em companhia de Gil Rombaut. O cónego pediu ao carcereiro para os deixar sós.

Para mais segurança, Rombaut, ao afastar-se, deu uma volta à chave.

O velho Bartolomeu Campanus sentara-se pesadamente num cadeirão de espaldar alto, junto a uma mesa; as suas duas bengalas repousavam no chão, perto dele.

Em sua honra acendera-se na lareira uma fogueira, cujo clarão supria à pouca luz do dia e ao frio dessa tarde de Fevereiro. O rosto largo do cónego, sulcado por centenas de rugas, parecia róseo, à luz da fogueira, mas Zenão bem lhe viu os olhos avermelhados e a reprimida tremura dos lábios. Hesitavam ambos quanto à forma de se abordarem. Fez o cónego um vago movimento, como de quem quer erguer-se, mas a sua idade e as moléstias punham travão a essa amabilidade, além de que duvidava, também, se não haveria algo de inconveniente nessa homenagem prestada a um condenado. Zenão conservou-se a alguns passos de distância.

— Optímepater -disse, retomando o vocativo com que havia tratado o cónego nos seus tempos de estudante—, agradeço-vos os préstimos grandes e pequenos que me oferecestes durante a minha prisão. Adivinhei logo de onde tais atenções podiam vir. A vossa visita é daquelas que eu não esperava.

— Porque não vos teríeis dado a conhecer mais cedo?—disse o velho com afectuosa reprovação.—Sempre tivestes menos confiança em mim do que nesse cirurgião-barbeiro...

— Admira-vos que eu desconfiasse?—replicou o filósofo. Esfregava metodicamente os dedos entorpecidos. O seu quarto, ainda que situado num andar superior, era, nestes tempos inverniais,

de uma insidiosa humidade. Sentou-se numa cadeira colocada perto do lume e estendeu as mãos.

— Ignis noster—disse com brandura, empregando uma forma alquímica que Bartolomeu Campanus havia sido o primeiro a ensinar-lhe. O cónego foi atravessado por um calafrio.

— A parte que me cabe nos serviços que tentaram prestar-vos reduz-se a pouca coisa—disse, esforçando-se por falar em voz compassada.—Decerto vos recordais do diferendo que em tempos opôs o bispo e o antigo prior dos Franciscanos. Mas as duas santas criaturas acabaram por estimar-se. O defunto prior, antes de morrer, recomendou-vos ao reverendíssimo prelado. Sua reverendíssima tudo fez para que fôsseis julgado com equidade.

— Estou-lhe agradecido—disse o condenado.

O cónego pressentiu nesta resposta uma ponta de ironia.

— Lembrai-vos de que o veredicto não dependia apenas de sua reverendíssima.

Até ao fim, não deixou de recomendar indulgencia.

— Não é esse o costume?—perguntou Zenão com uma certa dureza.—Ecclesia abhorret a sanguine.

— Desta vez era sincero—disse, ferido, o cónego.—Mas, infelizmente, os crimes de ateísmo e de impiedade estão bem patentes, e vós assim o quisestes.

Nada, graças a Deus, foi provado contra vós em matéria de direito comum, mas sabeis, tão bem como eu, que dez suposições equivalem, para o povo, e até mesmo para a maior parte dos juízes, a uma convicção. As acusações daquele deplorável jovem, cujo nome nem quero recordar, prejudicaram-vos muito, logo de início...

— Não me vedes, contudo, de mistura com os risos e brincadeiras na estufa, à luz dos círios roubados?

— Ninguém afirmou tal—disse com gravidade o cónego. Não esqueçais que há outras formas de cumplicidade.

— É estranho que para nós, cristãos, sejam as pretensas desordens da carne consideradas o mal por excelência—disse Zenão, meditativo.—Não há quem castigue com nojo e raiva a brutalidade, a selvajaria, a barbárie, a injustiça.

Amanhã, ninguém se lembrará de considerar obscenas as pessoas que vierem ver-me contorcer no meio das chamas.

O cónego tapou o rosto com uma das mãos.

— Desculpai, padre—disse Zenão.—Non decet. Não tornarei a cometer a indecência de tentar mostrar as coisas como elas realmente são.

— Atrever-me-ia a dizer que o que me confunde nesta aventura de que vós sois vítima é a estranha solidariedade do mal disse em voz baixa o cónego.—A impureza, sob todas as suas formas, as infantilidades talvez intencionalmente sacrílegas, a violência contra um recém-nascido inocente e, finalmente, aquela violência contra a própria pessoa, a pior de todas as violências, a perpetrada por esse Pedro de Hamaere. Confesso que a princípio todo esse sombrio episódio me parecia desmesuradamente aumentado pelos inimigos da Igreja. Mas um cristão e um monge que a si mesmo se dá a morte é mau cristão e mau monge, e por certo que esse não deve ser o seu primeiro crime.

Não me agrada saber que a vossa grande sabedoria se encontra ligada a tudo isso.

— A violência cometida contra o filho por essa infeliz é muito semelhante à do animal que rói um dos membros para poder livrar-se da armadilha onde a lançou a crueldade dos homens. Quanto a Pedro de Hamaere...

Calou-se, por prudência, ao dar conta que a única coisa louvável nesse defunto era justamente a sua morte voluntária. Na sua total destituição de condenado, ainda tinha uma oportunidade a não desprezar e um segredo a guardar.

— Não viestes aqui para rememorar à minha frente o processo de uns poucos de infelizes—disse.—Usemos melhor destes preciosos momentos.

— Muito também vos prejudicou a governanta de João Myers—continuou tristemente o cônego, numa teimosia própria da sua avançada idade.

— Não havia ninguém que gostasse desse malvado, que eu, aliás, julgava completamente esquecido. Mas a suspeita de envenenamento voltou a trazê-lo às bocas do mundo. Tenho escrúpulo de preconizar a mentira, mas mais valia terdes negado todo e qualquer comércio carnal com essa desavergonhada criada.

— Admira-me que um dos mais perigosos actos da minha vida tenha sido esse de dormir duas noites com uma criada—disse Zenão com ironia.

Bartolomeu Campanus suspirou profundamente: aquele homem que tanto amava parecia barricar-se contra ele.

- Jamais sabereis quanto o vosso naufrágio me pesa na consciência—arriscou o cônego, tentando dar outro rumo à conversa.

— Não falo dos vossos actos que conheço mal, e quero crer serem inocentes, embora tenha aprendido, no confessionário, que os piores actos podem aliar-se a virtudes como são as vossas. Falo, sim, dessa fatal revolta espiritual que até a própria perfeição seria capaz de transformar em vício, e cujos germes talvez tivesse sido eu a instilar-vos sem querer.

Como o mundo está mudado, e quão inocentes eram as ciências e a Antiguidade no tempo em que eu estudava as letras e as artes... Quando penso que fui eu o primeiro a ensinar-vos aquela Escritura que tanto desdenhais, pergunto-me se um mestre mais firme ou instruído do que eu o era...

— Não vos preocupeis, optíme pater—disse Zenão.—A revolta que tanto vos inquieta estava em mim, ou talvez no século.

— Os vossos desenhos de bombas voadoras e de carros movidos pelo vento, que provocavam o riso nos juízes, faziam-me lembrar a mim Simão, o Mago—disse o cónego fixando-o com um olhar inquieto.—Mas pensei também nas quimeras mecânicas da vossa juventude, que apenas causaram distúrbios e tumultos. Foi, infelizmente, nesse dia que eu obtive da regente a certeza de um lugar seguro que vos poderia ter aberto uma honrosa carreira...

— E daí, talvez me tivesse levado ao mesmo sítio a que outros caminhos me levaram. Conhecemos menos dos caminhos e do destino dos homens do que das migrações das aves.

Perdido em devaneios, Bartolomeu Campanus recordava o clérigo de vinte anos, esse a quem ele desejara salvar o corpo ou, pelo menos, a alma.

— Não ligueis mais importância do que eu a essas fantasias mecânicas, que em si mesmas nem são fastas nem nefastas replicou Zenão com desdém.—Acontece com elas o mesmo que com os achados do alquimista que o distraem da ciência pura, mas que por vezes a activam ou fecundam. Non cogitat qui non experitur. Até mesmo na arte do médico, em que sobretudo me apliquei, a invenção vulcânica e alquímica desempenha o seu papel. Mas confesso que, sendo a raça humana a mesma que irá durar até ao fim dos séculos, não convém deixar os loucos virarem a máquina das coisas ou os furiosos subirem ao Céu. Pela minha parte, e neste estado em que o Tribunal me colocou—acrescentou ele, com uma risada seca que horrorizou o cónego—, cheguei ao ponto de amaldiçoar Prometeu por ter dado o fogo aos mortais.

— Com oitenta anos de vida que tenho, nunca supus que a malignidade dos juízes fosse tão grande—disse o cónego indignado.—Hiéronymus Van Palmaert está desejoso que vos mandem explorar esses vossos mundos infinitos, e Le Cocq, esse excremento, propõe, por escárnio, que vos mandem combater Maurício de Nassau montado num bombardeiro celeste.

— Não há razão para ele escarnecer. Todas essas quimeras se realizarão no dia em que a espécie humana se debruçar sobre elas, como o fez para construir os seus Louvres e as suas sés catedrais. O Rei dos Terrors há-de descer dos céus, com seus exércitos de gafanhotos e seus mecanismos de hecatombe... ó besta cruel! Nada haverá sobre a Terra, por baixo dela ou nas águas, que não seja perseguido, estragado ou destruído... Abre-te, abismo eterno, e traga enquanto é tempo a raça desenfreada...

— Como?—perguntou alarmado, o cônego.

— Nada—respondeu distraído o filósofo.—Recitava uma das minhas Profecias Grotescas.

Bartolomeu Campanus suspirou. A angústia fora demasiado forte para esse cérebro todavia sólido. A aproximação da morte fazia-o delirar.

— É bem certo que haveis perdido a fé na sublime excelência do homem—disse ele, sacudindo tristemente a cabeça. Começa-se por duvidar de Deus...

— O homem é uma empresa que tem contra si o tempo, a necessidade, a sorte, a imbecil e sempre crescente primazia do número—disse mais pausadamente o filósofo.—Os homens hão-de matar o homem.

Mergulhou num longo silêncio. Tal acabrunhamento pareceu bom sinal ao cônego, que o que mais temia era a intrepidez de uma alma demasiado segura de si, couraçada, ao mesmo tempo, contra o arrependimento e o medo. Prosseguiu, com uma certa precaução:— Deverei eu acreditar, como dissestes ao bispo, que a Grande Obra não tem, por sua vez, outro fim senão o de aperfeiçoar a alma humana? Se assim é - continuou ele, num tom involuntariamente decepcionado—, então, estaríeis mais perto de nós do que eu e sua reverendíssima supúnhamos, e esses mágicos arcários que nunca me foi dado ver senão à distância resumem-se àquilo que todos os dias a Santa Igreja ensina aos fiéis.

— Sim—disse Zenão.—Há mil e seiscentos anos. Duvidou o cônego se tal resposta não escondia uma ponta de sarcasmo. Mas os momentos eram preciosos. Passou à frente.

— Meu filho—disse—, supondes, porventura, que vim aqui para travar convosco um debate que já não vem a propósito. Melhores razões me trouxeram aqui. Sua reverendíssima fez-me notar que em vós não há, propriamente falando, qualquer heresia, tal como sucede com esses detestáveis sectários que hoje em dia movem guerra à Igreja, mas antes umas sábias impiedades, cujo perigo, ao fim e ao cabo, é apenas evidente para os eruditos. Assegura-me o reverendíssimo bispo que as vossas Proteorias, justamente condenadas por rebaixarem os nossos santos dogmas ao nível de vulgares noções difundidas até entre os piores idólatras, podiam bem servir para uma nova Apologética: bastaria que essas mesmas proposições apresentassem as nossas verdades cristãs como coroa de todas as intuições infusas na humana natureza. Sabeis, tão bem como eu, que é tudo uma questão de direcção...

— Creio perceber para onde tende esse discurso—disse Zenão.— Se a cerimónia de amanhã fosse substituída pela de uma retractação...

— Não espereis demasiado—disse com prudência o cônego. Não é a liberdade que se vos oferece. Mas sua reverendíssima fará pressão para conseguir a vossa retenção in loco carceris numa casa religiosa à sua escolha; o vosso bem-estar futuro dependerá dos penhores que souberdes dar à boa causa. Bem sabeis que as prisões perpétuas são aquelas de onde sempre se arranja maneira de sair.

— O vosso auxílio chega atrasado, optímepater—murmurou o filósofo.—Mais valia ter refreado antes os meus acusadores.

— Não nos honraríamos em lisonjear o procurador da Flandres—disse o cônego, remoendo a amargura que lhe causavam as inúteis diligências junto dos ricos Ligre.—Um homem da sua espécie condena da mesma forma que um cão se atira à presa. Fomos

obrigados a deixar avançar o processo, dispostos a servirmo-nos, depois, dos poderes que nos restam. As ordens menores que outrora recebestes expõem-vos às censuras da Igreja, mas garantem-vos também uma protecção que a grosseira justiça secular não concede. É verdade que sempre temi que, por desafio, fizésseis qualquer irreparável confissão...

— Se a tivesse feito por contrição, seríeis forçado a admirar-me.

— Agradecia-vos que não confundísseis o tribunal de Bruges com os tribunais da penitência—disse o cônego, impaciente. O que conta aqui é o facto de o desgraçado Irmão Cipriano e de seus cúmplices se contradizerem, de nos termos livrado das infâmias da servente de cozinha, fechando-a no manicómio, e daqueles que vos acusaram de ter tratado o assassino do capitão espanhol se haverem eclipsado... Os crimes concernentes a Deus são da nossa alçada.

— Incluíis entre esses os cuidados prestados a um ferido?

— O meu parecer não conta—disse evasivamente o cônego.

— A minha opinião, se desejais sabê-la, é a de que todo o serviço prestado ao próximo deve ser tido como meritório, mas que, no vosso caso, se patenteia uma rebelião que, essa, não é meritória. O defunto prior, que por vezes não pensava como devia ser, decerto aprovou sempre essa sediciosa caridade.

Felicitemo-nos, ao menos, por não terem aparecido provas.

— Teria sido fácil aparecerem, se os vossos bons cuidados não me tivessem poupado à tortura—disse o prisioneiro, encolhendo os ombros.

— Já vo-lo agradei.

— Defendemo-nos com o adágio que diz Clerícus regularíter torquerí non potestper laycum—afirmou o cônego, com o ar de um homem que aponta um triunfo.

— Lembrai-vos, todavia, que, em certos pontos, como seja, por exemplo, o dos costumes, ainda continuais fortemente suspeito, e teríeis que comparecer novi .s surveníentibus inditils. O mesmo

acontece em matéria de rebelião. Pensai o que bem quiserdes dos poderes deste mundo, mas considerai também que os interesses da Igreja e o da ordem são uma e a mesma coisa enquanto os rebeldes estiverem feitos com a heresia.

— Entendo tudo isso— disse o condenado, inclinando a cabeça.— A minha precária segurança dependeria inteiramente da boa vontade do bispo, cujo poder pode diminuir, cujo parecer pode mudar. Nada prova que dentro de seis meses não me encontre tão perto das chamas como agora.

— E esse temor não o deveríeis vós de ter durante toda a vida? perguntou o cônego.

- No tempo em que me ensináveis os rudimentos das letras e das ciências, um indivíduo inculcado de um crime verdadeiro ou falso foi queimado em Bruges, e um dos nossos criados contou-me o seu suplício—disse o prisioneiro, à laia de resposta.—Para aumentar o interesse do espectáculo, prenderam-no ao poste com uma comprida corrente, a qual lhe permitiu correr, todo em chamas, até cair de borco no chão, ou seja, em cima das brasas. Muitas vezes pensei para comigo que tal atrocidade bem podia servir de alegoria ao estado do homem que é deixado quase livre.

— Pensais que não concordamos todos com isso?—perguntou o cônego.—A minha existência foi pacífica e, atrevo-me a dizê-lo, inocente, mas não se vive oitenta anos sem conhecer coacções.

— Pacífica, sim—disse o filósofo.—Inocente, não. A conversa dos dois homens retomava, sem eles quererem, o tom quezimento das suas antigas discussões de mestre e aluno. Resolvido a tudo suportar, o cônego rezou interiormente para que lhe fossem concedidas as palavras convincentes.

— Iterum peccavi—disse por fim Zenão, com voz mais calma.— Mas não vos espanteis que as vossas bondades se me afigurem uma armadilha. Os meus poucos encontros com o reverendíssimo bispo não mo revelaram como um homem cheio de piedade.

— O bispo não vos estima mais do que Le Coq vos odeia disse o cônego, sufocando as lágrimas.—Só eu... Mas, conquanto sejais, de facto, um pião na partida que eles jogam entre si continuou, em tom mais calmo—, não é o bispo desprovido de humana vaidade, e honrar-se-á de poder trazer a Deus um ímpio capaz de persuadir os seus semelhantes. A cerimônia de amanhã será para a Igreja uma vitória mais palpável do que o seria a vossa morte.

— O bispo deve dar-se conta de que as verdades cristãs teriam em mim um apologista assaz comprometido.

Nisso estais vós enganado—replicou o velhote.—As razões que um homem tem para se retractar breve são esquecidas, ao passo que os seus escritos permanecem. Alguns amigos vossos já encaram a vossa suspeita estada em São Cosme como a humilde penitência de um cristão que se arrepende de ter vivido e que muda de nome para obscuramente se entregar às boas obras. Que Deus me perdoe—acrescentou ele com um leve sorriso—se eu próprio não apresentei o exemplo de Santo Aleixo que, disfarçado de pobre, regressou ao palácio onde nascera.

— Santo Aleixo arriscava-se, a todo o momento, a ser reconhecido pela sua piedosa esposa—gracejou o filósofo.—O meu ânimo nunca teria chegado a tanto.

Bartolomeu Campanus franziu o sobrolho, novamente chocado com aquele desembaraço. Zenão leu-lhe no rosto uma amargura que o comoveu. Continuou suavemente:—A minha morte parecia certa, e só me restava passar mais algumas horas ín summa seremítate.. Se disso fosse capaz—proseguiu com um aceno cordial, que ao cônego pareceu louco, mas que se dirigia a um transeunte que, numa rua de Irnsbruck, lia Petrónio. - Mas vós tentais-me, padre: estou já a verme explicando, muito sinceramente, aos meus leitores, que o labrego que se ri de possuir, no seu campo de trigo, uma infinidade de Cristos, é um bom motivo de facécia, mas que esse tonto decerto é mau alquimista, ou asseverando, ainda, que os ritos e sacramentos

da Santa Igreja têm tantas e às vezes mais virtudes do que os meus específicos de médico. Não digo que tenha fé—acrescentou, prevenindo um gesto de alegria da parte do cônego—, digo simplesmente que o não deixou de se me afigurar uma resposta, o que não quer dizer que esteja pronto a pronunciar um mero sim. Encerrar o inacessível princípio das coisas dentro de uma pessoa talhada por um modelo humano, ainda se me afigura uma blasfêmia, embora sinta, mau grado meu, um deus qualquer presente nesta carne que amanhã vai ser queimada. Ousarei eu dizer que é esse deus que me obriga a dizer-vos não? Todavia, toda a visão do espírito se fundamenta em princípios arbitrários: porque não também este? Qualquer doutrina que se imponha às multidões vem favorecer a inépcia humana: o mesmo aconteceria se por acaso Sócrates tomasse amanhã o lugar de Maomet ou de Cristo.

Mas, se assim é,—disse, passando a mão pela fronte com súbita fadiga—porquê renunciar à salvação corporal e às delícias do comum acordo? Creio que considero e reconsidero tudo isto desde há séculos...

— Deixai-me guiar-vos—disse quase com ternura o cônego.

— Só Deus será juiz do grau de hipocrisia que a vossa retractação de amanhã contém. Vós não podeis sê-lo: aquilo que considerais mentira talvez seja uma autêntica profissão de fé contra vossa vontade.

A verdade tem segredos para se insinuar nas almas que tenham deixado de lhe opor barreiras.

— O mesmo se poderá dizer da hipocrisia—observou com toda a calma o filósofo.

— Não, meu caro padre! Muitas vezes menti para viver, mas começo a perder o hábito da mentira. Entre vós e nós, entre as ideias de Hiéronymus Van Palmaert, as do bispo e as vossas, por um lado, e as minhas, por outro, existem, aqui e além, semelhanças, às vezes compromissos, mas nunca relação perfeita. Dá-se com elas o mesmo

que com certas curvas traçadas a partir de um plano comum, que é o intelecto humano, as quais divergem de repente e depois voltam a unir-se, afastando-se de novo umas das outras, intersectando-se nas suas trajectórias ou, pelo contrário, confundindo-se com um dos seus segmentos, sem ninguém, contudo, poder saber se elas se unem ou não num ponto situado para além do nosso horizonte. Há falsidade em declará-las paralelas.

— Dizeis nós—murmurou o cônego, um tanto assustado. Todavia estais sozinho.

— Verdade—redarguiu o filósofo.—Felizmente não tenho listas de nomes para fornecer a quem quer que seja. Cada qual é o único mestre e adepto de si mesmo.

A experiência refaz-se cada dia a partir do nada.

— O defunto prior dos Franciscanos que, embora comodista, era um bom cristão e um religioso exemplar, não devia saber em que abismos de revolta escolhestes viver—disse acrimoniosamente o cônego.

— Certamente passaste a vida a mentir-lhe.

— Estais enganado—disse o prisioneiro, lançando um olhar quase hostil àquele homem que o queria salvar.—Nós encontrávamo-nos para além das discordâncias.

Levantou-se como se lhe cabesse a ele despedir-se. O desgosto do cônego transformou-se em cólera.

— A vossa teimosia é uma fé ímpia mercê da qual vos julgais mártir—disse ele, indignado.—Pareceis querer obrigar o bispo a lavar as mãos...

— O termo é infeliz—observou o filósofo.

O velho baixou-se para apanhar do chão as duas bengalas que lhe serviam de muletas, arrastando ruidosamente a poltrona. Zenão debruçou-se e entregou-lhas. Com esforço, o cônego pôs-se de pé. O carcereiro Hermann Mohr, à escuta no corredor, alertado 294

pelo barulho, dos passos e das cadeiras a arrastar, dava já volta à chave, crendo terminada a entrevista, mas Bartolomeu Campanus ergueu a voz e gritou-lhe que esperasse um instante. A porta entreaberta voltou a fechar-se.

— Desempenhei-me mal da minha missão—disse com súbita humildade o velho padre.

— A vossa pertinácia horroriza-me, pois equivale a uma total insensibilidade para com a vossa alma. Quer estejais consciente disso quer não, só a vergonha vos faz preferir a morte à pública autocrítica que precede a retractação...

— Com vela acesa e resposta em latim ao sermão em latim do senhor bispo—disse sarcasticamente o prisioneiro.—Concordo que deveria ser um quarto de hora difícil de passar..

— Tal como a morte—disse o velho, impressionado.

— Confesso-vos que—disse o preso—, atingido um certo grau de loucura ou, pelo contrário, de sabedoria, parece pouco importante que seja eu o primeiro que apareça a ser queimado, ou que essa execução se dê amanhã ou dentro de dois séculos. Não me lisonjeio por conservar sentimentos tão nobres frente ao suplício... Em breve veremos se, na verdade, tenho aquela anima stans et non cadens definida pelos nossos filósofos. Mas talvez se não dê assim tanto apreço ao grau de firmeza demonstrado, ao morrer, por um homem.

— A minha presença mais não faz que endurecer-vos—disse dolorosamente o velho cónego.—Quero, no entanto, antes de vos deixar, chamar a vossa atenção para uma prerrogativa legal que cuidadosamente mantivemos e de que talvez ainda vos não tendeis apercebido. Não ignoramos que fugistes outrora de Imisbruck, após terdes sido secretamente avisado de uma ordem de prisão emitida pelas autoridades locais. Guardamos silêncio sobre este facto que, a ser conhecido, vos colocaria na desastrosa posição defugitivus, e tornaria difícil, senão impossível, a vossa reconciliação com a Igreja.

Não deveríeis, pois, recear fazer, em vão, certas concessões... Tendes ainda uma noite inteira à vossa frente para reflectir..

— Isso prova-me que fui, durante toda a minha vida, mais espiado do que porventura imaginei—disse melancólico o filósofo.

Haviam-se aproximado a pouco e pouco da porta que o carcereiro voltara a abrir.

O cónego chegou o rosto ao do condenado.

- Em todo o caso—disse ele—, no que respeita à dor física, posso prometer-vos que nada tereis a temer. Eu e o senhor bispo tomámos as devidas precauções...

— Os meus agradecimentos—disse Zenão, recordando amargamente ter tentado em vão prestar idêntico serviço a Floriano e a um dos noviços. Intensa fadiga se apoderara do velho. A ideia de fazer evadir o prisioneiro ainda lhe passou pela mente; mas era absurdo; não devia pensar nisso. Desejou vivamente dar a Zenão a sua bênção, mas temeu que fosse mal recebida, e também pela mesma razão não o abraçou. Zenão, por seu lado, esboçou o gesto de beijar a mão do seu antigo mestre, mas deteve-se, receando que se visse nele algo de servil. O que o velho tentara em seu favor não era o bastante para o estimar.

Para se dirigir à cadela, servira-se o cónego, por causa do mau tempo, de uma liteira; transidos de frio, os carregadores esperavam cá fora. Hermann Molír fez questão que Zenão voltasse para a cela antes de o visitante ser acompanhado até à porta. Bartolomeu Campanus viu o antigo aluno subir a escada em companhia do carcereiro. O porteiro da cadela, abrindo e fechando sucessivamente uma série de portas, ajudou por fim o homem da Igreja a subir para a liteira, correndo depois a cortina de couro. Bartolomeu Campanus, com a cabeça encostada a uma almofada, recitava fervorosamente as orações dos agonizantes, mas isso não passava de um fervor maquinal; as palavras rolavam-lhe pelos lábios sem que o

pensamento as acompanhasse. O caminho do cónego passava pela Praça Maior.

A execução iria ter lugar ali, no dia seguinte, caso a noite, entretanto, não fosse de bom conselho para o preso, coisa de que Bartolomeu Campanus duvidava, conhecendo já o seu lucíferico orgulho. Lembrou-se de que, um mês atrás, os pretensos Anjos haviam sido supliciados fora da cidade, junto à Porta da Santa Cruz, dado que os crimes carnais eram considerados tão abomináveis que até o pró prio castigo devia ser dado quase às escondidas; pelo contrário, a morte de um homem acusado de impiedade e de ateísmo era, sob todos os pontos de vista, um espectáculo edificante para o povo. Pela primeira vez na vida, esses regulamentos devidos à sabedoria dos antigos pareceram ao velho muito contestáveis.

Era a véspera de Terça-Feira Gorda; o povolêu alegre percorria as ruas, fazendo e dizendo as costumadas impertinências. Não ignorava o cónego que o anúncio de uma execução fazia aumentar a excitação da canalha. Por duas vezes, houve foliões que fizeram parar a liteira e correram a cortina para verem quem ia dentro, tendo, sem dúvida, ficado decepcionados por não depararem com alguma linda dama a quem assustar. Um desses parvos tinha uma máscara de bêbedo e regalou Bartolomeu Campanus com gritos incongruentes; o outro, em silêncio, mostrou, por entre as cortinas, um carão lívido de fantasma; por detrás deste, um entrudo com um focinho de porco tocava uma ária de flauta.

Chegado ao pé da porta, foi o velho recebido com entusiasmo por uma sobrinha adoptiva, Wiwine, que tomara como governanta aquando da morte do padre Cleenwerck, a qual o esperava, como sempre, na passagem abobadada do seu lar acolhedor, espiando por um postigo se o tio já lá viria, para cear. Tornara-se gorda e meio pateta como outrora sua tia Godeliève, e já tivera, neste mundo, o seu quinhão de esperanças e desapontamentos: haviam-na prometido, já tarde, a um primo seu chamado Nicolas Cleenwerck,

fidalgote dos arredores de Caestre, que tinha bons meios de fortuna e um posto de superintendente no bailio da Flandres; por infelicidade, esse partido tão vantajoso havia-se afogado pouco antes da boda, ao atravessar a lagoa de Dickebusch, na altura do degelo. Nunca a cabeça de Wiwine se recompusera desse golpe, embora continuasse a ser uma diligente dona de casa e uma hábil cozinheira, como outrora fora sua tia; ninguém a igualava em licores e compotas. Tentara o cônego, sem resultado, pô-la, por esse tempo, a rezar por Zenão, de quem ela se não lembrava, tendo-a, porém, convencido a preparar, de vez em quando, um cesto para um pobre prisioneiro.

Rejeitou a cela de vitela assada que lhe havia preparado e foi imediatamente meter-se na cama. Tremia de frio; ela trouxe-lhe, prestes, uma braseira com cinzas bem quentes. Levou muito tempo a adormecer por sob o edredão de penas.

O fim de Zenão

Fechada que foi a porta da cela com grande ruído de ferragens, Zenão, pensativo, puxou o escabelo e sentou-se à mesa. Era ainda dia e, assim, a obscura prisão das alegorias alquímicas era, neste caso, uma prisão bastante clara. Através da apertada rede de grades que guarneciam a janela, subia até ele, do pátio coberto de neve, uma brancura plúmbea. Antes de ceder o lugar ao guarda da noite, Gil Rombaut deixara, como de costume, num tabuleiro a ceia do prisioneiro, nessa tarde ainda mais abundante do que habitualmente; Zenão pô-la de lado: parecia-lhe absurdo e como que obsceno transformá-la em bolo alimentar e em sangue que não iria utilizar.

Deitou, porém, distraído, algumas gotas de cerveja numa caneca de estanho e bebeu o licor amargo.

A conversa com o cônego dera cabo daquilo que, após o veredicto da manhã, fora, para ele, a solenidade da morte. A sua sorte, que ele julgara já fixa, oscilava novamente. A dádiva que havia rejeitado era válida ainda por algumas horas: um Zenão capaz de acabar por dizer sim escondia-se, talvez, num recanto da sua consciência, e a noite que se avizinhava bem poderia dar a esse poltrão a vitória sobre si mesmo. Bastava que subsistisse uma hipótese sobre mil: o futuro tão curto e para si tão fatal ganhava, apesar de tudo, um elemento de incerteza que era a própria vida e, por uma estranha distribuição que já constataria à cabeceira dos seus doentes, a morte conservava uma espécie de enganadora irreabilidade. Tudo flutuava: tudo flutuaria até ao último suspiro. E, no entanto, a decisão estava tomada; reconhecia-a, não tanto pelos sublimes sinais da coragem e do sacrifício, mas mais por uma espécie de obtusa forma de recusa, que parecia fechá-lo em bloco às influências exteriores e até à própria sensação. Instalado no seu próprio fim, era já Zenão in aeternum.

Por outro lado, e situada por assim dizer na retaguarda da resolução que havia tomado de morrer, havia uma outra, mais secreta, que ocultara cuidadosamente ao cônego: a de morrer pelas suas próprias mãos. Mas até nisso dispunha ainda de uma imensa e extenuante liberdade: podia à vontade manter essa decisão ou renunciar a ela, fazer o gesto que põe fim a tudo ou, pelo contrário, aceitar essa mors ígnea, bastante semelhante à agonia de um alquimista que, por descuido, incendeia a comprida túnica nas brasas do atanor. Essa escolha entre a execução e o fim voluntário, suspensa, até ao derradeiro momento, numa fibrila da sua substância pensante, já não oscilava entre a morte e uma espécie de vida, tal como sucedera com o aceitar ou o recusar retractar-se; antes dizia respeito ao modo, ao lugar e ao momento exacto. Competia-lhe

a ele decidir se iria acabar na Praça Maior, entre apupos, ou tranquilamente, entre estas paredes escuras. A ele competia retardar ou apressar algumas horas a acção suprema, escolher, se quisesse, ver despontar o Sol desse 18 de Fevereiro de 1569, ou finir-se hoje ainda, antes de ser noite fechada. De cotovelos apoiados nos joelhos, imóvel, quase tranquilo, olhava em frente, para o vácuo. Tal como quando, no meio de uma tempestade, se faz súbita bonança, já nem o tempo e o espírito buliam.

O sino de Notre-Dame soou: contou as badaladas. Subitamente, deu-se uma revolução: cessou a calma, impelida pela angústia, como que por um tornado.

Restos de imagens entrechocavam-se nessa tempestade, arrancadas, umas, ao auto-de-fé de Astorga, ocorrido trinta anos antes, outras aos recentes pormenores do suplício de Floriano, ou aos encontros fortuitos com os odiosos resíduos da justiça executiva, nas encruzilhadas dessas cidades por onde passara. Dir-se-ia que a notícia do que iria acontecer alcançara, de súbito, o entendimento do corpo, impregnando cada um dos sentidos com a sua quota-parte de horror: viu, sentiu, farejou, percebeu o que iriam ser, no dia seguinte, os incidentes da sua execução na praça do Mercado. A alma carnal, prudentemente alheada das deliberações da alma racional, sabia agora, de repente e no mais íntimo, tudo quanto Zenão lhe havia ocultado. Algo nele se quebrou como uma corda: secou-se-lhe a saliva; os pêlos do pulso e das costas da mão eriçaram-se; batia os dentes. Esta desordem, jamais experimentada em si mesmo, deixava-o mais admirado do que toda a sua restante desventura: apertando com as mãos as maxilas, respirando profundamente para refrear o coração, lá conseguiu reprimir essa espécie de motim do corpo. Era de mais: tornava-se necessário acabar, antes que os reveses da carne e da vontade o incapacitassem de dar remédio aos seus próprios males. Riscos até ali imprevistos e que ameaçavam impedir-lhe uma saída racional apresentaram-se em catadupa ao seu espírito de novo

lúcido. Lançou ao seu caso um olhar de cirurgião que procura, em redor de si, os instrumentos, enquanto calcula as possibilidades de êxito.

Eram quatro horas; a refeição estava na mesa, e até tinham tido a amabilidade de lhe deixar acesa a vela. O carcereiro, que o havia fechado, após ter regressado da sala dos registos, não voltaria a aparecer senão à hora do recolher, passando depois só ao romper da alva. Parecia, portanto, ter dois longos intervalos à escolha, para poder realizar a sua tarefa. Mas essa noite era diferente das outras: podia aparecer uma inoportuna mensagem do bispo ou do cônego, obrigando a abrir a porta; uma feroz piedade instalava, por vezes, à beira do condenado, um frade qualquer ou um membro da Confraria da Boa Morte, encarregado de santificar o morto, aconselhando-o a rezar. Podia até dar-se o caso de preverem as suas intenções; iriam, possivelmente, de um momento para o outro, atar-lhe as mãos.

Espreitou à sua volta, a ver se se apercebia de ruídos ou passos; tudo estava calmo, mas os momentos eram mais preciosos do que nunca o haviam sido aquando das fugas forçadas de outrora.

Com mão ainda trémula, levantou a tampa do tinteiro que estava em cima da mesa.

Entre duas tabuinhas, que à primeira vista pareciam unidas, permanecia o tesouro que ali havia escondido: uma lâmina frágil e delgada, com menos de duas polegadas de comprimento, que primeiro trouxera na bainha do gibão e que depois transferira para aquele esconderijo, após a escrivãzinha que lhe fora entregue ter sido examinada pelos juizes. Mais de vinte vezes ao dia se havia ele certificado da existência desse objecto que outrora desdenharia apanhar da valeta. Desde a sua prisão no laboratório de São Cosme, e por mais duas vezes ainda, aquando da morte de Pedro de Hamaere, e quando Catarina trouxera à baila os venenos, haviam-no revistado em busca de frasquinhos ou de drageias suspeitos, e ele

felicitava-se por ter tido a prudência de não se sobrecarregar com essas bugigangas inestimáveis, mas deterioráveis ou frágeis, quase impossíveis de conservar consigo ou de dissimular por muito tempo numa cela nua, e que indubitavelmente teriam denunciado o seu propósito de morrer. Com isso perdia o direito a uma morte fulminante, as únicas que são misericordiosas, mas aquele pedaço de navalha cuidadosamente afiado podia, pelo menos, evitar-lhe o ter que rasgar a roupa para fazer nós não raro ineficazes ou a sangrar-se sem resultado com um caco de louça partida.

A passagem do medo dera-lhe volta às entranhas. Foi à bacia postada a um canto do quarto e aliviou-se. O cheiro daquelas matérias cozidas e rejeitadas pela digestão humana encheu-lhe as narinas, fazendo-lhe lembrar, uma vez mais, a íntima conexão entre a podridão e a vida. Com mão firme apertou os cordões. O jarro, em cima da prancha, estava cheio de água gelada; molhou a cara conservando uma gota de água na língua. Aquapermanens para ele, era a água pela última vez. Quatro passos o levaram até à cama em que tinha dormido ou velado durante sessenta noites: entre as ideias que vertiginosamente lhe perpassaram pelo espírito, estava a de que a espiral das suas viagens o reconduzira a Bruges, que Bruges se restringira à área de uma prisão, e que a curva vinha terminar neste rectângulo da cela. Ouviu um murmúrio, por detrás dele, saído das ruínas de um passado mais desprezado e abolido que qualquer outro: a voz rouca e doce de Fray Juan, falando latim com sotaque castelhano, num claustro inundado de sombras: *Eamus ad dormiedum, cor meum*. Não se tratava, porém, de dormir. Nunca ele se sentira tão desperto de corpo e de alma: a sobriedade e a rapidez dos seus gestos eram as dos seus grandes momentos de cirurgia. Desdobrou a grossa manta de lã, espessa como feltro, e com ela formou no chão, ao longo do leito, como que uma goteira, onde se sumiria e embeberia uma parte, pelo menos, do líquido derramado.

Para maior segurança, tomou também a camisa da véspera, torceu-a toda à guisa de rolo e colocou-o diante da porta.

Era preciso evitar que, se um fio de sangue corresse pelo solo levemente inclinado, chegasse ao corredor muito depressa, e que Hermann Mohr, ao erguer por acaso a cabeça, no sítio onde estava sentado, não notasse uma mancha negra no pavimento. Sem fazer barulho, tirou depois os sapatos. Não eram necessárias tantas precauções, mas o silêncio parecia-lhe uma salvaguarda.

Estendeu-se na cama, escorando a cabeça no duro travesseiro. Voltou a pensar no cónego Campanus, a quem um fim destes iria horrorizar, embora tivesse sido ele o primeiro a dar-lhe a ler os Antigos, cujos heróis era assim que morriam, mas esta ironia crepitou à tona do espírito, sem conseguir distraí-lo do seu fim único. Num gesto rápido, com essa destreza de cirurgião-barbeiro de que sempre se vangloriara, entre as outras apreciadas e incertas qualidades de médico, inclinou-se para a frente, dobrando levemente os joelhos, e cortou a vela tibial, situada na face externa do pé esquerdo, num dos habituais sítios da sangria. Endireitou-se logo, muito depressa, apoiando-se no travesseiro, para se precaver da síncope, sempre possível, procurou e golpeou a artéria radial do pulso. A breve e superficial dor causada pelo corte na pele, mal ele a sentiu, jorraram as fontes; o líquido brotou como sempre, ansioso, dir-se-ia, por escapar aos obscuros labirintos onde, prisioneiro, circula. Zenão deixou pender o braço esquerdo, para favorecer o derramamento. A vitória ainda não era completa; podia acontecer entrar por acaso alguém, e ele ser levado, ligado e a sangrar, para a fogueira. Mas cada minuto que passava não deixava de ser um triunfo. Lançou um olhar ao cobertor já escuro de sangue. Compreendia agora a noção grosseira segundo a qual o sangue e a alma são uma e a mesma coisa, pois que alma e sangue se esvaem ao mesmo tempo. Esses velhos erros continham uma singela verdade. Pensou, com algo parecido com um sorriso, que era uma boa altura

para completar as suas velhas experiências sobre a sístole e a diástole do coração. Mas os conhecimentos adquiridos não contavam doravante para ele mais do que a lembrança dos acontecimentos ou das criaturas que havia encontrado na vida; estava ainda ligado, por mais alguns momentos, ao delgado fio da pessoa, mas a pessoa, deslastrada, já se não distinguia do ser. Ergueu-se, então, a custo, não porque fosse necessário, mas para provar a si próprio que ainda lhe era possível fazer esse movimento.

Muitas vezes lhe acontecera abrir segunda vez uma porta, só para provar a si mesmo que a não tinha fechado para sempre, ou voltar-se novamente para uma pessoa de quem se despedira apenas para negar a finalidade de uma partida, demonstrando com isto a si mesmo a sua pequena liberdade de homem. Desta vez, realizara-se o irreversível.

Batia-lhe com força o coração; uma actividade violenta e desordenada reinava no seu corpo, tal como um país derrotado, cujos combatentes ainda não depuseram as armas; sentia-se tomado por uma espécie de ternura para com este corpo que tão bem o havia servido, que poderia ainda viver, no máximo, mais uns vinte anos, e que ele assim destruía, sem lhe poder explicar que desta forma lhe poupava piores e mais indignos males. Tinha sede, mas nenhum meio de saciar tal sede. Assim como esses três quartos de horas decorridos desde a sua chegada à cela haviam sido repletos de uma infinidade quase indestrinçável de pensamentos, sensações e gestos que se sucediam com a rapidez de um relâmpago, também o espaço de poucas braças que mediava entre a cama e a mesa se dilatava, à semelhança do que se dá com as esferas: a taça de estanho como que flutuava no extremo de um outro mundo. Esta sede, porém, breve cessaria. Ia ter uma morte idêntica à daqueles feridos que suplicam de beber, junto a um campo de batalha, e a quem ele englobava, juntamente consigo, na mesma fria piedade. O sangue da veia tibial já só corria às golfadas; penosamente, como quem levanta um peso

enorme, conseguiu deslocar o pé, de forma a pender fora da cama. A mão direita, que continuava a apertar a lâmina, cortara-se um pouco no gume, mas ele não sentia a ferida. Os dedos agitavam-se-lhe sobre o peito, tentando vagamente desapertar os botões do colarinho do gibão; esforçou-se, em vão, por refrear essa agitação inútil, mas tais angústias e crispações eram bom sinal. Percorreu-o um calafrio glacial, como se fosse ter uma náusea: assim era de esperar. Por entre os sons de sinos, do trovões, de aves canoras de regresso ao ninho, sons que lhe batiam dentro dos ouvidos, chegou-lhe, do exterior, o som exacto de algo que se escoia: o cobertor, encharcado, já não retinha o sangue que escorria pelo pavimento.

Tentou calcular o tempo que a poça de sangue demoraria a chegar ao lado de lá da porta, uma vez ultrapassada a frágil barreira da sua camisa. Mas pouco importava: estava salvo. Mesmo que, por acaso, Hermann Molir abrisse, daí a pouco, a porta de ferrolhos tão difíceis de correr, o espanto, o medo, a corrida pelas escadas abaixo em busca de socorros, dariam à evasão tempo de se efectuar.

Não haveriam de queimar, amanhã, mais do que um cadáver.

O imenso rumor da vida em fuga prosseguia: uma fonte em Eyoub, o rumorejar de uma nascente que brota da terra, em Vau cluse, na Provença, uma torrente, entre Ostersund e Frösö, foram pensadas, no seu íntimo, sem que ele precisasse de lhes relembrar os nomes. Ouviu, depois, por entre esse ruído, o arfar de alguém. Respirava com grandes e ruidosas inspirações superficiais, que já não lhe enchiam o peito; alguém, que não era já propriamente ele, mas que parecia postado um pouco mais atrás, à esquerda, presenciava, com indiferença, aquelas convulsões de agonia. Assim respira um corredor esgotado, ao atingir a meta. Caíra a noite, sem que ele soubesse se seria em si próprio, se na sua cela: tudo era noite.

Também a noite se movimentava: as trevas afastavam-se para darem lugar abutras trevas, abismo sobre abismo, espesso negrume sobre espesso negrume. Mas esse negro, tão diverso daquele que

com os olhos se apercebe, fremia de cores nascidas, por assim dizer, da sua própria ausência; o negro tornava-se verde lívido, depois branco puro; o branco pálido transmutava-se em ouro rubro, sem contudo perder a negrura original, tal como o lampejo dos astros e da aurora boreal cintila no meio daquilo que, apesar de tudo, é noite escura.

Por um instante, que lhe pareceu eterno, palpitou sobre ele, ou fora dele, um globo escarlate, que sangrou sobre o mar. Como o Sol de Verão nas regiões polares, também a brilhante esfera pareceu hesitar, prestes a descer um grau no nadir, após o que, num sobressalto imperceptível, voltou para o zénite e se reabsorveu, enfim, numa luz ofuscante que era, ao mesmo tempo, a noite.

Já nada via, mas os barulhos exteriores chegavam ainda até ele. Como outrora em São Cosme, passos precipitados ressoaram ao longo do corredor: era o carcereiro que acabava de notar no chão uma mancha negra. Se fosse um momento antes, grande terror se teria apossado do agonizante à ideia de ser apanhado e forçado a viver, e a morrer, mais algumas horas. Mas toda a angústia se acabara: estava livre; era certamente um amigo, este homem que vinha até ele.

Fez ou julgou fazer um esforço para se levantar, sem saber bem se estava a ser socorrido ou se, pelo contrário, socorria. O ranger das chaves que rodavam e dos ferrolhos que eram corridos foi apenas, para ele, o barulho agudíssimo de uma porta a abrir-se. E isto é o mais longe que se pode chegar no fim de Zenão.

Nota da autora

O romance que se acaba de ler tem, como ponto de partida, uma narrativa de cinquenta páginas, *Daprès Dürer*, publicada juntamente

com duas outras novelas, também de fundo histórico, no volume intitulado *La Mort conduit l'attelage*, ed. Grasset, 1934. Essas três narrativas, unificadas e ao mesmo tempo contrastantes, mercê de títulos que lhes foram posteriormente aplicados (*D'après Dürer*, *D'après Grego*, *D'après Rembrandt*), mais não eram, afinal, que fragmentos isolados de um enorme romance concebido e parcialmente escrito entre 1921 e 1925, entre os meus dezoito e vinte anos. Do que poderia ter sido um grande fresco romanesco, abarcando vários séculos e vários grupos humanos ligados entre si quer pelos laços do sangue, quer pelos do espírito, nasceu o primeiro capítulo, umas quarenta páginas inicialmente intituladas *Zenão*. Esse romance, demasiado ambicioso, foi sendo escrito a par com os primeiros esboços de uma outra obra que viria mais tarde a chamar-se *Mémoires d'Hadrien* (*Memórias de Adriano*). Renunciei provisoriamente a ambos, por volta de 1926, e os três fragmentos já citados, transformados em *La Mort conduit l'attelage*, vieram a aparecer, quase sem emendas, em 1934, apenas acrescentados, no que respeita ao episódio de *Zenão*, de uma dezena de páginas muito mais recentes, breve esboço do encontro de *Zenão* com Henrique Maximiliano em *Innsbruck*, na *Obra ao Negro* agora apresentada.

La Mort conduit l'attelage foi, a seu tempo, muito bem recebido pela crítica; alguns desses artigos, releio-os ainda hoje com gratidão. Tem, porém, o autor de um livro razões para ser mais severo do que os seus juizes: observa de mais perto as falhas; é o único a saber o que queria e deveria ter feito. Em 1955, alguns anos após ter terminado as *Memórias de Adriano*, retomei as três narrativas, a fim de retocá-las, com vista à sua reimpressão. Novamente se me impôs a personagem do médico filósofo e alquimista. O capítulo "A Conversa em *Innsbruck*", que data de 1956, foi o primeiro resultado deste novo contacto; quanto ao resto da obra, acabou por ser redigida apenas de 1962 a 1965. Só, quando muito, uma dúzia de páginas, das cinquenta de outrora, acabaram por subsistir,

modificadas e como que esparsas através do presente romance, embora a efabulação, que conduz Zenão do seu nascimento ilegítimo em Bruges até à sua morte numa cadeia dessa mesma cidade, continue, nas suas linhas gerais, a ser a mesma. A primeira parte da *Obra ao Negro* ("A Vida Errante") segue de muito perto o esquema de Zenão-D'après Dürer de 1921-1934; a segunda e terceira parte ("A Vida Imóvel" e "A Prisão") são inteiramente deduzidas das seis últimas páginas desse texto escrito há já quarenta anos.

Não ignoro que explicações destas podem não agradar, vindo da parte do autor e sendo ele ainda vivo. Tomo, contudo, a decisão de as oferecer àqueles leitores que se interessam pela génese de um livro. Importa acima de tudo sublinhar que *A Obra ao Negro*, tal como as *Memórias de Adriano*, foi uma daquelas obras empreendidas na primeira juventude, abandonadas depois, e retomadas ao sabor das circunstâncias, sem que o autor tenha deixado de as viver durante todo esse tempo. A única diferença, accidental, será a de que o esboço do que viria a ser *A Obra ao Negro* apareceu trinta e um anos antes do acabamento do texto definitivo, ao passo que as primeiras versões das *Memórias de Adriano* não tiveram essa sorte, ou essa desdita. De resto, e da mesma forma, os dois romances foram-se construindo no decorrer dos anos, mediante uma sucessiva terraplenagem, até ao momento em que, num caso como no outro, a obra foi composta e terminada de uma só vez. Já disse, algures, o que penso sobre as vantagens, pelo menos no que me diz respeito, dessas relações prolongadas com uma personagem que escolhemos ou imaginámos na adolescência, mas que só nos revela todos os seus segredos quando nós próprios atingimos a maturidade. Tal método é, em todo o caso, muito raramente seguido para que se justifique a inserção dos pormenores atrás apontados, ainda que só houvesse a intenção de evitar certas confusões bibliográficas.

Mais ainda do que a livre recriação de uma personagem real que na História deixou vestígios, como é o caso do imperador Adriano, a invenção de uma personagem "histórica" fictícia, como o é Zenão, parece poder dispensar o apoio de documentos. Na realidade, essas duas operações são, em muitos pontos, comparáveis. No primeiro caso, o romancista, ao pretender representar, em toda a sua amplitude, uma personagem tal como ela foi, nunca estudará com suficiente e apaixonada minúcia o processo do seu herói, tal como foi constituído pela tradição histórica; no segundo caso, para dar à personagem fictícia aquela realidade específica, condicionada pelo tempo e pelo lugar, sem a qual o "romance histórico" não passa de um vulgar baile de máscaras, mais ou menos bem sucedido, dispõe apenas dos factos e datas da vida passada, ou seja, a História.

1. O título de 1934 tinha o inconveniente, como aliás também sucedia com os títulos das duas outras novelas, de apresentar tais narrativas como imitação da obra de três pintores, o que não corresponde à verdade. era um título escolhido por causa da célebre Melancholia, em que um. personagem sombria, certamente o génio humano, medita amargamente no meio dos seus utensílios, tendo um leitor de espírito, literal obsedo ser a história de Zenão mais flamenga que alemã. Hoje, mais do que outrora, é essa afirmação verdadeira, pois a segunda e a terceira parte, então inexistentes, são passadas na Flandres, e os ternas de Bosch e de Breughel, sobre a desordem e o horror do mundo, invadem a obra, facto que não se notava no primitivo esboço.

Nascido, por suposição, em 1510, Zenão teria nove anos na altura em que o velho Leonardo falecia, no seu exílio de Amboise, trinta e um anos aquando da morte de Paracelso, do qual o faço ora émulo ora adversário, trinta e três anos por ocasião da morte de Copérnico, que publicou a sua principal obra já no leito de morte, mas cujas teorias se haviam espalhado, desde há muito, sob forma manuscrita,

nalguns meios de ideias avançadas, razão por que eu mostro o jovem clérigo a aprendê-las nos bancos da escola. Na época em que Dolet foi executado, Dolet que eu apresento como o primeiro dos seus editores, teria Zenão uns trinta e seis anos; teria quarenta e três ao tempo da execução de Servet, também médico como ele, e igualmente entregue a investigações sobre a circulação do sangue. Contemporâneo do anatomista Vesálio, do cirurgião Ambrósio Paré, do botânico Césalpin, do matemático e filósofo Jérôme Cardan, morre cinco anos depois do nascimento de Galileu, e um ano depois do de Campanella. Ao tempo do seu suicídio, Giordano Bruno, condenado a morrer pelo fogo trinta e um anos mais tarde, viria a ter, mais ou menos, os seus vinte anos. Sem que se trate de compor mecanicamente uma personagem sintética, coisa que nenhum romancista consciencioso aceita fazer, existem, porém, inúmeros pontos de sutura entre o filósofo imaginário e estas personagens autênticas, escalonadas ao longo desse mesmo século, assim como com outras que viveram em lugares idênticos, passaram por aventuras análogas, procuraram atingir os mesmos objectivos. Deixo aqui indicadas algumas aproximações, ora procuradas conscientemente, e que serviram para pôr a imaginação a funcionar, ora, pelo contrário, posteriormente anotadas, à guisa de verificação.

É assim que o nascimento ilegítimo de Zenão e a sua educação, com vista à carreira eclesiástica, não deixam de evocar o caso de Erasmo, filho de um homem de Igreja e de uma burguesa de Roterdão, que começou a sua vida de homem sob o hábito de monge agostinho. O burburinho provocado pela instalação de um tear aperfeiçoado, entre os artesãos rurais, lembra factos do mesmo género acontecidos em meados do século, cerca de 1529, em Danzigue, onde o autor de uma dessas máquinas foi, conta-se, condenado à morte, e mais tarde, em 1533, em Bruges, onde os magistrados proibiram um novo processo de tecer lãs, e, um pouco

depois, também em Lião, com o aperfeiçoamento das prensas de impressão.

Alguns traços violentos do carácter de Zenão, enquanto jovem, poderiam fazer pensar em Dolet, lembrando, por exemplo, o assassino de Perrotin, ainda que vagamente, aqueloutro de Compaing. As estadas do jovem clérigo junto do abade mirrado de Sarint-Bavon, de Gand, aqui suposto ligado à alquimia e, depois, junto do marrano Dom Blas de Vela, lembram, por um lado, as insiroções recebidas por Paracelso, da parte do bispo de Settgach e do abade de Spanheim e, por outro lado, os estudos cabalísticos de Campanella sob a direcção do judeu Abraão. As viagens de Zenão, a sua tripla carreira de alquimista, médico e filósofo, e mesmo as complicações em Basileia, seguem de perto o que se sabe ou se conta do dito Paracelso; o episódio da estada no Oriente, inevitável na biografia dos filósofos herméticos, inspira-se também nas peregrinações reais ou lendárias do grande químico suíço-alemão. A história da escrava resgatada em Argel é um episódio quase decalcado dos romances espanhóis da época; o de Sigri Ulfsdatter, senhora de Frøsø, leva em conta a reputação de curandeiras e herbanárias que tinham as mulheres escandinavas dessa época. A vida de Zenão na corte da Suécia baseia-se, por um lado, na de Tycho-Brabé na corte da Dinamarca, e, por outro lado, naquilo que se conta de um tal doutor Teófilo Mornodei, que foi médico de João III da Suécia, uma geração mais tarde. A operação cirúrgica feita a Han é decalcada do relato de uma intervenção semelhante, que pode ler-se nas Memórias de Ambrósio Paré. Num domínio mais secreto, talvez valha a pena notar que a suspeita de sodomia (e às vezes a sua realidade, tanto quanto possível ocultada, e negada, se necessário) teve o seu lugar na vida de Leonardo da Vinci e de Dolet, de Paracelso e de Campanella, tal como eu o aponto na vida, imaginária, de Zenão. Da mesma forma, as precauções do filósofo alquimista em procurar protectores, quer entre os reformados, quer

no seio da Igreja, também as encontramos em outros muitos ateus e deístas mais ou menos perseguidos. Apesar disto, no debate entre a Igreja e a Reforma, Zenão, como tantos outros espíritos livres do seu século, como Bruno, que, contudo, morreu condenado pelo Santo Ofício, e como Campanella, apesar dos trinta e um anos passados em prisão inquisitorial, situa-se predominantemente entre a corrente católica.

No plano das ideias, o dito Zenão, marcado ainda pela escolástica, reagindo contra ela, a meio caminho entre o dinamismo subversivo dos alquimistas e a filosofia mecanicista que iria vingar num futuro próximo, entre um hermetismo que põe um Deus latente no interior de cada coisa e um ateísmo que mal consegue pronunciar tal nome, entre o imperialismo materialista do médico e a imaginação quase visionária do discípulo dos cabalistas, também se apoia em filósofos autênticos ou homens de ciência do seu século. As suas investigações científicas foram, em grande parte, imaginadas a partir dos Cadernos de Leonardo: vê-se isso, em especial, nas experiências sobre o funcionamento do músculo cardíaco, que anunciam já as de Harvey. As que se referem à subida da seiva e aos "poderes de imbibição" da planta, antecipando os trabalhos de Hales, fundamentam-se num escrito de Leonardo, e representam, da parte de Zenão, um esforço de verificação de uma teoria formulada na mesma época por Césalpin. As hipóteses sobre as transformações da crosta terrestre são também tiradas dos Cadernos, mas—importa esclarecer—meditações desse gênero, inspiradas nos filósofos e poetas antigos, são quase banais na poesia daquele tempo. As opiniões sobre os fósseis. Não me compete discutir aqui as ações de semelhante atitude, as quais são admiravelmente analisadas por Léon Blanchet, Campanella, Paris, 1920, rio que se refere a grande número de pensadores do século xvi. O livro de J. Huizinga sobre Erasmo, partindo de um ponto de vista diverso, mostra, num caso particular, idênticos efeitos para idênticas causas. Digamos, apenas,

que o prior dos Franciscanos tem razão ao ver, nas críticas feitas por Zenão a Lureco, um ataque indirecto ao próprio crivrianisnuo.

3. *Sobre as experiências médicas e cirúrgicas de Zenão, veja-se Les Dissections anatomiques & Léonardde Vinci por E. Belt, e Léonardde Vinci, biologista, por E. S. Bodenheimer, in Lê-arzide Vinci et l@@érienc,scimtifiquc ou xvi'5ikle, Presses Universitaires de France, 1953. Sobre o enunciado da teoria de Cêsalpin, e, em geral, sobre as investigações dos botânicos da Renascença, ler, entre outros, a primeira parte da obra de E. Guyénot, LesScien-de la Vie. au xviiie etxvine siMes, Paris, 1941.*

Seis aproximam-se das expressas não só por Vinci, mas também por Frascator, a partir de 1517, bem como por Bernard Palissy, quarenta anos mais tarde. Os projectos hidráulicos do filósofo, as suas "utopias mecânicas", em especial os desenhos de máquinas voadoras e, finalmente, a invenção de uma fórmula de fogo líquido a utilizar nos combates navais, são, evidentemente, decalcadas de análogas invenções de Vinci e outros investigadores do século xvi; exemplificam as curiosidades e as buscas de um tipo de espíritos que, nessa época, não eram raros e que, por assim dizer, subterraneamente, atravessam a Renascença, mais próximos, ao mesmo tempo, da Idade Média e dos tempos modernos, presentindo já os nossos triunfos e as nossas misérias. As advertências contra o mau emprego dado pelos homens às invenções técnicas, que hoje se arriscam a ser proféticas, abundam nos tratados alquímicos; podem também encontrar-se, em contexto muito diverso, em Leonardo e Cardan.

Nalguns casos, a própria expressão de um pensamento ou sentimento foi retirada dos contemporâneos históricos da personagem, como que para autenticar que tais pontos de vista têm o seu lugar no século XVI. Uma reflexão sobre a loucura da guerra é tirada de Erasmo, e uma outra de Leonardo da Vinci. O texto das

Professias Grotew é copiado das *Trifemie* de Leonardo, exceptuando duas linhas copiadas de uma quadra de Nostradamus. A frase sobre a identidade da matéria, da luz e do raio resume duas curiosas passagens de Paracelso. A discussão sobre a magia inspira-se em autores do tempo, como sejam Agripa de Nettesheim e Giovanni della Porta, nomes que, aliás, foram citados pelo caminho. As citações em latim de fórmulas alquímicas são tiradas, quase todas elas, de três grandes obras modernas sobre alquimia: Marcelin Berthelot, *La Chimie au Moyen-Âge*, 1893; C. G. Jung, *Psychologie und Alchemie*, 1944 (ed. revista, 1952), e J. Evola, *La Tradizione Ermetica*, 1948, focando, cada uma delas, o seu ponto de vista, e formando, todas juntas, uma útil via de acesso ao domínio, ainda enigmático, do pensamento alquímico. A fórmula *A Obra ao Negro*, que dá o título ao presente livro, designa, nos tratados alquímicos, a fase de separação e dissolução, que era, diz-se, a parte mais difícil da Grande Obra. É ainda discutível se uma tal explicação se aplicava a audaciosas experiências sobre a própria matéria, ou se significava simbolicamente as provações do espírito ao libertar-se de rotinas e ideias feitas. Significou, sem dúvida, uma coisa e outra, distinta ou simultaneamente.

Esses sessenta e tal anos, adentro dos quais se processa a história de Zenão 4. A respeito do fogo líquido, que foi durante largo tempo a arma secreta de Bizancio, e que contribuiu para a conquista mongol, a sua interdição no Ocidente pelo segundo Concílio de Latrão (1139) foi respeitada, em parte porque a nafta, matéria-prima indispensável, se encontrava praticamente fora do alcance dos engenheiros militares ocidentais; a pólvora de canhão relegou-o depois, e até aos nossos dias, para o lugar dos "progress-caídos no esquecimento. A invenção de Zenão teria, portanto, consistido no retomar da velha fórmula bizantina para a associar a processos balísticos modernos. Sobre este assunto, veja-R. J. Forbes, *Studies in Ancient Technology* vol. 1, Leida, 1964.

5. *Paracelso, Dw Buch Meteoromm, edição de Colónia, 1566, citada por B. de Telepncf Pa-Lua, Saini- -Cail, 1945.*

Viram suceder-se certo número de acontecimentos que ainda hoje nos dizem respeito: a cisão daquilo que em 1510 ainda restava da antiga cristandade da Idade Média, em duas partes teológica e politicamente hostis; o falhanço da Reforma, que se tornou protestantismo, e o esmagamento do que poderia chamar-se a sua ala esquerda; os reveses paralelos do cristianismo, encerrado durante quatro séculos no colete-de-forças da Contra-Reforma; as grandes explorações que cada vez se transformam mais numa partilha do mundo; o salto em frente da economia capitalista associada ao expirar da era das monarquias. Estes factos, demasiado vastos para serem inteiramente visíveis aos contemporâneos, influenciam directamente a história de Zenão, mais directamente ainda a vida e o comportamento das personagens secundárias, ainda mais instaladas nas rotinas do seu século. Bartolomeu Campanus foi delineado sobre o modelo já desusado do homem de Igreja do século passado, para quem a cultura humanista não tinha problemas. O generoso prior dos Franciscanos, infelizmente, pela força das circunstâncias, poucos correspondentes declarados tem nas personagens históricas do século Xvi, mas inspira-se parcialmente naquela santa personagem da época que teve o seu quinhão de experiência secular, antes de entrar para a carreira eclesiástica e de tomar o hábito. Nas suas opiniões contra a tortura, encontrará o leitor uma argumentação, por sinal profundamente cristã, extraída "avant la lettre", de Montaigne. O sábio e político bispo de Bruges foi imaginado segundo outros prelados da Contra-Reforma, mas não contradiz o pouco que se sabe do verdadeiro titular dessa época. Dom Blas de Vela é visto à semelhança de um tal César Brancas, abade de Santo André, em Villeneuve-lez-Avignon, grande cabalista

expulso pelos seus monges, por volta de 1597, devido ao seu "judaísmo". A figura voluntariamente esbatida de Fray Juan faz lembrar Frei Pietro Ponzio, que foi o amigo e o discípulo do jovem Campancila.

Os retratos de banqueiros e homens de negócios, Simão Adriansen antes da sua conversão ao anabaptismo, os Ligre e a sua ascensão social, Martin Fugger, igualmente personagem fictícia, mas apoiada na família autêntica que governou clandestinamente a Europa do século XVI, todos eles seguem de muito perto os seus modelos reais na história financeira daquele tempo, sempre subjacente à história propriamente dita. Henrique Maximiliano pertence a todo um contingente de fidalgos letrados e aventureiros, munidos de uma modesta bagagem de sabedoria humanista, que se torna desnecessário lembrar ao leitor francês, mas cuja raça deveria infelizmente extinguir-se em fins do século. Finalmente Colas Gheel, Gil Rombaut, Josse Cassei e os seus companheiros da classe mais baixa são vistos, tanto quanto possível, através dos escassos documentos que referem a vida do homem do povo, numa época em que cronistas e historiadores se preocupam 6. O fragmento 99 de Petrónio, tal como é citado por Henrique Maximiliano, tem mais algumas linhas mautémi que aqui se supõem, a bem da causa, compostas não pelo inventivo Nodot, no século xvii; mas por qualquer ardente humanista da Renascença, talvez pelo próprio Henrique Maximiliano. In summa serenitate é um nobre apócrifo. v am exclusivamente com a vida burguesa, quando não com a das cortes. Semelhante reflexão se pode arriscar no referente às personagens femininas, às figuras das mulheres da época, com excepção de algumas princesas, no geral menos definidas do que as figuras dos homens.

Uma boa quarta parte dos comparsas que perpassam por este livro é, aliás, retirada textualmente da história e das crónicas locais: o núncio della Casa, o procurador Lê Cocq, o professor Rondelet que,

efectivamente, causou escândalo em Morupellier, quando fez dissecar à sua frente o cadáver do filho, o médico Joseph Ha-Cohen e, bem entendido, entre muitos outros, o almirante BarbaRoxa e o charlatão Ruggieri. Bernardo Rottman, Jan Matthyjs, Hans Bockhold, Knipperdolling, principais actores do drama de Münster, são tirados de crónicas contemporâneas, e, conquante a narração da revolta anabaptista tivesse sido escrita unicamente pelos adversários, os exemplos de fanatismo e os excessos de febre obsidional são, no nosso tempo, demasiado numerosos para não aceitarmos como plausíveis a maior parte dos pormenores da sua atroz aventura. O alfaiate Adrian e sua mulher Maria são tirados das Trágicas de Agrippa d'Aubigné; as belas italianas e os seus admiradores franceses em Sena encontram-se em Brantôme e em Montluc. A visita de Margarida da Áustria a Henrique Justo é imaginária, como o é o próprio Henrique Justo, mas não as transacções desta princesa com os banqueiros, nem a sua ternura pelo papagaio "Amante Verde", cuja morte foi chorada por um poeta da corte, nem a sua ligação com Madame Laodarnie, referida por Brantôme; o curioso comentário sobre os amores femininos que aqui acompanha o retrato de Margarida da Áustria é tirado de uma outra página do mesmo cronista. O pormenor da dona de casa amamentando o seu filho durante uma visita principesca é retirado das Memórias de Henrique de Navarra, que visitou a Flandres uma geração mais tarde. A embaixada de Lorenzaccio à Turquia, ao serviço do rei de França, a sua passagem por Lião, em 1541, com o seu séquito, em que se contava pelo menos um "mourisco", bem como a tentativa de assassinato de que nessa cidade foi vítima, tudo isso é referido nos documentos da época. O episódio da peste em Basileia e em Colónia justifica-se pela frequência desta moléstia quase endémica na Europa do século XVI, sendo o ano de 1549 escolhido apenas por necessidades da narração, sem se referir à sua recrudescência em países renanos. A menção, feita por Zenão em Outubro de 1551, dos

riscos corridos por Servet (julgado e queimado em 1553) não é prematura, como poderia julgar-se, pois tem em conta os perigos que desde longa data corria o médico catalão, quer às mãos dos católicos, quer às mãos dos reformados, que, pelo menos, concordavam unanimemente em lançar ao fogo esse infeliz homem de gênio. A alusão a uma amante do bispo de Münster não tem qualquer base histórica, mas o nome faz eco ao de uma amante de um bispo célebre de Salisburgo, no século xvi. Salvo duas ou três exceções, são os nomes das personagens fictícias tirados de arquivos e genealogias, algumas vezes, mesmo, das da própria autora. Alguns nomes muito conhecidos, como, por exemplo, o do duque de Alba, apresentam-se aqui na ortografia da Renascença.

As peças de acusação reunidas contra Zenão pelas autoridades tanto civis como eclesiásticas, bem como os pormenores jurídicos do seu processo, são transcritos, *mutatis mutandis*, de uma meia dúzia de causas célebres ou desconhecidas da segunda metade do século xvi e princípios do século XVII, mais concretamente, talvez, dos primeiros processos de Campanella, onde as acusações de ordem secular emparelham com as de impiedade e heresia.

O conflito larvar que opõe o procurador Le Cocq ao bispo de Bruges, retardando e complicando o processo de Zenão, é inventado, como tudo o resto, embora possa deduzir-se da violenta hostilidade então existente nas cidades da Flandres contra as prerrogativas administrativas dos novos bispos instaurados sob o poder de Filipe 11. A observação facciosa do teólogo Hiéronymus Van Palmaert, ao mandar Zenão explorar os seus mundos infinitos, foi, na realidade, feita por Gaspar Schopp, campeão alemão da Contra-Reforma, aquando da execução de Giordano Bruno; é de Schopp, igualmente, o gracejo que consiste em propor que se deixe o prisioneiro (neste caso, Campanella) combater o hereje sobre bombardeiros voadores por ele inventados. A maior parte dos pormenores do processo penal especificamente burguês, mencionados nos capítulos anteriores,

como seja o suplício descrito por Zenão ao cónego Campanus, e que teve lugar em Bruges, em 1521, por crime não referido, a pena do fogo para o infanticídio e a fogueira erguida extramuros para os supliciados e inculpados de costumes ilegítimos, são todos tirados do livro de Malcolin Letts, *Bruges and Its Past*, particularmente bem documentado no que respeita aos arquivos judiciais de Bruges. O episódio de Terça-Feira Gorda foi imaginado a partir do que se passou, cerca de um século antes, nessa mesma cidade, aquando da execução dos conselheiros do imperador Maximiliano. O pormenor do juiz que dorme durante a audiência e que desperta a julgar que a sentença de morte já foi lida repete a anedota que corria na época sobre João Hessele, juiz no Tribunal de Sangue.

Alguns incidentes históricos foram, todavia, ligeiramente modificados, para poderem inserir-se na estrutura da presente narração. A autópsia praticada pelo Dr. Rondelet sobre um filho, que na realidade morreu em tenra idade, foi retardada alguns anos, e o dito filho apresentado numa idade quase adulta, para poder ser aquele "belo exemplar da máquina humana" sobre o qual Zenão medita. Efectivamente, Rondelet, bem cedo tornado célebre pelos seus trabalhos de anatomia (foi até ao ponto de dissecar a sogra), era um pouco mais velho que o aluno imaginário. As estadas de Gustavo Vasa nos seus castelos de Upsália e Valdsté⁷. Ver, sobre estas complexas questões de processos semieclesiásticos e semicivis, os imensos processos reunidos por Luigi Arnabile, Fra To-Campanella, Nápoles, 1882, 3 vol.

8. Desclée de Brotover, Bruges, e A. G BerrY, Londres, 1926.

na foram frequentes, mas as datas que aqui lhe são atribuídas e a menção da presença do rei numa assembleia de notáveis no Outono de 1558 devem-se, sobretudo, à intenção de dar, em poucas linhas, uma ideia aproximada das deslocações do monarca e das suas

tarefas de homem de Estado. A data das primeiras comissões outorgadas aos capitães dos Mendigos do Mar é autêntica, mas as proezas e o prestígio desses guerrilheiros estão, talvez, antecipados.

A história do "porteiro" do duque de Egmont funde num só todo a execução de João de Beusart d'Armentières, homem de armas de Egmont, e a tortura extraordinária infligida a Pierre Col, porteiro do conde de Nassau, que na verdade se recusou a ceder uma pintura de Bosch, não ao duque de Alba, como aqui afirma o prior dos Franciscanos, mas a Juan Boléa, oficial de justiça e preboste-mor do exército espanhol; a hipótese segundo a qual esta pintura era destinada às colecções do rei, cujo gosto pela pintura de Bosch é bem conhecido, é da minha lavra, e parece-me, pelo menos, defensável. O episódio da fuga malograda do senhor de Battenbourg e seus fidalgos, tal como a sua execução em Vilvorde, estão um pouco restritos no tempo. A cronologia das intrigas na corte otornana durante o reinado de Solimão foi também ligeiramente modificada. Por duas ou três vezes, enfim, o estado de espírito da personagem que fala introduz na narrativa um elemento de aparente inexactidão. Zenão, aos vinte anos, a caminho de Espanha, define este país como sendo o de Avicena, porque foi através da Espanha que a filosofia e a medicina árabes foram tradicionalmente transmitidas ao Ocidente cristão, inquietando-se pouco com o facto de esse grande homem do século x ter nascido em Bucara e morrido em Ispaão. Nicolau de Cusa mostrou-se, durante muito tempo, se é que não até à morte, mais conciliador para com a heresia hussita do que o afirma o bispo de Bruges; mas este, em discussão com Zenão, aproxima, mais ou menos conscientemente, as opiniões do ecuménico prelado do século xv das outras, mais intolerantes, da Contra-Reforma.

Mudança sob certos pontos de vista mais importante é a que se relaciona com a data dos dois processos de costumes, infligidos a dois grupos de monges agostinhos e franciscanos de Gand e de Bruges, os quais vieram a causar o suplício dos treze monges de

Gand e de dez monges de Bruges. Estes dois processos ocorreram apenas em 1578, dez anos após a data que eu lhes atribuo, e numa altura em que os adversários das ordens monásticas, ligados como estavam à causa espanhola, se encontravam na mó de cima, nessas duas cidades.

Atribuindo uma data anterior a esses processos, para fazer do segundo desses dois escândalos uma das molas que levou à catástrofe de Zenão, tentei apenas mostrar, sobre um fundo de política local necessariamente diverso, embora também sombrio, o mesmo faccioso furor dos inimigos da Igreja, somado ao pavor que as autoridades eclesiásticas tinham de parecerem querer abafar um escândalo, o que as levava Sobre este assunto e diversos outros mencionados no parágrafo precedente ver *Les Mémoires anony-des troubles des Pays-B*, editadas por J. B. Biaes, Bruxelas, Heussner, 1859-1860, 2 vol. a cair em idênticas atrocidades legais. Não se conclui, daqui, que tais acusações fossem fatalmente caluniosas. Tomo à minha conta as reflexões de Bartolomeu Campanus sobre o suicídio de Pedro de Hamaere, que, tal como eu conto, ocorreu de facto, mas em Gand, pois o dito monge pertencia ao grupo de Gand, e não ao de Bruges: essa morte voluntária, facto raríssimo na época, considerado pela moral cristã como uma perversidade quase irremissível, faz crer que o inculpado deveria ter infringido outras prescrições antes de se arriscar a essa. Posto de parte o autêntico Pedro de Hamaere, o grupo dos monges de Bruges foi por mim reduzido a sete personagens, todas elas fictícias, sendo a menina de Loos, por quem Cipriano se apaixona, igualmente imaginária. Também inventada é a hipótese de uma ligação, suspeitada por Zenão e investigada pelos juizes, entre os pretensos "Anjos" e quaisquer sobreviventes de seitas exterminadas e caídas no olvido cerca de um século antes, como foi o caso dos Adamitas ou dos Irmãos e Irmãs do Livre Espírito, suspeitos de promiscuidades sexuais análogas, e de que certos eruditos julgaram, quiçá

demasiado sistematicamente, lobrigar vestígios na obra de Bosch. Recordá-los aqui tem por único fim mostrar, sob os delineamentos doutrinários do século xvi, o eterno fervilhar das antigas heresias sensuais, igualmente pressentido noutros processos dessa época.

Também, decerto, não passou despercebido que o desenho enviado, por troça, a Zenão, da parte do Irmão Floriano, não passa de uma réplica, mais ou menos exacta, de dois ou três grupos de figuras pertencentes ao Jardim das Delícias Terrestres, de Jerónimo Bosch, hoje no Museu do Prado, o qual, no catálogo das obras de arte pertencentes a Filipe II, figura com o seguinte título: Una pintura de la variedad del Mundo.